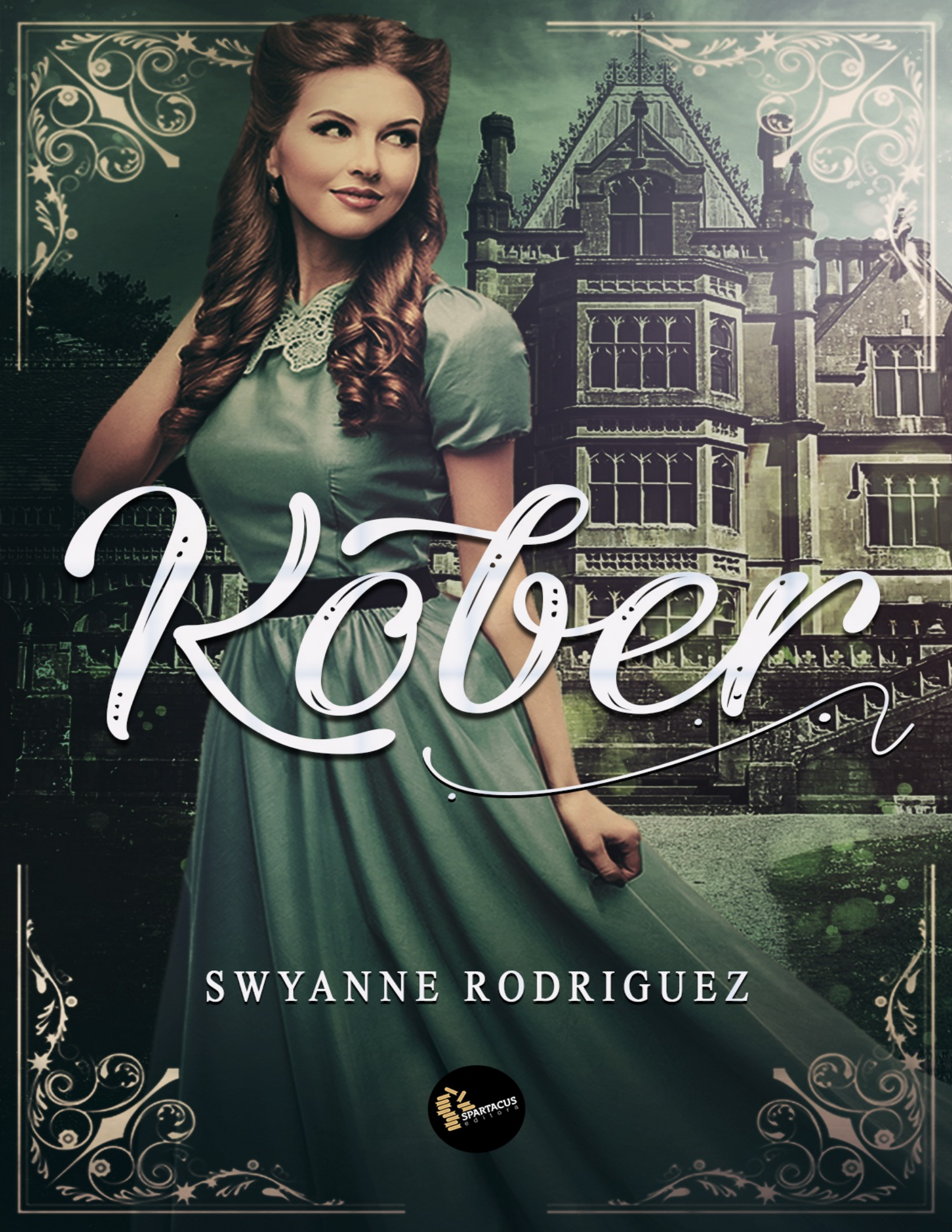




# Rebber

SWYANNE RODRIGUEZ



*Köber*

SWYANNE RODRIGUEZ



*Köber*

SWYANNE RODRIGUEZ

Copyright© 2021 Swyanne Rodriguez

Copyright© 2021 Spartacus Editora

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob qualquer meio existente sem autorização por escrito dos editores.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Produção Editorial: Spartacus Editora

Capa: Barbara Dameto

Revisão:Andrea Cristina

Copidesque: Andrea Cristina

Criação de e –book: Larissa Ramos

Este livro segue as regras da nova Ortografia da Língua Portuguesa.

# PRÓLOGO

França 1914

A tormenta caía forte sobre minha cabeça, esfriando a súbita quentura que se instalou em meu interior após a revelação do médico da família. Eu tentava não perder o foco, mesmo com as gotículas grossas da chuva impedindo-me de enxergar o alvo com clareza. Todo o meu corpo tremia de frio e medo.

Meus pés afundaram na grama molhada, dando-me a sensação de perda. De onde eu estava era possível avistar o Castelo de Scarbrough.

— Srta. Vasseur, por favor, venha comigo! — Gaspar implorou-me para que retornasse com ele para a casa, mas fingi não o ouvir.

— Vá embora, Gaspar. Deixe-me sozinha — murmurei, ainda imóvel sobre o solo molhado.

— Céus! Ficaré doente, senhorita! Largue esse arco, por Deus! — A voz dele beirava o desespero.

— O que será de mim, Gaspar? Estou sozinha! — Desabando na lama, sem forças para continuar, joguei o arco longe. O choro agudo há tanto tempo reprimido rompeu em minha garganta já dolorida.

Papai estava morto e Nathanael longe de casa.

A tuberculose agravou-se num espaço de tempo muito curto, infelizmente não havia mais meios de tardar o inevitável. Papai estava de cama há pouco mais de dois meses inteiros. Dr. Bernad havia feito o possível e o impossível para que ele melhorasse.

Em vão.

Eu não conseguia me conformar.

— *C'est le noeud de la cruauté, Dieu!*<sup>[1]</sup> — brandei, com a voz fraca que se misturava ao vento forte.

Relâmpagos riscavam o céu, fazendo meu peito sangrar pela morte súbita de meu pai. Eu não merecia ficar à mercê da sorte e do destino fatídico.

— *Senhorita, s'il vous plait*<sup>[2]</sup>. — Gaspar pegou em minhas mãos, ajudando-me a levantar. — Ele está em paz, criança.

Papai fora um homem gentil, cuidadoso e, acima de tudo, uma alma bondosa em vida.

Eu era idêntica a mamãe, uma espanhola forçada a fugir de sua casa após seu pai lhe jogar nas garras de um homem cruel o qual ela odiava. Papai havia a encontrado vagando pelas ruas da Espanha quando teve de viajar para fechar negócios importantes no país. Ele soube no mesmo instante que a viu que era ela.

Herdara dela os cabelos castanhos que iam até a altura dos ombros, a pele bronzeada e as íris escuras. Todos os traços eram seus, porém o coração tenro era de Dantê.

Nathanael, ao contrário de mim, era uma cópia fiel de nosso pai. Ele o lembrava em tudo. Os olhos azuis eram familiares e olhavam-me com a mesma ternura de Dantê Vasseur. Ele ainda estava em Londres e não sabia sobre a morte de nosso pai.

Estava sozinha.

Gaspar colocou o guarda-chuva sobre a minha cabeça, e os meus pensamentos voaram para o segundo pior momento de minha curta vida.

— Valentinne, você tem de ser forte — papai disse com lágrimas vertidas nos olhos.

O ar parecia mais pesado, fazendo-me sentir ainda mais sufocada. As persianas fechadas deixavam o quarto um breu.

Já não sabia como portar-me diante de todo o sofrimento que havia se alastrado no último mês. Já não sabia como fingir ser forte enquanto tudo aquilo continuava a massacrar-me. Nathanael estava longe, enquanto a tuberculose de papai havia se agravado. Encontrava-me muito além de perdida. Deus continuava a me castigar por algum pecado que eu não tinha ciência de ter cometido.

No meu aniversário de dez anos mamãe nos deixara. Agora, mais uma parte de mim estava prestes a descansar para todo o sempre.

— Não sei se suportarei, querido pai — sussurrei, deitando a cabeça em seu peito, sentindo sua respiração sôfrega.

— Preciso que saia, senhorita. Por favor — o médico da família pediu educadamente, mas continha uma preocupação explícita em seus olhos azuis.

Ainda que relutante, deixei o aposento.

— Com licença.

Havia tantas coisas a se dizer...

O cadáver de Dantê estirado sobre a cama ficaria para sempre em minhas lembranças.

Saí da mansão como louca, sem saber para onde ir, meu peito retumbante subia e descia sem controle, enquanto minha visão turva deixava-me ainda mais desorientada. A única coisa que vestia quando deixei minha casa fora uma camisola branca que acabara por ficar transparente devido à chuva forte que cobriu o vasto céu da França.

Nada seria mais o mesmo depois daquele maldito dia. Minha vida mudaria completamente.

## CAPÍTULO UM

*Valentinne*

O inverno tenebroso havia chegado mais cedo aquele ano. Particularmente, detestava a brisa álgida que teimava em atravessar as persianas da janela.

O vento trazia consigo o bálsamo de terra molhada, fazendo-me inalar a essência distinta. Sentia o aroma preencher meus pulmões, enquanto fitava com melancolia o céu acinzentado.

Nathanael regressara de Londres, para minha satisfação. Tê-lo em casa novamente após longos meses, confortava-me de modo inexplicável. A casa sempre tão alegre, encontrava-se em completo silêncio.

Desde a morte de papai, ele se tornara assíduo.

O cabelo castanho de meu irmão estava um pouco mais longo do que costumava ficar, mas o azul caloroso de seus olhos excedia a mesma ternura familiar de sempre.

Os castiçais do cômodo acentuavam os tecidos cor de ameixa e as pratarias que ornavam as paredes. A decoração perdurara com os anos, e nenhum de nós havia tido coragem suficiente para mudar o que Miranda estabelecera.

— Bom dia, querida — Nathanael saudou sarcástico, irrompendo pelo cômodo.

Depois de plantar um beijo em minha testa, ele ocupara a cabeceira da mesa que parecia grande demais para nós dois. Constatar os lugares vazios de meus pais nunca fora tão doloroso.

— "Sr. Vasseur". — Direcionei-lhe um sorriso atravessado, limpando o canto da boca.

Tudo voltara a ser como antes, contudo, Dantê não estava mais presente.

Não estava entre nós.

Buscava reter minhas emoções persistentemente, tentando esquecer o cheiro de morte que impregnara a mansão.

Desejava com ardor que a prostração se dissipasse. Precisava aprender a conviver com aquele fato de uma vez por todas.

Talvez estivesse sendo dura demais comigo mesma, mas manter a perseverança diante de tantos infortúnios se mostrava quase impossível.

— Daria um milhão de francos por seus pensamentos — Nathanael balbuciou, franzindo as sobrancelhas escuras.

— Ah, querido... — Respirei fundo, silenciando-me para poupá-lo de minha angústia.

— Sim? — Ele insistiu, fitando-me com ansiedade.

— É que tudo ainda é tão estranho sem o nosso pai.

Nathanael assentiu devagar, levando as mãos aos cachos grossos. Não tocava muito no assunto para proteger-se do remorso que o engolia por inteiro. Embora a dor do luto continuasse sobre seus ombros, escoltando-o como um maldito espectro.

— Sei que nada está bem, Valentinne. Mas ficará, confie em mim. — Ele prometeu num tom embargado. — Gaspar comentou algo sobre como o tempo está divino para praticar.

O tempo estava péssimo. Ainda assim, agradei em pensamento a súbita mudança de assunto.

— Ah, sim. Mas não sinto vontade.

O arco e flecha ajudava-me a extravasar toda a frustração que guardava somente para mim, embora já não fizesse mais tanto sentido quanto no início.

A sociedade renegava atividades que não incluíssem preparações para o casamento.

Bordar e fazer sala eram as funções dadas às moças de minha idade, entretanto, meus pais sempre foram contra arranjos. Nunca fora coagida a seguir as "regras" que eles ditavam.

Contudo, era consciente de que nem todas as mulheres dispunham do mesmo privilégio, e que o casamento se tornara uma obrigação que não podiam recusar.

A memória de Miranda incitava-me a ser fiel aos meus princípios.

Os homens que tentavam negociações com Dantê sentiam-se intimidados com o raciocínio rápido e a fibra que ela expunha.

Os Vasseur faziam parte da elite há décadas, e eu odiava estar entre os mesmos.

A virada de século, alguns anos antes, fizera com que muitos fatores exercessem uma má influência sobre o empreendedorismo, apesar disso, minha família havia se sobressaído e extraído nome e notoriedade.

Muitos homens apostavam na carreira política, buscando cargos importantes para alcançarem algo similar.

E aquilo tudo me soava patético.

— Parece pensativa. — Nathanael observou, levando a xícara de porcelana chinesa aos lábios.

Seu terno cinza sob medida ajustava-se impecavelmente ao torso largo. A barba aparada deixava-o com um ar jovial, mesmo estando na casa dos vinte e oito — quase vinte e nove — anos.

— Devaneios irrelevantes sobre poder e política — expus indiferente.

— Ah, eu deveria ter deduzido.

— Não seja condescendente, Nathanael.

Ele me dera um sorriso torto.

— Tenho assuntos pendentes que precisam de minha atenção. Ficaré bem? — ele inquiriu, com preocupação encobrindo suas íris.

Era decerto exagero tanta apreensão, mas não o julgava.

— Nathanael, não se preocupe. Eu não sou mais uma menininha indefesa. — Confortei-o, tentando não o sobrecarregar.

— Sempre tão cética. — Ele apontou de forma jocosa.

— Eu diria realista — retruquei, fingindo indignação.

— Se me der licença. — Nathanael sorriu mais uma vez, beijando-me as mãos antes de partir.

Continuara contemplando a mesa farta, sem a mísera vontade de ingerir algo dela. A sensação de sufoco tornava-se pior a cada dia, como se não tivesse a mínima pretensão de deixar-me em paz.

Como se nunca o fosse.

— Seu banho está pronto, srta. Vasseur. — O informe velado soou sorrateiramente por detrás da cadeira.

A ênfase presente no tom de voz rígido, fizera os pelos de minha nuca eriçarem.

A mulher que me perseguia em sonho, teimava numa formalidade a qual eu julgava desnecessária.

— Kober, quantas vezes terei de lhe dizer... — Comecei de forma impaciente, calando-me ao erguer os olhos para ela.

O restante de minhas palavras ficou entalada na garganta.

Era de meu conhecimento que seus cachos ruivos presos em tranças ligadas enfatizavam a beleza singular que possuía, mas isso não diminuía em nada o impacto que sentia sempre que a olhava.

Por muitos anos, desejara Annelise em segredo. Evidentemente, o sentimento nunca fora recíproco.

O corpo curvilíneo estava escondido por um modelo branco, de corte reto e sem graça. As camadas de tecidos ocultavam a silhueta magra de Annelise, assim como a pele sardenta de seu pescoço.

— Srta. Vasseur, por favor — ela pediu, soando endurecida, como geralmente acontecia em nossos limitados diálogos.

— Por Deus, Annelise. Conhece-me a vida inteira — grunhi, irresignada.

Odiava a forma como a palavra "senhorita" saía de seus lábios. Parecia haver um rancor escuso no tom de Kober quando se dirigia a mim, como se minha presença lhe importunasse.

— Perdoe-me, mas prefiro que o protocolo se mantenha — ela respondeu, sustentando meu olhar.

Annelise viera da Alemanha alguns anos antes. Seu pai fora o homem de confiança de Dantê, mas falecera anos mais tarde, deixando-a aos cuidados da esposa.

Desde sempre ela detivera tal postura. Os olhos verdes desfocados havia me instigado desde o primeiro contato.

Dividir o teto com uma criança reclusa fora difícil. Em todas às vezes em que tentara uma aproximação, ela repelira meus avanços.

Kober era quatro anos mais jovem que eu, mas sua seriedade em excesso a encanecia.

Ainda lembrava do palpitar inquietante de meu coração quando ela pisara no hall de entrada da mansão. E recordava-me precisamente de seu aniversário de dezessete anos.

Fora a primeira vez que a vira trajar azul-marinho.

A mansão Vasseur nunca estivera tão lotada de pessoas. Homens de idades e personalidades variadas cortejaram Annelise aquela noite, fazendo meu peito arder em ciúmes.

Assistira com desgosto todos a tirarem para dançar, quando eu não podia fazer o mesmo. A inveja que sentira havia me assombrado por meses.

Esperara ansiosamente pela hora em que ela abriria os presentes.

O deslumbramento de Annelise enchera-me de esperança. As íris verdes fitaram-me com um misto de euforia jamais vista por ninguém até então.

Ela parecia estar sempre entediada com tudo à sua volta, como se todos fossem meras distrações.

O desinteresse de Kober era interessante.

— Esse tratamento é desnecessário, Annelise.

— Por favor, senho... — Ela tentou contestar.

Parecia prestes a ter uma convulsão.

— Ora, por favor. Não discuta. Chame-me pelo nome, sim? — Sorri de forma insolente, assistindo-a se contorcer em exasperação.

Havíamos crescido juntas. Mesmo que ela não desejasse certa proximidade, eu insistia que ao menos me chamasse pelo primeiro nome.

— Perfeito, onde estávamos, Kober?

Irritava-a no intuito de quebrar sua pose sempre imperturbável e perfeita. Sentia-me satisfeita somente em vê-la perder a serenidade.

Eu a segui até meu quarto, assistindo ao penteado rígido ceder a cada degrau da ampla escada.

Annelise esperava pacientemente até que eu estivesse pronta, mas havia decidido que seria diferente aquela manhã.

— Me ajudará no banho hoje — informei-a, enquanto tirava a fita vermelha de meu cabelo.

Nunca havia sido tão desinibida, minha timidez impedia-me de despir-me na frente de Annelise.

— Mas a senhorita nunca me pediu que... — Ela arregalou os olhos, olhando-me com as bochechas ruborizadas.

— Só hoje, Annelise. Faça o que pedi, por favor. Ajude-me com o vestido.

— Como queira, senhorita — ela murmurou em concordância, vindo em meu auxílio.

A pouca iluminação do quarto abafado produzia sombras no rosto pálido de Kober. Seu toque ondulava sobre os botões dourados, incitando pensamentos impertinentes em minha cabeça.

O vestido deslizava devagar por minha pele, até amontoar-se no assoalho de madeira.

Do espelho era possível captar o embaraço tomar o semblante frio de Annelise. Parte de mim desejava que o chão abrisse e me absorvesse.

— Pegarei seus sais de banho.

Caminhara a passos lentos até a banheira, temendo que minhas pernas cedessem ao constrangimento.

— Isso não será permanente — expliquei, sentindo que deveria dizer algo para aplacar a falta de ruído no quarto.

— Compreendo — Kober pronunciou, levando os dedos ao meu cabelo.

Apreciara seu toque, sentindo que aquilo era certo de uma maneira muito incerta. A leveza e o cuidado de Annelise faziam-me ansiar por coisas que nem ao menos sabia como rotular.

Só me dei conta de minha imprudência quando a respiração acelerada dela acertara o meu pescoço.

— É o suficiente, vá — ordenei, encarando a borda da banheira, retraída.

Nunca havia sido o maior modelo de decência, mas naquele momento tinha ciência de ter colocado interesses ocultos acima de meu amor-próprio.

Sentia-me uma tola.

— Certamente, senhorita. Com sua licença.

# CAPÍTULO DOIS

*Valentine*

Seguidamente ao banho, só conseguia envergonhar-me de minha própria indiscrição. Onde estava com a cabeça? Certamente não havia pensado com clareza no momento em que fora contra a razão.

Minhas costas ainda ardiam devido ao toque de Annelise — um toque inocente, para variar. Fantasiar que algo a mais entre nós duas pudesse acontecer era perturbador. Jamais iria, e eu não poderia esperar por isso. Kober era uma fortaleza desconhecida, teria de parar antes de ferir a mim mesma.

Não era inteligente, muito menos racional.

O perigo escancarado em minha cara parecia atrair-me como um ímã. A compatibilidade entre nós era nula, nada do que o meu coração tolo almejava se concretizaria.

Annelise me acharia uma perdida, assim como eu mesma me achava.

Apaixonada por minha dama de companhia?

Tolice.

Talvez a atração insana que sentia por ela tivesse começado por eu não ter contato com homens. Na verdade, nenhum homem nunca me atraía. Teria de mudar tal perspectiva, ou o pior poderia acontecer.

Infelizmente, vivia enfadada dentro daquela mansão vazia. Não havia muito o que fazer, e isso era deprimente demais.

Saí do quarto decidida a cavalgar para ocupar-me, decerto enlouqueceria sozinha com meus pensamentos.

Gaspar estava supervisionando a cozinha quando o encontrei. O uniforme impecável como sempre evidenciava seu critério.

A competência que Gaspar detinha era de um todo admirável. Eu não possuía nem metade dela.

Ele não era apenas um mordomo, se tornara um membro da família. Desde sempre cuidara de nós com tamanho zelo. Eu o respeitava e prezava por sua vida. Gaspar era o mais próximo de um pai que tinha no momento.

— Prepare meu cavalo, Gaspar — solicitei, atraindo sua atenção.

— Sim, srta. Vasseur. — A figura masculina sempre pronta a atender-me limitou-se a dirigir-me somente um sorriso contido.

Papai me ensinara a cavalgar desde muito nova. Nunca houvera diferença entre mim e Nathanael, sempre estive inclusa nos entretenimentos.

— Koda está pronto, senhorita.

— *Merci* — agradei, deixando o aposento.

A manhã estava um pouco fria, e a única coisa que usava era uma camisa de linho de gola alta. O modelo era considerado ultrapassado demais por todas as matronas requintadas da cidade. Nunca acompanhara a moda, não me importava com bobagens tão triviais.

Montar de saia jamais fora uma probabilidade. Papai não era retrógrado, todavia, ficara surpreso na época quando lhe pedi vestes de homem para montar. Depois de muito dialogar, chegamos a um consenso. Só usaria calças para a montaria. Nada mais.

E não fora nenhum problema.

Sentia-me afortunada por Dantê ter sido um homem tão complacente, seu juízo sempre fora íntegro. Apreciava sua receptividade. A inclinação dele a outras perspectivas o diferenciava de tantos outros.

A crina branca de Koda oscilava junto a aragem da manhã. O olhar dócil do cavalo aquecia meu peito desgovernado pelas últimas ocorrências. Tudo estava caótico demais em minha cabeça. Caminhei até ele, acariciando seu focinho rosado.

— Pronto, rapaz?

Koda relinchou como se entendesse o que eu havia dito.

— Vou aceitar isso como um sim.

Forcei um pouco as rédeas, e Koda saiu galopando velozmente.

A ventania deleitosa assanhava-me impiedosamente. Ar puro era o que eu mais carecia.

A propriedade dos Vasseur era extensa o suficiente para que eu percorresse o tanto que desejasse. Nada poderia deixar-me mais satisfeita. Nossa casa ficava um pouco afastada da cidade. Preferia assim, a sociedade tendia a ser tóxica por si só.

A grama começava a ficar amarelada e quebradiça devido ao clima frio.

— Está com sede, garoto?

Estava cavalgando há cerca de meia hora, sendo assim, resolvi parar um pouco.

Um pequeno lago bem próximo a algumas árvores chamou-me a atenção. Com a última chuva ele havia enchido.

O ar puro permeado de orvalho invadia os meus sentidos, tranquilizando-me instantaneamente.

Deixei que Koda descansasse antes de voltarmos. Enquanto ele saciava sua sede bebendo da água do pequeno lago, sentei-me debaixo de uma das árvores para descansar.

— Sabe, Koda, eu não tenho com quem falar sobre essas fantasias vergonhosas que têm ocupado grande parte de meus pensamentos ultimamente. Você se importaria de ouvir-me um pouquinho?

Koda relinchou novamente, deitando-se sobre minhas botas sujas de lama.

— Diga-me, Hope trata-o com frieza? — indaguei com seriedade, fitando-o com esperança.

O cavalo encarou-me como se eu fosse louca.

— É, acho que não. — Sorri, sentindo-me uma tola. — Que tal voltarmos?

Falar com um cavalo era novidade até para mim. Tais agitações tiravam-me o sono, enfrentar todos aqueles conflitos que cresciam dentro de mim tornava-se maçante. Vinha acontecendo há algum tempo, contudo, com a morte de papai a situação piorara.

Sentia urgência em saber se o que eu sentia de fato era amor, pois em todos esses anos

nunca havia me sentido atraída por outras pessoas realmente. Tinha receio de ter começado a confundir-me sobre as minhas verdadeiras vontades.

O vento ficara ainda mais forte, fazendo-me olhar para o céu cinza. Uma tempestade aproximava-se.

— Vamos, rapaz. Temos que ir.

A adrenalina corria em minhas veias impulsionando-me a ir mais depressa.

[...]

— Quantas vezes preciso lhe dizer? Não saia quando estiver chovendo! — Nathanael guinchou, olhando-me furioso.

Todos os criados de minha casa estavam na sala.

Nathanael ficava preocupado ao menor sinal de perigo, isso era consequência das mortes súbitas de nossos pais. Entendia o seu lado, no entanto, não estava com cabeça para receber um sermão na frente de todos.

Quando deixei Koda no estábulo e retornei para casa, Nathanael esperava-me sentado na porta da frente. As íris azuis estavam nubladas de preocupação.

— Foi só uma chuva. Estou bem, por favor! — repliquei, com os dentes trincados.

Minhas roupas encharcadas e o frio estavam me matando.

— Você ficou de cama durante uma semana no início do mês, Valentinne! Delirou de febre durante sete dias inteiros, não venha me dizer para não me preocupar — ele apontou, com o cenho franzido, silenciando-me.

— Perdão. Posso subir agora? Estou louca para tomar um banho — pedi, cheia de expectativas.

— Ouça-me da próxima vez. Venha aqui, garota. — Nathanael sorriu, abraçando-me antes de liberar-me.

Annelise estava ao lado de Gaspar, olhando-me constrangida.

— Srta. Vasseur, irei agora mesmo preparar...

— Não será preciso, Kober. Lorena fará isso para mim — emití, observando-a ligeiramente antes de subir os degraus da escada, com Lorena em meu encalço.

Não a deixara falar, o que menos desejava era ouvir sua voz. Somente a voz de Annelise era capaz de levar-me de volta ao ponto de partida. Precisava mantê-la longe para o meu próprio bem.

[...]

Enquanto Lorena preparava o banho, livre-me da roupa molhada. Não tinha a mínima vergonha de outros olhos que não fossem os de Kober, por essa razão pedi, assim que o banho ficara pronto, que a dama de companhia me lavasse.

— Qual dessas camisolas é de sua preferência, senhorita? — Lorena perguntou, com duas peças praticamente idênticas em mãos.

— A azul, por favor, Lorena. — Sorri para ela, exausta.

A pompa que vinha junto com a minha posição não combinava comigo, mas estava cansada demais para dispensar os cuidados da moça.

Lorena empenhava-se bastante para agradar-me, mesmo que não precisasse, e eu apreciava demais a sua boa vontade. Ela tinha um jeito doce que fazia com que me sentisse confortável em sua presença.

— Seu cabelo é tão sedoso, srta. Vasseur. Se me permite dizer — ela comentou, tímida.

Sentei-me em frente à penteadeira, esperando que ela terminasse de escovar meu cabelo.

— Gentileza sua, Lorena — agradei, enquanto a escova deslizava pelos fios escuros. — Pode ir.

— Com sua licença, srta. Vasseur. Precisando é só me chamar — ela disse, sorrindo com os olhos de um tom mel adorável antes de deixar o cômodo.

Ainda faltava muito para o jantar, optei por descansar antes de descer. Dormiria a tarde inteira, porém, duas batidas leves na porta fizeram-me adiar minha decisão.

— Srta. Vasseur?

O que diabos ela queria agora?

— Por favor, entre — incitei-a, sentando-me ereta na cama.

Quando Annelise entrara dentro do quarto, pude notar que algo não estava certo. A hesitação em seu olhar deixou-me um tanto desconfiada.

— Há algo errado, Kober? — questionei, à espera de uma resposta.

— Na verdade, eu queria perguntar... — Annelise sussurrou baixo, desviando o olhar do meu. O acanhamento em sua voz não era do feitio dela.

— Prossiga. Sente-se aqui. — Bati na cama, incentivando-a a prosseguir.

— Bem, eu... fiz algo que não lhe agradou, senhorita? — ela perguntou, ainda sem olhar-me.

Eu ainda não conseguia compreender.

— O que a faz pensar isso, Annelise? — indaguei, cruzando os braços em sinal de desentendimento.

— Sou eu quem preparo o seu banho, a senhorita nunca pediu para que nenhum outro criado fizesse minhas tarefas — ela exclamou freneticamente. Seu rosto ficava ruborizado a cada palavra.

— Só quis que Lorena o preparasse hoje. Não entendo o porquê de tamanha comoção. — Sorri, divertida com o descontentamento de Annelise.

— Certamente, senhorita. Tem razão, eu só fiquei surpresa.... — ela expressou, por fim, num murmúrio sofrido.

Algo ainda não se encaixava.

— Não precisa se preocupar, você não me aborrece.

— Perdoe-me por interromper seu sono. Posso ir agora? — Annelise perguntou, levantando-se abruptamente da cama como se a mesma estivesse em brasas.

— Sim, vá.

— Se me der licença.

Annelise fora embora assim como havia chegado, subitamente.

## CAPÍTULO TRÊS

*Valentinne*

O tecido de cor vermelha que pendia do dossel deixava-me desconfortável. A cor era um tanto exagerada, não combinava em nada comigo.

Minha cabeça parecia prestes a estourar. Como Nathanael previra, a enfermidade tomara minha saúde — novamente, para variar —, devido a tormenta.

O mal-estar parecia não querer deixar-me, e a única coisa que podia fazer era ficar na cama.

Para o meu próprio desprazer.

Nathanael havia deixado o trabalho de lado para cuidar de mim. A cada três minutos ele surgia no quarto, cercando-me feito um abutre. O que eu menos desejava era atrapalhá-lo.

— Ficarei bem. Não é nada que eu não possa suportar. Você não tem coisas para fazer? — questionei-o de modo irônico.

Meu corpo inteiro doía.

— Não, não tenho. E nada do que disser me fará mudar de ideia. Está ouvindo, Tinne? — ele refutou, com uma expressão serena no rosto bonito. Nathanael sempre fora um birrento nato.

Suspirei em desgosto, não querendo mais permanecer daquela maneira.

— Está sendo tolo — acusei-o, pegando em suas mãos que teimavam em estar sobre a minha testa constantemente.

— Cuidar da família não é tolice, Valentinne. Agora descanse.

— Já que insiste nisso — repliquei, trazendo as cobertas até o queixo. Não aguentava mais refutar sobre o assunto. Era inútil.

— Vou pedir para que Annelise lhe faça companhia — Nathanael anunciou, prestes a deixar o quarto.

— Não! — gritei num impulso. Meu tom soou desesperado.

— Ela sempre cuida de você. Aconteceu alguma coisa? — A pergunta feita cautelosamente obrigou-me a mentir.

Seus olhos azuis fitaram-me ainda mais preocupados.

— Não, não. — Apressei-me em explicar. — Mas prefiro que Lorena cuide de mim

durante estes dias. Annelise já tem deveres demais nesta casa.

— Se você está dizendo... — Ele não parecia nada convencido. — Estou indo, amo você.

— Espere, só mais uma coisa. Por favor, peça para que mudem esse tecido do dossel. E os lençóis também — supliquei em tom débil.

— Não gostou? Eu quem pedi para que colocassem estes — ele murmurou, tentando mascarar a decepção.

— Pensando bem, deixe para lá. Está ótimo. — Omiti novamente, sorrindo para ele. — Também amo você.

A tarde seguiu-se tranquila. Não via Annelise há mais de dois dias, e por mais incrível que pudesse parecer, sentia-me melhor desta forma. Sua presença deixava-me confusa, dúvidas sempre permeavam meu coração

Minhas emoções ficavam sob controle em sua ausência. Sentia-me mais eu mesma, não uma máquina desordenada.

[...]

Se permanecesse um segundo a mais em minha cama, certamente teria um surto. Por isso, decidi que jantaria junto a Nathanael. Não tomaria mais nenhum prato de sopa que Lorena me trouxesse.

Assim que cheguei à sala de jantar, a primeira coisa que avistei fora Annelise. A mesma trajava um vestido verde de mangas três quartos que havia lhe caído como uma luva, adequando-se perfeitamente ao tom escuro de seus olhos verdes. As madeixas ruivas estavam livres de grampos, depois de tanto tempo presas. Certamente a ocasião era especial, dificilmente Annelise soltava o cabelo.

E não era devido a restrições que a sociedade havia imposto para as mulheres, pois a mesma nunca houvera em minha casa.

O código de vestimenta ultrapassado causava-me cólera. As pessoas se preocupavam bastante com a vida alheia e esqueciam de suas próprias.

Annelise era centrada demais. Com certeza aquilo era uma surpresa.

— Deveria estar na cama, srta. Vasseur. Ordens médicas. — Ela apressou-se em me repreender.

Suas falas eram sempre as mesmas, pareciam decoradas.

— Vejo que a única coisa que mudou hoje foi o seu cabelo, Kober. — Ignorei o sermão dela, aproximando-me devagar.

Os dias sem vê-la certamente a deixaram mais bela.

Inferno.

— Só me preocupo com sua saúde — ela proferiu, enquanto desviava as íris de meu alcance.

— Estou ótima, não há com o que se preocupar — emiti, firme. — Onde está o meu irmão?

— Na biblioteca, senhorita.

— Obrigada, Annelise... A propósito, está linda — elogiei-a sem nem ao menos perceber. O comentário simplesmente saltou de meus lábios.

— Gentileza sua, srta. Vasseur — ela agradeceu, corando. As bochechas dela ruborizavam com facilidade ultimamente.

Retirei-me do recinto, indo em direção à biblioteca.

[...]

Nathanael parecia indiferente a tudo que acontecia ao seu redor. Estava procurando algo — que presumi ser muito importante —, nas prateleiras embutidas na parte externa.

— Atrapalho?

— Você não deveria sair da cama, Tinne. — Ele me lembrou, ainda de costas para mim.

— Você quer que eu enlouqueça? — perguntei, cruzando os braços num gesto pueril.

— Mas é claro que não — rebateu ele como se fosse óbvio, ainda sem me olhar.

— Nem eu. Então, para a minha sanidade continuar intacta, preciso que pare de manter-me em cárcere privado — proferi insolente, sentando-me no divã vinho.

— Você é tão teimosa quanto a mamãe — ele guinchou, juntando-se a mim no sofá.

— Sinto falta dela. Deles — sussurrei, aceitando o lenço que Nathanael me ofereceu.

— Eu também, querida. Mas juntos somos mais fortes, lembra-se?

— Sim, somos — assenti, pondo a cabeça em seu ombro.

— Lembra-se de Catherina? — Nathanael indagou, mudando de assunto quando o ar ficou denso demais.

— Como poderia esquecê-la? — Sorri sem a mísera vontade.

Catherina Neville era a moça mais mimada de toda a França. As madeixas loiras e o par de olhos azuis davam-lhe um ar de um anjo. Mas quem a conhecia como eu, sabia que tudo não passava de fachada.

— Os Neville darão um jantar em comemoração a volta de Timotheè à cidade amanhã.

Timotheè era o irmão gêmeo de Catherina. No entanto, suas personalidades eram totalmente distintas.

Graças aos céus.

Quando criança, ele costumava vir com frequência à casa Vasseur para brincar com Nathanael. Era um cavalheiro, além de ser dono de uma beleza estonteante.

Eu reconhecia isso. Todas reconheciam.

Era decerto uma pena que eu só tivesse olhos para a mulher que me rejeitaria, com toda certeza, na primeira oportunidade.

— Fomos convidados, mas você está...

— Perfeitamente disposta. Iremos com certeza, não vejo Timotheè há tanto tempo...

Minha mente voou para anos atrás.

— Não me diga que nutre uma paixão secreta por ele, Tinne... A concorrência é grande

demais — Nathanael zombou, parecendo deliciar-se com sua afirmação.

Quando não estava ocupado demais com o trabalho, portava-se como um paspalho, fazendo de mim sua vítima perfeita.

— Não diga asneiras, seu tolo! — Repeli-o, também sorrindo.

— Sim, certamente. Peço para que me perdoe, senhorita — ele proferiu, levantando as mãos em sinal de rendição.

O jantar fora servido às sete e meia da noite. Estava faminta, e isso acontecia quando estava ansiosa.

Certamente o jantar na mansão dos Neville deixara-me empolgada. Eles sempre foram calorosos conosco. Tirando Catherina, claro. Ela me detestava.

Se bem que eu não conhecia a origem de todo o seu despeito gratuito por mim. Na verdade, não me lembrava de ser rude sequer uma vez com ela. Sempre havia tentado ser o mais cortês possível. Apesar disso, não fora suficiente para que tivéssemos uma relação menos odiosa.

Num todo, não suportava muitas pessoas do meio social que vivíamos. As pessoas tendiam a ser hipócritas ao menor sinal de descontentamento.

Decerto era uma situação decadente e vergonhosa aos meus olhos já tão desacreditados.

— Com licença, irei me retirar agora.

Abandonei o recinto quando a enxaqueca se tornou insuportável. Esperava que no dia seguinte estivesse absolutamente curada da enfermidade.

[...]

A luminescência invadia o cômodo, obrigando-me a abrir os olhos sonolentos. Havia de ter dormido muito, pois o sol já estava bem forte. Sentia-me revigorada, a noite de sono havia me feito muito bem.

Enquanto os meus olhos acostumavam-se com a luz, percebi algo, ou melhor, alguém, encarar-me.

Annelise estava sentada ereta numa cadeira próxima à minha cama. Os olhos verdes tinham um brilho oscilante.

— Annelise, o que faz aqui? — inquiri, desorientada pelo sono.

— Passei a noite me certificando de que estava tudo bem com a senhorita — ela explicou, como se fosse o suficiente para tal comportamento.

— Você está estranha, Annelise. O que está acontecendo? — Saí da cama à procura de meu robe para me cobrir.

Minha pele estava totalmente exposta. A noite passada fora infernal, fazendo-me optar por dormir despida. Isso era incomum, nunca havia feito nada parecido em minha vida.

— Me preocupo com a senhorita. E ultimamente a sinto distante, como se estivesse afastando-me — Annelise murmurou, também colocando-se de pé e parando à minha frente.

— Não compreendo. Seja mais clara, Kober — exigi, aguardando uma resposta dela.

— Meu dever é servi-la. Sinto-me inútil desde que escolhera Lorena para executar

minhas tarefas. — Annelise gesticulou para dar ênfase ao que dizia.

— Ah, então é isso — falei, decepcionada, mas não surpresa. — Kober, eu só quis poupá-la de tanto trabalho. Você já faz muito.

Não sabia por que ainda me surpreendia com o senso de dever de Annelise.

— Deixe-me ajudá-la, por favor — ela pediu, com os olhos severos.

— Annelise... — Pus a mão na testa, buscando ser o mais branda possível.

— Sua família já fez muito por mim, sou muito grata. É o mínimo que posso fazer para recompensá-la.

— Não preciso de sua gratidão, Annelise! — Chiei abruptamente, cansada de tudo o que ela me causava.

Annelise fitou-me assustada, antes de pedir licença, claramente envergonhada.

Ela me fazia agir de forma inconsequente. Transformava-me numa pessoa confusa, rude e atrapalhada quando estava em sua presença. E toda essa mudança de humor estava começando a assustar-me em níveis preocupantes.

# CAPÍTULO QUATRO

*Valentine*

A forma hostil com que me dirigira a Annelise na noite passada persistia em enervar-me. Sentia-me péssima pelo modo como a tratara. Ter me portado de maneira tão insensível só evidenciava quão perdida estava.

Kober não tinha ciência de meus sentimentos. E por mais que uma parte de mim desejasse que ela soubesse de minhas intenções, a outra insistia em dizer que talvez a distância fosse o melhor.

Teria de esquecê-la. Mesmo que doesse, iria arrancá-la de uma vez por todas de meu coração. Não idealizara aquele tipo de amor, na verdade, nunca havia cogitado tamanha paixão.

Aquele muito provavelmente fora o meu erro. Não me preparar devidamente para o desconhecido estava impedindo-me de prosseguir.

Jamais pensara em casamento, nunca me sentira atraída por cavalheiro algum. Nas *soirées* dadas pela sociedade, as damas eram donas de toda minha atenção.

Só então percebera que algo em mim era diferente.

O impacto fora grande, principalmente após descobrir estar apaixonada pela mulher que sempre atendera minhas necessidades. Annelise enxergava-me somente como Valentine. Para ela, eu seria apenas sua superior.

Sua personalidade enigmática deixava-me enlouquecida.

O verde vítreo de seus olhos perseguia-me em sonho, como um maldito farol.

Já não podia continuar com aquilo. Não havia sentido em esforçar-me tanto por uma mulher que estava além de meu alcance.

— Acredito que essa cor salientou seus olhos — Madame Desirré sorriu forçadamente, tentando não parecer apática — castanhos.

A voz fina dela retirou-me do frenesi letárgico que me encontrava minutos antes.

— Sim, decerto essa cor acentua o castanho comum de meus olhos. — Não pude conter o sarcasmo. Sabia que era de um todo trivial. Não possuía a beleza clássica das aristocratas de Paris, e esse fato não me incomodava.

Aparentemente, não mais.

Madame Desirré ostentava abertamente o vestido de veludo vinho que eu havia encomendado para o jantar na casa dos Neville. Suas mangas até os cotovelos continham detalhes pratas, assim como decote recatado. O modelo tinha um caimento digno de quinhentos francos, e servira-me bem.

— Brilhante como sempre, madame.

— Sempre, srta. Vasseur.

[...]

Deixara o ateliê exausta, acompanhada de uma Lorena eufórica.

— Madame Desirré decerto merece a posição de modista mais requisitada. O vestido valorizou suas curvas, *milady*. Ficou perfeito. — a jovem proferiu, encantada.

— Oh, gentileza sua, Lorena.

O sol forte iluminava parcialmente o rosto jovem escondido pela aba do chapéu de palha. Diferente de mim, Lorena retinha um encanto próprio, ainda que não excêntrico. Os cílios escuros pareciam grandes leques chineses.

— Ansiosa para esta noite? — ela questionou, curiosa.

— Bem, sim. — retorqui, não tão certa daquilo.

Enquanto caminhava distraidamente ao seu lado, senti meu corpo colidir contra uma parede sólida de não mais que um metro e oitenta e dois centímetros. Desabara no chão feito uma fruta madura, para minha própria vergonha, amaldiçoando a silhueta masculina em meu caminho.

— Preste mais atenção, *monsieur*. — exigi, indignada, levantando-me com dificuldade devido às saias do vestido.

— Queira desculpar-me, senhorita. — disse o estranho, soando muito familiar.

Ergui o olhar, reconhecendo de imediato aquele par de olhos azuis inconfundíveis. A cabeleira loura reluzia como ouro à luz ambiente, e o sorriso espirituoso que surgira fora nostálgico.

— Timotheè? — gritei num sussurro perplexo.

O estranho franziu as sobrancelhas claras em estupefação.

Sim, era ele.

— Valentinne? — A surpresa velada dissipou-se no ar.

— Soube que estava de volta. É um prazer revê-lo, Neville — cumprimentei-o risonhamente, elevando o rosto para conseguir olhá-lo com mais precisão.

— É bom vê-la, Tinne. — Ele dirigiu-me um outro sorriso enviesado.

Seu terno preto estava amassado devido ao contato abrupto, mas isso em nada afetara sua beleza despretensiosa.

— Deixe-me apresentá-lo a srta. Dufour. — Limpei a garganta, incitando Lorena a pronunciar-se.

— Encontrei-a algumas vezes, ainda assim, é um prazer revê-la, srta. Dufour — Timotheè saudou-a, sorrindo ao depositar um casto beijo na mão da jovem.

— *Monsieur*. — O tom escarlata das bochechas de Lorena não passou despercebido.

Gaspar já nos esperava do outro lado da rua.

— Tenho de ir, Neville. Foi um prazer reencontrá-lo — anunciei, apertando-lhe as mãos.

— Ansioso para vê-la à noite, Valentinne. Mande lembranças a Nathanael. — O sorriso branco dele tinha o poder de parar o mundo, se quisesse.

— Até a noite — confirmei por fim, despedindo-me.

Lorena caminhava ao meu lado, olhando-me de forma esquisita.

— O que há com esse sorriso, srta. Dufour? — interpelei, constrangida.

— Não sei quem tem mais sorte. A senhorita, ou *monsieur* Neville. — O sorriso nada contido da jovem denunciava suas intenções.

— Por Deus, srta. Dufour. — Não pude controlar a risada zombeteira que me escapou dos lábios.

— Como queira, senhorita.

[...]

Assim que retornamos da cidade, Pierre relatou-me que Hope estava um tanto inquieta. Há um tempo havíamos descoberto que a égua estava prenha, e o cuidado com ela só aumentara.

Dada as circunstâncias, ela entrara em trabalho de parto um pouco mais cedo do que prevíamos. Corri para o estábulo preocupada, para então logo avistar Koda ao lado dela.

— Você está aí, querido — sussurrei, aproximando-me cautelosamente.

Éguas tendiam a ficarem agitadas quando estavam prenhas.

— Srta. Vasseur, eu cuido dela — Pierre disse ofegante, abaixando-se também.

— Eu não perderia isso por nada, Pierre. Irei ajudar — assegurei, decidida.

— O sr. Vasseur...

— Irá entender, não se preocupe — cortei-o estoicamente.

Quando os dois membros do potro começaram a aparecer, Koda ficara inquieto, assim como eu. Hope estava sofrendo e isso ameaçava o meu autocontrole.

— Está quase lá, *cher* — murmurei, tentando encorajá-la. — Só mais um pouco, Hope.

O potro nascera minutos mais tarde, e a alegria de tê-los seguros fora desmedida.

Nathanael fora a minha procura no estábulo, anunciando que estávamos atrasados para o jantar na mansão dos Neville.

[...]

Depois de deixar Hope aos cuidados de Pierre, voltei para o quarto em busca de aprontar-me o mais depressa possível.

Entrando rapidamente na água fria, senti meu corpo inteiro reclamar em consequência do dia longo que tivera.

— Ah, maldição! — praguejei, cerrando os dentes de frio.

Certamente a água não iria esperar minha boa vontade de banhar-me. Enquanto esfregava a pele sem muita delicadeza, ouvi quando alguém adentrara o cômodo.

— Srta. Dufour é você? Ajude-me com o vestido — bradei, ainda da banheira.

— Lorena não pôde vir. Estava muito atarefada, senhorita.

Olhei para trás sorrateiramente, vislumbrando Annelise no extremo do quarto.

A musseline azul-escura de seu vestido ajustava-se perfeitamente ao corpo delicado dela. Os detalhes dourados combinavam com o colar de ouro exposto em seu pescoço longo. Os feixes de cabelo ruivo estavam presos em um coque entrançado, e alguns cachos caíam pelo rosto

pálido de Kober.

Ela parecia uma tela pintada a óleo.

A boca cheia roubara-me a prudência, fazendo-me desviar o olhar.

— Pois bem — consegui falar, saindo de dentro da banheira.

O traje vinho estava estendido sobre a cama.

— Ele é magnífico, Valentinne.

Estaquei no mesmo lugar, surpresa.

— Como? — indaguei, vacilante.

— Sempre quis que a chamasse dessa maneira. Então, por que a surpresa? — As esmeraldas ofuscadas fitaram-me ousadamente.

— Tem razão. — Recobrei a compostura, sorrindo de modo indiferente.

Deslizei o tecido por meu corpo, pedindo para que Annelise ajudasse-me com os botões prateados.

— Deixe-me ajudá-la com o penteado — Kober ofereceu-se, vasculhando minha penteadeira em busca do pente prata que pertencera a minha mãe.

Usava-o em todas as ocasiões possíveis. Miranda havia me presenteado com ele quando completara nove anos. Ela dizia que eu só deveria usá-lo quando fosse uma mulher adulta.

— Está belíssima, srta. Vasseur. — Dificilmente Annelise elogiava-me.

— Digo o mesmo de você, Annelise. Está perfeita — sussurrei, olhando fixamente para sua boca.

— *Merci*, senhorita.

[...]

Descemos a escada, encontrando Nathanael parado no hall da mansão. Ele trajava um casaco escuro que abrangia toda a sua compleição física, e suas mechas rebeldes haviam sido penteadas para trás com precisão.

— Não aguentava mais esperar por vocês.

— Então, vamos logo com isso — murmurei em concordância.

Eu mal podia esperar.

# CAPÍTULO CINCO

Valentine

Gastos extravagantes em eventos daquele porte eram decerto do feitio da sociedade parisiense. A opulência evidente aos olhos revoltava-me.

Nathanael acusava-me de crítica, e talvez eu realmente o fosse, mas não era de um todo relevante.

As pessoas que não se encaixavam nas convenções sociais, e que grande parte da elite ignorava, viveriam muito bem com um mero resquício daquilo que esbanjávamos.

Causava-me grande descontentamento tal divisão.

Por essa e por muitas outras razões, procurava manter uma distância considerável da nata social.

O lampadário iluminava o extenso salão de festa dos Neville, enquanto meus olhos percorriam todo o recinto decorado de maneira suntuosa.

Madame Adeline tinha um gosto bastante peculiar. As armaduras de prata próximas à escadaria bradavam isso.

Sentira um olhar desalentado queimar-me a pele, e ao erguer meu rosto, encontrara Catherina medindo-me com seu desprezo velado.

— Considerando a beleza de sua criada, suponho que esteja ainda mais apagada esta noite, Tinne. — Seus cachos caíam pelos ombros cobertos.

Safiras da cor de seus olhos enfeitavam o pescoço desnudo cheio de sinais. Tinha de admitir que aquele mísero detalhe chamara minha atenção.

— Parece um anjo esta noite, *mon cher*. Pena que debaixo dessa casca seja tão supérflua. — O sorriso de escárnio não deixou minha boca um só segundo ao rebater suas ofensas.

— Damas, parem — Nathanael interveio, nervoso, tentando amenizar a cena.

Os lábios úmidos de Timothee em minha mão tirara meu foco do conflito. Não o vira chegar, estava bastante distraída secando a pele pálida do pescoço de sua irmã.

As mechas loiras estavam perfeitamente domadas, contrastando com o sobretudo azul que lhe cobria o torso.

— Nunca vi dama mais linda! — Os dentes incrivelmente brancos dele alinharam-se num sorriso assimétrico.

— Sabe inflar o meu ego como ninguém, *monsieur* Neville. — Sorri verdadeiramente para o gêmeo mais velho.

— É bom revê-lo, meu amigo — Nathanael cumprimentou-o, radiante.

— Sintam-se em casa.

Kober havia se dissipado feito fumaça pelo salão aglomerado de pessoas, dificultando a minha busca.

Não a encontrava em lugar algum.

Ela estava deslumbrante, e, com toda certeza, usufruiria mais daquela noite que eu.

Meu peito ardia de ciúmes só em imaginá-la nos braços de um outro alguém.

Um alguém que não seria eu.

As pessoas riam e brindavam por qualquer frivolidade tosca. Trocar amenidades com as mesmas, simplesmente não estava nos meus planos.

O jantar estava se saindo um fracasso miserável.

As palavras da srta. Dufour ecoaram dentro de minha cabeça durante todo o dia, fazendo-me considerar Timothee uma pressuposta opção.

Entretanto, vendo-o ali, tivera a certeza de que nunca iria querê-lo daquela forma.

Antes disso, Catherina havia despertado mais emoções dentro de mim que ele. Sobretudo, sua natureza rude e as palavras carregadas de injúrias iam contra minhas concepções. Nunca, em toda minha vida, engajaria qualquer tipo de relação com ela, por mais inocente que fosse.

[...]

Decidira caminhar pelos extremos da propriedade dos Neville, com o intuito de desanuviar meus pensamentos caóticos.

Tinha consciência do quão abalada Kober deixava-me. E o quanto aquilo era negativo em todas as colocações existentes.

Enquanto percorria o pátio vazio, ouvira sussurros inquietos sendo abafados em algum lugar ali perto. Meus sentidos entraram em alerta de imediato, fazendo-me proceder cautelosamente. Empertiguei-me, buscando qualquer outra movimentação no espaço mal iluminado.

— Inferno. — A blasfêmia sufocada saltou de meus lábios involuntariamente.

— Por favor, não! — Um choro estrangulado reverberou por detrás das pilastras de gesso.

Era a voz de Catherina.

Corri pela estrada de pedras até chegar perto o suficiente, rezando para que nada tivesse acontecido a ela.

Minha respiração saía em arfadas irregulares por obra de meu nervosismo. Cada músculo de meu corpo pulsava descontroladamente.

Mourrice Debosher agarrava os pulsos finos de Catherina, enquanto pressionava seu corpo grande contra o dela.

O ódio cegou-me ao reconhecê-lo.

Os cachos escuros balançavam pelo esforço que fazia em tentar mantê-la quieta em seus braços.

Não conseguira absorver o cenário com retidão, apenas empurrei-o para o chão, esmurando o seu maldito rosto.

— Você é a própria escória da terra! — gritei, socando-lhe a boca fina.

— Diabos! — ele grunhiu, desferindo um tapa em meu rosto.

Saltei para cima dele mais uma vez, forçando-o para baixo com meu peso. Os dedos de minhas mãos doíam pelo atrito contra seu rosto, mas me recusava a parar de socá-lo.

Não sabia de onde havia saído tanta força, e no ritmo que estava indo, deformaria o rosto do crápula nos melhores dos casos.

— Valentinne, já chega, por favor! — A voz embargada de Catherina me fez voltar a si.

A figura de Mourrice era horrenda. O nariz machucado jorrava sangue para todo lado, sujando o colarinho branco.

— Quem você pensa que é?! — ele tentou falar, mas engasgou-se com a própria saliva.

— Farei o que estiver ao meu alcance para acabar com sua maldita vida, Debosher! — Puxei-o uma última vez pela lapela do terno, fazendo pressão em sua cabeça.

— Quem irá acreditar em você? — O tom sujo de sua voz causou-me ânsia.

— Acredite, alguém irá. Tenha certeza disso.

— Você não seria capaz, Vasseur. — O pavor nublou os olhos dele, enchendo-me de um prazer doentio.

— Irei destruí-lo, Debosher. Juro pela minha alma — prometi, fitando-o dentro dos olhos repulsivos.

Abraçara Catherina, tentando acalmar os tremores de seu corpo pequeno.

— Calma, estou aqui com você. Prometo que o farei pagar.

Mourrice era um dos homens mais asquerosos que conhecia. Ouvira inúmeras vezes sobre o quão canalha, aproveitador e leviano ele era. As coisas que diziam ao seu respeito iam de mal a pior.

Seu pai sempre o protegera das consequências de seus atos, mas ele não escaparia. Não daquela vez.

— Por favor, Tinne. Não quero voltar para lá nesse estado. — Os olhos marejados de Catherina me fizeram engolir os impropérios que desejava proferir.

— Para onde quer ir? — indaguei baixinho, só para que ela ouvisse.

— Qualquer lugar. Só me tire daqui.

Oferecera meu braço como apoio, para logo então partimos em absoluto silêncio.

[...]

— Não entendo... Como ele fora capaz? — A fraca luz do cômodo revelava toda dor no rosto de Catherina.

Levara-a para o porão que brincávamos quando crianças. Não tinha ideia de como abrandar seu tormento.

— Ele chegou a... — Tentei, mas não pude completar a frase.

— Não, você chegou antes. Obrigada. Se não fosse por você, não quero...

Uma lágrima solitária escorrera pelo rosto apático dela.

— Desejei matá-lo, mas isso não me faria muito diferente dele — murmurei com amargura, sentindo um gosto ruim na boca.

O silêncio novamente se fez presente entre nós.

Vendo-a tão vulnerável, senti-me uma inútil. As mechas loiras cobriam-lhe os olhos azuis que tanto desprezava. Mas não naquele momento. Não conseguia reprimir a vontade inexplicável de cuidar dela, de protegê-la.

Minhas mãos sem controle alcançaram a lateral de seu rosto e permaneceram ali.

Catherina olhou-me confusa, mas não me repelira.

— Eu sinto tanto. Sinto de verdade — disse, levando suas mãos aos lábios.

— *Merci*. Mas, por favor, não conte aos meus pais. Não conseguiria explicar o meu envolvimento com Mourrice. — Seu pedido fora cheio de receio.

— Confie em mim. Se é assim que deseja, eu o farei — assegurei, fitando-a firme.

— Está ficando tarde, melhor voltarmos — ela disse, abruptamente, ficando de pé.

— Tem razão, mas preciso saber... por que ele? — indaguei, muito perturbada.

— Mourrice fez parecer que não tinha se aproximado de mim por influência de minha família. Você sabe como todos enxergam-me, Valentinne. Mas hoje ele... ele exigiu além do que eu estava disposta a dar. Sinto-me usada, suja. — Lágrimas ameaçavam surgir novamente nos olhos dela.

— Não se sinta assim. Ele é um maldito, não merece suas lágrimas, não merece você. — Apressei-me em esclarecer. — Você não é a minha pessoa favorita, assim como eu não sou a sua. Mas jamais lhe desejei mal.

Trouxe-a novamente para os meus braços, segurando-a com força.

Procurara dar força à mulher despedaçada que por tanto tempo havia julgado. Sentia uma tremenda necessidade de zelar por ela, e naquele momento jurara para mim mesma que a defenderia.

Catherina refizera o penteado e dera um jeito para que o rasgo em seu vestido não ficasse visível aos olhos curiosos. Se eu não soubesse o que havia se passado, jamais imaginaria.

[...]

Os convidados permaneciam festejando quando retornamos, e no meio do amontoado de pessoas, encontrara Annelise valsando com um cavalheiro que não conhecia. O jeito que ela sorria e girava pelo piso fazia-me perder ainda mais a cabeça. Tinha de aprender a controlar o ciúme que sentia por ela.

Kober não era minha propriedade, de ninguém.

Me oferecera para acompanhar Catherina até o quarto, depois da mesma inventar um suposto mal-estar para os pais a liberarem.

Ela não mentira, de qualquer forma. O que Mourrice lhe fizera não poderia ser revogado.

— Estamos indo — anunciei sem esperar respostas.

Annelise parecera enfim notar minha presença, pois no mesmo instante em que me vira, deixara o cavalheiro sozinho no salão.

Nathanael bebia uma taça de vinho despreocupadamente, enquanto eu fervia de ódio.

— Onde você estava? — Nathanael questionou, com Annelise ao seu lado.

— Uma longa história. Os Debosher ainda nos devem?

De acordo com alguns documentos, há um tempo atrás, Nicolas Debosher pedira uma quantia considerável emprestada ao nosso pai, quantia essa que nunca havia sido quitada.

— Eles não nos pagaram nem a metade, por que a pergunta? — Nathanael parecia tão confuso quanto Annelise, que me olhava de modo estranho.

— Mourrice é um cretino. Eu o farei pagar, começando por deixá-lo na rua. Ele verá o nascer do sol de dentro de uma cela podre até o fim de seus dias — declarei, caminhando em direção à saída.

— Ainda nem nos despedirmos dos Neville, do que está falando, Tinne? Ele tentou algo com você?! — O rosto de Nathanael adquiriu um tom de vermelho vivo.

— Comigo não. Mas com alguém que descobri que me importo muito. — Limitei-me a dizer somente isso, dando o assunto por encerrado.

# CAPÍTULO SEIS

*Valentine*

A figura masculina de estrutura alta olhava-me com clara inquietude. Seu cabelo branco era ralo, comprovando que a idade de fato chegava para todos.

Nicolas Debosher pedia-me incansavelmente para que não lhe tomasse suas preciosas posses, enquanto as íris negras de sua esposa fitavam-me com despeito.

Mesmo estando numa saia justa, ela via-se no direito de exigir. Diferente de seu marido, Charlotte trajava um vestido verde-musgo deveras extravagante para a ocasião. O brilho das esmeraldas em sua orelha ofuscava as velas dos castiçais.

Sua postura parecia inabalável, mas eu ainda podia ouvir o medo crescente dentro dela.

Minha intuição nunca falhava.

Nathanael concordara veementemente com minha decisão. Não poderia deixar Mourrice impune depois de tentar abusar de Catherina. Entretanto, como eu havia previsto, seus pais discordaram em entregá-lo.

Teria de usar de toda a influência de meu sobrenome.

Tudo ficara ainda mais difícil quando Catherina recusou-se a depor. Havia sido tola em esperar que ela fosse condescendente. A imagem era importante demais para sua família.

Então eu mesma faria aquilo. Não importava que meios teria de usar.

Eu havia feito uma promessa. E os Vasseur jamais quebravam promessas.

— Por favor, srta. Vasseur, reconsidere — Nicolas pediu mais uma vez, enquanto limpava as gotas de suor que brotavam em sua testa enrugada.

Estávamos na biblioteca há mais de uma hora. Minha paciência estava por um triz.

O cômodo tornava-se sufocante a cada minuto desperdiçado.

— Senhores, seu filho é um crápula. E como pais, suponho que falharam miseravelmente, pois aceitar tal comportamento é algo vergonhoso — disse, friamente.

— Sua criança ignorante! — Charlotte bradou, não se importando em mostrar sua verdadeira face para os presentes.

— Como ousa insultar-me debaixo de meu próprio teto, senhora? Posso mandá-la para cadeia com o seu filho, se assim preferir — proferi as palavras calmamente, sem exaltar-me.

— Charlotte... — Nicolas parecia bem mais ciente de meu poder no momento.

Presenciara inúmeras vezes Miranda enfrentar pessoas da laia dos Debosher. Não era nenhuma novidade para mim o quão horríveis pessoas como eles se portavam diante de situações semelhantes.

— Meu advogado, sr. Lumière, colocará Mourrice na cadeia, e eu provarei o que ele tentou contra a srta. Neville — anunciei, dando fim ao tumulto.

— Você não tem provas de nada, criança tola. — Charlotte pensava possuir argumentos favoráveis.

Busquei os documentos amarelados na gaveta de minha escrivaninha, jogando-os sobre

seu colo.

— Suponho que saiba ler, senhora. — Segui seu olhar, observando a mudança em seu rosto a cada linha.

— Já sabem o caminho até a saída. Nos vemos em breve.

— Isso não termina aqui, srta. Vasseur.

Nicolas e a esposa levantaram-se, deixando o cômodo sem toda a prepotência de mais cedo.

Estava exausta. Toda a situação exigira demais de minha predisposição. No entanto, não desistiria.

A biblioteca parecia pequena diante de tantos problemas. As prateleiras de livros organizadas causavam-me certa flagelação, principalmente por saber que os complexos de perfeccionismo de Annelise estavam piores a cada dia.

— Srta. Vasseur, se convencesse a srta. Neville a depor, tudo seria ainda mais fácil.

Lumière era advogado da família há uma década, sempre fora de grande eficiência para nós.

— Não posso forçá-la a essa exposição, principalmente quando ela não se sente à vontade para isso. — O assento parecia-me desconfortável.

— Compreendo. Sei que conseguirá dar um jeito. A cada dia que passa, se parece mais com Miranda.

Dirigi-lhe um sorriso discreto, voltando-me para as pilhas de documentos ao meu lado.

— Nunca chegarei aos pés de mamãe.

— Ora, por favor, srta. Vasseur. — Lumière franziu o cenho em discordância. — Irei me retirar agora. Com sua licença, senhorita.

Com isso, Lumière deixara a biblioteca.

— Você é a mulher mais determinada que conheço, Tinne. — Nathanael tinha o dom de tranquilizar-me com poucas palavras.

— Ah, irmão. — Abracei-o, recobrando minhas energias.

— Preciso resolver alguns assuntos pendentes na cidade, ficará bem?

Olhei-o desdenhosa, respirando fundo para não o acertar com os documentos na mesa.

— Sim, sr. Vasseur. Ficarei bem. — Assegurei, enfática.

— Então a vejo no almoço.

Depois da morte de nosso pai, Nathanael andava ainda mais ocupado e preocupado que de costume. Tentava ser suficiente a todo custo, e o cansaço óbvio em seu rosto pesava em minha consciência.

Annelise continuara na biblioteca mesmo depois da partida de Nathanael.

Pressentia que a proximidade recém-estabelecida entre nós me causaria sofrimento futuro.

— Por que arriscar tanto por uma mulher que odiou sua vida inteira? — ela inquiriu, fitando-me séria.

Ultimamente, eu não dispunha de respostas para as perguntas diretas de Kober.

— Nunca a odiei. Confesso que Catherina irrita-me bastante, mas por pouco não teve a vida arruinada, Annelise. Eu ajudaria qualquer pessoa numa situação semelhante. Você não presenciou o mesmo que eu, não poderia entender.

Algo dentro de mim se enraivecera à mera menção ao nome de Catherina.

— Não quis ofendê-la, perdoe-me. Só fiquei surpresa.

— Sei que não teve a intenção, desculpe-me. Só que... sinto-me no dever de protegê-la, e quando citou o nome dela, simplesmente reagi — confidenciei, um tanto constrangida pelo meu comportamento.

— Entendo, senhorita. Não precisa explicar nada. Acho que precisa espairecer, acredito que as circunstâncias exijam alguma atividade. Que tal cavalgar?

— Eu adoraria.

[...]

Annelise dificilmente acompanhava-me quando eu decidia cavalgar. Quando éramos crianças, Stuart sempre ia com Dantê às excursões, e Annelise, ainda que acanhada, adorava estar junto ao pai.

Esses momentos eram valiosos demais para uma menina tola apaixonada.

Os olhos de Annelise cintilaram quando Chuva nasceu. A égua desde então esteve aos cuidados de sua família. Koda era o seu irmão.

E poucas foram as vezes que cavalgamos juntas.

Chuva, diferente de Koda, tinha a pelagem negra.

Eles eram como yin-yang, assim como Annelise e eu. Devíamos ser próximas, mas não.

Éramos distantes demais, incompatíveis demais.

Ainda que dividisse o mesmo teto com ela, não sabia nada sobre sua vida. Os detalhes mais sórdidos nunca me foram revelados, e eu sempre havia respeitado isso.

Jamais a pressionaria. Se era assim que ela desejava, assim teria de ser. O mistério a envolvia, eu enxergava isso. Era como se um passado muito sombrio tivesse sido deixado para trás na Alemanha, os olhos de Verena eram idênticos aos de Annelise.

Vítreos.

Na verdade, tanto na aparência quanto na personalidade, Annelise parecia-se com Verena. Stuart sempre fora mais feliz.

— Está pronta, senhora? — Annelise trazia consigo Chuva e Koda, um de cada lado.

Seu cabelo longo dançava junto à ventania. Nunca me cansaria de contemplar a beleza de Kober.

As mangas da blusa de linho que trajava iam até a metade de seus cotovelos, estando ensacada por uma calça marrom.

— De calça? Lembro-me de sua relutância para usá-las. — Sorri feito uma tonta para Annelise que, para minha surpresa, sorria de volta para mim.

— As pessoas mudam, certo? — ela falou, montando em Chuva.

— Tem toda razão.

Koda passou a galopar rapidamente, com Chuva em nosso encalço.

Era possível ouvir os sons dos cascos em contato com o chão terroso. Havia me esquecido de como apreciava estar ao lado de Kober.

Com o passar dos anos nos tornamos ainda mais estranhas uma para outra, era muito difícil lidar com sua ausência quando a atração por ela parecia insuportável.

— Conheço um lago aqui perto. — Koda já estava cansado e Chuva também.

[...]

— É lindo, Valentinne. — Toda vez que Annelise pronunciava meu nome daquela maneira, a moleza em minhas pernas se fazia presente.

— Sim, é. — Sentei-me debaixo da mesma árvore da outra vez, enquanto Chuva e Koda matavam a sede.

— Acha que consegue prender os Debosher? — Annelise perguntou, sentando-se ao meu lado.

— Sim, consigo — respondi, convicta.

Estar perto dela sem todas as restrições que nos separavam — restrições que ela mesmo impôs —, levavam-me a querer fazer coisas de que me arrependeria se tentasse.

Tê-la tão perto deixava-me vulnerável.

— Chuva — Annelise chamou a égua, enquanto meus pensamentos me massacravam.

— Aonde vai? — indaguei, desejando sair do maldito transe.

— Você verá — ela disse de forma misteriosa.

Annelise levou Chuva para o lago, produzindo uma confusão de água e lama. Koda juntou-se com as duas, e os respingos da água começaram a me molhar.

— Parem! — Saí do chão, correndo para longe na esperança de tentar escapar daquela desordem.

Notei que Chuva parecia agitada, preocupando-me de pronto. As orelhas estavam para trás, e era possível perceber que sua respiração se encontrava estável.

Seu comportamento deixou-me em alerta, algo estava errado. Infelizmente, não tive tempo de analisar mais nada, quando vislumbrei Annelise cair de cima da égua lentamente, já era tarde demais.

Senti meu coração parar enquanto o corpo de Annelise era lançado para a água. Corri no mesmo instante para perto, procurando ajudar Kober e rezando para que tudo estivesse bem.

— Annelise! — Peguei-a com muita dificuldade, levando-a para debaixo da árvore.

— Eu estou bem, só a minha... — Ela não completou a frase, mas entendi o que queria dizer.

— Você tem certeza disso? — insisti, incerta, olhando no fundo de seus olhos frios.

— Valentinne, eu estou bem! — ela gritou, levando suas mãos finas ao meu rosto.

Os dedos molhados em contato com minha pele quente me fizeram parar no lugar.

Nunca havia existido aquela intimidade entre nós. A boca vermelha de Kober estava molhada, assim como o tecido transparente de sua blusa. Sua respiração chicoteava meu rosto, chamando-me para mais perto.

Como se aquilo fosse possível.

Meu coração palpitava agitado nas costelas, e eu temia que ela pudesse ouvi-lo, assim como eu.

Num ato de pura irracionalidade, desenhiei todo o seu rosto devagar, procurando memorizar cada pequeno detalhe. Das sobrancelhas claras até as pequenas sardas do nariz.

Os fios alaranjados estavam sob seus olhos surpresos, fazendo-me afastá-los pacientemente. A pele macia sob a palma de minha mão parecia conter cargas elétricas, sentia-as na ponta de meus dedos enquanto desenhava a boca carnuda de Annelise.

Aproximei-me ainda mais, fechando a distância inexistente entre nossos corpos.

Fitava a boca cheia e entreaberta com desejo, e a minha em resposta salivava de vontade de experimentar a textura e o gosto de Annelise.

Sentia-me extasiada. Mas, ainda assim, Annelise não havia se movido um milímetro sequer.

— Annelise... Eu...

O relincho alto de Chuva arrancou-me da bolha perfeita que me encontrava, fazendo-me tomar conhecimento do que estava prestes a fazer. E envergonhada como jamais estivera antes, levantei-me cambaleante à procura das rédeas de Koda.

O abalo tomara conta de Annelise, que continuava olhando-me como se não acreditasse no que eu havia acabado de fazer.

Nem mesmo eu conseguia acreditar.

Perturbada, montei em Koda batendo as rédeas.

— Valentinne... — Annelise sussurrou, ainda de joelhos.

— IÁ! — Deixei-a para trás, em completo choque.

# CAPÍTULO SETE

*Valentine*

Se levasse em consideração, nunca havia agido de forma tão imprudente antes. Minha negligência colocaria tudo a perder.

Foram anos reprimindo sentimentos que até aquele momento eram considerados errados por mim. Não era justo que em uma fração de segundos eu tivesse estragado tudo.

A situação era irrevogável, infelizmente não havia saída. Passara a noite em claro, e depois de voltar sozinha, havia feito de meu quarto uma prisão.

Não desejava sair, não saberia encarar Annelise mesmo que quisesse. Só de pensar em fitar suas íris céticas apavorava-me.

Lorena viera aos meus aposentos horas mais tarde, dizendo-me que Annelise desejava me ver. Aleguei indisposição para não ter que recebê-la.

Ainda me restava um pouco de dignidade.

— Posso entrar? — Nathanael tinha o cenho franzindo e o terno preto amarrotado. Suas olheiras profundas me preocupavam.

— Dormindo no trabalho? Que falta de compromisso, sr. Vasseur — provoquei-o, tentando fazer graça.

Não era tola a ponto de fingir não enxergar o cansaço de Nathanael. Ele sempre havia tomado as partes mais difíceis para si, as responsabilidades sempre haviam sido inteiramente dele.

— Você me pegou — ele concordou, sentando-se na cama. — Até onde sei, você detesta ficar no quarto.

Sim, detestava. Mas não naquele momento.

— Tem razão. Mas hoje sinto-me indisposta. Toda aquela confusão está drenando minhas energias. — Forcei-me a esconder o motivo real para minha ausência.

Vinha mentindo para Nathanael com frequência. E isso era vergonhoso. Sempre havia sido o mais transparente possível. Nunca o fizera duvidar sequer por um segundo de mim, e só Deus sabia o quão difícil estava sendo mentir para ele.

— Sabe, você é uma péssima mentirosa. Quando sentir vontade de abrir seu coração, eu estarei aqui para lhe ouvir, Valentine. — A sinceridade no tom de Nathanael obrigou-me a desviar o olhar.

— Nathanael... — Tentei rebater, mas ele me silenciou com um aceno.

— Não se sinta na obrigação, Tinne. Só não se cobre tanto. Lembre-se que estou aqui por você.

— E eu por você — proferi, sentindo um caroço na garganta.

— Eu sei.

O quarto parecia pequeno diante de tanta angústia. Tinha que tomar uma decisão o quanto antes, não saberia viver daquele modo. E nem queria.

Ser dependente do medo não era uma opção, jamais cogitaria tal coisa.

Sentei-me de frente para a janela, observando o amanhecer. Não havia conseguido pregar o olho a noite toda.

A aflição que me envolvia parecia não ter fim. Se eu tivesse conseguido refrear minha insolência, as coisas não teriam chegado àquele ponto.

Mas o que está feito, está feito, Valentinne.

Abri as janelas, deixando o sopro da brisa gélida acertar-me o rosto. O inverno ainda se fazia presente na França, porém o frio estava um pouco mais suportável agora.

Meus olhos varreram toda a propriedade que ainda dormia preguiçosamente.

Mesmo com a visão embaçada pelo cansaço, fitei com curiosidade um vulto negro correr pelo jardim. O mesmo fazia um contraste sombrio com a névoa densa que cercava o pátio.

Meus olhos jamais me enganariam, era Annelise. A mesma estava coberta por uma capa preta e levava Chuva consigo, olhando para todos os lados como se não quisesse ser vista por ninguém.

Para onde ela iria?

Cogitei ir até ela, mas seria suicídio. Era exigir demais de mim mesma, preferia ficar à margem de tudo. Pelo menos por enquanto. Se fosse até ela, teria de lhe revelar toda a verdade, e eu ainda não estava pronta.

[...]

— Senhorita, hoje cedo um dos criados da srta. Neville esteve aqui — Lorena informou-me enquanto aprontava meu banho.

— O que ele queria? — questionei, intrigada.

— Ela a convidou para o chá.

Catherina convidando-me para um chá?

— Não estou disposta — recusei, ainda deitada nos lençóis de seda.

— Procrastinar não é algo produtivo, srta. Vasseur — Lorena emitiu, olhando-me "severamente". Tentando olhar-me severamente, para ser mais precisa.

— Perdoe-me, Miranda. — Sorri e deixei a cama quente que jazia.

Depois de muito pensar, decidi por fim que iria tocar a minha vida como se nada tivesse acontecido. Poderia ser egoísmo, mas certamente seria o melhor para todos. A parte de mim que queria que ela soubesse já não mais existia. Só o temor de sua rejeição.

Kober não era mulher para mim, e lá no fundo eu sabia disso há muito tempo.

Fora uma total falta de senso minha imaginá-la ao meu lado. O ser humano tendia a ser estúpido, e eu fazia parte desta maioria. Idealizar um romance com alguém que nem sequer me olhava parecia triste demais.

— Senhorita? — Lorena estava de joelhos à minha frente, com uma expressão preocupada.

— Ah, sim? — Tentei afastar os pensamentos dolorosos, focando na moça de íris acesas.

— Me parece triste, srta. Vasseur. Posso lhe ser útil em alguma coisa? — Lorena continuava a olhar-me com pena.

— Lorena, nunca mais me dirija um olhar tão penoso como esse. Será demitida da próxima vez. — Fingi aborrecimento, e assisti, com prazer, às pupilas de Lorena se dilatarem.

— *Párdon, párdon!* — Lorena pediu freneticamente, acreditando em minhas palavras enganosas.

— Onde está seu senso de humor, Lorena. Não falo sério, criança — procedi, deliciando-me com suas expressões faciais.

— Se me permite, não há a menor graça nisso. — O rubor nas bochechas de Lorena era decerto adorável.

— Não seja boba — disse, por fim levantando-me. — A propósito, não tenho paciência para escolher nada para vestir. Alguma sugestão?

A verdade é que odiava esse tipo de atividade.

— Que tal aquele vestido azul que o sr. Nathanael comprou em Londres? — disse, enquanto vasculhava dentro das gavetas.

— Perfeito.

[...]

Estava sentada na sala de espera dos Neville há mais de vinte minutos. Catherina era mesmo inacreditável.

— A srta. Neville está se aprontando para recebê-la — Amèlie, dama de companhia, informou solícita.

Sinceramente, Catherina era a personificação da beleza. Todos tinham a consciência disso, mas ela parecia não entender.

Estava andando em círculos quando um aroma enjoativo impregnou o ar.

— Obrigada por agradecer-me com sua ilustre presença, senhorita — ironizei, enquanto ficava de frente para ela.

— Perdoe-me, Valentinne. Sinto muito por tê-la feito esperar tanto tempo. — Com certeza, algo havia mudado em Catherina. O tom de sua voz era mais suave, assim como a face serena.

Seu cabelo estava preso num coque alto, revelando a pele de seu pescoço. Eu não conseguia parar de olhar para os seus sinais, era patético.

— Sim. — Fora a única coisa que fui capaz de proferir diante da aura angelical dela.

— Por favor, sente-se — ela pediu, depositando a mão enluvada em meu ombro.

Continuava alheia a tudo. Toda a gentileza que provinha dela era um tanto estranha, e a desconfiança sempre fora um de meus inúmeros defeitos.

— Certo, o que está tramando? — indaguei, sem mais.

— Não estou tramando nada, será que não posso ser educada?

E ali estava a mulher que eu conhecia.

— Melhor. Você quase me enganou. — Sorri cinicamente, fitando a janela.

— Você é difícil de agradar, Valentinne. — Ela suspirou enquanto enchia a xícara de chá.

— Não, apenas estou tentando entendê-la. — A retaliação cortou o ar como uma lâmina.

— Se não fosse por você, estaria agora mesmo dentro de meu quarto, lamentando-me para sempre. Estou tentando recompensá-la, fim — Catherina disse, dando o assunto por encerrado, oferecendo-me chá.

— Entendo... Mas não precisa me recompensar, fiz o que qualquer um faria.

— A modéstia não combina com você, srta. Vasseur. Sabemos que isso é mentira. — Catherina parecia estar ansiosa com algo, a todo instante passava as mãos pelas saias.

— Está passando bem? — Sondei-a, levemente desconfortável.

— Claro, não seja boba. Só... — A pausa não fora premeditada. — É estranho ter uma conversa normal com você.

O alívio fora involuntário.

— Entendo.

— Então... — Catherina parecia estar se esforçando, e era quase inacreditável.

— O rosa lhe cai bem, srta. Neville. — Busquei afugentar o silêncio constrangedor que se instalou no cômodo.

— *Merci*. — Pela primeira vez em minha vida, presenciei Catherina corar.

— Você parece um anjo, senhorita. — Depositei um beijo casto na mão enluvada de Catherina, enxergando a surpresa tomar suas íris azuis.

— Tenha modos, Tinne — ela me repreendeu, ainda mais vermelha.

— Estou me esforçando. — Dirigi-lhe um olhar de zombaria, recebendo um sorriso atravessado em resposta.

— Você é inacreditável, srta. Vasseur. — Catherina abandonou o sofá, e eu a acompanhei.

— Digo o mesmo de você, Neville.

— Oras, detesto que me chame pelo sobrenome. — Ela parecia irritada.

— Tenho consciência disso, por isso o fiz.

— Insuportável! — Catherina certamente era uma incógnita. Eu jamais iria entendê-la.

— Me apresentaria sua propriedade, senhorita? — Estendi-lhe a mão, esperando mais um de seus comentários hostis.

— Seria uma honra. — Ela sorriu, segurando em minha mão.

# CAPÍTULO OITO

*Valentinne*

Os raios de sol que atravessavam as janelas faziam os fios loiros de Catherina cintilarem junto ao par de olhos azuis que me sorriam com euforia. Tínhamos decidido levantar a bandeira branca.

Já era a quarta visita na semana. Catherina vinha me convidando bastante para passar um tempo com ela, e passei a estimar sua companhia.

Sempre pensei que não havia nada em sua cabeça, que era uma mulher fútil. Mas estava terrivelmente enganada. Catherina era uma mulher inteligente, que entendia de diversos assuntos. E isso fora me cativando.

O descontentamento lhe tomava novamente. Neville era terrível no xadrez.

— Xequemate, senhorita. — Derrotei-a pela sexta vez aquele dia.

— Você está roubando — ela emituiu, com raiva.

— Aceite que é uma perdedora, Catherina. — Sorri, guardando as peças do jogo.

O quarto de Catherina estava se transformando em minha segunda casa. Timothee havia voltado para Londres, e René Neville vivia bastante ocupado com seus negócios.

Madame Adeline era viciada em gastar os francos do marido. Catherina havia herdado alguns traços da mãe, a beleza e o prazer de gastar com certeza eram pontos seus.

O dossel de tecido dourado não poderia ser de outra cor. Seu quarto era enorme, e a decoração extravagante demais até mesmo para ela. Diversos retratos de Catherina estavam pendurados nas paredes, e a penteadeira era lotada de perfumes e ninharia.

Extremamente mirabolante.

— Tenho de ir — anunciei, deixando a cama.

— Fique para o jantar, por favor — Catherina pediu, segurando-me pelo braço.

— Estou praticamente morando aqui, Catherina. Só me resta dormir agora. — Sorri, pegando suas mãos e levando-as aos lábios.

— Não seria uma má ideia — ela rebateu, parecendo considerar a ideia.

— Eu estava brincado — exclamei, nervosa.

— Não mordo, Valentinne.

Eu sim, pensei.

— Melhor não arriscar — brinquei, alisando as saias do vestido.

— Quando virá agora? — Catherina indagou, colocando o jogo dentro de um cesto.

— Não sei, mas tentarei ser o mais breve possível — respondi, não muito confiante.

— Está mentindo... — Ela apontou convicta, erguendo uma das sobrancelhas.

— Ainda estou trabalhando para colocar Mourrice atrás das grades — confessei por fim, esperando pela reação dela.

— De novo com isso? Valentinne, esqueça essa sandice!

Não compreendia o motivo por trás da cólera de Catherina, mas ela não reagia bem quando o assunto da prisão de Mourrice era citado.

— Você ainda o ama? — perguntei, cautelosa, desejando não ouvir um "sim".

— Não! — ela respondeu, abrupta.

— Então, por quê?

— Você sabe que não temos voz, Valentinne! Isso arruinará a sua imagem. — Ela parecia querer me parar de todas as formas.

— E eu já disse que nada disso me importa! Eu não ligo para imagem, Catherina. — A retaliação escapuliu de meus lábios.

— Você não é Miranda! A ousadia dela nunca foi bem-vista!

No mesmo instante, Catherina pareceu arrepender-se de suas palavras.

— Não ouse falar de minha mãe! — Minha voz soou grave por todo o aposento.

— Perdoe-me... Eu...

— Estou indo. — Dei-lhe as costas, ansiosa por ir embora da casa dos Neville.

Reconheciam a força de Miranda ainda que não o desejassem.

Ela sempre debatia questões que nenhuma outra mulher de sua época teria coragem. Falava sobre política, expressava suas opiniões sem medo do julgamento.

E por muitas vezes, peguei-me fazendo o mesmo. E não de forma premeditada, parecia que a mesma coragem de mamãe corria em minhas veias.

— Tinne, volte aqui! Por favor, ouça-me! — Catherina descia as escadas rapidamente, e em contrapartida eu apressava meus passos.

Você deixou tudo bem claro lá em cima. Não temos o que conversar — respondi, ríspida.

— Eu não desejei dizer aquilo. Apenas me preocupo com você. — Catherina aproximou-se, mas eu não estava disposta a ouvi-la.

Não naquele momento.

Gaspar aguardava-me em frente à propriedade dos Neville. Ainda bem.

— Está tudo bem, srta. Vasseur? — A indagação veio carregada de preocupação.

— Sim, está. Vamos.

— Tinne! — Catherina estava descabelada devido ao esforço de correr atrás de mim.

— Senhorita...

— Vamos, Gaspar. — Com isso, deixei a casa de Catherina.

[...]

Adentrei a sala, tirando o chapéu. Encontrava-me esgotada, péssima.

A briga com Catherina fora inevitável, mais cedo ou mais tarde aconteceria. Passamos a metade de nossas vidas brigando, com certeza aquela não seria a última vez. Ainda assim, estava magoada por suas palavras.

Sentei-me no divã branco, procurando algum conforto.

— Deseja algo, srta. Vasseur? — Gaspar presenciou a metade da discussão, mas não era de seu feitio xeretar.

— Não, obrigada. Irei para os meus aposentos. — Dispensei-o, deixando o cômodo.

Com certa dificuldade, levantei-me do estofado, subindo as escadas com melancolia.

Iria dormir até a noite. Sentia-me uma inútil, não fazia nada além de visitar Catherina. Havia deixado de treinar depois da morte de papai, mas estava começando a ter saudade do arco.

Cogitei sair lá fora, mas desisti no mesmo instante. Não tinha cabeça para nada no momento. Assim que entrei no quarto, me deparei com Annelise sentada na cama.

— O que quer agora, Kober? — indaguei, com pesar no coração.

Fazia dias que eu não a via. E a saudade de tê-la por perto doía mais do que qualquer outra coisa. Annelise me tinha entregue de modo tão fácil, que chegava a fazer-me odiá-la.

— Tem me evitado desde daquele dia. Eu queria...

— Conversar? — indaguei, incrédula. — Perdoe-me, não tenho cabeça para isso agora.

— Tenho sido paciente esse tempo todo, venho suportando suas mudanças de humor sem reclamar. Só quero entender, Valentinne. Por favor, acho que mereço isso. — Annelise parecia prestes a ter um colapso.

— Espero que me perdoe. Está tudo uma bagunça, Kober...

— Não me chame, assim! — ela exigiu, com as bochechas ruborizadas.

— Tenho suportado você me chamar de senhorita o tempo todo, quando julgo desnecessário! — rebati, sentindo nós na garganta.

— Há uma enorme diferença. Você é a minha "superior"! — Annelise deu ênfase às palavras como se fossem algum decreto.

— Pro inferno com isso! — esbravejei, exausta.

— Termine o que começou debaixo daquela árvore! — Annelise se colocou à minha frente, desafiando-me.

Seu peito subia e descia num ritmo frenético. Podia sentir toda a ousadia irradiar de seu corpo pequeno.

Ela ainda me deixaria louca.

O tule que deveria escondê-la deixava exposta a pele suada de seu pescoço.

Annelise era alguns centímetros mais baixa que eu, isso a fazia ter que levantar o rosto para que pudesse encarar-me de igual para igual.

— O que quer de mim, Annelise? — questionei, exasperada, desejando tocá-la, trazê-la para mim.

— O que quer de mim, Valentinne?

Emoções que eu nunca havia visto em seu rosto tomavam-no naquele momento.

— Quero que saia desse quarto agora! — pronunciei, sem ter a mínima ideia do que fazer para tirá-la de meu alcance.

— Não irei!

— *Plus que l'enfer!*<sup>[3]</sup> — Peguei em seus pulsos, tentando tirá-la do quarto.

— Está com medo da verdade, Valentinne? — Annelise se debatia enquanto me falava com petulância.

— Pare! Acabarei por machucá-la, Annelise — implorei, soltando-a.

— O que você queria naquele dia, Valentinne? — inquiriu, parecendo decidida a arrancar qualquer palavra de minha boca.

— Não irei cair no seu jogo. — Permaneci na defensiva, recusando-me a sair de minha zona de conforto.

— Faça — ela disse, sem mais.

— Você não sabe do que está falando. Acha que isso é alguma brincadeira? — Não suportava mais ter que lutar contra o que sentia por ela.

— Faça! — Annelise exigiu, provocadora.

— Não posso! Se eu ceder não conseguirei parar. Saia, por favor — supliquei, de modo ainda mais humilhante.

— Temos muito o que conversar. — Annelise saiu do quarto, enquanto me segurava para não chorar.

Eu não conseguiria suportar.

# CAPÍTULO NOVE

*Valentine*

Meus sentidos continuavam anuviados após o embate com Kober. E mesmo buscando recobrar o controle de todo o meu corpo, parecia impossível. Annelise havia me pressionado, fazendo-me ficar sem saída diante de sua empreitada. Minha recusa parecia incitar sua teimosia. Ela era irrefreável, mais um pouco e eu cederia.

Isso fazia com que odiasse a mim mesma. Era uma fraca.

As ações impensadas de Annelise deixavam-me esperançosa. Sentimentos de raiva me tomavam, e ter entregado demasiado poder a ela sobre mim envergonhava-me.

Deixei que as lágrimas viessem.

Uma vez que me achava no controle de minhas emoções, Annelise surgia e mostrava-me quão tola era de acreditar nisso. Por mais que tentasse de todas as formas afastá-la para longe, ela voltava. E toda esperança adormecida, criava vida novamente. Encontrava-me num círculo vicioso. Amar e odiar Kober seria minha penitência.

Meus olhos queimavam pelo choro, e sem forças para reagir joguei-me no chão, rezando para que o sono chegasse. Conflitos seguiam-me por todo lugar, não importava o quanto lutasse para acertar, o fracasso continuava ali.

[...]

Suor escorria por meu rosto e meus dedos doíam pelo esforço. Meus olhos continuavam fixos no alvo à frente, e a única coisa que me manteve sã fora vislumbrar a flecha perfurar o ponto vermelho.

Da última vez em que peguei no arco, minha alma não estava presente. Estava com o corpo morto de Dantê.

Sentia a grama em meus pés, o ar puro preencher meus pulmões e o pesar em meu coração se esvaír com a constatação de que jamais perderia o caminho. As rédeas de minha vida ainda eram minhas. Não permitiria que Annelise, muito menos Catherina, fizessem-me duvidar sequer por um segundo de quem era.

Koda relinchava feliz ao meu lado. Depois de secar todas as lágrimas que continham em meus olhos, saí tentando encontrar conforto nas coisas que costumava fazer com frequência.

— Você fica ainda mais perfeito quando infla o meu ego, Koda. — Sorri, alisando a crina sedosa de meu cavalo.

— Ele a admira muito, senhora. Assim como eu e todos dentro desta casa. — Gaspar estava em pé ao lado do alvo, me direcionando mais um de seus sorrisos reservados.

Era grata por todos, eles eram essenciais em minha vida. Sempre foram. Cada um tinha um papel importante em minha construção como pessoa. Gaspar era um exemplo de índole impecável e fidelidade. Havia me ensinado a nunca duvidar de mim mesma.

— Não sei o que anda acontecendo, menina. Mas percebo a mudança em seus olhos. Saiba que confio em você, sei que encontrará a resposta. — O tom doce do homem tinha a

proeza de tranquilizar-me.

— *Merci*.

[...]

Sr. Lumière esperava-me na biblioteca com uma expressão aliviada. Seu terno bem cortado ajustava-se perfeitamente ao corpo rechonchudo.

— Boas notícias, srta. Valentinne — ele disse, radiante, enquanto sentava-se no divã.

— Sou toda ouvidos, Lumière. — Sorri, sentando-me também.

— Hoje, os Debosher finalmente foram presos por não cumprimento de acordo.

— Poderia explicar-me precisamente? — questionei, ansiosa por mais detalhes.

— Como bem sabe, é direito da pessoa que busca por um empréstimo pagar a dívida dentro do prazo determinado. Sendo assim, em consequência do não pagamento dessa mesma dívida, a justiça determina prisão. A dívida dos Debosher nunca fora quitada, e eles não têm como pagar, pois estão arruinados — ele respondeu, pacientemente.

— Entendo, e Mourrice? — Para mim, tudo o que mais importava era tê-lo atrás das grades, pagando por tentar fazer mal a Neville.

— Preso por violência e por infringir a lei, assim como seus pais.

— Eu não poderia estar mais satisfeita. Você foi de grande ajuda, Lumière — agradeceu, servindo-o com *bourbon*.

— Este é o meu trabalho, senhorita. Eles irão pagar. Mas devo avisar que seu rosto estará estampado nos jornais. Deseja entrar com outra queixa? — indagou, solícito.

Não era muito comum uma moça da alta sociedade envolver-se em assuntos judiciais, mas não estava muito preocupada com o que os outros pensariam. Aliás, nunca havia levado a opinião de terceiros em consideração.

Poderia ter medo de meus sentimentos, medo da rejeição de Kober, mas nunca teria medo de lutar pelo certo. E deixar Mourrice impune depois de tudo que ele havia causado a Catherina manchava os meus princípios. Princípios estes que seguia à risca.

Lumière, depois de alguns minutos, desapareceu pelo corredor, deixando-me sozinha na biblioteca.

Entediada, busquei organizar uns documentos fora de ordem dentro das gavetas. O que mais precisava era distrair-me, pensar demais tendia a ser perturbador. Principalmente quando se tratava de Annelise.

— Posso entrar? — Uma das pessoas que menos desejava ver entrava pela porta da biblioteca.

Neville tinha o semblante abatido. Os cachos loiros estavam desalinhados e o vestido verde-escuro amarrotado.

— Você está bem? — inquiri, preocupada, levantando-me do assento.

— Francamente? Não — ela respondeu, sucinta.

— O que houve?

— Você, Tinne. Quando saiu de minha casa daquela maneira, pensei nas bobagens que lhe disse. — As íris azuis de Catherina estavam marejadas.

— Por Deus, não chore. Não sei como agir quando choram — pedi, em completo desespero.

— Espero que possa me perdoar. Não quis me referir a Miranda daquele modo grotesco.

— Bem, eu também lhe devo desculpas. Não foi certo gritar com você. — Balancei a cabeça, sentando-me ao seu lado, no estofado vinho.

— Então, essa é a sua biblioteca? — ela sondou, vasculhando as prateleiras.

— Meu esconderijo — sussurrei baixo, como se estivesse a contar um segredo.

— E do que você se esconde, Tinne? Você parece não temer nada. — Catherina amava provocar-me, e conseguia.

— Eu tenho, e tenho muitos medos. Não sou de ferro, Neville. Todos temos nossas fraquezas. — Pisquei para ela, adorando vê-la corar.

— Claro, que cabeça a minha. — Ela sorriu, pondo as mãos no colo.

— A propósito, Mourrice está preso — revelei sem cerimônias, atenta as expressões faciais dela.

— Entreguei-o — ela anunciou como se fosse a coisa mais trivial do mundo.

— *Qu'as-tu dit?*<sup>[4]</sup> — Arregalei os olhos, não acreditando no que ouvia.

— Você estava certa. Você sempre está. Ele tinha de pagar, mas a minha teimosia não me deixava enxergar com clareza o quanto se importa comigo. — Catherina tinha um sorriso acolhedor em seus lábios, sorriso que jamais havia presenciado antes.

— Eu sempre estarei aqui, Neville. Por você, e para você. — Tomei suas mãos nas minhas, beijando-lhe o rosto.

As pequenas mãos enluvadas de Catherina tremeram pelo contato abrupto em sua face. Levei meus lábios até sua bochecha, buscando transmitir todo o carinho que sentia por ela.

Mas um baque surdo quebrou o momento, fazendo-me olhar para porta assustada. Constatando Annelise com uma expressão surpresa em seu rosto, apertei as mãos de Catherina, sem saber como reagir.

Fragmentos de porcelanas estavam espalhados pelo chão, e Annelise tentava inutilmente apanhá-las.

— *Párdon*, senhoritas. Não sabia que estavam aqui... — Annelise disse, recolhendo os pedaços quebrados com agilidade.

— Acalme-se, Kober. Está tudo bem. — Tentei tranquilizá-la, ainda com as mãos sobre as de Catherina, que olhava de Annelise para mim sem entender nada.

— Eu as deixarei a sós. — Se não a conhecesse, diria que Annelise parecia incomodada com a presença de Catherina.

— Junte-se a nós, Annelise — convidou Catherina inocentemente, fitando-a com brandura nos olhos claros.

— Obrigada, srta. Neville. Mas tenho tarefas para executar. Com sua licença. — Kober recusou o convite educadamente, deixando o cômodo.

— Ela parecia estranha, não acha, Tinne? — Catherina perguntou, com os olhos ainda na porta.

— Não sei. Suponho que não. Kober sempre agiu assim — disse, não tão confiante.

Sem que conseguisse evitar, meus pensamentos voaram a tarde inteira na companhia de Neville. Mesmo que ela estivesse esforçando-se, a expressão de choque no rosto de Annelise não desabitava minha mente.

# CAPÍTULO DEZ

*Valentine*

Catherina havia esquecido do decoro, ficando na casa Vasseur até tarde. Pedi para que Gaspar a acompanhasse de volta, pois não poderia deixá-la ir sozinha.

Havíamos partilhado todo o dia. Por muito pouco não ofereci um quarto a ela. Nathanael havia se retirado mais cedo, e alguns funcionários também.

O sono ainda não havia chegado, então permaneci na biblioteca, e ocasionalmente apanhei um livro que encontrei na estante por acaso. O conteúdo do livro me parecia libidinoso. Jamais em minha vida havia lido algo semelhante.

A capa vermelha era estampada pelo título "Erotic". Encontrei-o no canto da estante, certamente Nathanael o trouxera de Londres. Não contendo a curiosidade, decidi por lê-lo de uma vez.

A linguagem lascívia tomava as folhas amareladas. Nos primeiros capítulos, havia notado que a história se passava num bordel de Paris.

Mariah era uma prostituta, e a mesma satisfazia uma dama casada de nome Eloïse.

A cada parágrafo, minha curiosidade era a florada. A forma como ela enaltecia Eloïse lembrava-me de mim mesma. A fisionomia da dama casada descrita no livro fazia-me recordar de Neville, até mesmo as pintinhas negras em seu pescoço. Meus pensamentos estavam uma bagunça a cada folha que devorava com ganância.

Eloïse detalhava todos os toques e sensações sentidas por ela no escrito. Em nenhum outro momento havia me sentido mais fascinada. Algo dentro de minha cabeça dizia-me que aquilo não era correto, mas o formigamento no meio das minhas pernas não deixava espaço para recato.

A sensação era poderosa demais para que eu pudesse pensar com clareza. A pulsação até então desconhecida por meu corpo tomava-o por inteiro.

— Senhorita?

Guardei o livro assustada, simulando uma calma que sequer tinha no momento.

Annelise vestia apenas uma camisola de seda branca. Meus olhos a mediram de cima a baixo, fixando-se no colo coberto.

Senti a boca salivar, desejando degustar da pele alva de Annelise. Assim como Mariah fizera inúmeras vezes com Eloïse, nos quartos privados do bordel.

As madeixas alaranjadas caíam em sua cintura, fazendo-me imaginar como seria afundar meus dedos em meio aos seus cabelos e tomar a boca voluptuosa para mim.

— Já não deveria estar na cama, Annelise? — indaguei, desviando os olhos de seu torso.

— Ah, sim... Mas não conseguia dormir — ela respondeu, com a voz trêmula.

Estava descalça, e mantinha o robe branco aberto. Ela parecia ciente do quão sôfrega eu estava, uma vez que não havia mais aquele pudor de antes em seu rosto.

Era como se ela finalmente tivesse entendido, e estivesse aproveitando-se disso. Eu só não entendia a troca de quê.

— Irei me retirar. Deveria fazer o mesmo — anunciei, pegando o livro e tentando esconder o título impróprio.

— Percebi que ficou bastante próxima da srta. Neville depois do que aconteceu.

Encarei Annelise, sem entender aonde ela queria chegar.

— Digamos que sim. Ela tem sido uma boa amiga.

— Entendo — Annelise murmurou, intrometendo-se em meu caminho.

Seu robe estava ainda mais escancarado, fazendo-me engolir com dificuldade. Um sorriso zombeteiro tomou sua boca, fazendo-me desejar com ardor pedir sua permissão para beijá-la.

Para tê-la.

— Deixe-me passar, Annelise — proferi com os lábios retesados, fechando os olhos para não fazer nenhuma bobagem impulsiva.

— Falei que aquela conversa ainda não tinha terminado — ela retaliou, petulante.

— Kober, saia — pedi uma vez mais.

A provocação irresponsável de Annelise resultaria em mágoa para mim. E constatar tamanha falta de senso dela despertou minha fúria.

Recuar tornava-se cada vez mais difícil, e num ato de pura irracionalidade, puxei-a para perto, ficando a poucos centímetros dela. Seus olhos arregalaram-se em surpresa.

— Kober... — sussurrei seu nome, incapaz de pronunciá-lo com clareza.

— O que quer, Valentinne Vasseur? O que quer de verdade? — Annelise sussurrou de volta, fitando-me com ansiedade.

— Você.

A respiração morna de Annelise assaltou-me.

— E o que deseja fazer comigo? — Outro sussurro escapou de Annelise, causando-me frio no estômago.

— Tocá-la. — Era como se um nó estivesse preso no meio de minha garganta.

— Então o faça.

Aquelas três palavras viraram o meu mundo de cabeça para baixo.

— Eu... Eu não posso.

— Faça-o, Valentinne. Agora. — O tom quase autoritário deveria fazer-me desejá-la menos, mas o efeito fora contrário.

Toquei com a ponta dos dedos os ombros cheios de sardas sem nunca perder o olhar de Annelise, mesmo que temerosa.

— Sim, Valentinne. Toque-me... — As íris verdes pareciam querer devorar-me, conhecer os meus segredos mais sórdidos.

Deixei que meus instintos me guiassem, baixando o rosto para a pele branca de Annelise. Beijando-a e lambendo-a com uma vontade absurda. Afastei a alça da camisola, buscando ter mais aceso ao colo, onde passei a língua devagar.

Ainda não satisfeita, continuei descendo a mão pela lateral do corpo esguio de Annelise,

parando somente em sua cintura para apertá-la junto a mim. Os mamilos de Kober roçavam em meu vestido, deixando-me à beira de um colapso.

— Valentinne...

Ergui o olhar novamente para encarar as esmeraldas brilhando em expectativa, suspirando quando um gemido baixo deixou a boca carnuda da dona delas.

Ficar sozinha no mesmo ambiente que Annelise tornava-se um jogo perigoso. A qualquer momento alguém poderia nos ver naquela situação um tanto inadequada, e tirar diversas conclusões.

Recobrando a consciência com certa dificuldade, me desvencilhei da teia de Annelise. As labaredas ainda permaneciam em seus olhos, tão quentes quanto minutos atrás.

— Preciso ir. — Passei ao seu lado sorrateiramente, deixando-a no escuro.

Naquela mesma noite, um sonho devasso com Annelise irrompeu deliberadamente em minha cabeça. As luzes de meu quarto estavam baixas, e no meio da pouca luz, ela surgia despida.

Kober se aproximava de mim, devagar, guiando minhas mãos até os contornos de seu corpo.

Havia acordado num sobressalto, respirando com dificuldade. Suor brotava de minha testa, e todo meu corpo parecia estar em chamas. Minhas mãos tremiam e o meu peito batia descompassado. A cada noite, minha mente ficava ainda mais impura.

Kober dava voz ao meu desejo, fazendo-o fluir com livre acesso por meu corpo.

[...]

— Irmã?

Fitei Nathanael, assustada.

— Sim? — indaguei desconcertada, tentando parecer bem.

Não havia dormido nada na noite passada, tudo que havia acontecido ainda estava vívido em meus pensamentos. Os murmúrios desconexos que saíram da boca de Annelise naquele maldito sonho, a face vermelha e suada.

Absolutamente tudo.

Vesti-me de modo desleixado pela manhã, minha aparência assemelhava-se a um cachorro atropelado. Estava horrível, meu vestido amarrotado era a prova viva disso.

Olheiras profundas circundavam meus olhos cansados, e minha expressão com toda a certeza entregou-me.

— Parece cansada, não dormiu ontem à noite? — A luz do lustre da sala de jantar cegava-me.

— Não, tive um pesadelo. Mas não se preocupe, está tudo bem. — Tranquilei-o, torcendo para que ele acreditasse em mais uma de minhas mentiras.

— Você e Catherina parecem bastante íntimas, não é?! — ele proferiu, levando o guardanapo à boca.

Catherina e eu decerto estávamos muito próximas, e isso sem sombra de dúvidas era o que me mantinha numa rotina normal. Nos entendíamos muito bem, graças aos céus. Pelo menos com ela não precisava mentir.

— Ela sabe bem como me cativar — falei, sincera, sentindo o olhar dele sobre mim.

— Nunca pensei que diria isso, mas sinto-me feliz com essa aproximação. — O sorriso de Nathanael aqueceu meu peito.

Difícilmente tinha amigos. O mais próximo de que havia chegado fora Nathanael e papai. Sempre estive ocupada galopando, ou fazendo coisas que definitivamente não deveria fazer. Gaspar perdeu muitos cabelos ao longo dos anos.

— Seu aniversário está próximo. Vinte e três anos. Uma mulher — enquanto Nathanael falava, seus olhos cintilavam de orgulho.

— Não me lembre disso, estou a ficar velha. — Limpando a boca, escondi o sorriso que distendia de minha boca.

— Annelise tem quase a sua idade, não seja exagerada. — No mesmo instante que Nathanael citou o nome de Annelise, meu sorriso murchou.

— Ela ainda tem dezenove, é uma criança — disse, tentando ofuscar o quanto ela me afetava.

Logo após o almoço, decidi visitar Catherina. As visitas à mansão dos Neville tornavam-se habituais. E se ela não me parasse, a situação iria continuar a se alastrar.

Separei um vestido azul de manga curta e soltei meu cabelo. O dia estava bonito, e queria tirar proveito dele. Enquanto pegava o chapéu, notei o vislumbre de cachos alaranjados perto da porta de meu quarto.

— Está linda. — O elogio fora feito de modo natural.

— Obrigada. Mas se me dá licença, preciso sair — proferi, tentando não estender a conversa.

— Irá ver a srta. Neville? — Kober indagou, serenamente.

— Sim. Não que eu lhe deva satisfações. — A confirmação fora ríspida, fazendo-me me arrepender voluntariamente. — Peço perdão.

Assim como eu, Annelise não entendia o que estava acontecendo.

— Com sua licença, senhorita — ela sussurrou, se retirando.

# CAPÍTULO ONZE

Valentine

Luz escorria do sorriso aberto que Neville me direcionava.

Os dentes brancos eram perfeitamente alinhados, semelhantes aos de Timotheè. Seus olhos me transmitiam paz, solenidade. E as sensações que ela me despertava eram de valor inestimável.

As brigas bobas que havíamos tido no passado ficaram nele, pois absolutamente nada era mais o mesmo entre nós.

As pérolas delicadas em torno de seu pescoço atraíam meus olhos para os sinais, como da última vez. O mais surpreendente era que eu tinha passado a amar cada detalhe de Neville. Das mechas claras aos olhos azuis cheios de expressividade.

— Tinne? — As íris claras fitavam-me com divertimento.

— O que dizia? — questionei, sentindo a vergonha me tomar por inteiro.

— O que há com você? Parece distante. — ela disse, alisando o vestido verde-água.

— Não há nada. Você ficou de me mostrar a estufa, vamos?

Contemplar a estrada de pedras diante de nós trouxe-me lembranças desagradáveis. Mirar o percurso à minha frente levou-me de volta à noite em que Mourrice havia tentado abusar de Catherina.

Fitei-a de relance ao meu lado e senti que seus olhos também se lembravam.

Quando nossos olhares se encontraram, Neville desviou o seu abruptamente. O tom escarlate do rosto dela impulsionou-me a manter o contato. No entanto, minha consciência pesou e acabei por repreender a mim mesma, sentindo-me culpada.

— *Par Dieu*, Tinne. Não me olhe assim. — Catherina bradou num sussurro sufocado.

— Assim como? — Fazendo-me de desentendida, voltei a fitá-la.

— Assim, inferno! — Neville sorriu de modo nervoso.

— Ah, Catherina... — murmurei, adentrando pela porta de vidro.

A estufa era enorme, o verde dentro do recinto condizia harmonicamente com as cadeiras de madeira perto de uma roseira. Meus olhos varreram tudo, atentos à cada detalhe do lugar. Tulipas haviam sido plantadas do lado esquerdo e rosas brancas no lado direito.

Catherina tirou as luvas, caminhando até a mesa em busca de uma tesoura. Logo depois, ela refez o caminho até mim com uma das rosas brancas em mãos.

Os dedos delicados afastaram os meus cabelos, pondo a rosa entre eles. Fitando-a zombeteira, peguei em sua mão.

— Ai! — ela deu um gritinho, fazendo com que eu visse o corte em seu indicador.

— Você é uma desastrada, Catherina — acusei-a, levando seu dedo até minha boca.

Chupei o sangue sem sequer me importar com o gosto, como se aquele tipo de ação fosse natural.

O que o não era.

Abrindo os olhos devagar, como se minhas pálpebras pesassem, contemplei a face surpresa e um tanto avermelhada de Catherina.

— Perdoe-me... Eu... — Tentei reformular alguma resposta lógica que explicasse o que tinha acabado de fazer.

— Não pare... — Catherina respirava pela boca, olhando-me fixamente.

— Catherina... — Dando-lhe as costas, tentei me recompor.

— Tinne, olhe para mim — ela pediu, tocando em meu ombro suavemente.

E assim o fiz, presa à voz aveludada dela.

Virei devagar, sondando-a cautelosamente. As sobrancelhas de um louro mais escuro, os cílios longos e espessos haviam sido criados com esmero. O leve tremor de seu corpo fora mais que suficiente para incitar-me a chegar mais perto.

— Acho-a perfeita, Vasseur. Perfeita. — O sussurro envergonhado alcançou-me.

Levando minhas mãos até o seu pescoço, toquei-a delicadamente pelas pequenas pérolas ao redor dele.

O cheiro de Catherina era doce, assim como ela.

Sentia-a entregue ao meu toque, fazendo-me mirar sua boca vermelha entreaberta, mas guiando a minha até a mandíbula lisa dela.

Eu não tinha muita noção do que estava fazendo, mas continuei mesmo assim.

Trilhando um caminho de beijos pela pele branca, desci para o pescoço, sentindo o aroma adocicado. Aquele contato instigava-me, e, em consequência, fazia-a suspirar.

Beijeí sua testa, o canto de sua boca e, por último, fitei os lábios de Neville.

Eu nunca havia beijado ninguém, e sempre havia desejado que fosse Annelise a primeira pessoa.

E fora justamente por isso que não prossegui.

Abandonei a ideia de sentir os lábios macios de Catherina, totalmente desnorteada pelo que tinha acabado de acontecer.

— Eu... Eu... — Catherina parecia tão confusa quanto eu. E consegui também ver a decepção em seus olhos.

— Isso é um erro, Catherina. Um erro. Preciso ir — disse, dando um passo para trás, buscando apoio na cadeira.

— Tinne... — Catherina tentou, mas eu fui mais rápida.

Peguei o chapéu e saí da estufa a passos largos. Estava terminantemente envergonhada.

Neville era uma mulher incrível, e ainda assim, eu não conseguia sentir nem um terço do que sentia por Kober. Não era justo comigo mesma continuar repelindo meus sentimentos, muito menos continuar a abdicar o que realmente queria.

E eu queria Annelise.

Arriscar era tentador, mas magoar alguém no processo, não. E eu não queria dar falsas esperanças a Catherina. Na verdade, não tinha conhecimento sobre suas intenções, talvez a curiosidade a tenha feito agir daquela maneira. Ela gostava de rapazes, mesmo que o último

tenha sido um crápula. Sempre soubera, nos bailes, os olhares de Catherina eram dos cavalheiros, enquanto os meus pertenciam exclusivamente a Kober.

E nada mudaria aquilo, porque a certeza de que meus sentimentos só tinham saído de controle com os anos, agora era perceptível aos meus olhos. Algo havia mudado em Kober, mas o meu orgulho não me deixou enxergar.

No percurso de volta para casa, continuei a pensar em como me declararia para Annelise. Mesmo que ela não me aceitasse, iria tentar.

Não tinha o que perder. Tendo isso em vista, ensaiara todas as palavras que estava decidida a proferir. Sem medo, sem censuras. Iria contar sobre tudo o que havia me assombrado durante todos aqueles anos.

— Conheço esse olhar, senhora. — disse Gaspar, enquanto estacionava o veículo.

— E que olhar seria esse? — indaguei, perdida, olhando para além das janelas.

— Decisivo. — ele falou, convicto.

Quando minhas botas alcançaram o solo pedregoso, caminhei apressadamente para dentro de casa, buscando por qualquer vestígio de Annelise.

Lorena limpava os quadros da sala, sem notar minha presença.

— Lorena, você viu Annelise? — questionei, deixando transparecer a impaciência que sentia.

Havia a procurado por toda propriedade. Ela não estava nos quartos, nem no estábulo, e Mariana disse que não fora na cozinha durante todo o dia.

— Ah, um cavalheiro esteve aqui pela manhã, e ela o acompanhou e ainda não retornou. — O informe fora indiferente a minha decepção explícita.

Um tapa doeria menos. Annelise estava apenas iludindo-me, fazendo-me de tola.

— Obrigada por esclarecer, Lorena.

Subi para o quarto o mais depressa que pude, não choraria na frente de ninguém. Havia sido tola, uma idiota.

Como pude pensar que talvez Annelise quisesse algo comigo?

Fechei a porta do quarto, e as lágrimas desceram involuntariamente. O sentimento de desilusão era mais amargo, ardente. Talvez Lorena estivesse equivocada, talvez Kober não tivesse nada com o tal homem.

A quem está tentando enganar, Valentinne?

Qualquer resquício de esperança que ainda guardava havia evaporado.

Eu não lamentaria mais, aquela não era eu. Dantê estaria decepcionado comigo por portar-me como uma fraca.

Limpando as lágrimas que teimavam em descer pelo meu rosto, tomei um banho.

Alguns minutos mais tarde, Lorena bateu à minha porta, trazendo-me o jantar. Avisara a Gaspar que não estava disposta para descer, e Nathanael ainda não havia regressado para casa. Não havia sentido em jantar sozinha.

Comi em silêncio, com Lorena sentada perto de minha cama. Ela parecia estar

preocupada com algo, o semblante aéreo entregou-a.

— Aconteceu algo, Lorena? — indaguei, levando um pedaço de carne de carneiro à boca.

— Não desejo aborrecê-la com os meus problemas, senhorita. — ela proferiu baixo, desviando o olhar do meu.

— Deixe-me ajudá-la. Conte-me. — insisti, determinada.

Não sossegaria enquanto não houvesse arrancado a verdade dela.

Os olhos de Lorena fixaram-se em algum ponto do quarto, evitando o contato. Era como se fosse mais fácil para ela falar sem que eu a visse por completo.

— Uma criança cresce em meu ventre, senhorita. — confidenciou, cedendo ao desgaste emocional.

Havia sido pega de surpresa. Lorena sempre fora discreta em relação à sua vida. Eu nunca a tinha visto além dos muros da propriedade.

— Não faço a menor ideia do que dizer. Mas acredito que não é nada que você não possa suportar. — eu disse, dando tapinhas em suas costas.

Era péssima em oferecer consolo às pessoas.

— Não poderei trabalhar quando a barriga começar a aparecer. Não tenho para onde ir. — Ela continuava olhando para o ponto no quarto, alheia as minhas mãos em seus ombros.

— Jamais faria isso, Lorena — retruquei, ofendida. — Acha que a deixaria por sua conta sem um teto para morar?

Sentia o sangue que meu coração bombeava para minhas veias as queimarem.

— Daqui a alguns meses serei inútil — ela disse, erguendo-se do colchão.

— Ficaré aqui e criará o seu filho — anunciei, firme, levantando-me também.

— Está falando a verdade? — Tive um vislumbre de lampejos de esperança cintilarem em suas íris.

— Decerto estou. — Trouxe-a para perto, mandando a etiqueta aos infernos.

Lorena permitiu-se chorar copiosamente, enquanto apertava o meu robe branco. Seu corpo tremia a cada soluço, fazendo-me afagar seus cabelos, obstinada a retirar um terço do peso que ela sentia naquele momento.

— Oh, pensei que estivesse sozinha, srta. Vasseur. — Annelise parecia chocada com a cena.

Não a vi chegar, só queria que Lorena se sentisse melhor. Encontrava-me distraída demais para notar a presença de Annelise.

— Estou de saída, com licença. — Culpa e vergonha tomavam o semblante de Lorena, que parecia prestes a padecer de tão pálida.

— Não, não estava — impus, com o tom duro.

— Sim, eu estava, senhorita — Lorena retrucou, desvencilhando-se de meus braços.

Antes mesmo que ela tivesse fechado a porta, despejei toda a raiva que sentia de Annelise sem remorso.

— Você anda tendo muito acesso ao meu quarto, não acha? — questionei, irônica, levando os dedos às têmporas que começavam a latejar sob eles.

— Irá dirigir sua atenção a todas as mulheres dessa cidade, senhorita? Pensei que fosse decente — ela disse, com o maxilar travado.

— Eu não estava dirigindo atenção alguma a ela, Annelise. Ao contrário de você, sou fiel ao que sinto. — A retaliação fora libertadora.

— A única coisa que faz é mentir para si mesma, senhorita. — Annelise parecia incrédula a cada coisa que eu dizia.

— Mentir? Não lhe devo satisfações, Annelise. Deveria ponderar sobre o uso de suas palavras. — Sentia-me ferver de ódio.

Ela ousava acusar-me em minha própria casa.

— Vem lembrando-me o meu lugar com frequência, mas eu sei bem onde pertenço, senhorita. Sempre serei Annelise, sua dama de companhia, e você continuará sendo a minha superior. Isso nunca mudará. — Pela primeira vez, Annelise desejou chorar em minha frente.

Senti-me a pior pessoa do mundo quando as lágrimas vertidas começaram a cair.

— Annelise... — Minha voz soou mais mansa quando inalei a essência de baunilha que exalava dos cabelos dela.

— Não. Preciso lembrar de quem sou e de quem a senhorita é. — Annelise tentou afastar-me, mas segurei suas mãos.

— Peço que me perdoe — pedi, deixando que a vontade que sentia de tê-la dentro de meu abraço vencesse.

Seu corpo encaixou-se harmoniosamente ao meu, sentindo-o aceitar-me. Como deveria lidar?

O linho do vestido dela permitia-me senti-la de modo mais preciso.

— Sinto-me impotente quando presencio choros. Então, por favor, não chore — sussurrei, deixando minha bochecha descansar na dela.

A respiração de Kober aos poucos fora se normalizando, e ela pareceu voltar a si.

— Vou deixá-la descansar, senhorita.

Acompanhei-a até a porta com o coração comprimido. Eu não conseguia odiá-la por muito tempo, e aquilo era uma droga.

# CAPÍTULO DOZE

Valentine

Não era todo dia que se completava vinte e três anos.

Acordei sabendo que assim que descesse, todos estariam aglomerados na sala esperando para me felicitar pelo meu aniversário.

Sentia-me estranha. Envelhecer era um processo contínuo, estávamos fadados a isso. E não só na idade, mas nas ações também. Não era mais a garotinha indefesa de Dantê Vasseur, havia me transformado numa mulher adulta, com sonhos próprios e vontades.

Tinha como prioridade obter êxito em minha existência. Desejava orgulhar-me de quem era agora no presente, mas não.

Sentada em frente à penteadeira, olhei atentamente para a mulher no espelho grande que ostentava cabelos desalinhados e olhos cansados pela falta de sono. Não conseguia enxergar nenhum resquício de felicidade por estar completando mais um ano de vida.

Pelo contrário, estava infeliz. Mamãe havia morrido há anos e a morte de meu pai ainda era recente. Não havia motivos para felicitações.

Feliz aniversário de nove anos, *chica*. Seu cabelo ficará lindo com ele.

Meus olhos cintilaram felizes naquele dia. Miranda parecia-se com uma princesa saída de um conto infantil. Sua beleza era distinta. Os olhos grandes e escuros tinham um brilho único.

Respirei fundo, sentindo o ar se espalhar por meus pulmões. As recordações ainda doíam tanto...

Olhando em volta, percebi que queria mudar a decoração de meu quarto. Nunca havia cogitado aquela ideia até então, mas pareceu-me necessária.

Todos os móveis ainda me lembravam eles, e, de certo modo, aquilo não estava me fazendo bem. Decidi que faria a mudança logo depois de meu aniversário.

Meu banho estava pronto e quentinho, Lorena certamente havia se esforçado para não me acordar durante o sono. Pétalas de rosa estavam sobre a água, e sem mais demora, entrei na banheira.

— Feliz aniversário, Tinne! — Nathanael parecia um bobo.

Como havia previsto, todos estavam a minha espera. Gaspar portava-se ao lado de Nathanael com o mesmo semblante orgulhoso. Eu descia as escadas devagar, sortuda como era, levaria um tombo ao menor sinal de desatenção. Kober, Lorena e Pierre estavam do outro lado da sala.

— Irmão. — Caminhei em direção a Nathanael, inalando sua colônia almiscarada.

— Está linda, irmã.

Estava vestida como todos os dias, mas claro que ele iria encher-me de elogios naquela manhã.

— Quanta gentileza. — Sorri, sendo abraçada por ele.

Cada um dos funcionários da casa me felicitou, entregando-me embrulhos. Agradei a cada um com um sorriso de orelha a orelha.

Annelise aproximou-se um pouco receosa e entregou-me uma caixinha de veludo azul.

— Não sabia o que comprar, espero que goste — disse, sussurrante, entregando-me a caixa.

— Tenho certeza de que irei adorar, *merci*.

O café da manhã estava divino, Mariana possuía mãos de fada. O restante do dia fora uma correria com os preparativos de minha festa. A qual eu nem queria, mas Nathanael, persuasivo como sempre, havia me convencido.

A lista de convidados era extensa, e o nó no estômago fora involuntário.

A manhã estava ensolarada, então decidir ir ao estábulo ver Noite, mas não ficara por muito tempo. Ele era uma graça, a pelagem parecia com a de Hope, mas ele era travesso como Koda.

Horas mais tarde, retornei para o quarto, e Lorena trouxe-me o vestido que já estava pronto há dias no ateliê. Ele tinha um caimento elegante e era um pouco ousado. Pela primeira vez na vida, optei por usar dourado.

O modelo era ombro a ombro, de decote reto. A cintura bastante acentuada dava um charme no traje de gala. Ficaria um pouco difícil para respirar, mas aguentaria por uma noite.

[...]

Lorena domava meus fios rebeldes com certa dificuldade. Seu rosto concentrado era adorável. Pedi para que ela pusesse o pente prata que fora de mamãe em minhas madeixas, ainda que não combinasse com o vestido.

Queria senti-la perto de mim aquela noite.

— Pronto, senhorita. — Ela sorriu orgulhosa pelo trabalho impecável de domar minhas madeixas.

Meu cabelo fora trançado habilmente, sendo então preso num coque elaborado. Alguns cachos caíam por minha nuca, deixando-me com um ar angelical.

— Ajude-me com o espartilho, Lorena. Essa peça foi criada pelo demônio — falei, exasperada.

Prendendo o fôlego enquanto Lorena apertava o espartilho, rezei para que ela terminasse o quanto antes.

Deslizei o vestido por meu corpo, sendo auxiliada por Lorena, que o fechou nas costas. As luvas de cetim chegavam aos meus cotovelos, ocultando boa parte de meus braços.

— A dama mais linda da noite — Lorena murmurou, maravilhada.

— Não exagere, Lorena — pedi, desconcertada.

— Mas é a verdade, srta. Vasseur. Falta somente mais uma coisa. — Lorena vasculhou minha penteadeira, tirando de lá uma caixa de veludo vermelho.

— O que é isso? — indaguei, olhando para ela confusa.

— O sr. Nathanael pediu-me para que lhe entregasse esta noite. Era de sua avó — ela informou, brevemente.

Fui em sua direção e abri a caixa, constatando um par de brincos de diamante e um colar de mesma pedra preciosa.

— *Dieu* — murmurei, encantada.

Coloquei os brincos, e Lorena novamente ajudou-me a pôr o colar.

— Feliz aniversário, senhorita. Vá e brilhe.

Meu coração palpitava em expectativa, e não por todos terem ido me prestigiar, e sim porque Annelise estaria lá.

Na noite passada quando a fiz chorar, jurei que jamais faria algo parecido outra vez. Eu nunca me perdoaria. Por isso, a cada passo que dava mais nervosa eu ficava. No topo da escada já era possível vê-la em meio ao tumulto.

Ela estava linda, e eu não conseguia parar de olhá-la. A decoração dourada era deslumbrante, assim como o meu vestido. Em cada mesa um arranjo de porcelana estava posto esbanjando todo o bom gosto de Nathanael. Ele amava me surpreender. Havia rosas vermelhas em todo o recinto, e elas lembravam mamãe. Segurei as lágrimas, pois não queria chorar.

As pessoas que ali estavam enfim notaram minha presença, e todo o salão me ovacionou alegremente. As joias caríssimas nos pescoços das senhoras reluziam por toda multidão, misturando-se à luminescência do candelabro de cristal.

Levantei a mão para que fizessem silêncio.

— Quero agradecer por suas presenças, senhoras e senhores. Sinto-me imensamente feliz. Sintam-se em casa, a noite é nossa.

Nathanael veio ao meu encontro, não contendo o orgulho que sentia.

— Você parece uma princesa — disse, enquanto me abraçava.

O casaco preto fazia jus à beleza de Nathanael, ele era perfeito.

Lindo por dentro e por fora.

Muitas mulheres o queriam, mas Nathanael parecia esperar por alguém.

— Segunda vez que ouço isso — sussurrei, risonha.

Catherina veio acompanhada de seus pais ao meu encontro, ela estava linda. Não contive os meus olhos curiosos e a medi de cima a baixo. As safiras de seus olhos combinavam com as do pescoço. Como sempre, ele estava exposto.

— Você é a cópia fiel de sua mãe, Valentinne. — Madame Adeline era um retrato mais velho de Catherina.

Seus olhos eram tão azuis quanto os da jovem. Adeline, de certo modo, era uma senhora muito jovem ainda. A beleza certamente corria nas veias dos Neville.

— Gentiliza sua, senhora — agradei, cumprimentando-a.

— Não seja modesta, querida. Você é ainda mais bela que Miranda — madame Adeline souou bastante expansiva, mas eu gostei.

— Nenhuma beleza jamais se igualará a de minha mãe aos meus olhos.

Madame Adeline pareceu um pouco ofendida, mas disfarçou. Afinal, todos tinham ciência de que minha afirmação era verídica.

— Feliz aniversário, Tinne. — Catherina me abraçou, fazendo-me inalar sua essência doce. — Aqui, veja. Espero que lhe agrade.

Senti-a nervosa. E sabia o motivo por trás de seu comportamento. Tínhamos muito o que conversar, mas sabia que aquele não era o melhor momento.

— Ah, obrigada.

Meus olhos procuravam incansavelmente uma mulher perturbadora em meio ao mar de gente.

Fui arrancada de minha caçada por Bridget de La Marche.

A moça de cabelos negros me parabenizava alegre, enquanto eu só desejava fugir.

Bridget possuía uma beleza diferente. Seus avós eram brasileiros, por isso ela era tão estonteante aos olhos.

E sabia disso.

Poucas foram as vezes que conversamos, mas de uma coisa eu sabia, ela era perigosa. E eu estava me saindo uma atirada.

Mesmo que meu coração pertencesse a Kober, eu não via problema em apreciar outras mulheres de longe.

A festa estava só começando.

## CAPÍTULO TREZE

*Annelise*

Valentinne estava muito além de qualquer beleza humana. Seus olhos brilharam quando encontraram os meus, e, em resposta, tentei transpassar o mesmo que vi dentro de suas íris. Fiquei extasiada com a aura de mulher madura que emanava dela.

A verdade era que Valentinne não fazia jus à idade que tinha, nunca havia feito. Sempre fora ingênua, boba demais. No entanto, seu gênio era forte, e estava sendo difícil lidar com ele. Ela me fazia perder o controle facilmente. E eu odiava isso. Perder o controle significava fracasso, e eu não iria fracassar.

Valentinne estava me tratando de forma diferente, a princípio não percebi suas verdadeiras intenções. Mas no dia em que havia caído de Chuva, presenciei sua falta de controle.

Seus olhos estavam nublados de preocupação, a forma como olhou-me fora intensa demais. Ela quase me beijara. Quase.

E fora então que descobri.

Valentinne estava apaixonada por mim.

Eu não sabia desde quando ou como havia acontecido, mas tinha certeza de que não estava alucinando.

Ela era apaixonada por mim.

Seu comportamento denunciou-a em diversos momentos, no entanto, tentei convencer-me de que estava equivocada. Mas não. Eu tinha razão em relação aos seus sentimentos amorosos.

Havia gravado todos os míseros deslizes por precaução, eu tinha de ter certeza. E a resposta caíra aos meus pés na noite em que ela por pouco não cedeu as suas vontades.

Após Nathanael ir ao seu encontro na escadaria do grande salão, perdi-a de vista. Meus olhos a procuraram por todo lugar, mas não a encontraram.

— Lorena, você viu a Valentinne? — Sondei a moça um tanto afobada.

Lorena e eu não éramos tão próximas, mas o suficiente para que ela ao menos me ajudasse.

— Ela está com a srta. Neville — Lorena disse, apontando para o meio do salão.

Catherina abraçava Valentinne com tamanha intimidade, como se ela de alguma forma a pertencesse. Aquilo só havia me deixado mais irritada.

Jamais sentira algo além de despeito por Catherina Neville. Odiava o quanto era fútil e cabeça oca.

Quando Valentinne se pôs a defendê-la como sua protegida, meu despeito só havia tomado proporção. O coração bom de Valentinne seria sua desgraça, e ela não fazia ideia o que o destino havia reservado para ela.

Mesmo sem querer, deixei que a raiva me guiasse. Valentinne conseguia desestabilizar-me com tão pouco que chegava a ser cômico.

Estava me tornando uma idiota.

Mesmo contra minha vontade, continuei procurando-a em meio ao mar de gente. Passeando meus olhos novamente pelo salão, encontrei-a com Bridget. Novamente o sentimento de raiva queimou em meu peito, intrigando-me.

Que diabos estava acontecendo?

Eu não podia dar-me ao luxo de sentir. Não poderia, em hipótese alguma, nutrir sentimentos por Valentinne Vasseur. Seria a minha ruína. As minhas ordens eram claras.

Ela jamais seria algo além de minha superior.

Meus pés levaram-me em direção a ela, incitando-me a tirá-la de perto de Bridget. Ainda me restava um pouco de dignidade.

— Srta. Vasseur, queria lhe felicitar novamente pelo seu aniversário. Me daria licença, srta. De La Marche? — Assisti, com prazer, à mulher morena se contorcer em raiva, e subitamente desaparecer de nossas vistas.

— Está belíssima, Kober. — O sorriso irônico de Valentinne despertou minha ira novamente.

— Quantas vezes tenho de pedir para que não me chame assim? — Minha voz soou irritadiça, fazendo-a erguer uma das sobrancelhas.

— Você não se cansa de ser sempre tão séria? — ela indagou, franzindo o cenho.

Olhando-a ainda mais de perto, me vi ainda mais atônita. Perguntava-me como um ser humano podia ser tão lindo.

Suas íris castanhas estavam sempre confusas. Um misto de curiosidade e receio tomava-me dia após dia por estar tão próxima dela. Valentinne havia se mostrado uma mulher tão desafiadora, induzindo-me a agir como uma tola e a cometer erros.

Vovô sempre me dissera que jamais deveríamos nos ligar a quem quer que fosse. Que confiar cegamente em alguém era uma estupidez irreparável.

Havia seguido à risca tudo o que ele dissera em vida, e eu atenderia o seu último pedido.

Eu vivia em prol de terminar o que ele havia começado.

E não seria Valentinne que iria me tirar de órbita, ou fazer-me mudar de alguma forma.

— Kober? — Valentinne arrancou-me de minhas divagações, pegando em minha mão.

— Oh, perdoe-me. O que dizia? — indaguei, recompondo-me.

— Tinne, está na hora. — Nathanael veio ao nosso encontro, e fora impossível não o olhar.

Ele era um homem muito viril, um cavalheiro. A beleza com certeza era uma herança dos Vasseur. Enquanto Valentinne era a cópia de Miranda mais jovem, Nathanael parecia-se com seu pai.

O paletó preto caía perfeitamente bem em seu corpo másculo. As madeixas um pouco mais longas estavam penteadas para trás, deixando as íris de um azul-cobalto acesas.

Ele era louco pela irmã. Daria sua vida pela dela sem medo de errar e, de certo modo, eu o admirava por isso.

— Já? — Valentinne parecia prestes a fugir.

— Sim, srta. Vasseur. Vamos. Com sua licença, Annelise.

Acenei e sorri, vendo-os caminhar até o centro do salão.

O amontoado de pessoas em volta dos anfitriões da festa deixou-me claustrofóbica, ainda assim, não pude evitar de olhar para ela. O mar negro cintilava feliz enquanto rodopiava pelo salão extenso ao som de alguma balada francesa que eu não conhecia.

Mesmo depois de anos, não havia me adaptado por completo à França. Havia muitas coisas com que eu não era familiarizada, e tampouco tinha vontade de conhecer.

Estava bem do jeito que estava.

Depois da morte de meu pai, mamãe regressara para casa. Mas eu não. Eu não iria até ter honrado com o meu compromisso.

Havia muitas coisas em jogo.

# CAPÍTULO QUATORZE

*Valentine*

A tontura começava a tomar-me. Já não suportava mais rodopiar feito uma mariposa noturna de um lado para o outro. Nathanael havia me arrastado para o salão todo orgulhoso, e era sempre assim quando se tratava dele. Eu jamais consegui negar qualquer pedido que fosse.

— Já estamos dançando há mais de dez minutos, diga-me que já é o suficiente.

Nathanael encarava-me com um meio sorriso.

— Deixe-me fazer o que papai não pôde. Ele há de estar muito feliz de onde quer que esteja agora. Assim como nossa mãe. — As íris sempre alegres estavam um pouco melancólicas.

— Você é um filho perfeito. Ele deve se orgulhar do homem que você se tornou, irmão — sussurrei, acariciando seu ombro com a mão livre.

— E de você. — Nathanael beijou meu rosto antes de pedir para que a orquestra cessasse a música.

Nos afastamos um pouco, mas permanecemos de mãos dadas.

— O salão é de vocês, senhoras e senhores — eu disse alto e bom som para que todos ouvissem.

Pegando uma taça de champanhe da bandeja de um dos garçons da festa, trouxe-a até os lábios num movimento lento. Eu não possuía o hábito de beber, mas sentia a necessidade de bebericar do álcool naquele momento.

Tudo estava se saindo bem, e a prova disso era que todos que felicitavam-me, parabenizavam-me dizendo que os bailes dados pelos Vasseur haviam sempre sido os melhores.

Eu apenas sorria falsamente para eles. A sociedade não me enchia os olhos.

Por mim estaria trancada dentro de meu quarto, mas não daria esse desgosto ao meu irmão. Ele estava se esforçando para que eu não sofresse, e, infelizmente, esquecia-se de si mesmo.

Vê-lo tão desolado deixava-me infeliz.

Havia trocado poucas palavras com Annelise, a situação estava um tanto complexa entre nós. Eu não era sincera com ela, e muito menos comigo mesma. Continuava a falhar em minhas tentativas de dizer toda a verdade, de falar sobre os meus verdadeiros sentimentos.

Mas sempre fora assim. Talvez eu fosse tola demais.

Não sabia por onde começar, que palavras usar. E ainda estava magoada por tudo que havia escutado dela.

“— O quê? A única coisa que faz é mentir, senhora!”

Mentir? Sim, eu era uma mentirosa. Mas os meus sentimentos haviam se provado reais.

Saindo escondida do salão sem que Nathanael me visse, subi pela escadaria. Ele com certeza teria um ataque cardíaco se não me encontrasse em minha própria festa de aniversário.

Minha cota de paciência já havia expirado, eu não aguentava ficar um só segundo dentro daquela zoadinha infernal.

Sorrisos falsos, joias cintilantes e brindes a bobagens fúteis.

Não. Era demais para mim.

Da varanda de meu quarto, senti o ar limpo — sem colônias francesas enjoativas impregnadas como no cômodo abaixo —, espalhar-se por meus pulmões.

Os pontos brilhantes presos ao céu negro pareciam ainda mais genuínos que de costume. Eu olhava com certo fascínio a constelação de Órion. Ela era bem fácil de identificar no meio de tantas estrelas.

Sempre havia lido muito sobre a mitologia e os seus deuses. O hábito de leitura era herança de Dantê.

Na mitologia grega, Órion fora perseguido e ferido mortalmente por um escorpião enviado para matá-lo. Tanto Órion quanto o escorpião tornaram-se constelações.

Buscava conforto no céu, como se esperasse que as estrelas falassem comigo.

— Não devia estar dando atenção aos seus convidados, senhorita?

Fechei os olhos involuntariamente, sentindo a presença de Annelise dominar tudo ao redor.

— Convidados de meu irmão — corrija-a. — Sabe que isso me causa um tédio inevitável, Kober.

Continuei rebatendo ainda de olhos fechados, sentindo a colônia suave que emanava da pele dela.

— Ah, Valentinne, sempre tão exigente. — O riso irônico de Annelise me fez querer silenciá-la com um beijo, para não mais ouvi-lo.

— Francamente, detesto sua zombaria velada. — Virei-me para ela, encarando-a intensamente.

A manga curta de seu vestido vermelho estava caída para o lado, e os cadarços de seu espartilho haviam sido bem apertados, deixando-a mais curvilínea que o habitual.

Linda demais para o seu próprio bem.

— Até quando seguirá com esse jogo de gato e rato, srta. Vasseur? — O sorriso zombador continuava preso aos lábios cheios dela.

— Não me provoque, Annelise. Não me enfrente assim. — A advertência fora clara, e eu lhe ofereci um de meus sorrisos cheios de hostilidade.

— Por quem me toma? Sei que esse seu desprezo é falso — ela disse, continuando a provocar-me.

— Deixe-me sozinha. Só em ouvi-la sinto-me aborrecida — menti, fazendo pouco caso.

— Eu não contaria com isso — Annelise prosseguiu, caminhando em minha direção.

Seu rosto banhado pela pouca luz a fez parecer um anjo caído. Meus dedos formigavam lhe para tocar a face, mas eu não lhe daria o prazer de ver-me entregue como nas outras vezes.

Meu olhar permaneceu sobre ela, até que a boca voluptuosa tomou meu pescoço numa carícia lânguida.

Tudo fora rápido demais para que eu pudesse agir de forma coerente. Eu continuava

imóvel. Jamais havia passado por minha cabeça que Annelise teria a ousadia de tocar-me tão intimamente.

Impulsivamente, deixei que minhas mãos voassem para as madeixas sedosas, segurando delicadamente os fios alaranjados.

Minha pele estava arrepiada. Respirei fundo, decidida a tirá-la de perto de mim, mas Annelise sugou com certa força a pele sensível, fazendo-me quase implorar por mais.

— O que está fazendo? — questionei, sentindo que minhas pálpebras cediam.

— *Vous* não perde por esperar, madame — ela sussurrou, rente ao meu ouvido.

— Sua raposa insolente — acusei-a, respirando com dificuldade, enquanto ela sumia dentro da escuridão de meu quarto. — Volte aqui, Kober.

Mas ela já havia desaparecido dentro do breu.

Meu coração parecia prestes a sair do peito e meu corpo todo tremia pela petulância de Annelise. Eu não podia negar. Algo dentro de mim pulsava descontroladamente.

[...]

Retornei para a festa ainda atordoada pelo último acontecimento. Nathanael fitou-me com ar de irritação do outro lado do salão, fazendo-me marchar para o meio de gente disposta a proteger minha pele.

Sussurrando um pedido de "desculpas" esfarrapadas, assisti a sua expressão carrancuda desmanchar-se em um de seus sorrisos luminosos.

Dancei novamente com um de seus amigos próximos, decidida a encerrar a noite.

Odélio era um rapaz sardento na casa dos vinte e cinco anos. Vinha tentando cortejar-me há algum tempo, mas eu não o incentivava. E mesmo que quisesse, não conseguiria por culpa dela.

— Está belíssima esta noite, srta. Vasseur — Odélio disse, tentando soar como um cavalheiro depois de ter pisado pela terceira vez em meus pés.

— Gentileza sua, *monsieur* — agradei, um tanto entediada.

Quando a festa finalmente terminou, desejei saltitar por todo salão, mas meus pés doloridos não me permitiram tal proeza.

Ansiava por meu colchão.

# CAPÍTULO QUINZE

Valentine

Minhas pálpebras pesadas continuavam fechadas por consequência da extravagância da noite anterior. Todo o meu corpo doía, recusando-se a levantar ao menor sinal de movimento. Havia atribuído o hábito de dormir despida da chemise. Minha temperatura corporal andava descontrolada ultimamente, levando-me a prosseguir com o hábito.

Um rangido na porta fizera-me entrar em alerta. Tentei cobrir o máximo de pele possível, lutando contra as cobertas, mas fora em vão.

— Srta. Vasseur... perdoe-me! — O rubor tomou o rosto de Annelise enquanto ela tentava esconder os olhos com as mãos.

— Você não sabe bater, Annelise?! — questionei, sem saber como reagir, juntando os cacos de minha dignidade.

— *Párdon, párdon!* Não imaginava que estaria desprovida de roupas... — ela disse, tirando uma das mãos dos olhos verdes.

— Não ouse, Kober! — bradei, enrolando-me com os lençóis de modo desajeitado. — Saia imediatamente!

— Perdoe-me por constrangê-la! — Annelise proferiu, fechando a porta tão desengonçada quanto eu.

Respirando fundo, busquei recobrar a compostura. Levantei-me, tateando a cama em busca da chemise fina. Ela havia de estar em algum lugar.

Alcancei alguns grampos no aparador, prendendo meu cabelo com certa dificuldade, para só então caminhar em direção à banheira. A água estava gelada sob meu toque.

— Droga! — Estava congelando.

Havia dormido demais. Entrei na banheira contra minha vontade, sentindo a água fria abraçar-me.

[...]

Kober estava de pé ao lado de minha cadeira, vendo-me fazer a refeição sozinha. Nathanael havia feito uma de suas viagens para Toulouse, deixando-me mais uma vez.

— Sente-se, Annelise — pedi, não suportando a ideia de ficar sozinha na mesa onde outras três pessoas deveriam estar.

— A senhorita sabe que não posso — Annelise enunciou, franca, ainda de pé ao meu lado.

Annelise parecia mais empenhada em deixar sua beleza respirar, e aquilo não havia passado despercebido por mim. Ela já não usava as vestes sérias que costumava, optando por vestidos de tons mais claros, menos rígidos.

— Chega a ser cômico essa sua formalidade com uma mulher que cresceu com você. Céus. — Tentar entendê-la parecia uma missão impossível. — Desisto.

Com isso, levantei-me da cadeira e saí. Estava sem fome.

As janelas estavam abertas, deixando que o sol que surgia tímido atrás das colinas entrasse no cômodo para espantar o frio. Sentei-me no estofado forrado, não conformada.

Sozinha novamente, e logo após o meu aniversário.

— Sabe que ele precisa cumprir com seus deveres, srta. Vasseur. — Annelise olhava-me aparentemente triste por mim.

— Eu sei, eu sei — concordei, sem ânimo.

Não tinha energia para contradizê-la naquele momento.

De repente, a porta abriu-se bruscamente, revelando uma Catherina desgrenhada. Pela primeira vez em toda minha vida, vi os cachos louros livres de pentes ornados por safiras.

— Tinne! — O tom de voz alto já tão familiar ressoou por toda a sala.

— Neville, o que faz aqui? — Não consegui reter o sorriso que surgiu em meus lábios.

— Acha que eu a deixaria sozinha? Nathanael deixou-me encarregada de cuidar de você. — Ela sorriu abertamente, fazendo-me cruzar a sala para abraçá-la.

— É muita gentileza, srta. Neville — disse, somente para provocá-la. — O que faria sem você?

O cheiro doce que emanava das madeixas sedosas da Neville repeliu a solidão que eu sentia.

Depois de cumprimentar Catherina, lembrei-me que um outro alguém dividia o mesmo cômodo. Olhando de relance para Annelise, li em sua expressão que ela não parecia nem um pouco feliz com o pedido de meu irmão.

— Quanto tempo ficará, senhorita? — ela perguntou, diretamente para Catherina.

— Não posso dormir. Mamãe não me permitiu, mas passarei a metade dos dias aqui. — Catherina possuía um timbre diferente, como se sentisse o incômodo de Kober.

— Certamente, senhorita. Devo me retirar agora. Com sua licença — Annelise disse, e então saiu pela porta, em silêncio.

— Sinto que ela não gosta muito de mim — Catherina sussurrou, como se temesse que Kober a ouvisse.

— Ela não gosta muito de ninguém. — Nós duas rimos e fomos para fora da casa.

[...]

Levei-a até o estábulo para conhecer Koda, Chuva, Hope e Noite. Catherina ficara encantada com os animais. O sorriso radiante que eu tanto adorava surgia em seus lábios a cada relincho de Noite.

— Ele é tão lindo — ela murmurou, alisando a crina macia de Koda.

— Sim, assim como a dona dele — graciei, ao mesmo tempo que uma das mãos de Catherina empurrava-me.

— Você é uma convencida, Valentinne.

O ar estava mais leve entre nós, e eu agradecia internamente por isso. Ainda me

lembrava do último episódio envolvendo Catherina. Meu rosto chegava a queimar de tanta vergonha, mas, ao que parecia, tudo estava bem.

Ajudei-a a montar em Koda, subindo logo depois.

— Hope não é tão dócil quanto Koda. E Chuva pertence a Annelise. Tudo bem se for assim? — indaguei, receosa, temendo quebrar a paz recém-instalada entre nós.

— Não há problema, não seja boba. — Catherina virou-se abruptamente, ficando a centímetros de meu rosto.

— Certamente — falei, por fim.

Koda saiu galopando rapidamente sem se importar com o peso de nós duas. Com isso, tive de intensificar meu aperto na cintura de Catherina.

Ela levou as mãos até o cabelo louro, colocando para o lado, dando-me um vislumbre ainda maior de seu pescoço exposto. Eu tinha algum tipo de fetiche por sua pele cheia de sinais, minha boca chegava a secar, não era uma sensação que eu apreciasse.

Apresentei a Catherina o pequeno lago em que havia ido uma outra vez.

Saindo de cima de Koda, auxiliei-a a descer do corcel.

— Obrigada. — As bochechas coradas de Catherina fizeram-me desviar o olhar.

Koda correu para o lago, arrastando-nos junto com ele. Ele saltitava feliz, fazendo a água salpicar em nós.

— Koda! — Tentei correr atrás dele, mas não consegui.

— Deixe-o. — O toque de Catherina em meu braço me fez tornar para ela.

Gotículas minúsculas estavam sobre os cílios longos dela, e a boca naturalmente vermelha prendeu minha atenção de tal forma, que me senti atordoada.

Meu olhar correria involuntariamente pelo corpo curvilíneo, fixando-o no colo. O tecido branco estava transparente devido a água, e fora impossível não olhar através dele.

Quis repreende-me, mas não consegui de modo algum não a fitar com ardor.

Neville veio a passos largos em minha direção, e com a aproximação de nossos rostos fora possível sentir sua respiração rente à minha boca.

Era perceptível toda a confusão dentro de suas íris azuis.

— Eu não sei o que está acontecendo, mas a vontade que tenho de sentir... seus lábios novamente é insuportável, Tinne. — Catherina estava próxima demais, e eu não sabia por quanto tempo iria aguentar.

— Novamente? — Sondei-a, perdida.

— Na estufa, quando senti sua boca em todos os cantos de meu rosto... eu...eu... — Os olhos azuis desviaram dos meus por míseros segundos até encarar-me de novo.

— Catherina... — Eu estava ainda mais incontrolável.

— Mas agora eu quero senti-los em minha boca, por favor.

Minhas mãos foram para o seu rosto num ímpeto de senti-la também. Respirei fundo e fechei os meus olhos, buscando coragem. Aquilo não era certo, mas parecia no momento.

Catherina tomou a iniciativa roçando em meus lábios timidamente. Eu não sabia bem o

que fazer, mas segui os meus instintos. Toquei suavemente os lábios entreabertos com o dedo, e um suspiro baixo escapou da boca pequena de Catherina. Meus dedos voaram para os fios claros parando na nuca, trazendo-a mais para perto.

Tomei a boca cheia, sugando o lábio inferior devagar. E aquilo era tão bom, doce...

Sentia as mãos de Catherina segurarem meus ombros fortemente, fazendo-me arfar entre um beijo e outro.

Nossos lábios moviam-se num ritmo lento cheio de intensidade, e quando Catherina abriu os lábios um pouco mais, senti sua língua explorando o interior de minha boca à procura de abrigo.

Com um pouco de receio, toquei a dela e acabei por descobrir que aquilo era ainda mais excitante.

Nos afastamos um pouco em busca de fôlego.

— Seu beijo... Com quem aprendeu a beijar assim? — Os olhos de Catherina permaneciam fechados.

— Para um primeiro beijo, suponho que me saí bem. — Sorri, beijando-a na boca novamente.

— Você nunca havia beijado antes? — Catherina pareceu sair de um transe, e então abriu os olhos abruptamente.

— Não, nunca — confessei, soando nervosa.

— Então, o seu primeiro beijo foi meu? — Algo novo cintilou nas íris claras de Catherina.

— Creio que sim... — confirmei, um tanto receosa.

— Deixe-me beijá-la de novo para ter certeza.

Dessa vez senti os lábios de Catherina mais exigentes, famintos. Tentei corresponder à altura, mas senti que o ar me faltava enquanto Catherina me devorava.

Na volta, o silêncio predominou, ainda que não um silêncio desconfortável. Estava digerindo tudo que havia acabado de acontecer, e por mais que tivesse gostado de como Catherina havia me beijado, algo dentro de mim não aprovava minha atitude.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

*Valentine*

Culpa começava a me corroer. De certo modo, eu não tinha uma relação acertada com Annelise, mas sentia como se a tivesse traído.

Adentrando o hall da mansão, inspirei profundamente com o coração pesando uma tonelada, procurando-a silenciosamente pelos cômodos.

Por que eu havia cedido? Por que deixei que Catherina me beijasse de forma tão íntima, quando os únicos lábios que desejava tão desesperadamente sentir eram os de Annelise? No momento tudo parecera certo, mas agora...

Era tudo muito errado em minha cabeça.

A lembrança de Kober chorando me veio à memória, fazendo-me sofrer em antecipação.

Será que ela descobriria? Ou se magoaria?

Eu não tinha certeza, mas sentia que sim. De alguma maneira, sentia que Annelise nutria algo por mim, só não sabia o que precisamente.

Às vezes entregava-se, no entanto, seus olhos pareciam odiar-me. A agonia tornava-se a cada segundo mais insuportável, e toda vez que não a encontrava em outro possível cômodo, meu peito se apertava mais.

O corredor onde o quarto de Annelise ficava era iluminado por lâmpadas a óleo, que queimavam as paredes claras.

Mariana passava no momento em que eu ponderava se batia ou não na porta de seu quarto.

— Ela não está, srta. Vasseur. Saiu a pouco, e ainda não voltou.

A mulher baixa fitava-me com interesse. Não era comum o patrão bater à porta de seu criado.

— Você sabe para onde? — indaguei, não querendo soar tão desconfiada, mas falhando na tentativa.

— Não, senhorita. — Mariana tinha uma pilha de roupas em mãos, e parecia estar tendo trabalho para não a derrubar.

— Deixe-me ajudá-la. — Peguei a metade das peças, ignorando os protestos de Mariana. — Quando Annelise retornar, diga a ela que desejo lhe falar.

— Certamente, senhorita.

Havia retornado para os meus aposentos, mas pressentindo que algo ruim estava para acontecer. Lutei para afastar os pensamentos, sentindo a água morna deslizar por minha pele despida.

O cansaço obrigou-me a deitar na cama, e o sono engoliu-me tal como ondas furiosas.

[...]

Meus olhos voaram para o relógio na parede que marcava meia-noite. Lorena havia

deixado uma bandeja de prata com o meu jantar no quarto, todavia, a sopa já estava fria e com um aspecto pastoso.

Afastando as cobertas, tirei o corpo da cama. Esperei ter algum vislumbre de Kober, contando com que Mariana houvesse passado a minha mensagem.

Mas nenhum bilhete jazia no meu aparador.

Onde Kober estaria?

Aventurei-me pelas escadas, tateando o corrimão receando dar algum passo em falso e cair. Tudo estava um breu no hall, uma vez que todos já haviam se recolhido.

Acendi uma das lâmpadas, sentando-me no sofá forrado decidida a esperar pelo retorno da minha dama de companhia.

Horas se passaram e nenhum vislumbre de Annelise assaltou-me. O pior começara a passar por minha cabeça sem que eu conseguisse impedir.

Temia que alguma desgraça tivesse acontecido a ela. Meus olhos não saíam da porta um segundo sequer, e ao menor sinal de barulho, ficavam ainda mais atentos.

Minhas pálpebras fecharam-se por um momento, e quando tornei a abri-las, vi Kober entrar pela porta.

Levantei-me cambaleante, caminhando ao seu encontro. Um cheiro forte de perfume barato e álcool impregnou o ar.

— Onde estava, Annelise? Já são duas da manhã — inquiri baixo, olhando para a figura desalinhada à minha frente.

— Acredito que não lhe interessará, srta. Vasseur. — A fala enrolada de Annelise a denunciou.

Ela estava embriagada.

— Eu estava morrendo de preocupação — proferi, entredentes, buscando não elevar meu tom.

— Não, você não se preocupa com ninguém além de você mesma. E se me der licença... — Annelise mal olhou-me enquanto continuou a seguir o seu caminho sem maiores explicações.

Olhei para trás tentando encontrá-la na escuridão, mas não fora mais possível. Ela já havia desaparecido completamente.

— Droga!

Derrotada, subi as escadas uma outra vez. Adormeci com o eco de suas palavras ácidas.

[...]

Ter presenciado Annelise naquele estado havia mexido demais comigo. A forma rude como suas palavras chegaram aos meus ouvidos ainda estava presente em minha memória. O pior de tudo era sentir que merecia sua rejeição.

Estava de pé há horas, a sala estava terrivelmente escura naquela manhã. Olhava pela janela a tormenta lá fora, engolindo tudo pela frente.

Meu coração continuava pesado, como se fosse composto por chumbo. E eu não sabia

como lidar com a sensação terrível de que havia perdido algo. As lembranças do beijo que Catherina me dera não mais enchiam-me o peito. Não havia espaço para o calor que senti aquecer-me naquele instante.

Eu travava uma batalha interna com os meus sentimentos. Decerto o que havia entre mim e Catherina já não era mais amizade. Amigos não se beijavam molhados embaixo de árvores alheias.

Neville me fazia sentir especial.

A boca faminta só tinha me comprovado o que no fundo eu já sabia.

Mas Annelise não. Ela me fazia duvidar, ansiar por ela. Implorar por um mísero segundo de sua atenção, por mais que se mostrasse diferente a minha pessoa. Ela sabia.

Ela sentia.

A biblioteca era o meu cômodo favorito da mansão Vasseur. Andava muito desleixada ultimamente, e eu não podia tolerar minha falta de interesse em coisas que gostava. As pilhas de livros perfeitamente arrumadas com toda certeza tinham o dedo de Kober.

Sentando-me em cima da mesa, passei a devorar citações de George Sand. Certamente ela havia sido uma das mulheres mais sábias da atualidade. Difícilmente os homens mostravam-se intelectuais a meu ver, na verdade, visavam apenas dinheiro e poder.

Era terrivelmente medíocre.

"A dor mais cruel é a que vela fria e inerte no fundo do coração."

Via-me fascinada pela escrita de Sand. Ter de mudar o próprio nome para que pudesse ser aceita fora algo injusto. Mas, mesmo assim, George fizera com que suas linhas fossem eternizadas.

Ela havia sido uma mulher excepcional.

— *Bonjour*, senhorita. — A expressão dura de Annelise não havia mudado mesmo após a noite passada.

— Temos de conversar — anunciei, branda, guardando o livro na estante.

Annelise parecia irritada, contudo, não se mostrava mais tão abalada. Eu sabia que algo não estava certo, e tinha medo de saber o porquê.

— O que deseja conversar, srta. Vasseur? — Annelise tomou uma cadeira para si, encarando-me de forma estranha de seu assento.

— Você estava bêbada ontem. Chegou muito tarde. Há algo que queira contar-me? Precisa de ajuda? — perguntei, solene, pegando em suas mãos.

Annelise repeliu o meu toque, afastando-se dele como se o mesmo a enojasse. E aquilo doeu como o inferno.

Busquei recompor a compostura e dei continuidade ao meu questionamento.

— Não há nada incomodando-me, senhorita. Fique tranquila, não desejo aborrecê-la. — O tom de voz de Kober estava distante.

Sentia que havíamos regredido novamente. Ela tinha erguido os muros impenetráveis outra vez.

— Tem certeza? — Sondei de novo, insistindo.

— Sim. Só vim avisá-la que a srta. Neville a aguarda na sala.

Abandonando minha cadeira, caminhei até a porta, trancando-a com um "clique".

— O que eu fiz para que me tratasse assim, diga-me! — Já não me importava mais em amenizar minha insatisfação.

— O que está fazendo, srta. Vasseur? Por favor, deixe-me sair. — Annelise sequer olhou-me nos olhos.

— Você vem me matando há anos, Kober, e nunca percebeu! — esbravejei, exausta.

— E você nunca se incomodou em dizer-me. — Sua voz permanecia a mesma.

Calma e imponente.

— Mas eu me importo agora.

Deixei que minhas mãos tomassem o rosto de Annelise, aproximando-o de meus lábios, mas as palavras que se seguiriam tiraram-me o que restava de minha dignidade.

— Não me beije depois de beijá-la! Não me toque com as mãos que a tocou, Valentinne!  
— Annelise empurrou-me bruscamente, escancarando a porta da biblioteca.

Fiquei parada sem saber como reagir.

Ela sabia sobre o beijo.

# CAPÍTULO DEZESSETE

*Annelise*

Movida pelo desejo de descobrir o real motivo de Catherina aparecer na mansão dos Vasseur tão cedo pela manhã, segui minha intuição, ficando à espreita.

Assisti, com certo desgosto, a Valentinne circundar a cintura de Catherina fortemente, enquanto guiava Koda para Deus sabe onde.

Não contendo a curiosidade, alcancei as rédeas de Chuva, seguindo o rastro fresco de Koda pela trilha à frente.

Vovô deveria estar se revirando em seu túmulo ao me ver fazer papel de boba vigiando uma Vasseur. Odiava-me por isso, odiava estar sentindo algo por Valentinne. Mesmo que tivesse tentado de todas as formas odiá-la.

O sentimento de despeito transformava-se em algo maior e desconhecido por mim a cada dia que se passava.

Sentia urgência em vê-la necessitada, vê-la entregue. Era mais forte que eu.

Seguindo Koda a uma distância segura para não ser notada, ouvia o estalar das folhas secas sob os cascos de Chuva.

O que menos precisava era que Valentinne me pegasse em flagrante. A vitória em seus olhos talvez fosse demais, e eu queria mostrar a ela que quem tinha o controle da situação nas mãos era eu, não ela.

Erguendo os olhos com dificuldade devido aos raios que atravessavam as copas, senti como se um balde de água fria tivesse sido despejado sobre mim.

A poucos metros de mim, Valentinne beijava Catherina Neville com paixão. Beijava-a com fervor, debaixo de uma das árvores plantadas ali.

Acompanhei o trajeto de seus dedos em direção a nuca loura dela, sentindo ódio mesclado à traição pesar em meu peito. Eu era definitivamente uma estúpida medíocre.

Montei em Chuva, não conseguindo esquecer a cena de Valentinne envolvendo os cabelos de Catherina em suas mãos ao mesmo tempo em que devorava sua boca. Ela jamais havia se permitido tocar-me de modo tão intenso. A sensação de ter sido traída apossou-se de meus pensamentos, fazendo com que lágrimas de ódio brotassem de meus olhos. Não partilhávamos de nenhum compromisso, e eu sabia que nem poderíamos. Mas por que as lágrimas teimavam em rolar por minhas bochechas?

Retornei para mansão tamanha era minha cólera. Meu estômago dava voltas e mais voltas e tudo em mim gritava em fúria.

Apreciei o quadro pintado a óleo de Valentinne sobre a parede creme com ressentimento. O cabelo escuro caía por seus ombros nus e o olhar puro encarava-me de volta cheio de promessas.

Limpando as lágrimas com as costas das mãos, forcei-me a parar com o teatro melodramático que estava fazendo.

— Annelise? Está tudo bem, menina? — Mariana olhava-me com o cenho franzido,

limpando a madeira polida do assoalho.

— Perfeitamente, Mariana. Mas precisarei sair agora.

Graças aos céus, ela não fez nenhum interrogatório. Eu não estava com paciência, muito menos apta a dar explicações.

Jogando minha capa sobre os ombros, galopei para fora da propriedade dos Vasseur.

[...]

Ceciliè tinha gosto de conhaque.

Para meu bel-prazer, nenhum tecido cobria-lhe a pele bronzeada. A bebida de teor alcoólico queimava em minhas entranhas, fazendo com que mais lágrimas brotassem de meus olhos.

"La Cabaret de Madame Ceci" tinha um quarto apenas reservado para mim. Ninguém se atrevia a ocupá-lo sem o meu consentimento.

A luz vermelha iluminava o cômodo cheio de luxúria, dando-me ainda mais vontade de ficar ali, no conforto dos lábios cheios de Ceci. As mulheres do prostíbulo mais frequentado das redondezas dançavam praticamente despidas em minha frente sem nenhum pudor.

— Quando me levará embora daqui, *amour*? — Os olhos negros de Ceciliè analisavam-me, esperando uma resposta.

— Eu ainda não sei, *mon cher*. — Suspirei fundo, mentindo pela enésima vez.

Enquanto os mamilos duros de Ceciliè roçavam em minhas costas, meus olhos continuavam fechados, lembrando a cena de mais cedo.

— Você não me ama mais? — A voz dramática de Ceci enraivecida-me no momento.

— Claro que a amo, *cher*. Mas isso aqui não importa para você? — indaguei, franca, sentando-me na cama de tecidos caros.

— Isso? — perguntou, olhando em volta o cômodo. — Nada tem valor para mim, Lizze. Você é a única coisa que importa para mim — Ceciliè rebateu, mergulhando sua língua dentro de minha boca num beijo erótico que já não me excitava mais.

Desde que Valentinne havia se despido em minha frente, meus planos tomaram um rumo totalmente contraditório. Pela primeira vez em toda minha curta vida, havia sentido vergonha de olhar para uma mulher nua.

Ela ocupava grande parte de meus pensamentos. E nenhum outro alguém me fizera sentir por um triz como ela havia feito na noite em que quase nos beijamos.

Pro inferno com toda essa fraqueza!

Correspondi ao beijo de Ceci no automático. Depois de meus dezessete anos, ser cortejada por rapazes já não era mais suficiente. Eu queria mais. E Ceci me oferecera.

Numa noite chuvosa, enquanto todos dormiam no silêncio confortável da mansão Vasseur, decidi aventurar-me além do que me fora permitido durante toda a vida.

Certa vez, havia lido um dos romances que mamãe escondia nas gavetas do guarda-roupa, descobrindo que Verena guardava muito de si nas linhas rabiscadas. O protagonista principal de nome Alec fora prometido à Mirian, uma amiga de infância quando seu pai alegou

falência. O único filho dos Mònettys ficou encarregado de reabastecer seus cofres com o casamento arranjado.

Alec amava Mirian, mas não como mulher.

Sendo assim, a frustração dera espaço para coragem. Alec, aos dezoito anos, nunca tivera uma mulher em seus braços.

Nunca.

Ele queria conhecer mais antes de casar-se com Mirian, e terminou por explorar um prostíbulo próximo, apaixonando-se pela dona dele.

Não havia me dado conta até então que a estória me incitou a desejar o mesmo. De início, julguei-me uma perdida por partilhar das mesmas necessidades de Alec, mas depois do primeiro toque de Ceci, eu já não mais me importava.

Ela me ajudara a abrandar o fogo que queimava dentro de mim todas as noites.

No entanto, jamais senti nada além de desejo e gratidão por Ceciliè. Mas ela não fora sensata o suficiente.

A mulher viu-se apaixonada por mim, e eu não soube como retribuir à sua paixão. Conforme os últimos dois anos, passei a nutrir algo mais que desejo pela mesma, decidindo levá-la comigo para Alemanha depois de cumprir a minha promessa.

A vida de Ceciliè era miserável, e eu não a queria mais nela.

— Preciso ir, está ficando tarde — despedi-me subitamente, selando a boca de Ceciliè num beijo rápido.

— Não, *Cher*. Eu ainda preciso de você... — Entendendo ao que ela se referia, deitei-me sobre o seu corpo e a beijei de forma mais intensa. — Eu tenho que ir, Ceci. — O sussurro rente ao ouvido dela fora como uma música baixa na escuridão.

[...]

A sala estava escura, e a bebida começava a me pregar peças quando a vi sentada no pequeno sofá. O olhar aflito quase enganou-me. Quase.

Valentinne caminhou em minha direção, olhando-me com os olhos castanhos desconfiados. Eu não consegui manter a postura diante de seu questionamento, fazendo com que palavras cruéis respingassem de minha boca.

Rolei na cama durante o resto da madrugada. Eu não estava bem, na verdade, não era muito diferente dela. Eu havia feito a mesma coisa, só que pior... Muito pior.

O que era um beijo inocente comparado a sexo lascivo num bordel?

Minha cabeça doía, a culpa me corroendo por dentro.

[...]

Acordei com uma corrente de chuva forte, obrigando-me a deixar os lençóis quentes que me cobriam.

Meu reflexo no espelho estava miserável. Repassei a noite anterior em minha cabeça,

ponderando sobre como agiria. Valentinne dispunha da proeza de fazer-me de tola.

Eu teria de agir normalmente, mas a situação era bem mais complexa do que eu havia imaginado. Meus deveres daquela manhã começariam pela biblioteca, só não contava com a presença dela lá.

Valentinne encurralou-me entre a porta quando fiz menção de deixar o cômodo que cheirava a poeira de livros velhos.

Eu nunca tinha visto seu rosto tão determinado. A voz rouca e grave com que falava deixou-me quente sem muito esforço.

Tentava a todo custo não ceder, não a olhar... mas era insuportável tê-la tão perto de mim e não poder beijá-la.

Mais uma vez, Valentinne mostrava-se sedenta. Suas mãos vieram para meu rosto, mas num impulso nem um pouco característico, atirei tudo o que sabia em sua cara, sem medir minhas palavras. Senti ódio quando ela se atreveu a tocar-me com as mãos que havia tocado Neville.

Saí às pressas da biblioteca, buscando controlar minha respiração ruidosa.

## CAPÍTULO DEZOITO

*Valentinne*

Catherina aguardava minha presença, inquieta na sala de espera com as íris cintilantes. Eu não partilhava de sua felicidade, tudo o que sentia era remorso e culpa. Caminhei lentamente até estar próxima a ela para lhe falar com solenidade.

— Dois dias seguidos, Neville? Sempre tive ciência de sua admiração por mim. — Forcei um sorriso, tentando mascarar a agonia que sentia no peito.

De repente, todo o brilho que enchia os olhos de Catherina se desvaneceu. Seus olhos tornaram-se melancólicos, fazendo meu coração bombear mais forte. Jamais deveria ter permitido que aquele beijo acontecesse.

— Está arrependida, não é?! — A voz embargada de Catherina me fez odiar a sensação de impotência que me engoliu.

— Não devíamos ter nos beijado. — Suspirei, proferindo o óbvio com pesar.

— Você só me afasta, Valentinne. Diga-me o que preciso fazer para que me aceite. — Catherina levou as mãos enluvadas até a boca, tentando conter as palavras que saíram fáceis demais.

— Eu não posso, Catherina. Não posso. — confessei, erguendo meu corpo pesado do sofá.

Afastei-me de Catherina, caminhando para perto da janela. Eu não suportava mais a posição em que havia nos colocado.

— Só me responda uma única pergunta. — Senti Catherina próxima a mim enquanto virava-me para encará-la. — Há uma outra pessoa?

Cautelosa, deixei que as palavras viessem.

— Sim, há alguém.

Dizer a verdade a ela parecia o mais sensato a fazer.

Catherina olhou no fundo de meus olhos, fazendo-me sentir despida. Seu olhar penetrante havia enxergado através de minha alma perturbada.

— Há alguma esperança? — ela indagou, perdida nos próprios pensamentos.

Quando não respondi, ela voltou a falar.

— Então, não desistirei de você, Tinne. Farei com que me olhe — ela disse, com confiança, selando os lábios nos meus num beijo rápido.

Catherina afastou-se sem dizer mais nada.

Soltei a respiração que nem lembrava que prendia.

— Maldição! — praguejei, confusa, no meio do mar de indecisão.

[...]

O "La Blanc" era bastante frequentado pela elite francesa, principalmente pelas senhoras que procuravam se entreter com conversas tendenciosas, enquanto seus maridos visitavam bordéis em Toulouse a fim de satisfazer suas vontades.

Madame Adeline, juntamente de Catherina, arrastaram-me para que as acompanhasse até o teatro. Meus ânimos não eram dos melhores, mas resisti contra a vontade de gritar. Afinal, eu só poderia esperar que as coisas se acalmassem.

Gaspar deixou-me no hall de entrada para que esperasse por Catherina e Adeline.

O burburinho era audível de todo hall. Madame Adeline certamente educara a filha para ser uma mulher refinada, assim como ela mesma.

A beleza de Catherina era sem dúvida uma das mais admiradas na cidade. A postura altiva e impecável, como sempre, era um charme próprio dos Neville. Ela estava incrivelmente bela num vestido de musselina lilás.

— Sinto tê-la feito esperar tanto tempo, *cher*. — O perfume doce que eu já conhecia acertou-me em cheio.

— Não faz muito tempo que estou aqui, Neville. Fique tranquila. Então, damas, vamos? — graciejei, caminhando ao lado de Catherina.

Um tapete vermelho cobria o corredor extenso e muito bem iluminado pelos castiçais de prata, deixando o toque luxuoso exalar das paredes antigas do teatro.

Bridget e a família estavam na primeira fila, assim como os Hussquen. Mais à frente, os Roux e o duque de Fontaine conversavam amistosamente.

Apenas a nata da elite francesa frequentava o La Blanc. Ainda restavam alguns nobres no país, mesmo que a monarquia não mais existisse. O Duque e a Duquesa de Fontaine haviam sido agraciados pelo título honorário depois da morte do velho Atrois.

O título era apenas isso. Um título. No entanto, a influência e poder que eles possuíam os tornavam diferentes dos burgueses como os Neville.

O espetáculo da noite era mais uma das inúmeras apresentações da companhia de balé Royal Turksy. O primeiro ato estava prestes a começar, com isso, acomodei-me em minha cadeira, fingindo prestar atenção em alguma coisa.

— Bridget não para de olhar em nossa direção — Catherina sussurrou ao meu lado.

— A moça é um doce. Foi muito gentil comigo em meu aniversário — sussurrei de volta, ainda olhando para o palco.

— Eu sei muito bem o que ela quer... — Mesmo com "atenção" voltada para o número, consegui compreender ao que Catherina se referia.

— Pelos céus, Catherina! A senhorita de La Marche definitivamente não está nem um pouco interessada em mim. — Incrédula com tal suposição, deixei que meus ombros pendessem.

— Você é ingênua demais, Tinne. — Catherina parecia fiel as suas constatações.

Não quis contradizê-la. Não tinha cabeça para mais um embate no dia. Apenas deixei que Catherina se iludisse com sua suposição sem fundamento.

[...]

Assim que o espetáculo chegou ao seu fim, todos ovacionaram os artistas, deixando seus respectivos lugares nas fileiras do teatro. Mesmo que eu não quisesse admitir, havia sido uma noite agradável e bastante proveitosa. A companhia de madame Adeline e de Catherina decerto me fizera bem, isso eu não podia negar.

— Bem, então isso é um até logo. — Catherina beijou-me no rosto, cheia de segundas intenções.

Intenções essas que sua mãe jamais imaginaria.

— *Oui*, vocês foram muito gentis de me convidarem — agradei, olhando diretamente para madame Adeline que parecia alheia a tudo.

— Venha almoçar conosco amanhã — convidou ela, com uma expressão amável.

— Não sei se é uma boa ideia... — Quando quase declinei o convite, Madame Adeline interrompeu minha recusa.

— Bobagem, criança! Se não aceitar, ficarei ofendida. — Certamente Catherina havia herdado da mãe o poder de persuasão.

— Não se sinta assim, madame. Meu último desejo é ofendê-la — continuei, em tom ameno.

— Está decidido! Amanhã Francesca cozinhará para nós!

Eu não iria mais refutar o assunto, dando assim ele por encerrado.

[...]

As luzes do quarto de Kober ainda estavam acesas quando retornei. Eu deveria ir direto para os meus aposentos, mas os meus pés nunca obedeciam aos meus comandos, levando-me para a boca do lobo.

Bati à porta temerosa de sua reação, esperando que me expulsasse de seu quarto na primeira oportunidade. No entanto, fora surpreendida por uma Annelise descabelada, vestida por uma simples camisola.

Sua expressão era tão apática quanto pela manhã. Mesmo assim, tomei coragem e a

confrontei. A decoração severa não me impressionara, afinal, essa era uma das características de Annelise.

— Sobre o que aconteceu pela manhã, saiba que minha intenção jamais foi humilhá-la — proferi, calma, esperando que ela reagisse.

Annelise olhava-me com uma expressão enigmática.

— Talvez eu tenha sido muito dura com a senhorita. — Não vi nenhuma centelha de emoção nos olhos de Annelise enquanto falava.

— Não, você não foi. Como você me disse uma vez, eu só sei mentir. Minto para você e minto para mim há muito tempo — confessei, sentindo um alívio me dominar por não fraquejar uma única vez.

Fechei a curta distância entre nós, levando minha mão direita até a mandíbula delicada de Annelise. Senti com satisfação seu corpo tremer sob minha palma. Annelise tinha os braços cruzados sobre o peito, como se estivesse pronta para se defender de qualquer possível ataque.

— Eu não sei o que sinto por Catherina. E não devia tê-la beijado. Mas eu sei o que sinto por você, Annelise. E é palpável, tenha certeza disso. — Ainda não podia dizer toda verdade. Não sem antes fazê-la sentir nem que fosse só um pouco do que me matava.

Colando minha testa a dela, senti-a pouco a pouco baixar sua guarda. O cheiro de baunilha que emanava da pele cheia de sardas me fez inspirar profundamente.

— Seja sincera ao menos uma vez, Tinne — Annelise pediu, de forma mansa.

— Você saberá, *cher*. Eu juro que farei valer a pena cada segundo se você prometer me dar uma chance. É só o que peço — supliquei, dando-lhe um beijo demorado na testa.

— Então, me prove. Me prove que o que sente é real. Só assim poderei dar-lhe uma chance, Valentinne.

Meu peito parecia prestes a explodir.

— Provarei, *bien*. Prometo — assegurei, deixando-a sozinha no quarto.

## CAPÍTULO DEZENOVE

*Valentinne*

O inverno estava chegando ao fim, para o meu contentamento. Já não mais suportava as rajadas constantes de frio. Ondas de calor atravessavam a persiana, aquecendo os lençóis de linho branco.

Meu quarto estava sendo redecorado, ocupando-me depois das aulas de piano com a srta. Ella. Mudara a cama, o aparador e a penteadeira. Tudo havia sido escolhido a dedo por mamãe. E, depois de tanto tempo, arrisquei-me a mudar eu mesma.

Não era preciso que ele permanecesse melancólico, mamãe diria que estávamos sendo tolos nos prendendo a algo tão corriqueiro quanto decoração.

As telas que havia pintado tinham agora um espaço reservado nas paredes brancas.

— Você fez um ótimo trabalho, srta. Vasseur. — Annelise acompanhava de perto a mudança do cômodo, dando vez ou outra um palpite aqui e ali.

A massa ruiva fora presa severamente em tranças embutidas, mas alguns fios caíam teimosamente pelo rosto sempre entediado dela. O vestido solto que Kober usava tinha um corte que valorizava sua silhueta, e o tom de um azul-claro quebrava a seriedade habitual da minha dama de companhia.

— Não me chame assim, Annelise. Você é tão séria. — Acusei, exasperada.

Há duas semanas pensei que finalmente iríamos avançar. E avançamos, de fato, mas claro que não da maneira que eu havia imaginado. Annelise ainda se mantinha distante, mesmo que de um jeito menos indiferente.

Era incrível sua capacidade de iludir-me. Chegava a ser cômico.

— É o costume, Valentinne — ela rebateu, com deboche, testando meu nome na própria língua.

— Naquela noite você me chamou de Tinne — provoqueei-a, vendo as bochechas dela corarem no mesmo instante. — Você fica linda quando está com vergonha.

— Você é tão inconveniente! — Os punhos cerrados de Annelise fizeram-me ficar a uma distância considerável.

— Perdoe-me, *bien*. Não resisto — sussurrei, baixo o suficiente para que ela ouvisse, pegando-a pela cintura.

— Alguém pode nos ver... — As pálpebras de Annelise já estavam fechadas e a boca entreaberta.

Eu estava quase lá...

— Srta. Vasseur?

Mas alguém bateu à porta.

Só podia ser algum tipo de karma. Eu ainda não havia beijado Annelise, pois sempre acontecia algo para impedir-me de proceder.

Ela saltou de meus braços, e a minha frustração ficara evidente.

— Pode entrar — ordenei, tentando conter a irritação que irradiava de mim.

— A srta. Ella a espera na sala de música, senhorita — Lorena avisou. A barriga começava a ficar protuberante, ela deveria estar no terceiro mês de gestação.

Ficando na altura da barriga dela, acariciei a pele escondida pelo uniforme da casa.

— Ansiosa para conhecê-lo, anjinho — falei, baixinho, ainda acariciando a barriga de Lorena.

— Senhorita! — Lorena tentou me repreender, mas fingi não a ouvir.

Srta. Ella detinha muita paciência. Ela vinha me dando aulas de piano há um mês, aproximadamente.

Kober tivera a brilhante ideia de contratá-la para me ocupar, mesmo eu dizendo que não era necessário. Mas como negaria qualquer pedido dela? Não poderia.

O preto azulado dos cabelos presos de Ella oscilavam à luz ambiente. A dama era

belíssima.

— Onde paramos? — Ella sentou-se no assento juntamente comigo, depositando sua partitura à nossa frente.

[...]

Nathanael estava radiante quando voltou de Toulouse. O sorriso que eu tanto adorava trazia o verão junto consigo.

— E mais uma vez, vejo-me numa situação em que terei de perdoá-lo. — Enlaçando o pescoço dele, inspirei a colônia masculina impregnada no paletó cinza.

— O que eu posso fazer para me redimir? — ele indagou, com um sorriso de canto, deixando que uma das covinhas nas bochechas aparecessem.

— Deixe-me pensar...

— Irei dormir enquanto você pensa. A viagem foi cansativa. — Por trás do sorriso jovial, a exaustão de Nathanael era evidente.

— Certamente, querido. — Assisti ao meu irmão desaparecer escada acima.

O tédio me fizera enxergar o quão inútil eu era. Os negócios foram postos sobre os ombros de Nathanael, e eu não havia feito nada para ajudá-lo durante muito tempo.

De início, o luto havia me deixado abatida e melancólica. Mas agora sentia-me melhor, e estava decidida a ajudar Nathanael com os negócios. Afinal, eu também era uma Vasseur.

[...]

A noite já caía quando Nathanael descera para jantar. O cheiro de loção para barbear inundou o cômodo iluminado pelos castiçais.

— Nathanael. — Após cumprimentá-lo, levei a taça com vinho aos lábios.

— Decidiu? — Ele sondou, ocupando seu lugar à mesa. — Então, qual é a da vez?

O azul de seus olhos brilhava em expectativa.

— Desejo que deixe-me ajudá-lo com os negócios.

Nathanael quase se engasgou com o pedaço de bife que havia levado à boca.

— Não é possível, me peça uma outra coisa. — Ele se recompôs, limpando o canto da boca com o guardanapo.

Fitei-o incrédula diante de sua recusa.

— Digamos que eu vá aceitar o seu não, agora esclareça por que "não". — Estava irritada demais para sequer reparar no quão sério ele parecia naquele momento.

— Tinne, não tem nada a ver com o fato de você ser mulher. — Ele prontamente enfatizou. — Só a quero recebendo todo o conforto possível, apenas. Não se preocupe, estou dando conta.

— Ah, então eu fico no conforto enquanto trabalha? Isso não é justo, Nathanael — acusei, contrariada.

— Não falemos mais disso. Pelo menos, não agora. — Nathanael soou ainda mais calmo que o habitual.

— Pro inferno com "não falemos mais disso"! Eu não vou ficar vegetando dentro desta casa enorme como se fosse incapaz de trabalhar. Quero dedicar-me a algo útil, não sou nenhuma incompetente para ficar aqui dentro sem fazer nada. — Ao final de tudo, eu já estava quase rouca.

Meu irmão tinha como propósito proteger-me como se eu ainda fosse uma criança.

— Como desejar, Tinne. Mas saiba... — Eu o fiz cessar suas palavras. Não toleraria um outro sermão.

— Só me dê a oportunidade de provar que conseguirei — disse, aproximando-me dele.

— Claro que você consegue. Afinal, você é uma Vasseur! — Nathanael já sorria novamente.

[...]

Acertar o alvo era o meu objetivo, porém, com a escassa luz não fora tão fácil como eu havia imaginado. Depois que todos se retiraram, saí na calada da noite decidida a extravasar toda inquietude.

A noite não estava fria, e eu agradecia internamente aos céus por essa graça.

— Fugir é o seu mais novo hobby, pequena Tinne? — Annelise surgia nos momentos menos convenientes.

— Eu sou quatro anos mais velha que você, Kober. E mais alta também. Agora seja uma boa menina e volte para a cama — zombei, sentindo-a emanar ódio puro.

Annelise aproximou-se, enterrando o rosto em minhas costas. Suas mãos percorreram afoitas todo o meu ventre.

— Sabe, eu decidi esperar até que estivesse pronta, mas está se tornando uma tortura insuportável. — Virando-me de frente para Kober, alcancei os fios rebeldes soltos, cascadeando pelas costas dela.

— Você merece, sabe disso — ela rebateu, com um meio sorriso.

— Ah, claro. — Dizimando a curta distância entre nós, sussurrei. — Então, não posso beijá-la?

Já sabia a resposta, mas indaguei mesmo assim.

— Isso mesmo.

— Pois bem, senhorita...

Derrubei Annelise sobre o gramado, vendo as íris tempestuosas se arregalarem. Levei a boca até a veia pulsante de seu pescoço esguio e depusitei um beijo casto na pele exposta, ouvindo murmúrios inaudíveis deixarem-na.

Se Annelise estava disposta a fazer-me esperar por tempo indeterminado, por que não a fazer mudar logo de ideia?

O jogo era meu.

— Você é muito vingativa, srta. Vasseur — Annelise acusou, entre um gemido e outro.

— Você não sabe o quanto. Vamos voltar. — Beije o canto da boca dela, recebendo um olhar enviesado.

Seria uma longa e tortuosa espera.

# CAPÍTULO VINTE

*Valentinne*

Havia cedido ao cansaço e apagado no escritório. As pilhas de documentos empilhadas na mesa não estavam em ordem, e eu estava determinada a organizá-las como era para ser.

Nós, os Vasseur, exportamos vinho para outros países e emprestamos dinheiro. Os Debosher haviam pedido nossa ajuda há muitos anos, no entanto, com o não pagamento da dívida, foram presos por burlar a lei.

Tudo o que fazíamos estava dentro dos trâmites legais, papai sempre trabalhou de forma honesta. Vovô fora tão íntegro quanto Dantê. Construíra seu império com mãos de ferro.

Um documento em meio a pilhas havia me chamado a atenção. Assim que me acostumei com a claridade do cômodo, passei os olhos pelas linhas atentamente.

"La Cabaret de Madame Cecì".

Um prostíbulo. Ele não tinha feito isso.

Abandonei o escritório à procura de uma explicação. Então, era por isso que Nathanael demorava tanto para voltar para casa? Vivia em um bordel? Tinha algum tipo de relacionamento com essa tal de Madame Cecì?

Muitas eram as perguntas que faria.

Annelise estava pondo a mesa quando a encontrei. Tentei suavizar a carranca, mas fora impossível.

— Está tudo bem, senhora? — ela perguntou, soando preocupada.

— Onde está Nathanael? — indaguei, não dando importância para sua pergunta.

— Na biblioteca, senhorita.

Fui em disparada para biblioteca, tendo Kober em meu encalço. Encontrara Nathanael sentado a sua mesa, despreocupado.

— Então é por isso que demora tanto? Um cabaré, Nathanael? — Joguei os documentos em cima da mesa, fazendo-o se sobressaltar.

— Tinne! O cabaré de Madame Cecì é por aqui nas redondezas! Eu estava em Toulouse — ele explicou, como se fosse óbvio.

— Quem é essa mulher? — Sondando-o, senti o olhar de Annelise recair sobre mim.

— Há alguns anos, ela veio me procurar. A casa estava passando por... bem... dificuldades. — Ele tossiu para clarear a voz. — Até onde sei o negócio dela é legal. — Nathanael sentou-se novamente em sua cadeira, olhando-me com desconfiança. — Então, qual é o problema, Tinne? Ela está pagando o empréstimo.

Qual era o problema? Nem eu sabia.

— Da próxima vez, eu mesma irei cobrar. Quero ver com os meus próprios olhos.

— Senhora, creio que o sr. Nathanael não mentiria...

Olhei de relance para Kober, que parecia estar mais pálida que o normal.

— Não se trata disso. Quero ir — eu disse, encerrando o assunto.

[...]

Passei o restante da tarde em meu quarto, havia decidido retomar a leitura do livro *Erotic*. Eu não podia negar que a conversa sobre um prostíbulo pela manhã havia atiçado ainda mais a minha curiosidade.

Como seria sentir? Fazer?

Talvez eu não pudesse saber sem nunca ter feito, mas a leitura certamente me daria alguma luz. A cena descrita era ainda mais profunda. Louise havia aberto as pernas nuas de Eloísa, pondo a boca lá...

Fechei o livro abruptamente, sentindo meu rosto em brasas, mas minha curiosidade fora maior que qualquer constrangimento.

Eloísa, por sua vez, pedia loucamente que ela continuasse o que estava fazendo, para que assim gozasse em sua boca. Eu não poderia estar mais chocada. Gozar era uma palavra tão escandalosa.

Tão excitante.

Havia perdido a sanidade. Meu ventre doía, sentia-me desmanchar.

Num ato impensado, abri as pernas lentamente com muita vergonha, sentada sobre o colchão, levantando minha camisola até a altura da cintura.

Toquei-me lá, assim como Eloísa no livro. A princípio não senti nada, talvez eu não soubesse como...

Uma sensação de liberdade preencheu-me naquele instante. Eu estava sentindo, e era muito prazeroso.

Toquei-me com mais força, fazendo com que gemidos baixos deixassem minha boca, até que caí de costas no colchão, respirando com dificuldade.

[...]

Já era noite quando despertei de meu sono. Não tinha a mínima vontade de descer, permanecendo no conforto de meus lençóis. Ainda sentia algo queimar dentro de mim, algo que eu não podia controlar.

Meu rosto novamente esquentou com as lembranças da tarde. Havia me tocado, e aos olhos dos religiosos era um pecado imperdoável, e mesmo que eu não fosse nem um pouco religiosa, sentia-me inquieta.

A voz suave de Annelise soou do outro lado da porta, pedindo permissão para entrar no quarto.

— Sim, Kober — permiti, ainda deitada fitando o teto.

— Seu jantar. Suponho que esteja com fome. — Annelise trazia consigo uma bandeja que alimentaria um exército inteiro.

— Não estou com tanta fome. Deixe aí. — As palavras soaram um tanto ríspidas.

— Me parece inquieta, srta. Vasseur.

Sim, eu estava.

— Bobagem. Venha aqui — pedi, dando tapinhas no colchão.

As esmeraldas ofuscadas pareciam prestes a saltar das órbitas devido a minha ousadia. Mesmo assim, continuei esperando. Queria-a junto a mim.

— Deitar em sua cama? Isso é indecoroso, senhorita! — Annelise sufocou um grito incrédulo.

— Só se deite. Não farei nada que não queira.

Relutante, Annelise deitou-se ao meu lado.

Aproximando-me, deitei-me sobre o seu colo, sentindo-a nervosa com minha proximidade repentina. Deixei que minhas mãos caíssem para sua cintura, prendendo-a ali. Annelise levou os dedos delicados até o meu cabelo, acariciando-os.

No entanto, as batidas do coração de Kober ficaram rápidas, fazendo-me encará-la com desconfiança.

— Você é linda, Valentinne. — A voz baixa de Annelise parecia música aos meus ouvidos.

— Sabe que aos meus olhos é a mulher mais linda do mundo, depois de Miranda. — confessei baixo, como se fosse algum segredo.

— Mas que droga... — Kober praguejou baixo, subindo em cima de mim como um felino, pondo uma perna de cada lado de meu corpo.

— Você não me permite sequer um beijo, mas não vê problema em estar sobre mim, Annelise? — Ergui as sobrancelhas, divertindo-me muitíssimo com o desenrolar da situação.

Mas Kober começou a deslizar sobre mim, fazendo-me ficar alerta. A sensação de mais cedo voltou, e dessa vez mais precisa. Os olhos de Kober não deixaram os meus um só segundo, enquanto minhas mãos inexperientes faziam pressão em sua cintura.

Kober passou a reprimir gemidos baixos, induzindo-me a praguejar. Seus olhos rolavam sem controle, deixando-me quente por dentro.

Abruptamente, Kober saltou de cima de mim, fazendo com que eu ficasse totalmente atordoada com a súbita mudança.

— Preciso ir — ela falou, ofegante, tentando alcançar a maçaneta da porta do quarto.

— Annelise! — Saí da cama cambaleante, correndo atrás dela.

Sendo muito mais rápida que ela, fiquei entre seu corpo e a porta. Annelise estava nervosa, não me olhava nos olhos, e isso me tirou de órbita.

— Por que você sempre faz isso? — exigi, confusa, num fiasco de voz.

— Eu... eu...

— Diga, Annelise... — pedi, mais mansa, pondo minha mão em seu rosto numa tentativa de fazê-la falar.

— Se eu começar, eu não conseguirei parar. Por isso, acho melhor irmos devagar...

Toquei seu queixo, forçando-a a encarar-me.

A luz fraca do cômodo não apagava o brilho que cintilava dentro dos olhos de Annelise.

Novamente, senti a urgência acertar-me no âmago.

— Por favor... Deixe-me beijá-la, ou juro que irei enlouquecer — supliquei, sem sentir vergonha por minha necessidade.

Um misto de dor e agonia atravessou o rosto belo de Annelise.

— Não suporto mais isso, Valentinne. Não consigo mais lutar contra o que sinto. Faça de uma vez por todas, faça!

Não pude conter o sorriso que ameaçava surgir com a permissão de Annelise.

— Farei agora, *bien*. — A voz baixa fora mais que suficiente para que ela gemesse meu nome.

Levando uma de minhas mãos para sua cintura, trouxe-a para perto, dizimando a distância de nossos corpos. Os lábios de Kober tremiam em expectativa, e o meu estômago parecia lotado de mariposas agitadas.

Fitá-la de cima, encheu-me de um sentimento caloroso. Algo que eu não sentia há muito tempo. A paixão dominou-me, puxando as rédeas de meu autocontrole.

— *Cher...*

Então eu a beijei, e tudo fizera sentido em meu mundo.

O gosto de Annelise era ainda mais doce do que eu havia imaginado nos devaneios que me perseguiam. Mais doce que qualquer coisa que havia provado na vida.

Suguei seu lábio inferior gentilmente, alternando o aperto em sua cintura, sentindo-a se contorcer dentro de meu abraço. Annelise abriu espaço para que eu aprofundasse o beijo e gemeu baixinho quando minha língua encontrou a sua.

Gememos juntas, sem nunca quebrar o contato de nossas bocas.

Sentia que estava flutuando. Queria reivindicá-la, desejava-a para mim.

O ar me faltou, forçando-me a afastá-la um pouco para olhar para o vermelho de seu pescoço.

— Isso foi incrível para o meu próprio bem, Vasseur — Annelise sussurrou, baixinho, enquanto tomava minha boca na sua com desespero.

Eu não quis entender o que ela queria dizer com aquilo. Não ali, não naquele momento.

# CAPÍTULO VINTE E UM

Annelise

Beijar Valentinne fora a coisa mais estúpida que já havia feito em toda minha vida. Quando sua boca tímida tomou meus lábios, senti como se nada tivesse feito sentido até aquele momento.

Suas carícias haviam me proporcionado desejo; luxúria; vontade... E aquilo assustou-me em níveis alarmantes. Estava tudo sob controle até que eu proferisse aquelas malditas palavras.

Faça, faça-o agora.

Vasculhava minha cabeça, tentando encontrar uma solução. Procurava assiduamente algo que me fizesse ser imune a Valentinne outra vez. No entanto, toda vez que fechava os olhos, sentia suas mãos confiantes sobre o meu corpo, e a vontade de me ter, vívida em seu olhar.

A forma como ela havia me tocado, fizera com que eu duvidasse de minha própria capacidade. Não saberia por quanto tempo conseguiria aguentar.

— O que eu vou fazer? — perguntei para o silêncio do quarto, abandonando o leito quente.

Quando Valentinne citara Ceciliè, senti como se todo o meu sangue parasse de circular. Respirar pareceu impossível depois de vislumbrar seus olhos sempre serenos, tão cheios de um sentimento que não consegui identificar.

Minhas emoções estavam descontroladas como jamais haviam estado antes. Reconhecer que estava me apaixonando por Valentinne aterrorizava-me. Eu não fazia ideia de que o sentimento tomaria tamanha proporção.

Sentia medo constantemente. A forma como Valentinne deixava-me vulnerável tendia a ser vergonhosa. Só de estar no mesmo ambiente que ela me sentia perdida como uma garotinha.

Como seriam as coisas daquele momento em diante? A tensão entre nós tornava-se mais intensa a cada dia.

Valentinne me tinha nas mãos.

Mariana informara que o café da manhã estava pronto, designando-me para avisá-la.

— Srta. Vasseur? — chamei-a, e o meu tom soou vacilante

Mil vezes droga!

— Entre, *bien* — ela ordenou, com a voz rouca de sono.

Meus olhos voaram para a nudez de Valentinne, fazendo minhas pernas oscilarem. Sua cintura estava sob o lençol branco, entretanto, o colo fora deixado de fora.

— Valentinne! — esbravejei, totalmente corada como uma mocinha francesa quando cortejada por algum cavalheiro.

— Você já me viu assim antes, deixe de tanta bobagem — Valentinne disse, fazendo pouco caso.

Os lençóis bagunçados e o cheiro doce que emanava dela deixaram-me excitada. A vontade de beijá-la parecia incontrolável, minhas entranhas se fechavam a cada passo para perto

dela.

— Ainda não tomou o seu banho? — indaguei, tentando parecer indiferente a ela e a sua nudez.

— Na verdade, sim. Mas fiquei com preguiça de vestir-me. Venha, fique mais um pouco. — Vislumbrei um lampejo de malícia em seus olhos castanhos, permaneci como ela havia pedido.

Aproximei-me da cama, e Valentinne me puxou sem que eu esperasse para debaixo dela.

— Valentinne, não seja imprudente! Alguém pode nos ver! — gritei, num sussurro arrastado, buscando fazer o menor ruído possível.

— Ninguém imaginaria uma coisa dessas, Kober. Não há perigo, *cher* — Valentinne disse, enterrando o rosto em meu pescoço, deixando um beijo molhado ali.

Novamente a onda de urgência tomou-me. Nada parecia ser suficiente com ela. Valentinne abriu seus lábios sobre os meus de forma cuidadosa, e eu me peguei lambendo sua boca, sentindo meu ventre queimar.

A princípio tentei degustar o máximo dela, no entanto, minha boca passou a explorar a sua com toques mais necessários, exigindo mais.

Abri os olhos devagar, encontrando suas íris castanhas me encarando com ternura. Seu olhar terno só me deixou ainda mais fora de órbita.

Maldita fosse ela!

Movi meu corpo para cima do seu, afastando suas pernas com o joelho, tentando encaixar-me em seu ponto de prazer. Senti com satisfação o corpo dela tremer, procurando por um contato maior.

Com isso, forcei lentamente sua intimidade contra meu joelho, fazendo-a gemer baixo. Sentia minha pulsação acelerar só de ouvi-la gemer daquele jeito.

Valentinne passara a esfregar-se sem pudor em mim, fazendo-me soltar um suspiro de prazer, fazendo-me sentir que poderia gozar só de vê-la necessitada de tal forma.

— *C'est merveilleux!*<sup>[5]</sup> — Valentinne gritou num fio de voz, ofegante.

Meus dedos encontraram os mamilos duros dela, minha boca já os envolvendo em carícias lânguidas. Eu não sentia pressa, poderia fazer aquilo para sempre.

Palavras desconexas deixaram sua boca quando levei meus dedos ao seu centro. Molhada, pronta.

— *Tu es magnifique, ma dame...*<sup>[6]</sup> — sussurrei, rente ao seu ouvido. — Me pare, Valentinne. Me pare!

Se eu continuasse, estaríamos fadadas ao fracasso no fim de tudo. Ela sairia destruída, e por minha culpa.

— Não ouse parar, Kober! — ela ordenou, prestes a gozar em meus dedos.

Invadi-a com um dedo, abafando os gritos que deixaram seus lábios com um beijo exigente. A pele nua contra a minha palma deixou-me à beira do abismo. Valentinne se remexia sob mim, ansiando pelo prazer.

— Por favor, mais... — pediu, sôfrega, fora de si.

Acelerando o movimento de meus dedos, senti-a se contrair ao redor deles. De repente, seu interior estava vibrando, e ela, gozando. Sua face vermelha e a boca entreaberta eram a decretação de minha desgraça.

— Preciso de um banho para apagar... — A voz de Valentinne estava ainda mais rouca.

— *Le feu dans ta chatte*<sup>[7]</sup> — murmurei, contra a massa castanha espalhada pelo travesseiro.

Olhei de relance para Valentinne, vendo-a arregalar os olhos diante de meu linguajar.

— Kober! — Valentinne reagiu, mortificada.

— *Pardon, pardon. Est inévitable, cher*<sup>[8]</sup>. — Sorri, e então a beijei.

[...]

Assim que descemos para o café da manhã, vislumbrei com ódio Catherina sentada no divã. O rosto inocente brilhou ao ver Valentinne. Seu vestido creme estava bastante apertado na cintura e o decote um pouco exagerado demais.

Valentinne correu para abraçá-la, enquanto eu borbulhava de raiva por vê-la tão cedo na mansão.

Ela não tinha nada melhor para fazer?

— Senti saudades! — Catherina parecia não querer soltar Valentinne tão cedo.

— Eu também, *cher*. — Quando ouvi Valentinne falando tão intimamente com ela, não consegui disfarçar a carranca.

Era impossível evitar.

Segui para a cozinha, impaciente demais para assisti-las. Valentinne sequer notou minha ausência.

As conversas paralelas das duas davam-me náuseas. Pedi licença, e decidi ir até o estábulo ver Chuva.

Muito provavelmente, Catherina passaria o dia inteiro no pé de Valentinne. E eu não queria estar por perto para presenciar tamanha humilhação.

Valentinne era apaixonada por mim.

Levei as mãos à boca, assustada com o sentimento de posse que me dominou naquele momento. Eu não poderia levar o sentimento adiante. Precisava cumprir o que eu já deveria ter feito há muito tempo, e Valentinne estava me distraindo.

# CAPÍTULO VINTE E DOIS

Valentine

Logo após a chegada de Catherina, Annelise deixou a sala. A situação era delicada, mas não podia deixar de recebê-la devido a indiferença com que Kober insistia em tratá-la.

E mesmo que negasse, sentia algo além de amizade por Neville.

O tecido verde-musgo envolto plenamente em seu corpo deixava-a com um ar mais maduro. Na maioria das vezes, os tons de seus trajes eram claros. Fingi não notar e continuei a organizar as peças do xadrez no tabuleiro.

— Não cansa de perder, Catherina? — provocando-a, ergui as sobrancelhas de modo petulante.

— Melhorei consideravelmente, Vasseur. — O tom insolente de Catherina me fez rir largo.

— Pois bem.

— Se eu vencer essa partida, terá que me beijar. — As íris azuis me sorriram enviesadas.

— Você sabe que não posso — disse, decidida a não ceder.

Eu não poderia. Ainda estava tentando provar a Annelise que a amava. Pôr tudo a perder por causa de uma aposta boba estava fora de cogitação.

— Jogo é jogo, Valentine. — Catherina continuava a sorrir como se não notasse minha luta interna.

Tudo em mim gritava para que a beijasse uma última vez. A boca pequena de Catherina havia me cativado, aquilo era indiscutível.

Muitas coisas tinham mudado desde aquele beijo, eu não era mais tão inocente. A consciência de que meu corpo reagia àquele tipo de carícia desarmava-me.

Prosseguindo com a partida, tive de reconhecer que Catherina já não era mais uma amadora. Estava sendo difícil manter-me no jogo.

— Xequemate, *cher*. — Triunfo delineou a boca dela. — Você perdeu.

— Isso não quer dizer nada. Devo parabenizá-la, *belle*. Está um pouco melhor desde a última vez que jogamos.

As cortinas de meu quarto abriram-se devido à ventania. Levantei-me para fechá-las, com Catherina em meu encalço.

— Por favor, Tinne. Apenas um beijo. — Sua voz rouca me fez fechar os olhos com força.

— Eu realmente não posso. — Aquelas palavras não deveriam ter sido tão difíceis de pronunciar.

— Olhe-me dentro dos olhos, e diga que não sente absolutamente nada por mim. Se tiver a certeza de que nós nunca seremos mais que amigas, eu não mais pedirei tal coisa. — Catherina fitou-me de maneira serena, o olhar caloroso sobre mim.

O ar pareceu denso a cada passo que ela dava em minha direção. Meu peito batia

rapidamente ao constatar que talvez eu não a quisesse longe como pensei que queria.

Era como se não retivesse controle nenhum sobre minhas vontades. Mas eu não podia. Não depois de estar na mesma cama que Annelise pela manhã.

— Perdoe-me, Catherina. Não posso.

Ela empalideceu um pouco.

— Então, você realmente a escolheu? — indagou, já sabendo que sim, que havia decidido entre estar ou não com Annelise.

— Eu sinto muito, *belle*.

— Desejo do fundo de meu coração que seja feliz, e se acaso ela a machucar, não responderei por mim. — A face de Neville permanecia branda, porém uma tristeza desconhecida se apossou de seus olhos.

Ela deixou meu quarto, levando embora toda a felicidade consigo. Era como se tudo o que havíamos construído até então não mais existisse. Uma sensação de vazio preencheu-me naquele instante.

[...]

Passei o restante do dia dentro de meu quarto, ainda estava abalada pelo ocorrido de mais cedo. A forma como Catherina havia reagido a tudo fora... Eu não saberia colocar em palavras ainda que quisesse.

Não vira Kober durante o resto do dia. Talvez tivesse ficado chateada, mas não havia muito a ser feito.

Desci à procura dela, não a encontrando em lugar nenhum. Era incrível como desaparecia do nada. Muitas coisas não se encaixavam, e eu começava a questionar-me sobre o que ela fazia fora dos muros de minha propriedade.

Como na vez em que chegara bêbada. Eu jamais a tinha visto num estado tão terrível, na verdade, jamais a tinha visto tão fora da "linha". Annelise possuía uma postura invejável, frieza exalava de seus poros. Por muito tempo havia sofrido pela sua falta de reações.

Kober era uma cópia fiel de uma boneca de porcelana.

Chegava a ser intimidador.

[...]

O sol já se punha e Kober ainda não havia retornado. Já era a segunda vez que aquilo acontecia. Assim que ela voltasse, teríamos de conversar sobre suas saídas repentinas.

Durante o jantar, Nathanael parecia mais cansado do que o habitual, trocamos algumas palavras, mas ele logo subiu para o quarto, alegando indisposição.

A preocupação começara a pairar sobre minha cabeça. Tudo parecia estar saindo dos eixos.

O cansaço também começava a tomar-me, mas a raiva que crescia dentro de mim não me deixou ceder ao sono. Necessitava de uma justificativa plausível para tamanha falta de bom senso.

Enquanto eu virava a noite preocupada, Annelise estava Deus sabe onde, e com quem... Não. Ela não faria isso.

— Pare, Valentinne. Só pare. — Censurei meus próprios pensamentos, tentando não os considerar.

Tentei manter-me firme em minha vigília, mas acabei por fracassar miseravelmente. Minhas pálpebras cederam ao sono, fazendo-me praguejar num fio de consciência.

[...]

Eu havia dormido novamente no divã da sala.

Deplorável.

O relógio da parede já marcava cinco horas da madrugada.

Cinco horas da madrugada.

O gosto amargo em minha boca não se dera somente por consequência do sono. Em parte era culpa da raiva que sentia ferver dentro de mim quando a porta da frente fora aberta, revelando Annelise.

Ela parecia não querer ser vista pelo modo como caminhava.

— Onde diabos você estava? — exigi saber mais alto do que queria, e deveria.

Annelise pareceu tomar um susto, virando-se rapidamente para encarar-me em surpresa. Seus cabelos sempre alinhados estavam desgrenhados demais para os seus padrões, e o vestido do dia anterior completamente arruinado.

— O que faz aqui, senhorita? — Ela sondou, soando descrente.

— Pro inferno com essa tentativa de desviar o meu foco. Só vou perguntar uma única vez. Onde você esteve, Kober?

Um lampejo de despeito cintilou pelos olhos verdes dela, fazendo-me amaldiçoá-la mentalmente. O canto de sua boca se curvou num sorriso de puro escárnio.

— Quando foi que passou a monitorar-me, Valentinne? — Seus olhos brilhavam de ódio. — Fora desta casa não lhe devo satisfações. E não as quero lhe dar.

— O que disse? — inquiri, sentindo todo o meu sangue ferver, controlando a fúria que ameaçava irromper.

— Toquei-a apenas uma vez e já se sente no direito de exigir algo de *mim*? *Par Dieu!* Vocês, Vasseur, são todos assim? Acham que o mundo tem de se curvar perante vocês? — Annelise sorriu sarcasticamente enquanto fitava-me, apática.

O chão pareceu sumir de meus pés. Ela não poderia estar falando sério. Eu não suportaria.

Então, eu não havia passado de uma desesperada para ela? Uma mera distração?

— O que fiz para você, Kober?! Por que insiste em me magoar desta forma? — Um bolo formava-se em minha garganta.

A expressão de raiva de Annelise se dissipou, cedendo espaço para uma melancolia amarga.

— Eu... — Annelise abriu a boca para falar, mas eu a cortei levantando a mão.

— Você já deixou tudo bem claro para mim, Kober. Sou a senhora desta casa, e deveria sentir vergonha. Não sei onde estava com a cabeça deixando que minha dama de companhia me tocasse tão intimamente. Garanto que não voltarei a coagi-la a algo tão terrível outra vez. Está dispensada.

— Valentinne, eu não quis...

— Srta. Vasseur. — Dizer aquilo queimou em minha língua. — Sim, você quis. Você o fez. E não há nada que possa fazer para mudar. Por isso, a partir de hoje, sinta-se livre de qualquer compromisso comigo. Pedirei que Lorena lhe dê uma outra função.

Mantive meu tom de voz firme, subindo as escadas sem dar chance de defesa para Annelise.

Eu era a mulher mais tola de toda a França. E a mais destruída também.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

*Annelise*

— Você parece distante, *amour*.

Ceciliè olhava-me com pesar nos olhos. Parecia sentir o mesmo que eu, tudo entre nós estava mudado. Metade de meus pensamentos resumiam-se a Valentinne. Tê-la tocado fora perigoso, eu estava me afundando e levando-a junto comigo.

— Impressão sua, *cher* — disse, somente para tranquilizá-la.

Já não sentia mais vontade de despi-la, muito menos beijá-la.

Os lençóis de linho vermelho continuavam intactos. Havia apenas procurado colo aquela noite, nada mais. Cecì fazia com que me sentisse melhor em meio a tantas complicações.

— Há algo que queira contar-me? — ela inquiriu, enquanto tocava-me os cabelos.

Mesmo que não a amasse, Cecì era uma constante em minha vida. Eu não queria feri-la.

— Não, não há nada.

Cecì jamais me entenderia.

[...]

Os raios da manhã atravessaram as janelas do quarto, e o pavor se apossou de mim. Era muito tarde. Ceciliè dormia profundamente ao meu lado na cama, me afastei dos lençóis e tentei fazer o menor ruído possível enquanto deixava o quarto.

A mansão Vasseur ainda dormia, para o meu alívio. Nunca havia sido tão imprudente em todos aqueles anos.

Abri a porta devagar, rezando para que Mariana ainda não estivesse de pé. No entanto, a voz de Valentinne carregada de rancor deixou-me estática no lugar.

— Onde diabos você estava?

Respirei fundo, tomando fôlego para encará-la.

Olheiras circundavam seus olhos castanhos. Era visível a exaustão no rosto bonito.

— O que faz aqui, senhorita? — indaguei, soando verdadeiramente surpresa.

— Pro inferno com essa tentativa de desviar o meu foco. Só vou perguntar uma única vez. Onde esteve, Kober? — O tom exigente de Valentinne me fez respondê-la com a mesma rudeza.

A forma como exigiu as explicações que eu não poderia lhe dar deixou-me profundamente frustrada.

— Quando foi que passou a monitorar-me, srta. Vasseur? Fora desta casa não lhe devo satisfações. E não as quero lhe dar.

O olhar que Valentinne me direcionou fora cheio de repulsa, e aquilo realmente fora a última coisa que suportaria.

— O que disse?

Em meu âmagô, algo se enfureceu com o modo autoritário que Valentinne havia me falado. Odiava receber ordens, principalmente quando as mesmas vinham de um Vasseur.

Não contendo o sorriso de desprezo, falei a primeira coisa que veio à minha mente.

— Toquei-a apenas uma vez e já se sente no direito de exigir algo de mim? *Par Dieu!* — Disparei, sem conseguir conter o sorriso de escárnio.

Descrença tomou a face de Valentinne. Minhas palavras tão cheias de raiva foram duras demais. Eu a tinha magoado e me arrependido amargamente no instante seguinte.

Tentei consertar a tolice que fizera, mas ela não quis ouvir-me. E o seu desprezo me doeu como o inferno.

[...]

O abismo entre mim e Valentinne tornava-se maior a cada manhã.

Ficar longe dela estava sendo a coisa mais difícil que já tinha feito em todos os anos de convivência. Jamais passara por minha cabeça que acabaria por sentir saudade de sua boca falante.

Era enlouquecedor vê-la distante. E com a doença de Nathanael ainda presente, a felicidade habitual que morava em seu sorriso dera lugar a olheiras profundas e silêncio absoluto.

Os olhos castanhos, que um dia me olharam com ternura, agora transmitiam nada além de severidade.

Nathanael estava de cama há cerca de um mês, desde então Valentinne vinha tomando conta dos negócios.

Pela manhã, algumas encomendas haviam chegado da loja de madame Desirrè. Passeando os olhos pelas peças sérias, senti um calafrio percorrer minha espinha. Os vestidos eram todos de tons escuros e cortes conservadores.

Nem parecia a mesma.

Enquanto tocava as peças aveludadas com temor, ouvi passos pesados na escadaria.

— O que é isso, Kober? — A voz soou grave no alto da escadaria.

Até o tom de voz dela havia mudado. Virando-me lentamente, temi por receber alguma reclamação.

As madeixas que sempre estavam soltas, ou presas num rabo de cavalo, agora se mantinham num coque alto diariamente. Valentinne trajava um vestido marrom de gola alta e manga longa.

— Encomendas de madame Desirrè, srta. Vasseur. — O informe havia sido feito sem olhá-la.

— Peça para que Mariana leve para meu quarto — ela ordenou, de forma direta.

— *Oui*, madame. Com sua licença — pedi, retirando-me.

Enquanto caminhava, acabei por ouvir um pedaço de uma conversa com Lorena.

— O sr. Butler a aguarda na biblioteca, senhorita.

— Obrigada, Lorena. E a propósito... Está linda, o bebê está lhe fazendo bem. Atrevo-me a dizer que está no auge de sua beleza. — Valentinne sorriu com doçura, tocando a barriga de Lorena.

Esse fora o primeiro sorriso sincero que a vi dar em dias. O ciúme ardeu em meu peito sem que eu pudesse controlar. Senti raiva de Lorena por Valentinne a tratar de forma tão calorosa, enquanto mal olhava-me nos olhos.

Sua frieza era compreensível, eu a merecia.

— *Merci*, senhora — agradeceu Lorena, tímida.

Amaldiçoei-me por ficar ouvindo conversas alheias que não eram de meu interesse e segui o meu rumo.

Catherina havia viajado para Londres, burburinhos espalharam-se por toda cidade. Timotheè estava noivo de alguma nobre das terras londrinas, e madame Adeline planejava uma viagem de última hora para conhecer a noiva do filho.

Minha felicidade pela ausência de Catherina era tamanha. Soltar fogos de artifício para comemorar sua partida parecia pouco, afinal, minha atual situação com Valentinne era sua culpa. Se bem que a maior parcela era minha. De fato, o ciúme descontrolado que sentia de Valentinne estava vindo a tornar-se algo doentio.

Havia proferido palavras de que me arrependia amargamente, fora impulsiva e dissimulada. No entanto, meu orgulho não me deixou voltar atrás, e as consequências de tal tolice estavam a me bombardear.

Eu não conseguia lidar com a indiferença de Valentinne.

A vergonha por sentir-me tão dependente dela, de suas palavras doces e promessas, perturbava-me dia e noite. As horas pareciam passar de forma lenta, e pôr a cabeça no travesseiro todas as noites pensando numa Vasseur era nocivo.

Eu não me reconhecia.

A neblina ondeava além das janelas, o céu chorava diante de minha angústia. Começava a sentir remorso por todas as mentiras já contadas até então, mas procurava manter-me firme em meu juramento.

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Valentine

Durante a madrugada, pesadelos terríveis assombraram-me. No primeiro, Kober regressava para a Alemanha e deixava-me sozinha. No segundo, Nathanael padecia de tuberculose, assim como Dantê.

— Não! — Sobressaltei na cama, sentindo meus pulmões arderem.

Minha cabeça parecia prestes a explodir, como se golpes violentos tivessem me acertado durante o sono. Fios de luminescência surgiam através da persiana, obrigando-me a levantar.

A conformidade não era um de meus pontos fortes, mas eu teria de aceitar os fatos. Kober não me amava. Ela havia roubado o mínimo de dignidade que restava em mim.

O piso frio só me dava vontade de ficar no quarto. Meus olhos varreram o aposento vazio, o silêncio sepulcral instalado nas paredes. Era como se Annelise jamais estivesse estado de fato ali alguma vez.

Enquanto estava imersa na mais pura melancolia, Lorena cruzara a porta com angústia estampada nos olhos.

— Graças a *Dieu* está acordada, senhora!

Os fios de seu cabelo desarrumados revelavam exaustão. Lorena jamais se apresentava naquele estado, e claro, não teria problema nenhum em fazê-lo, contudo, nunca a tinha visto tão fora de ordem.

— Está me assustando. Respire, Lorena! — pedi, tentando transparecer serenidade, temendo que alguma desgraça tivesse ocorrido.

— É o sr. Vasseur!

Tudo pareceu parar. O pesadelo.

Ele não, Deus.

— O que aconteceu com o meu irmão, Lorena? Diga!

Lorena parecia temerosa quanto a confessar-me o que se passava.

— Ele não acordou bem... Está com muita febre e vomitou bastante desde a noite passada...

Não deixei que ela prosseguisse. Saí às pressas de meus aposentos.

Encontrava-me totalmente descabelada e não sentia uma centelha de vergonha pelas vestes que trajava, ou a falta de compostura.

O universo parecia conspirar contra mim, tudo ia de mal a pior, como se nada nunca fosse suficiente.

Adentrei o quarto de decoração mórbida aos tropeços. Acima da cama de Nathanael, um quadro de nossa família havia sido pendurado. Eu tinha uns seis anos naquela época, meus olhos brilhavam por estar no colo de Miranda.

— Tinne... — Nathanael chamou-me da cama, com dificuldade.

Caminhei até ele temendo o pior. Eu não suportaria mais uma perda. Não era o melhor

momento para ponderar sobre aquilo, e mesmo assim...

— Você ainda não se casou, não me deu sobrinhos. Nem pense em deixar-me, está me ouvindo? — supliquei, sentindo minha voz falhar, pondo as mãos em seu rosto sombreado pela barba sem fazer.

— Não chame pela minha morte, Tinne. Há muitos anos pela frente, tenho de cuidar de você. — Nathanael tentou sorrir para me tranquilizar.

— Não minta. Odeio mentiras. — Não tinha o direito de exigir, afinal, era uma maldita mentirosa. Ainda assim, não suportava ser enganada.

Chegava a ser cômico minha falta de verdade. Para uma mulher que repudiava pessoas hipócritas, estava a sair-me uma das piores.

— É apenas uma virose, com repouso tudo se resolverá. Eu prometo. Não a deixarei, ainda não é a hora.

Tentei verter as lágrimas diante do conforto que Nathanael queria me passar.

— Ficarei aqui com você. — Deitei-me ao lado dele, agarrando-me a possibilidade de que o seu mal-estar não passasse mesmo de uma virose.

[...]

Jean Butler era um homem extremamente tedioso. A barba por fazer deixava-o com uma aparência dura. Era sua quinta visita na semana.

Incompetência constituía todas as células de seu corpo, sem dúvidas para mais. A fase de amadurecimento das uvas já havia passado, e com aquilo, os vinhos estavam a caminho da Espanha.

Por culpa de Butler, as entregas estavam em atraso.

— Senhorita, não se aborreça. Digamos que foi um pequeno contratempo.

Jean era o responsável pelas negociações com os Mendoza.

— Não era para haver contratempo nenhum, Butler. Quero que essas entregas sejam feitas amanhã. Sem mais atrasos. Fui clara?

— Certamente, senhorita.

Ultimamente, a insônia ajudava-me a cumprir com minhas obrigações. Nathanael não demonstrava nenhuma melhora aparente, o médico dissera que ele havia adquirido algum mal de Toulouse. A população da cidade vizinha estava sofrendo com esses mesmos sintomas.

Repouso diário e os medicamentos deviam estar surtindo algum tipo de efeito pelo tempo, no entanto, não notava melhora alguma.

Annelise escapara como areia entre meus dedos. O tempo e a falta de diálogo tinham se encarregado de nos afastar. Não tinha sequer tempo de sofrer pela mesma, afinal, todos os deveres estavam sendo cumpridos por mim. Semana passada tivera de viajar para Lyon a fim de resolver pequenos detalhes de uma troca entre os Blanchard.

Tentava manter-me focada, para o bem de todos. Embora tudo ainda fosse muito recente. Ler documentos, assiná-los e permiti-los estava mostrando-se uma tarefa fadigosa.

[...]

— Dormindo no trabalho?

Minhas pálpebras pareciam pesar uma tonelada. Esfreguei os olhos, afastando o cansaço que me exauria.

— *Par Dieu*, o que faz fora da cama? — Despertei então, tomando conhecimento de que meu irmão havia saído do repouso.

— Tinne, pelo amor de Deus, tenha calma. — A aparência de Nathanael parecia outra. A cor retornara para suas bochechas.

— Como se sente? — inquiri, rouca pelo sono.

— Perfeitamente bem — ele assegurou, com um meio sorriso.

— Nathanael...

— Eu juro. Sinto-me muito melhor. Obrigado por cuidar dos negócios enquanto estive incapacitado.

Nathanael estava bem e isso bastava.

Abracei-o como se a qualquer momento ele pudesse ser tomado de mim. Queria sentir que ele realmente estava no seu melhor.

— Graças aos céus! Senti tanto por vê-lo naquele estado.

— Mas agora estou bem.

Dr. Bernard examinou Nathanael mais uma vez, dando enfim o tão esperado laudo. Nathanael estava bem de verdade, ainda precisava manter repouso, mas tudo estava sob controle.

— Não poderá voltar a trabalhar ainda. Então, recomendo um pouco mais de repouso — aconselhou o médico da família.

— Bernard, já disse que me sinto em perfeito estado. Não posso ficar aqui para sempre — contestou Nathanael, frustrado.

— Ele ficará, Bernard. Não se preocupe — eu disse, fazendo o que menos meu irmão queria.

— Tinne...

— Quietos! — ordenei, em tom de censura.

A noite caiu, e eu estava exausta.

Trabalhar era de certa forma prazeroso, no entanto, cansativo. Sentia saudades de Koda, do meu arco... de Catherina.

Ela viajara para Londres há pouco mais de três semanas, fazendo-me sentir falta de sua companhia.

Cumprir com os meus compromissos havia tirado Kober de meus pensamentos. Mas vê-la entrar em casa novamente às duas da madrugada fora o cúmulo.

Não conseguia parar de pensar que estava com outra.

Maneando a cabeça, tentei afastar os pensamentos sem fundamento.

— Senhorita, os Chevalier lhe mandaram o convite para o baile de verão — Lorena

informou, detendo minhas divagações. — Eles anseiam por sua presença.

Os Chevalier e os Vasseur tinham negócios há décadas. Desde o tempo de meu avô, por isso, eu não poderia declinar o convite. Só de pensar em viajar para Toulouse já me sentia indisposta.

— Eu não me lembrava mais deste maldito baile! Céus!

— Deixe-me acompanhá-la — Lorena se ofereceu, os olhos brilhantes de expectativas.

— Já está no oitavo mês de gestação, Lorena. Semana passada senti dores. Não acho sensato fazê-la viajar comigo.

Tinha medo de que o bebê nascesse antes do tempo. Lorena precisava descansar.

— Estou perfeitamente bem. Se acaso o bebê nascer antes do tempo, pedirei aos céus que venha com saúde. — Lorena sorria como se esse fosse o melhor argumento do mundo, que, claro, não era.

— Não creio que seja uma boa ideia...

— Gaspar sempre está atarefado, Pierre não sai dos estábulos nem por um milhão de francos e Mariana não gosta dessas coisas. Sou a única que pode acompanhá-la... — ela replicou diretamente.

Eu não podia simplesmente negar o óbvio.

— Amanhã viajaremos.

*[...]*

Eu não saberia dizer se o balanço do carro me causava desconforto, ou a culpa por trazer Lorena comigo no estado em que se encontrava. Desde que entramos no carro, ela não parou um só segundo de falar sobre quão animada estava.

— Se sentir qualquer incômodo, avise-me de imediato. Entendeu? — ordenei, fazendo-a me olhar irritada.

— Ainda com isso? Não tinha conhecimento dessa sua preocupação exagerada, srta. Vasseur! — Lorena parecia indignada.

— Preocupação exagerada? Não, não é exagero. Só faça o que eu pedi.

— Avisarei. Não se preocupe, senhorita.

— Só desejo que tudo ocorra bem.

Ela agradecera com o olhar. Ficaríamos cerca de duas semanas em Toulouse, e eu já pressentia algo ruim em meu peito.

# CAPÍTULO VINTE E CINCO

*Valentinne*

Eythan Chavelier aguardava minha chegada ao lado de sua filha mais velha, Kenna. O homem de boa aparência recebeu-me com um sorriso caloroso.

O hall da mansão estava decorado para o baile que haveria aquela noite.

O lustre extravagante pendia do teto alto, lançando feixes de luz no espaço, iluminando-o. Parecia caro demais, talvez tivesse custado muito dos cofres da família. Pessoas importantes como eles gostavam de esbanjar seu dinheiro.

— Há quanto tempo, srta. Vasseur! Da última vez em que a vi, estava debaixo das saias de sua mãe. — Eythan pegou em minhas mãos, beijando ambas as palmas.

— Sim, faz muito tempo que não nos vemos. Como tem passado, Kenna? — cumprimentando-a, rocei os lábios por suas bochechas.

Kenna era alta, a postura impecável. Sua altivez lhe dava um ar de graciosidade.

Um encanto.

O rosto fora moldado com perfeição, sem dúvidas para mais. A boca carnuda e os olhos azuis lembravam Catherina. Ela era ainda mais linda do que me recordava.

— MUITÍSSIMO bem, Valentinne. Os anos lhe fizeram uma mulher belíssima. — Kenna gesticulou com a mão delicada.

— Gentileza sua.

Lorena apresentou-se com tamanha sofisticação. Suas palavras sempre bem pensadas cativavam quem quer que fosse.

[...]

O almoço fora servido ao meio-dia. Madame Luize estivera atenta aos mínimos detalhes. De minhas acomodações, ao cardápio.

Um cordão de ouro branco circundava seu pescoço, e mesmo que não fosse preciso, parecia vestida para um baile. A aura que emanava de Kenna, com toda certeza fora herdada de Luize.

— Espero que seu irmão se recupere logo, querida. Essa doença é uma... — Ela refreou os impropérios, limpando os cantos da boca com elegância.

— Ele está muito melhor, obrigada por sua preocupação, madame. — Ofereci-lhe um aceno de cabeça, levando o garfo à boca.

— Mas e então, já tem casamento marcado? Uma moça como você já deveria estar casada.

Senti o pedaço de frango ficar preso em minhas entranhas.

— Mamãe! Não seja inconveniente! — advertiu Kenna, em tom de reprovação.

— Não, senhora. Não penso em casar-me tão cedo. Ainda há muito o que ver — disse, educadamente, desconsiderando a vergonha no olhar de Kenna.

— Entendo... Por mim, minha filha já estaria casada, no entanto, ela também se recusa. Direcionei o olhar para Kenna, que me fitava de volta.

— Me casarei quando for a hora, mamãe. Apenas.

Depois da conversa nada confortável, Kenna ficou de mostrar-me as extremidades de sua propriedade.

[...]

— Sinto muito por mamãe ter feito aqueles... comentários. — Kenna inspirou profundamente, desculpando-se por algo que sequer tinha culpa.

— Esqueça, por favor — indiquei, querendo tranquilizá-la quanto a isso.

— Estou farta dessa cobrança por casamento. Dia após dia, é o mesmo — Kenna desabafou, a voz saindo abafada a cada frase.

— Entendo perfeitamente. E sinto muito por isso.

A construção antiga da mansão dos Chevalier aguçara minha curiosidade. Sempre amara história, e os cômodos da propriedade eram decerto bem antigos.

— Você realmente queria vir? — Kenna questionou, trazendo-me de volta ao presente.

— Sim. Sempre tivemos muito apreço pelos Chevalier.

— Esses bailes são umas chatices, espero que possa tirar-me do tédio. — Os olhos claros de Kenna eram sugestivos naquele momento.

Ou talvez, eu estivesse a ver coisas.

— Será um prazer, senhorita.

[...]

Lorena tinha em mãos dois vestidos para o evento que aconteceria no salão de baixo.

Já sentia a dúvida pairar sobre minha cabeça. Os modelos eram lindos, perfeitos demais para a minha indecisão.

O modelo da mão direita era de um tom verde-claro com caimento refinado e esvoaçante. Adorava a textura do tecido musseline, entretanto, o vestido da mão esquerda parecia ter sido feito exatamente para aquela ocasião.

— O vermelho — Lorena sugeriu, entregando-me o vestido de veludo.

— Você acha...

— Ficaré perfeita, senhorita.

Caminhei em direção a Lorena, pegando o traje de suas mãos.

— Irei preparar o seu banho.

Lorena rumou para o biombo em busca dos sais de banho. O apreço pelo cuidado da moça só tomava proporção a cada dia.

— Está pronto, srta. Vasseur.

— *Merci* — agradei, forçando o sotaque para que soasse como o dela.

Lorena corou e eu lhe dei as costas, buscando um meio de desabotoar meu vestido.

— Deixe-me ajudá-la. — Lorena voltou a se posicionar atrás de mim, auxiliando-me com os malditos botões.

Imóvel, esperei que ela terminasse. O tecido grosso deslizou por meus ombros até amontoar-se aos meus pés.

— Obrigada, vá.

— Com sua licença.

O tom de Lorena estava distante, não pude deixar de notar.

[...]

Estava a aprontar-me quando ouvi batidas ressoarem à porta de madeira antiga. O vestido era simplesmente maravilhoso, tinha um decote generoso, mas nem um pouco vulgar. As mangas iam até o cotovelo, e pequenos detalhes em dourado o deixaram elegante.

A porta fora aberta por Lorena.

Meus olhos instantaneamente foram em sua direção.

— Está pronta, senhorita? — Lorena pareceu notar minha falta de palavras, pois suas bochechas coraram levemente.

Havia algo de diferente nela.

— Sim, devo apressar-me.

Devido ao seu estado, Lorena não me acompanharia. E eu preferia daquele modo, a gestação estava chegando ao fim, ela tinha de descansar.

Deixando-a no quarto, segui meu percurso em total silêncio.

O salão era um borrão de trajes nada modestos. De fato, aquele não era o meu lugar. Não me encaixaria nem em um milhão de anos.

Desci os degraus lentamente, os olhos fixos no mar de gente envolto em danças graciosas. Encontrei os anfitriões ao final da escadaria.

Kenna estava incrível num vestido púrpura ombro a ombro. Não importava que cor, ou modelo usasse, sua beleza nunca seria alterada.

— *Par Dieu!* Belíssima! — Kenna deixou dois beijos em minhas bochechas, elogiando-me.

Sorri em resposta.

As toalhas de mesas eram de um creme opaco. Madame Luize certamente possuía um gosto bastante refinado, porém bobagens triviais como tecidos finos não eram de meu interesse.

A decoração num geral remetia muito ao círculo da elite. As senhoras desfilavam em seus melhores trajes de gala, ostentando todo o dinheiro que possuíam.

Já me sentia entediada e ainda não passava das nove.

— O que achou da decoração, querida? — Madame Luize sondou, expectante.

— De excelente bom gosto, madame.

— Oh, *merci*! Veja, querido. Um doce de moça!

[...]

Meus pés estavam me matando. A noite fora terrivelmente tediosa, como eu havia previsto. Por isso não depositava expectativa naqueles eventos sem graça, preferia ficar trancada no quarto.

— Srta. Vasseur, srta. Vasseur! — Sequer havia tirado o vestido quando a voz anasalada do outro lado da porta chamou.

Corri para abri-la, tendo em vista as vestes de dormir de Lorena sujas de sangue.

— O que houve?

Seus olhos estavam vermelhos. Lágrimas banhavam seu rosto.

— Dores... O bebê, ele vai nascer.

Minha respiração falhou.

O bebê.

— Deite-se depressa!

Ajudei-a a subir na cama, o coração batendo de forma descontrolada. No rosto jovem suor brotava, e a respiração saía em arfadas desreguladas.

Havia medo refletido em seus olhos.

— Irei chamar algum médico, fique aqui!

— Não dá tempo! Ajude-me! — ela bradou, com todo fôlego que tinha.

Eu não sabia o que fazer, mas busquei recobrar o controle. Eu iria salvá-los.

— Ouça-me, *cher*. Não vou deixá-los morrer. Prometo que os levarei para casa em segurança. Confia em mim? — indaguei, olhando para as íris desesperadas de Lorena.

A criança seria prematura.

— Com a minha vida!

Não entendia sobre partos, mas o mínimo que sabia deveria servir até a chegada de um médico.

Coloquei as almofadas da cama sob os quadris de Lorena, buscando dar-lhe algum conforto. Enchi uma bacia com água morna de meu banho que já estava preparado, e pus o pano úmido sobre sua testa.

Rogava desesperadamente para que tudo fosse o mais rápido possível. Sentia minhas mãos tremerem por medo de não conseguir cumprir com a minha promessa.

— Abra as pernas — pedi, fingindo uma calma que sequer possuía.

Lorena assentiu, dando-me permissão. Ele estava coroando. Desde o início da noite, Lorena esteve silenciosa, com toda certeza já sentia as contrações.

Mas não dissera nada.

— Peço para que seja forte, tudo bem?

Lorena esforçava-se para que o bebê viesse ao mundo, e eu a encorajava fazendo pressão

em sua barriga.

— Quase lá, *cher*. Quase lá.

Os gritos de Lorena acordaram a mansão inteira. Madame Luize e Kenna entraram no quarto alarmadas. Lorena continuava a empurrar a criança com força, e eu, mantinha-me focada.

— Céus! Chame o médico, mamãe. O médico! — Kenna veio para perto da cama, pegando as mãos de Lorena. — Você conseguirá. O médico irá chegar logo.

**[...]**

Meia hora depois, o choro do bebê irrompeu por todo o quarto, fazendo o alívio tomar-me por completo. Lorena deixou a cabeça pender para trás, exausta até os ossos.

— Uma menina! É uma menina, Lorena! — informei, sentindo uma felicidade plena.

Assim que Lorena se recompôs, entreguei-lhe sua filha.

— Nada nunca será suficiente para agradecê-la, senhorita. — Mais lágrimas brotaram de seus olhos, molhando a face avermelhada.

— Não há o que agradecer, *cher*.

# CAPÍTULO VINTE E SEIS

*Valentine*

Violet dormia serenamente em meu colo. Sua boquinha pequena fazia barulhinhos quase imperceptíveis aos meus ouvidos. Lorena havia escolhido seu nome com a mesma inicial de meu nome, alegando que era uma forma de agradecer-me.

Mas quem deveria sentir-se grata era eu. O carinho pelo bebê em meus braços era tanto que não cabia em mim.

Kenna estendeu seus braços para pegá-la, enquanto acomodava-me em frente ao piano. Os Chevalier haviam sido de grande ajuda.

Mulheres que engravidavam sem serem casadas tornavam-se alvos de comentários maldosos, e eu não iria tolerar que a ofendessem. Ao contrário do que eu imaginava, os Chevalier mostraram-se empáticos com minha dama de companhia.

— Toca desde sempre, Tinne? — Kenna indagou, embalando Violet.

Hávamos acabado de tomar o chá da tarde. Madame Luize tendia a ser falante demais. A conversa estendeu-se bem mais do que deveria.

Tópicos extremamente desnecessários foram citados, e eu tentei a todo custo acompanhá-los para não parecer descortês.

— Não, estou tendo aulas há algumas semanas apenas, mas já domino muitas canções.

— Toque um pouco para nós, tenho certeza de que Violet irá adorar — Kenna pediu, esperançosa.

— Não sei se é uma boa ideia... No lugar dela, eu não iria querer ouvir-me tocar — aleguei, sorrindo contidamente para ela.

— Por favor. — Os olhos azuis de Kenna continuaram a implorar-me.

— Pois bem.

O piano de cauda ficava no centro da sala de música. A mansão dos Chevalier era extensa, lotada de cômodos. Alguns até mesmo não estavam sendo usados.

Passei os dedos pelas teclas, sentindo-as, e então toquei uma canção alemã. Srta. Ella havia se esforçado para ensinar-me, e eu havia insistido para tentar aprender algo que fizesse referência ao país de Annelise.

— Que canção maravilhosa... Mas temo não a conhecê-la. — Confusão tomou as íris claras de Kenna.

— É uma canção alemã — informei, esperando sanar sua dúvida.

— Compreendo.

No fundo, eu ainda me importava. Muito.

Depois de mais uma caminhada pelas extremidades da mansão, decidi que já era hora de retirar-me.

Lorena ainda estava de resguardo, e madame Luize se encarregara de procurar pessoas para auxiliá-la, no entanto, sentia-me no dever de cuidar dela. Enxergava em Lorena uma irmã

que nunca tivera, e Violet, minha primeira sobrinha.

Retornei para o quarto quando a noite já caía. Lorena amamentava Violet com uma adoração explícita nos olhos grandes.

— Demorei? — indaguei, sentando-me na cama.

Lorena tinha o olhar cansado, Violet acordava muito durante a noite.

— Não, senhorita. Mas devo admitir que necessito voltar às minhas tarefas habituais, não aguento mais ficar nesta cama.

— Você precisa estar recuperada primeiro. Assim que estiver bem, voltaremos para casa.

[...]

A mansão estava banhada num silêncio profundo, como quando papai morrera. Gaspar e Pierre levaram as malas para o meu quarto, enquanto eu me ofereci para acompanhar Lorena ao seu, com Violet.

Estava tão acostumada dividindo o quarto com elas, que pedi para que continuassem a dormir comigo. Mas Lorena rejeitou a ideia, dizendo que não havia necessidade em perturbar-me mais que o necessário.

Sua recuperação estava indo bem, para o meu alívio. Violet crescia forte e saudável, como deveria ser.

A pequena já tinha quase um mês de vida. O resguardo seria longo, com isso demorei a voltar para casa, mas a saudade estava insuportável.

As negociações com os Mendoza correram bem durante o tempo que estivera fora. Bluter mostrou-se menos imprestável. Detestava sua arrogância, mas não podia simplesmente descartá-lo. Mal tinha regressado e já estava atarefada.

— Bem-vinda à casa, senhorita.

Fechei os olhos, inspirando profundamente a loção de baunilha impregnada no ar. Meu peito batia dolorosamente ao constatar que só a voz de Kober tirava-me dos eixos. O tempo longe não mudara muita coisa.

Guardei os papéis que tinha em mãos na gaveta e levantei o olhar, vislumbrando-a parada na porta de meu escritório.

Seu cabelo estava um pouco menor. E odiei-me por amar tanto.

O vestido verde-pálido que usava tinha as mangas caídas, deixando as sardas de seus ombros expostas aos meus olhos famintos.

Minha vontade era de esganá-la por ainda mexer tão profundamente comigo.

Engoli em seco, oferecendo-lhe um sorriso sem entusiasmo.

— Obrigada, Kober. Precisa de algo? Estou ocupada — indaguei, cruzando os braços à frente do corpo.

— Ah, não. Só vim lhe dar as boas-vindas. — Notei que Annelise ficou sem jeito por tê-la praticamente expulsado.

— Mais uma vez, obrigada. É bom estar de volta — disse, voltando a atenção para os

documentos.

Annelise passou a chave na porta e se aproximou da cadeira à minha frente.

— Senti sua falta, Valentinne. Quero que saiba disso.

Tirei novamente os olhos do documento para encará-la com a expressão mais descrente que consegui reproduzir. Kober parecia ansiosa por qualquer coisa que viesse a sair de minha boca.

— Você é inacreditável, minha cara. Seus truques não funcionam mais, quem sabe numa outra vida. — Sem perceber, meus lábios curvaram-se num sorriso amargo.

— Eu sei que fui tola, mas... Mas...

— Pare! Não vou participar desse jogo doentio mais uma vez, Kober! — exaltei-me, sem me importar com a perda do controle recém-conquistado.

— Por favor, Valentinne. Não suporto ficar longe de você, se ponha em meu lugar!

Me vi querendo perdoá-la. Mas não iria. Ela continuaria a ter poder sobre mim, e só de pensar na possibilidade, meu estômago se revirava em repulsa.

Kober havia ultrapassado todos os limites existentes e teria de lidar com as consequências de suas idiotices.

— Você esqueceu de tudo o que me disse? É isto? — indaguei, aproximando-me de seu rosto.

Péssima ideia.

As íris tempestuosas de Annelise estavam marejadas, e eu odiava vê-la chorar. Contudo, não podia deixá-la me manipular com mais uma de suas atuações impecáveis.

— Estou muito arrependida, Valentinne. Por favor, estou implorando para que reconsidere — Annelise suplicou, com a boca trêmula.

— Não. — Mantive minha palavra, dando-lhe as costas. Pus as mãos na mesa, buscando por equilíbrio. Sentia que a qualquer momento iria desmoronar em sua frente. E, certamente, daria a certeza de que ainda era louca por ela.

Enquanto recobrava o controle, senti os braços de Annelise circundarem minha cintura.

— Eu não sabia que era tão persistente — disse, num tom sarcástico.

— Sei que ainda sente algo por mim. — A voz de Annelise soou rouca e tentadora.

— O tempo se encarregará de tirá-la de meus pensamentos, *mon cher*. — Virei-me, pegando em seu queixo, fazendo-a encarar-me. — Você já não é a mulher por quem me apaixonei. A imagem que criei em minha mente foi apagada. Aceite o meu desprezo.

Mais lágrimas desceram pelos olhos de Annelise.

— Você não está sendo justa — ela acusou, olhando-me de modo significativo.

— Justa? Você sabe o que essa palavra significa? Você não foi nem um pouco justa comigo, Kober. Não pode exigir nada em troca. Agora saia, preciso trabalhar. — Soltei seu queixo, abrindo a porta para que passasse.

Kober limpou as lágrimas rapidamente e saiu pela porta sem olhar para trás.

## CAPÍTULO VINTE E SETE

Annelise

Nunca em toda minha existência, fora tão humilhada por alguém. Principalmente pelo alguém que me fazia agir feito uma completa idiota.

Que me fazia pedir perdão. Valentinne fora fria, dura em sua sentença. Sentia-me reduzida a nada mais que pó.

Lorena havia dado à luz durante a viagem, e Valentinne tivera de ficar longe durante tempo demais.

A casa não era a mesma sem ela.

Eu não era a mesma sem ela.

No entanto, ela parecia decidida a desprezar-me. E eu só sentia vontade de voltar para aquele dia em seu quarto. Sentia necessidade de tê-la outra vez.

Encontrava-me imersa na organização dos livros da estante, quando ouvi passadas pesadas pelo assoalho de madeira. Um vulto louro e desesperado correu pelo extenso corredor.

Eu reconheceria aqueles cachos perfeitos em qualquer lugar.

Catherina havia regressado.

Sem notar, meus punhos já estavam cerrados.

Fúria tomou-me. Além de lidar com a indiferença de Valentinne, teria de suportá-la. Suas chances eram altas agora, e eu não poderia interferir.

Deixei a biblioteca, amaldiçoando-me por não me envergonhar de mais uma humilhação.

[...]

Catherina ficara para jantar, Valentinne lhe era só sorrisos na mesa.

— Pensei que não mais voltaria, *belle*. Senti tanta sua falta. — Valentinne segurou as mãos de Catherina com ternura.

Sempre a acompanhara em suas refeições, e mesmo que não estivéssemos bem, ela detestava ficar sozinha. No entanto, Catherina voltara, e, claro, me fez sentir ainda mais estúpida.

Neville era perfeita demais.

Sua beleza estonteante faria o mundo cair aos seus pés, mas Valentinne não. Porque ela era apaixonada por mim.

Por mais que negasse.

— Eu não a deixaria por nada nesse mundo, Tinne. Tem conhecimento de meu sentimento por você. — As palavras de Catherina eram carregadas de paixão, e sem que eu percebesse, me peguei admirando-a.

Ela era de verdade. Nenhum passado cercado de mentira a assombrava. Neville era o melhor para Valentinne, eu sabia. Mas aquilo não queria dizer que aceitava.

— *Belle*, você não pode ser real. — Os olhos de Valentinne brilharam enquanto fitava-a

de volta.

Sem conseguir aguentar a cena, abandonei a sala de jantar com os olhos queimando. Valentinne gostava dela.

Tomei conhecimento tarde demais. Ela gostava dela.

Fui para o meu quarto, sentindo-me destruída. A dor que irradiava por meu peito era pior do que qualquer coisa que já havia sentido antes.

O vazio me fazia companhia dentro do cômodo escuro. Inspirei fundo, como se o peso do mundo estivesse sobre os meus ombros.

— Kober? Kober abra esta porta.

— Vai embora. Aquilo não fora humilhação suficiente para você? — Ouvi-me perguntar em meio a um soluço esganiçado.

— Abra! — Valentinne gritou à porta.

Eu já não tinha mais nada a perder. Nada do que Valentinne dissesse poderia ferir-me mais do que já havia feito. Cambaleando, abri a porta.

— Diga-me o que a fez correr como uma louca da sala de jantar — Valentinne exigiu, numa súplica silenciosa. Em seu olhar, um resquício de pena dançava neles.

— Não ouse ter pena de mim, Vasseur — proferi, entredentes.

— Pena de você? Não. Só fiquei preocupada.

— Ah, claro. Você é boazinha demais para mim. — Sorri secamente, deixando-a entrar.

— Ouça-me. Isso não está nos fazendo bem, é fato. Por isso, vim lhe propor um acordo.

— Prossiga — encorajei-a, erguendo as sobrancelhas.

— Proponho que voltemos a ser como éramos antes. Antes de cometermos o erro de nos aproximarmos.

Encontrava-me completamente descrente.

— Você não pode estar falando sério! — disse, totalmente descontrolada.

— Sim, estou. Clamo por isso, Kober. Fui precipitada em cercá-la daquela forma, por isso estou tentando me redimir.

— Desapareça da droga deste quarto! — exigi, sentindo mais lágrimas chegarem. — Suma!

Aproximei-me de Valentinne com os punhos cerrados de raiva. Grande erro. Ela era de fato bem maior que eu. Seus olhos estavam furiosos, acesos.

Valentinne agarrou os meus pulsos, trazendo-me para junto de seu corpo. Ouvia meu coração bater feito um louco dentro de meu peito. Minhas pernas fraquejaram, mas ela segurou-me antes que eu fosse ao chão.

— Qual é o seu problema, Valentinne?! — esbravejei.

— Você! Você é a droga de meu problema desde o dia em que colocou os pés dentro de minha casa! — Valentinne parecia travar um conflito consigo mesma.

E a chama adormecida dentro de mim acendeu-se novamente. Ela continuava tão afetada por mim quanto eu por ela.

— Beije-me — pedi, baixo, encarando-a intensamente.

— Não. Não cometerei o mesmo erro duas vezes. — Ela continuava tentando manter-se firme, mas não por muito tempo.

— Por favor, Tinne...

Enlacei seu pescoço, tomando sua boca para mim num ímpeto de coragem. A sensação de seus lábios sobre os meus era indescritível.

Explorei seu lábio inferior, buscando sua língua desesperadamente, fazendo com que ela abrisse a boca para sentir seu gosto. A princípio, Valentinne relutou, mas logo aprofundou o beijo cheia de entrega.

Suspirei entre seus lábios, sentindo suas mãos segurarem a minha nuca de forma possessiva.

Estava tão imersa entre o beijo, que acabei por não notar que os botões de meu decote tinham sido abertos. Valentinne pressionou meu corpo contra parede, descendo a boca molhada por meu pescoço.

Minha respiração ficava difícil a cada sugada em minha pele. Com toda certeza, estaria roxa pela manhã.

Os dedos de Valentinne encontraram meus mamilos duros de prazer, fazendo-me morder os lábios fortemente para que não gritasse. A saudade era tanta que eu não me importaria se depois de tudo, ela ainda não me quisesse.

Sentia-me molhada. Estava a delirar com a experiência estranha de Valentinne. Era incrível como sabia onde tocar, apertar, beijar...

Valentinne finalmente tomou meu seio com voracidade, e dessa vez não consegui conter o grito que me escapou dos lábios. A língua molhada passeava de forma tortuosa por meu mamilo, fazendo-me puxar suas madeixas descontroladamente.

— *Cher...* — gemi, desesperada por mais.

Valentinne parou abruptamente, deixando-me desconcertada.

— Eu não acredito que fiz isso. — O tom de arrependimento não me passou despercebido.

Seus cabelos estavam desgrehados devido a minha falta de sanidade. Era possível sentir o calor emanar de meu corpo. Num ímpeto de vergonha, cobri meus seios com o braço.

— Sim, você o fez — disse, respirando com dificuldade.

— Não percebe que irá arruinar a minha vida? — ela indagou, atordoada.

— Eu... eu... — Busquei palavras que pudessem aplacar a tensão do cômodo.

— Isso não pode continuar. Não posso. Continuará a ser um membro de minha família, mas nada além disso.

Um tapa doeria menos.

— Você não vê o que acabamos de fazer aqui? Não há por que lutar contra o que se sente, Valentinne — disse, tentando aproximar-me novamente.

— Você só me fez duvidar de mim mesma, Kober. Só me faz chorar. Isso não é saudável. — Valentinne saiu de meu quarto, completamente destruída.

Ela tinha toda a razão.

Eu não era o suficiente para ela.

# CAPÍTULO VINTE E OITO

*Valentinne*

Meu pulso estava acelerado, a ardência em minha pele era quase palpável. O gosto de minhas lágrimas — que não paravam de escorrer por meu rosto —, induziam-me a sentir raiva.

Kober seria minha ruína. Não tinha dúvidas quanto a isso.

Nossa situação jamais seria resolvida de verdade se eu continuasse a aceitar todos os feitos inescrupulosos dela. Sua satisfação em me ver ruir era óbvia.

Não suportava a ideia de ser só mais uma mera peça de xadrez em seu tabuleiro.

O oco dentro de meu peito doía profundamente. A sensação de perder se propagava. E eu já tinha perdido demais nos últimos tempos. Minha sanidade e dignidade pareciam nem existir. Os fragmentos de esperança falsa sumiam a cada decepção.

As sombras tomavam o meu escritório, o tic-tac do relógio era o único som audível dentro da escuridão fria. A cada dia que passava, o vício pelo trabalho tornava-se natural.

— São três horas da manhã, Valentinne. O que diabos está fazendo com sua vida? — A voz grave de Nathanael preencheu todo cômodo silencioso, e não era nada além de fiasco.

Seus braços estavam cruzados sobre o peito, a expressão dura no rosto bonito não era das melhores.

— Preciso trabalhar — emiti, considerando aquilo uma resposta suficiente, desviando o olhar para as fileiras de papéis ao lado da escrivaninha.

— *Dieu*, vá dormir! É uma ordem!

Levantei-me da cadeira acolchoada, fuzilando-o com um olhar dardejante.

— Não seja hipócrita. Você vivia enfurnado aqui dentro diariamente também — rebati, seca, apreciando a surpresa dele diante da retaliação afiada.

— Talvez eu esteja sendo mesmo, mas desejo o seu bem. E você está ultrapassando os limites, então, por favor, me ouça. — Os olhos azuis de Nathanael imploravam para que lhe ouvisse aquela vez.

— Tsc. — Cedi as suas palavras, exausta demais para prolongar a conversa.

[...]

Continuava encarando o dossel sem muita vontade de me mexer. A sensação de lamber a pele de Annelise continuava vívida em minha memória, parecia impossível esquecer dela por um mero segundo desde a noite anterior.

— Tinne? Tinne, sou eu.

Afastei os lençóis e saí da cama a passos errôneos. Não queria conversar, não desejava esforçar-me mais do que o necessário.

— São nove da manhã, Neville. O que quer? — Ergui as sobrancelhas, exaustão cintilava em meu olhar.

Catherina era belíssima. E estava ainda mais naquela manhã. Os cachos caíam sobre os

ombros como cascata. Ela trajava um modelo rosé de decote baixo e saia partida.

— Digamos que um passarinho me contou que um certo alguém não faz nada da vida além de trabalhar. — Catherina disparou com a boca ardilosa, adentrando o quarto silencioso.

— Nathanael é um maldito traidor.

Fechei a porta, surpreendo-me com o abraço inesperado de Catherina. Seu cheiro era bom, e a curvas do corpo delgado encaixaram-se perfeitamente em minhas mãos.

Desejei amá-la naquele instante.

— Conte-me o que está acontecendo. Estou suplicando — ela pediu, suplicante, o hálito acertando meu rosto.

— Não mereço você, *belle* — afirmei, ciente de cada maldita palavra.

— Você não enxerga o quanto a amo? — Catherina beijou minha testa, descendo os olhos para os meus.

Só conseguia sentir. Era reconfortante estar em seus braços, poderia ficar neles para sempre.

— Ah, *belle*.

As lágrimas vieram novamente, e Catherina conduziu-me para a cama como se eu não passasse de uma criança.

Molhei o seu colo com minhas lágrimas, tendo seus dedos afagando meus cabelos.

— Sempre estarei aqui, *mon amour*. Não importa quanto tempo passe, ou que não me ame. Eu estarei aqui.

— Você merece mais que isso, Catherina. Não se contente com tão pouco — sussurrei, mais para mim do que para ela.

Eu queria falar mais, no entanto, as palavras continuaram presas em minha garganta. Só queria poder retribuir, só queria amá-la com a mesma intensidade.

— Eu amo você, Valentinne. Amo com todo o meu coração.

Não ousei encará-la. Minha vontade era beijá-la, mas isso seria o ápice da insensatez. Catherina merecia ser amada, merecia alguém que não estivesse em pedaços.

Deitei-me nos lençóis, trazendo-a junto.

— Queria fazê-la feliz, Catherina. Eu juro.

— Você já me faz feliz — ela disse, antes de enterrar o rosto em meu pescoço.

[...]

Era possível enxergar além das janelas abertas o céu mesclado. Catherina dormia profundamente ao meu lado, aninhada em meu corpo. Sua respiração serena era como música para os meus ouvidos, acalmava-me.

— Ah, Catherina. Queria amá-la. Queria amá-la — murmurei, contra a massa dourada espalhada pelo travesseiro.

Os cachos perfeitos desmanchavam-se em consequência ao sono. A boca entreaberta parecia atrair-me mais do que deveria.

Tudo seria mais fácil com Catherina. A troca seria recíproca, ela me amaria.

Infelizmente, o meu coração era teimoso demais para tentar amar uma pessoa que não fosse Annelise.

Enquanto minha mente viajava por lugares desconhecidos, a porta fora aberta por Kober.

— Eu...

Annelise parecia não acreditar no que via. Seus olhos estavam arregalados, surpresos. Tive um sobressalto por sua chegada repentina, e por instinto afastei-me de Catherina, que continuava alheia à cena.

— Deixe-me explicar — pedi, sentindo uma necessidade enorme de esclarecer as coisas.

Ansiei por socar-me no mesmo instante. Eu não tinha de dar explicações a Annelise.

— Não. Não há nada a ser explicado. Você não me deve explicações. — O tom de voz dela soou ríspido.

— Tem razão. Não devo. — Me ouvi concordando com suas palavras.

— O sr. Vasseur pede para que desça. O almoço será servido. — A expressão no rosto de Annelise era enigmática.

— Claro.

— Com sua licença, srta. Vasseur.

Por alguma razão, me senti horrível. E o sentimento de culpa novamente invadiu-me.

Não tinha por que me sentir daquela forma, não quando Annelise parecia pouco se importar sobre as coisas que fazia longe de meus olhos.

— *Belle*, acorde. Temos de descer. — Toquei o braço de Catherina, que ainda dormia. — *Belle!*

— Que horas são? — ela sondou, sonolenta, fazendo uma risada irromper em minha garganta.

— Meio-dia. O almoço será servido. — O informe foi feito entre um gemido.

Neville fitava-me como se eu fosse a sobremesa.

— Estou faminta. — O sorriso dela atingiu-me como chuva de setembro.

A bolha em que me encontrava parecia me proteger. Sentia-me segura com Catherina, tudo tendia a ser mais leve com ela.

Suas safiras pareciam ainda mais atraentes enquanto olhavam fixamente para um ponto específico de meu rosto.

— *Belle*.

Sem que pudesse controlar o ímpeto de beijá-la, tomei os seus lábios, procurando sua língua. Um gemido baixo escapou-me sem a minha anuência.

— *Párdon* — sussurrei, de olhos fechados, mortalmente desconcertada.

— Não faça isso, é só o que peço, *amour*. — Abri os olhos lentamente, vislumbrando a chama que oscilava nos de Catherina. — Eu a amo.

As palavras deixaram a boca vermelha como uma amora madura com simplicidade.

Deitei-me sobre o seu corpo, beijando-a com urgência. Minhas mãos percorreram todo centímetro de pele exposta deixada pelo vestido.

Não queria parar para ponderar, pois estava consciente de meu erro.

# CAPÍTULO VINTE E NOVE

Valentine

As coisas entre Catherina e eu só ficaram ainda mais confusas depois do beijo. Ele fora bem mais do que um simples toque. Durante o percurso até o carro, não tocamos no assunto.

Eu não passava de uma irresponsável, e Catherina uma mulher apaixonada.

— Obrigada por hoje, *belle* — sussurrei as palavras em agradecimento sobre as ondas louras enquanto a abraçava.

— Não há o que agradecer, Tinne. — Os olhos de Catherina eram distantes como estrelas numa noite chuvosa.

— Talvez seja melhor falarmos sobre o que aconteceu... — Tentei tocar no assunto, mas Catherina me interrompeu antes que minhas palavras viessem.

— Não é uma boa ideia. Por favor, não — Catherina pediu, aparentando exaustão.

— O que for melhor para você. — Obriguei-me a ser condescendente com sua decisão, ajudando-a a entrar no carro. — Até mais, *belle*.

— Até.

A forma como nos despedimos fora distante, e eu tentei não me preocupar. Afinal, a atitude fora minha. E por mais que quisesse, não havia muito a ser feito.

[...]

Meu cérebro não conseguia absorver o conteúdo do livro que lia. Era extremamente difícil concentrar-me. Estava inquieta, ansiosa. O céu nublado escondia as estrelas que olhava quando a aflição me tomava.

Encontrava-me submersa num mar envolto por ondas quebradas.

Inspirava fundo, buscando abrandar as vozes dentro de minha cabeça.

Seria Annelise o real motivo para que eu não levasse Catherina em consideração, ou eu mesma havia estabelecido tal coisa? Não conseguia entender-me, a indecisão pairava sobre mim.

Cruzando o cômodo uma, duas vezes e mais, acabei por chegar à conclusão que negava com todas as minhas forças.

Eu precisava de Catherina.

Assim que amanhecesse, iria ter com os Neville aquela conversa. Iria cortejar Catherina, com ou sem a bênção deles. Minha decisão estava tomada até ouvir gritos no corredor.

— VALENTINNE! VALENTINNE! ABRA ESTA DROGA!

Corri em direção à porta, assustando-me com o estado deplorável de Kober. A mulher altamente alcoolizada possuía um sorriso largo, como se fosse natural berrar daquela maneira. O rosto de Annelise estava vermelho, os olhos baixos e deslocados.

— *Dieu*, Annelise! — Ela cheirava a uísque, os olhos verdes condiziam com a tonalidade de sua boca. — Você pegou uma das garrafas do estoque de Nathanael, Annelise?

A indagação fora mais uma confirmação óbvia.

— Qual é o problema? — Annelise adentrou o quarto com indolência emanando do corpo bêbado.

— O que pensa que está fazendo? — Já estava em seu encalço, com o maxilar travado pelo esforço de reter os impropérios deploráveis que passeavam por minha mente.

— Quero um beijo de boa noite. Não vai me negar, não é?! — A fala enrolada de Kober só me fez perder o que ainda restava de minha antiga tolerância.

— Não cansa de tentar enlouquecer-me? Vá para o seu quarto, precisa dormir. — A ordem foi dita entre um grunhido estrangulado.

Annelise circundou meu pescoço com os braços descontrolados sem que eu esperasse, reivindicando minha boca para si. Fiquei completamente desarmada diante de sua falta de senso. Não estava nem um pouco preparada psicologicamente para aquele contratempo.

— Beije-me direito, Tinne — ela pediu, soando desejosa.

Cuidadosamente, tentei desvencilhar-me de seus braços que me mantinham presa com uma vontade de ferro.

— Você é inacreditável, Kober! O que quer de mim, inferno? — berrei, libertando-me enfim dela.

— Fui uma idiota! Fui idiota por tratá-la daquela forma grotesca! Por deixar que você escapasse! — Annelise esbravejou, deixando que os braços caíssem ao lado do corpo num gesto impotente.

— E eu tenho de estar sempre aberta aos seus pedidos toscos de desculpas? — inquiri às oitavas, igualando o tom de voz ao dela.

— Não tenho direito de exigir nada de você, tenho consciência disso, mas não aceito esse poder que exerce sobre mim, Valentinne! — Annelise parecia atordoada, como se tivesse perdido a sanidade.

— Sabe o quanto prezo pela sinceridade, não sabe?! Apenas queria saber onde estava às cinco da manhã.

As labaredas dos olhos de Kober estavam acesas, incandescentes.

— Sim, eu sei... Eu só preciso que me beije. Estou implorando — ela murmurou como uma oração, aproximando-se de meu alcance.

Nossos embates estavam se tornando diários, quanto mais eu tentava afastar-me, mais Annelise dificultava.

— Não suporto mais essa loucura que nos persegue. — O peso das palavras que penderam de meus ombros havia sido considerável.

— Você acha que eu já não percebi? Catherina é o melhor para você. Eu não a mereço, Valentinne. Mas sou egoísta, e não quero entregar você!

Talvez fosse o álcool falando por Annelise, mas o efeito que aquilo havia surtido em mim fora inevitável. Toda angústia tinha sido aplacada no instante que as confissões deixaram sua boca.

— Estar louca por você a maior parte do tempo é a minha penitência, Kober. — O conhecimento do que eu havia dito perpassou por seus olhos, fazendo com que meu estômago desse várias voltas. — Você precisa se abrir comigo, eu preciso disso, Annelise. — Àquela

altura, eu já não me importava em implorar.

— Ah, Valentinne. Se eu pudesse, teria feito tudo diferente, mas estou disposta a abandonar tudo por você. — O semblante de Annelise havia sido tomado por uma sinceridade gritante.

Era o que eu precisava para lançar-me no precipício de vez.

— Sou louca por você, Kober. Com todo o meu coração. — Meneando a cabeça como se não acreditasse nem por um momento no que estava prestes a fazer, caminhei em direção a sua boca, tomando-a para mim.

Não importava quanto tempo passasse, eu ainda amaria beijá-la. Era nítido o quão erradas éramos uma para outra, mas a paixão conseguia ser sobressair.

A iminência em cada toque, cada investida, cada aperto chegava a doer. Meu corpo estava morrendo de saudade dela. A língua de Annelise invadiu minha boca sem aviso prévio, nos torturando lentamente. Tinha conhecimento de que aquele beijo havia sido o mais sincero entre nós até então. As mãos de Annelise correram por baixo de meu vestido, fazendo-me recuar de início.

Desci a boca para o seu ouvido, sussurrando palavras sujas que nem eu mesma sabia que existiam. Éramos apenas nós.

Lambi, mordi, degustei da pele sensível do pescoço alvo, não contendo aquela sensação primitiva que me preenchia lenta e dolorosamente.

— Desça, *cher*, desça... — ela pediu, de forma tentadora.

Minhas mãos foram para o seu decote, desabotoando os botões de maneira desajeitada. A expectativa de que enfim avançaríamos mais um degrau fazia-me estremecer.

Sempre soube que seria com ela.

Meu interior gritava isso todas as noites.

Meus dedos roçaram os seios medianos de forma sedenta. Os mamilos rosados pareciam esperar por mim, rijos como aço recém-forjado.

— Ponha na boca, Valentinne — Annelise incentivou, vendo a minha ansiedade.

Sua permissão só me incitara a fazer o que não saía mais de minha cabeça. Novamente degustava da pele de seu seio, perdendo-me nas sensações maravilhosas que eles me proporcionavam. Escutar Annelise praguejar baixo em sua língua fazia-me ir ainda mais além, ir mais fundo em suas defesas.

— *Mehr!* — Seus olhos rolavam enquanto suas mãos puxavam o meu cabelo.

A urgência em beijá-la se intensificou. Os gemidos roucos que deixavam nossas bocas eram abafados pelo toque íntimo, Annelise exigia naquele momento o máximo de mim, no entanto, algo me fez parar.

— O que houve? — ela indagou, num sussurro arrastado.

— Você ainda tem álcool no corpo. Quero que façamos isso quando estiver sóbria. Você se lembrará, Annelise — disse, rente à boca inchada dela, tentando recobrar o controle de minhas vontades.

— *Mein engel* — Annelise falou, com ternura, puxando-me para a cama.

— Vamos só dormir por hoje, *oui*? — Decidi então, assistindo-a a tirar o vestido e as roupas de baixo com uma calma calculada.

— *Klar*.

— Aceitarei isso como um sim. — Cobri seu corpo despido com o meu, trazendo-a para mais perto.

Enquanto procurava por alguma camisola decente, Kober já dormia na cama de casal. Aninhei-me a ela, circundando a cintura estreita.

— *Bonne nuit, bien*.

Ainda restavam coisas a serem esclarecidas, mas, no momento, só ansiava por agarrar-me a esperança de um novo recomeço com Annelise.

# CAPÍTULO TRINTA

Annelise

Valentinne dormia serenamente ao meu lado. A face distensa só evidenciava a beleza que a cercava. Seu braço continuava firme em minha cintura, e era inepto, porém, inevitável não me sentir especial com todo o cuidado que ela tinha comigo.

— Fique aqui. Não vá... — Valentinne murmurou em seu sono, intensificando o aperto sobre minha cintura.

— Shh... *Engel*. Não irei a lugar nenhum — sussurrei, baixo, acalentando-a.

Ela voltou a inspirar normalmente, e eu também.

Os cachos escuros eram uma bagunça adorável. Tudo nela parecia ter sido moldado por mãos extremamente hábeis. Cada traço parecia ter se adequado perfeitamente a ela.

O nariz pequeno, a boca de um vermelho natural, e sem dúvidas o sorriso de dentes brancos e assimétricos.

A maldita covinha na bochecha esquerda era o charme dos Vasseur. Ela sempre aparecia quando Valentinne sorria largo. Aqueles pequenos detalhes fizeram-me cair em suas graças. Era decerto alguma maldição.

Por mais que quisesse, não estava abalada. Algo dentro de mim gritava que o "nós" estava fadado a acontecer.

— Você parece uma miragem, *bien*. — Me virei, encarando Valentinne já desperta.

— Está a ver coisas, Valentinne — disse, aninhando-me ao seu corpo na cama de casal.

Os lençóis de linho estavam completamente desarrumados. Raios de sol entravam pela cortina branca, avisando que o dia estava para começar, e que em breve teríamos de nos separar.

— Tive medo de que você não estivesse mais aqui quando eu acordasse. — Valentinne tinha o olhar perdido entre as paredes do quarto.

— E para onde eu iria? — perguntei, tentando ganhar tempo.

— Não quero nem imaginar. — Valentinne mantinha os olhos fechados.

— Acho que não dá para continuarmos assim, Valentinne. — As palavras pularam de meus lábios naturalmente.

Ela abriu os olhos devagar, olhando-me por debaixo dos cílios longos. Era uma missão impossível tentar ser imune. Eu havia fracassado miseravelmente, e jamais, enquanto vivesse, confessaria aquilo em voz alta.

— E o que você sugere? — A expressão de Valentinne era de uma genuína curiosidade.

Um frio estranho passou a pesar em meu estômago. Dizer as palavras parecia mais difícil do que eu previra.

— Eu não sou boa com as palavras... Não sei como pedir isso. — Desviei o olhar, completamente envergonhada.

— Você precisa. Só assim poderei esclarecer algumas pendências... — Valentinne desejava saber, porém eu não ansiava muito para o fazer.

— O único meio de continuarmos é rotulando o que temos de uma vez... — falei, devagar, sentindo meu coração querer saltar para fora de mim.

Valentinne olhou-me com espanto e a decepção me tomou.

— Você acha que essa seria nossa solução? — ela perguntou, com a voz baixa.

Balancei a cabeça mecanicamente, sem coragem para repetir o meu quase pedido bobo.

— Eu... — Sentia as palavras na ponta de minha língua, mas não conseguia proferi-las.

— *Bien...* Você não precisa se forçar a nada. Podemos continuar da forma que estamos. Prometo que daqui em diante respeitarei o que temos e não beijarei outra boca senão a sua. Rótulos não passam disso, rótulos. — Valentinne parecia disposta a me ter, no entanto, aquilo não bastava.

Eu a queria por completo.

Ela tinha razão sobre continuarmos como estávamos. Mas o que eu deveria fazer? As certezas que havia carregado por tanto tempo perdiam-se a cada toque seu. Era mais do que o meu coração tolo conseguia suportar. Eu só queria permanecer ali, em seu abraço, recebendo o calor que emanava de seu corpo.

— Eu tenho ciência disso, mas...

— Kober, não ficou claro quão louca por você eu sou? — Valentinne inquiriu, procurando meu olhar. — A partir de agora, serei mais sincera possível. Peço para que o seja também.

Toda felicidade que sentia se reduziu a pó. Como eu poderia ser sincera? Valentinne jamais me perdoaria se tivesse conhecimento de toda verdade. Eu não poderia arriscar ainda, mas já não suportava mentir.

— Tudo bem.

[...]

O dia transcorreu de forma tediosa. Valentinne não pôde ficar comigo. Claro, ela continuava sendo a senhora da casa. Eu não poderia esquecer, jamais. Mesmo assim, o meu subconsciente não se conformava de não a ter por perto.

— Tem um minuto, Annelise? — Nathanael aparecera em meu quarto repentinamente.

— Ah, claro.

Tentei não ficar nervosa, mas fora impossível. O que que ele poderia querer de mim?

Ele pediu para que o acompanhasse até a biblioteca.

— Sente-se — ele ofereceu, apontando para a cadeira à sua frente.

— O que deseja, senhor? — indaguei, ansiosa, cruzando minhas mãos.

Alisava a saia do vestido freneticamente.

Nathanael era como um irmão mais velho, protetor e preocupado. No entanto, sempre havia preferido não ter muita ligação com os Vasseur em geral, mesmo que papai os adorasse.

Eu sempre havia me mantido distante.

— Como bem sabe, Valentinne não deixa aquele escritório por nada. — Ele começou, e

então sorriu fazendo com que a covinha que Valentinne também possuía aparecesse na bochecha esquerda.

— Bem, sim — concordei, pois não tinha muito para acrescentar.

— Preciso de sua ajuda para fazê-la viver um pouco de novo. — Nathanael enfim chegou ao ponto, fazendo-me quase agradecer em alívio.

— E por que acha que ela me ouviria, senhor? — Apontei, levemente contrariada.

— Tinne sempre ouve você. Ela ficará feliz se o pedido vier de sua parte. — Nathanael soou estranho.

O sorriso não deixava sua boca um só instante, e eu me peguei estranhando o pedido dele.

— Não sei se...

— Ela ama você.

Senti como se todo o oxigênio da biblioteca tivesse sido banido. Sua constatação pegou-me desprevenida.

— O que disse? — perguntei, desconcertada, controlando a respiração.

— Não sou cego, Annelise. Muito menos surdo. — Nathanael parecia se deliciar com a minha descrença. — Faça-a feliz, Kober. Confio em você.

Não havia mais o que esconder. Nathanael sabia sobre nós.

— Eu a farei — assegurei, um peso enorme havia sido tirado de minhas costas.

Estava disposta a realmente deixar tudo para trás, no entanto, restava confessar os detalhes que mais odiava de minha vida para Valentinne. Mas aquilo poderia esperar.

# CAPÍTULO TRINTA E UM

*Valentine*

Mesmo que tentasse com todas as forças existentes concentrar-me nos contratos em minhas mãos, a declaração de Annelise não saía de minha cabeça. Enfim estávamos tentando acertar de maneira sensata daquela vez.

— Muito atarefada?

"Pensando no diabo."

Amava vê-la entrar nos cômodos, amava ouvi-la.

Amava-a.

— Na verdade, não — menti, deixando os contratos de lado. — Venha aqui.

Annelise trancou a porta e veio em minha direção lentamente, uma predadora diante de sua presa.

Meus olhos a mediram de cima a baixo, atraídos. Não me cansaria de admirá-la. Aquele hábito se tornara um vício maldito.

Annelise desfez os laços de seu vestido azul, deixando-o cair aos seus pés. Minhas entranhas se fecharam com sua nudez. Ela não vestia absolutamente nada por baixo. Senti meu rosto queimar de vergonha.

— Kober!

Seus lábios se curvaram num sorrisinho petulante, enquanto ela se acomodava em minha mesa. Afastei a cadeira para que se sentasse de frente para mim e pus minhas mãos em sua cintura.

— Você é louca, Annelise — disse, excitada, não podendo conter o sorriso torto que me tomava a boca.

— No seu lugar, eu me beijaria. — Annelise me olhava fixamente.

Aproximei-me como uma sombra, beijando-lhe os ombros cobertos por pequenas sardas, deliciando-me com os murmúrios de protesto que ela proferia rouca.

Annelise era precipitada, mas eu amava a lentidão. E por mais que a quisesse, jamais a imaginaria nua em minha mesa de trabalho.

A probabilidade de que aquilo acontecesse algum dia era inexistente. Nunca havia considerado nada parecido.

— O que quer, Kober? — Induzindo-a a jogar a cabeça para trás, provoqueei-a raspando meus dentes pela pele arrepiada de seus ombros.

— O que você quiser me dar. — Ela forçou a voz para que saísse o mais limpa possível.

Mantive Annelise presa na mesa, enfiando-me no meio de suas pernas que me abraçaram por instinto. Minhas mãos correram pela coxa exposta, indo em direção ao seu núcleo. Lembrei-me da sensação que sentira quando seus dedos me tocaram, fora libertador. E eu queria retribuir...

Toquei-a um pouco insegura, mas ao ouvir um gemido de aprovação, continuei a

massagear seu ponto de prazer. A cabeça de Annelise pendia para trás, a respiração difícil me acertava. Meus dedos continuavam a tocá-la devagar, fazendo-a praguejar como um marinheiro.

Suas partes estavam molhadas, e constatar isso fez com que meu ventre queimasse.

— Você é a droga de um anjo, Kober.

Minha boca tomou a sua faminta, necessitada. As mãos de Annelise seguraram minha nuca, enquanto me vi penetrá-la com um único dedo.

Ela deu um gritinho surpresa, voltando a beijar-me com urgência. Nossas línguas dançavam livremente, degustando o máximo possível uma da outra.

— Com quem você aprendeu essas coisas, Valentinne? — Annelise questionou, tentando me encarar.

— Talvez tenha lido em algum lugar... — Não era mentira.

— Droga... — Annelise sussurrou, mordendo meu lábio inferior. — Mais um dedo, *amour*.

Deslizei mais outro dedo para dentro de Annelise, sentindo-a se contrair em volta deles.

— Acho melhor sair da mesa. — Ela obedeceu sem ao menos contestar. — Apoie uma perna na cadeira, *ma petite*<sup>[9]</sup>.

Ela o fez passivamente.

Ajoelhei-me à sua frente, tendo seus olhos expectantes sobre mim.

Sem me conter mais, mergulhei a boca dentro dela. Seu gosto era único. Jamais havia tido tamanha intimidade com qualquer outra mulher, mas sabia que nenhuma outra teria o mesmo gosto que Annelise.

Ela segurou em meus cabelos, esfregando-se em mim. Minha língua passeava devagar por toda sua extensão, provocando-a como podia.

Minhas mãos foram para suas nádegas, mantendo-a presa a mim. Meus instintos pareciam aflorados, era como se eu soubesse exatamente onde ela sentia mais prazer.

Annelise movia seus quadris, indo contra minha boca com selvageria.

— Eu vou... Vou gozar, Valentinne...

Sentia os tremores em suas pernas.

Minha boca fora preenchida pelo gozo quente, e eu me senti orgulhosa por tê-la levado ao ápice.

Sentei-me na cadeira, trazendo-a para o meu colo.

— Tudo bem? — perguntei no seu ouvido.

— Estou com as pernas trêmulas, então sim, está tudo bem — ela disse, sorrindo. Annelise deitou a cabeça em meu ombro, respirando com dificuldade.

Continuamos na mesma posição até que sua respiração se normalizou outra vez.

— Você só esteve comigo, não é? — Os olhos de Annelise procuraram nos meus a verdade.

— Sim, apenas com você. E pretendo só estar com você, *cher*. — Assegurei, tomando sua boca numa carícia tenra. — Me saí bem?

— Bem não seria a palavra... Esse foi o melhor orgasmo da minha vida. — No mesmo instante em que proferiu as palavras, Annelise pareceu se arrepender.

— Então você teve outras pessoas? — Foi mais uma confirmação que uma pergunta.

— Sim... Mas a única que eu amo é você.

A confissão de Annelise deixou-me em êxtase. Seus olhos desviaram-se dos meus, mas não a deixaria escapar tão fácil.

— O que disse? — Me peguei perguntando em tom débil, fitando-a de forma inquisidora.

Algo desesperador se apossou de mim.

— Você quer mesmo que eu repita? — Annelise refutou, corada.

— Eu preciso que sim.

Um silêncio constrangedor recaiu sobre nós. Passei a achar que estava alucinando, que havia escutado o que me era conveniente.

— *Je t'aime plus que tout*<sup>[10]</sup>, Valentinne Vasseur. Amo-a com todas as minhas forças.

Sem que pudesse me controlar, puxei-a para mim, beijando-a em desespero.

[...]

As luzes de meu quarto estavam baixas, e mesmo que Annelise já tivesse me tocado, sentia-me envergonhada por estar tão exposta. Suas mãos já haviam arrancado meu vestido, e agora deslizavam sobre minha pele.

— Você tem certeza de que deseja isso? — Ela sondou, beijando meu abdômen.

Assenti em concordância, sem conseguir emitir nenhuma palavra.

Depois de sua confissão, eu só pensava em consumir o que já devíamos ter feito. Queria entregar-me para Kober de uma vez por todas.

A língua dela deslizou pela pele sensível de minha orelha, fazendo-me ofegar. O nervosismo somado à tensão deixava-me à beira do abismo. Eu sentia isso, ainda assim, não desejava voltar atrás.

— Você ainda tem escolha, Valentinne — Kober sussurrou contra minha boca.

— Só faça de uma vez.

Annelise estava de joelhos sobre o colchão, mantendo-me deitada. A expectativa fazia-me tremer, e tê-la nua tão próxima era mais do que eu podia suportar.

Os olhos dela estavam enevoados de desejo.

Annelise segurou um de meus seios, levando-o à boca. O calor de sua língua envolta no mamilo já rijo fez com que eu tentasse me erguer do colchão, todavia, ela forçou minha barriga para que não me movesse.

Em meio a tantas sensações a ouvi dizer ao longe:

— Quero ouvi-la gritar, então trate de se soltar.

A promessa de que seríamos uma só fora firmada.

# CAPÍTULO TRINTA E DOIS

*Annelise*

Confessar que amava Valentinne em parte me fizera repensar sobre todas as bobagens feitas até aquele momento. Seus olhos negros brilharam de um jeito que jamais vira antes, um turbilhão de sentimentos passou por eles no instante seguinte em que as palavras saltaram de minha boca.

Meu corpo ainda se encontrava trêmulo por ela tê-lo tocado tão intimamente. Mesmo com a experiência de Ceci, jamais havia sentido algo tão profundo em nossos momentos de intimidade. Tudo para mim antes dela fora casual, no entanto, ainda me era novo amar de verdade.

E eu amava Valentinne Vasseur com todas as fibras de meu corpo. O sentimento era grande demais, solene demais.

Suas mãos tentavam abafar os murmúrios de prazer que lhe escapavam da boca a cada beijo depositado abaixo de seu umbigo. Ela era linda.

O corpo de Valentinne fora moldado especialmente para sentir as minhas carícias, e só de imaginar outra pessoa que não fosse eu tocando-a, fazia-me querer arrancar cabeças.

Eu tinha conhecimento do que estava prestes a fazer. Sabia que depois não haveria volta, e estava disposta a sofrer as consequências. Todo risco era válido desde que a tivesse comigo.

O passado já não importava.

Beijei os lábios de Valentinne delicadamente, tentando ao máximo conter-me. O desejo pulsava em minhas veias, mas eu queria que tudo fosse especial para ela, sentia a necessidade de provar-lhe o meu amor. Valentinne não mais estava no controle, o que a propósito era ainda mais instigante. Ela havia me domado horas atrás, feito-me sua. Mas agora encontrava-se a minha mercê na cama ampla.

Seus olhos estavam fechados e a boca vermelha entreaberta buscava por ar.

— Abra os olhos — ordenei, dedilhando o meio de suas coxas, explorando-a.

Molhada e pronta.

Meus dedos deslizaram pela intimidade úmida, fazendo-a conter os gemidos que ameaçavam irromper pelo quarto. Fiz pressão com o dedo em seu ponto mais sensível, sentindo seu corpo tremer sob a palma de minha mão.

— Você tem que me pedir agora — sussurrei contra sua boca, mordendo o lábio inferior, lambendo-a com a ponta da língua.

— Por favor. — Valentinne fez como ordenado, fazendo de mim a mulher mais feliz do mundo.

Deslizei dois dedos para dentro de seu corpo, assistindo-a a arquejar de prazer. O corpo de Valentinne estava completamente suado.

Voltei a beijá-la, imensa e completamente inebriada pela sensação de fazê-la minha de novo. Seus lábios moveram-se sobre os meus carinhosamente, a língua já não tão tímida procurou por abrigo desesperadamente.

Tirei os dedos de dentro dela, incitando protestos de sua parte, mas não por muito tempo. Afastando as pernas longas com as mãos, tive um maior vislumbre do caminho que estava livre para mim.

— Kober! — O rosto de Valentinne era de um tom escarlate hilário.

— Deixe para chamar meu nome quando gozar em minha boca. — Provocando-a, dei-lhe uma piscadela.

Sem ceder mais espaço para reclamações, enfiei meu rosto no meio de suas pernas, chupando-a avidamente como se minha vida dependesse de satisfazê-la.

Um grito deixou a garganta de Valentinne, fazendo um sorriso vitorioso tomar meus lábios. Seus dedos logo estavam puxando meus cabelos, às cegas. A sensação de tê-la em minha boca não se comparava a nada que já tivesse experimentado antes.

Era a primeira vez que fazia amor, e tinha de ser ela.

Intensifiquei meus movimentos, degustando-a da forma mais devota possível.

— Kober! — ela gemeu, rouca, segurando os lençóis com força.

Isso.

Estava quase lá, faltava pouco.

Continuei a beijá-la até que o orgasmo veio forte e quente, preenchendo minha boca.

Engoli e lambi todo resquício de seu prazer.

— Annelise...

Ergui o rosto e me vi perdida na imensidão de Valentinne Vasseur. Seu rosto vermelho e boca entreaberta foram a minha perdição. Me movi para cima de seu corpo, sendo abraçada por sua nudez.

— Sinta seu gosto, *Mein Engel*.

— Amo-a, Annelise... — ela murmurou, com dificuldade, as pálpebras baixas como se estivesse cansada demais para prosseguir.

— Amo-a, amor.

[...]

Acordei sozinha na cama.

Tentei a todo custo não me sentir desapontada com a ausência de Valentinne. A noite passada parecia ter sido nada além de um sonho. As promessas que fizemos enquanto caíamos no sono eram desejos de um futuro ainda distante.

Tratei de aprontar-me, sentindo-me imensamente feliz até receber as correspondências do dia.

Ceci desejava me ver. Havia me esquecido completamente de sua existência. Culpa pesou dentro de meu peito. Teria que deixá-la. Não havia outro meio.

Em meio a tantas cartas direcionadas a mim, uma de mamãe estava inclusa na pilha de envelopes.

As palmas de minhas mãos começaram a suar, fazendo-me secá-las no vestido.

O que mamãe queria?

Voltara para a Alemanha alegando que não iria fazer parte de meus planos. Mamãe era uma mulher de princípios, jamais faria algo da proporção do que eu tinha em mente.

Meus olhos continuaram grudados no papel até que a voz de Valentinne soou atrás de mim, arrancando-me do transe.

— *Bien*, já de pé?

Escondi a carta nas costas num movimento rápido e desajeitado.

— Sim, continuo sendo sua dama de companhia, Valentinne. Tenho de cumprir com os meus afazeres. — Minha voz saiu vacilante. Maldição!

— Se tornará a senhora desta casa, amor. — Sua declaração estava dotada de convicção.

— Sinto-me prestes a explodir de tanta felicidade.

E eu não estava mentindo. Não conhecia a felicidade até ser dona de todo o amor de Valentinne.

"Você não a merece, Annelise Kober. É uma mentirosa. Uma farsa." Minha consciência gritou, mas eu não a ouvi.

— Está tudo bem? Parece pálida. — Os olhos castanhos sobre mim estavam nublados de preocupação.

— Não, está tudo perfeitamente bem.

— Deixarei o trabalho para mais tarde. Quer cavalgar? — ela sugeriu, já sabendo da resposta.

— Adoraria, *cher*.

Eu teria de resolver a situação o quanto antes. Não suportaria a rejeição de Valentinne. Não estava preparada para perdê-la.

# CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Valentinne

A forma como Annelise pareceu alarmada diante de minha repentina chegada deixou-me levemente desconfiada. Suas mãos escondiam algo nas costas, e a cor de seu rosto havia sumido.

O temor de que alguma desgraça tivesse ocorrido me corroeu. Mas se o suposto acontecido fosse algo realmente grave, ela mealaria.

Os números estavam despencando consideravelmente. Mesmo que estivesse trabalhando feito uma máquina desgobernada, os índices não batiam com o desejado. Nathanael estava a desconfiar da índole de Jean, mas não podíamos acusá-lo sem provas.

Isso poderia se tornar um problema grave.

Koda e Chuva trotavam despreocupadamente pelo campo vasto, enquanto Kober e eu nos mantínhamos deitadas na grama. O cheiro de terra vinha junto da leve brisa, que somada aos raios calorosos tornava a tarde agradável.

O rosto de Annelise estava enterrado em meu pescoço, seus braços ao meu redor abraçavam-me com força.

— Amo-a tanto, Valentinne. Penso que irei explodir a qualquer momento de tanta felicidade — ela disse, as palavras derretendo em sua língua.

A aura de Annelise emanava vitalidade, sua jovialidade ficando cada vez mais em evidência. Os sorrisos largos que me lançava transpareciam ternura.

Toquei as pequenas sardas salpicadas nas maçãs de seu rosto, logo depois as sobrancelhas claras, e, por fim, o lábio inferior. Enquanto lutava para que uma mecha teimosa de seu cabelo voltasse ao seu devido lugar, Annelise capturou minha boca com a sua num beijo casto demais para os seus padrões.

Tudo estava caminhando perfeitamente bem.

No entanto, o ocorrido de mais cedo deixou-me pensativa.

— *Cher*, tem algo que queira contar-me? — A pergunta simplesmente me escapou.

Os olhos dela ficaram inanimados, e um arrepio percorreu a minha espinha. O mesmo olhar vago e sem brilho de antes voltara a enevoar suas íris verdes.

— Não.

A resposta seca induziu-me a insistir com afinco.

— Annelise, vi como ficou assustada quando apareci na sala mais cedo. Notícias ruins? — Sondei novamente, recusando-me a desistir tão facilmente.

— Só me assustei, *Engel*. Não há nada com o que se preocupar — ela disse, com uma amabilidade forçada.

Suspirei com condescendência, acenando com a cabeça, mas nada satisfeita. Algo dentro de meu peito dizia que ela mentia. E eu não consegui convencer-me do contrário.

[...]

Frustração cegava-me a cada número que não correspondia aos meus cálculos.

A madeira bem polida da escrivaninha brilhava com a luz que adentrava o recinto. Um cheiro suave de lavanda invadia o escritório, fazendo com que eu inspirasse fundo, tentando me acalmar e buscar soluções o mais rápido possível.

O pedaço de papel em minhas mãos deixava-me num estado de impotência amarga, afinal, tudo estava em minhas mãos nos últimos tempos. E não notar que as negociações estavam estranhas contribuía para que eu me sentisse tonta por confiar tão cegamente em Jean.

Eu não deveria, em hipótese alguma, tê-lo confiado a tarefa das trocas com os Mendoza. Apesar de que a princípio tudo se mostrara correto.

Nada fora dos padrões.

Perdia mais uma tarde dentro de uma sala de decoração tendenciosa. Os livros empilhados na estante estavam em ordem alfabética.

Céus, alfabética!

O perfeccionismo de Kober chegava a ser apavorante, para dizer o mínimo.

Murmúrios infantis tiraram a minha atenção por alguns instantes. Lorena segurava Violet no colo, com uma expressão serena. Os olhinhos azuis brilhavam com uma curiosidade evidente, ela era adorável.

As bochechas rosadas e gorduchas possuíam covinhas encantadoras, e as mãozinhas estavam em sua boca, barulhinhos estranhos a deixavam.

— Espero não estar atrapalhando. — Lorena retinha um sorriso astuto nos lábios.

— Não diga bobagens, Lorena — exclamei, fingindo estar ofendida.

— Se mostra muito ocupada nos últimos tempos.

Ela estava certa.

— Talvez...

Nathanael surgira atrás dela um instante depois. Seus braços circundaram os ombros eretos dela num toque íntimo.

Fiquei estática os olhando com cautela. O rosto de Lorena estava completamente ruborizado, o que me fez rir. As regras de decoro proibiam quaisquer tipos de intimidades entre um homem e uma mulher que não fossem casados.

— Creio que perdi bastante coisa enquanto estive presa aqui dentro. — Ergui uma sobancelha levemente, aguardando.

— Pensei que já tivesse contado a ela, Nathanael! — Lorena gritou num sussurro, irritada.

Nathanael?

Quando haviam ficado tão íntimos?

— Farei isso agora mesmo — Nathanael disse, olhando-a com uma doçura latente. — Tinne, Lorena e Violet se tornaram o centro de meu mundo nos últimos meses. Confesso que não estava certo de que um dia chegaria a casar-me, isso não estava em meus planos, mas... descobri que amo essa mulher, e que desejo com todo meu coração a fazer feliz.

Ele confessou com naturalidade, como se estivesse a falar sobre o tempo, ou qualquer outra bobagem que homens geralmente falavam.

Arregalei meus olhos diante de tal revelação.

— Ah, *Dieu*! — Embasbacada, levei um dos dedos à testa.

— Não sou de seu agrado, srta. Vasseur? — Lorena estava mortalmente pálida, segurando a filha como se dependendo do meu "sim" para permanecer de pé.

— Por Deus, eu não poderia estar mais feliz! — Caminhei em direção a eles, felicitando ambos pela união.

O cheiro de bebê misturado a uma leve fragrância de gardênia impregnara em meus sentidos.

Nathanael tinha agora a quem amar, proteger e cuidar. Violet havia ganhado um pai amoroso, e Lorena, um marido honrado que a amava.

— Por favor, aumentem essa família o quanto antes! — sugeri, maliciosa, assistindo a minha então cunhada corar violentamente. — Há quanto tempo estão juntos?

Estava de fato curiosa.

Nathanael pigarreou, parecendo envergonhado, mas fora Lorena quem falou.

— Antes de nossa viagem a Toulouse, senhorita. Temi que não aprovasse a relação, por isso relutei tanto. Mas decidimos que o casamento é a alternativa mais viável. — Um brilho novo cintilava nos olhos de Lorena.

Nathanael olhava para ela com uma devoção invejável a muitos olhos. Um meio sorriso tomava sua boca, fazendo com que a covinha em sua bochecha aparecesse.

Marca registrada dos Vasseur.

— Ah, *cher*... que Deus os abençoe.

O resto da tarde fora dedicado exclusivamente ao noivado de meu irmão e minha cunhada.

Meu entusiasmo era perceptível até para os que não podiam enxergar, perguntava-me sem parar o que fizera para ser tão abençoada.

Embalava Violet no colo quando Kober adentrou a sala. Não pude evitar o sorriso que teimou em tomar meus lábios. Seus olhos caíram em meu colo, logo depois em Nathanael e Lorena de mãos dadas no sofá.

— Eu irei me casar, Annelise! — Nathanael bradou do sofá, com um sorriso ofuscando o rosto.

— Ah, fico imensamente feliz, senhor. — Annelise devolveu o sorriso caloroso para os noivos, fazendo-me inflar de orgulho.

Eu a amava.

— Deixemos essas formalidades de lado, Annelise! Não somos da mesma família? — Nathanael sondou, cúmplice, fitando Annelise com perspicácia.

O que eu havia perdido?

— Pois bem, Nathanael... — Kober sorriu com o mesmo tom conspiratório, vindo em

minha direção para beijar a cabeça de Violet.

Sem sombra de dúvidas, teria que me informar sobre os últimos acontecimentos.

# CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Valentinne

Estava submersa com os últimos detalhes para o baile de noivado de Nathanael e Lorena. Era inegável a felicidade de todos os funcionários pela moça. Eles haviam sido informados sobre o noivado logo depois de mim, jurando respeito e lealdade a nova senhora Vasseur.

A cor champagne dos tecidos da mesa condiziam perfeitamente com os arranjos de porcelana no centro de cada uma delas.

Deslumbrante não era nem de longe palavra suficiente para definir Lorena naquela noite. O tecido malva salientava os contornos mais voluptuosos devido à gestação de Violet, as pregas da saia acentuavam o quadril largo, e o decote reto fora o toque de sedução adicionado a aura de mulher que fluía dela.

A massa escura fora presa na nuca com grampos dourados, deixando alguns cachos despencarem em suas bochechas.

— Magnífica, *cher* — sussurrei, enquanto os convidados se preparavam para a primeira quadrilha.

Nathanael guiava Lorena pelo salão com rodopios sutis e passadas suaves. No rosto jovem dela, a paixão cintilava.

— Se divertindo? — Lentamente, virei meu rosto para a voz melodiosa de Neville.

— Sorrateira como sempre, *belle*. — Ergui uma sobrancelha antes de pagamenta-la com um beijo na bochecha. — Respondendo a sua pergunta, sim. Estou me divertindo muitíssimo.

Alcansei a corrente fina com que Kober havia me presenteado em meu aniversário, atraindo os olhos de Catherina para ela.

— É linda. — Os dedos finos foram para a joia, para olhá-la mais de perto.

Isso no mesmo instante que Annelise se aproximava de nós.

Senti a boca seca quando meus olhos a analisaram sem pressa. O vestido prateado moldava seu corpo, deixando pouco para imaginação.

— Boa noite, senhoritas — ela saudou, com um toque de aborrecimento na voz, fitando Catherina com irritação.

— Feliz por seu irmão, Tinne. Obrigada pelo convite. — Catherina curvou-se numa reverência exagerada, nos deixando a sós.

*Mon Dieu!*

— O que ela queria? — O questionamento saiu mais áspero do que Annelise pretendia, as bochechas ruborizadas alegaram isso.

— Cumprimentar-me? — Devolvi com a mesma aspereza sem me alterar.

— Não a suporto. — Ela sufocou a própria voz, olhando Catherina caminhar de volta para os pais.

— Eu sim.

Kober fitou-me contrariada.

— Esses ataques de ciúmes são sem fundamento, *cher* — disse, tentando soar o mais racional possível, tocando seu pulso carinhosamente.

— Você já a beijou. Tem certeza de que não há fundamento? — As sobrancelhas claras estavam arqueadas em desafio.

— Pensei que já tivesse deixado claro que é a única em meus pensamentos — sussurrei só para que ela escutasse, provocando-a.

Annelise inspirou ruidosamente, forçando a permanecer com a mesma postura austera.

— A verdade é que não estou acostumada a lidar com... — Interrompi a mim mesma, não querendo aprofundar mais a questão. — Catherina continua sendo muito querida por mim, não vou apagá-la de minha vida.

Annelise levou os dedos até as têmporas em resignação.

— Tenho de receber os convidados. Vem comigo? — ela sugeriu, num tom ainda ressentido.

— Não. A próxima dança é minha. — Recusei gentilmente, assistindo-a a se afastar.

[...]

Nathanael sabia valsar como ninguém. Desde muito novo, todos os olhos eram concentrados nele. Suas aparições em bailes sempre rendiam suspiros das damas da alta roda.

— Sinto-me tão feliz, Tinne. Temo que essa felicidade exploda. — O azul-cobalto dos olhos de Nathanael estavam brilhantes aquela noite.

— Ah, querido! Seja feliz!

Nathanael guiou-me por todo salão, um sorriso radiante nos lábios.

A música cessou, dando-me a deixa para cumprimentar os convidados de meu irmão. Bridget estava estonteante aos olhos, belíssima. Seu entusiasmo em me ver fora nítido, assim como os de seus pais.

Com muita dificuldade, consegui sair da conversa sem parecer indelicada.

Meus olhos correram pelo espaço, parando num ponto em especial em meio à multidão. Annelise conversava com Jean ao extremo do salão. A conversa parecia séria, fazendo-me sentir um leve desconforto no estômago.

O que ele queria?

Tentei afastar os pensamentos que ameaçaram estragar a noite.

— A festa está maravilhosa, srta. Vasseur. — Ella estava estonteante num vestido de baile verde-pálido.

— Como tem passado, srta. Ella? — Não a via desde a minha ida a Toulouse.

— Bem, obrigada — agradeceu a musicista, me direcionando um sorriso breve.

Convidei-a para que se juntasse a mim numa caminhada pelo jardim, descobrindo uma leitora assídua. A conversa fora agradável, Ella era uma mulher de opiniões fortes.

— George sempre esteve certa. A opinião política de um homem é o próprio homem. Veja quantos aristocratas circulam entre nós. Esses homens não enxergam nada além do que lhes

é conveniente. — Ela ficava mais entusiasmada a cada minuto, despejando os conhecimentos que guardava sobre mim.

— Devo lhe dizer que estou bastante impressionada por ter um pensamento tão parecido com o meu, srta. Ella.

— Por favor, só Ella. — Corando, Ella desviou o olhar para o céu.

— Como desejar, Ella.

Continuamos a divagar sobre política, filosofia e religião. Encontrava-me encantada com as palavras da jovem mulher. Sua visão de mundo era semelhante à minha, e aquilo nos rendeu bastante assunto.

— Não é maravilhoso, um pouco de ar? — Ella sorriu, inspirando o vento gelado.

Eu sempre havia agido de modo igual. Estava saturada de festas, mas o baile de noivado de meu irmão mostrara-se uma exceção.

— Decerto, senhorita. — Ofereci o braço a Ella, que o aceitou prontamente.

O céu limpo estava estrelado, nos dando uma boa visão da Ursa Maior.

— Astronomia? — Ella arriscou o palpite, piscando para mim.

— Com toda certeza. — Tomei um lugar ao seu lado no banco de madeira, erguendo também os meus olhos para o céu.

— Veja, a constelação da Ursa Maior. — Ella apontou, e algo no jeito como o fez induziu-me a fitá-la com mais precisão.

— Via-a assim que colocamos os pés fora do salão.

Amabilidades foram trocadas por cerca de meia hora. Ella se mostrava mais interessante aos meus olhos a cada palavra dita.

— Procurei-a por toda parte, srta. Vasseur.

Kober nos encarava com a desconfiança cintilando nas íris incrivelmente verdes. Ela se curvou numa mesura suave, e seu olhar recaiu na proximidade da musicista.

— Na aula da semana que vem, desejo dar continuidade a conversa — Ella disse, abandonando o banco de madeira. — É uma mulher encantadora, srta. Vasseur.

— Apenas Valentinne, por favor — pedi, oferecendo-a a mesma gentileza que ela havia me oferecido.

— Até breve então, Valentinne.

Com isso, era só Annelise e eu outra vez.

— Agora terei de competir com uma versão de Catherina, só que com cabelos negros? — A voz de Kober finalmente se fez presente.

— Isso não é um jogo, Annelise. Você não precisa competir com ninguém. — Meu tom era decidido, no entanto, ao olhá-la mais de perto, notei a vergonha lhe tomar.

— Eu não consigo controlar minhas emoções. Entenda que nunca amei como a amo agora, estou tentando me adaptar. — Annelise emitiu cada palavra como se estivesse exausta, como se elas lhe custassem muito.

Toquei seu queixo, obrigando-a a encarar-me.

— Não faça essa cara de inocente. Sinto vontade de tirá-la de dentro deste maldito vestido.

Annelise se aproximou de mim, sussurrando em meu ouvido.

— Faça isso, *amour*. Me faça sua.

Não esperei nem um minuto a mais para arrastá-la escuro adentro comigo.

# CAPÍTULO TRINTA E CINCO

*Valentine*

Dois dias após o anúncio de noivado de Nathanael e Lorena, tive de viajar a Espanha a fim de resolver pendências com os Mendoza que requeriam minha atenção.

Annelise não aceitou acompanhar-me, alegara que tinha deveres a serem cumpridos e que não poderia simplesmente deixá-los nas mãos de intermediários.

Ainda estava levemente ressentida, mas acabei por enfiar tais pensamentos para o fundo de minha mente, afinal, ela nunca fora de negligenciar seus afazeres.

Eu bem a conhecia.

Os raios de sol banhavam a sacada ampla de construção antiga dos Mendoza. O calor do dia ensolarado nos abraçava.

O chefe da família Mendoza era um homem robusto, com postura austera, fria. Os olhos escuros de Ian pareciam o céu numa noite chuvosa e sem estrelas. O maxilar quadrado era coberto por uma barba cheia, da mesma cor de seus cabelos negros na altura do pescoço.

— Sinto muito por tê-la feito vir até aqui, srta. Vasseur. — Seu tom de voz era firme, mas de alguma forma suave.

Estava há menos de duas horas na companhia do homem, e já desejava correr para os braços de Annelise.

— Imagine, senhor. Meu dever é supervisionar se o trabalho de meus subordinados está sendo cumprido de maneira correta. — Limitei-me a falar mais.

— Está satisfeita com os seus aposentos? — ele inquiriu, pressionando os dedos na bengala de cabo de prata.

— Sim, muito satisfeita.

O dia transcorreu sem muita agitação. Ian mostrou-me os recibos dos pagamentos feitos pelos vinhos, confirmando que o valor fora realmente pago.

Jean estava nos roubando. E se não tivéssemos percebido a tempo, com certeza cairíamos em desgraça.

O ramo do vinho não era a única fonte de nosso sustento, afinal, éramos abastados desde o berço. Mas Dantê nos ensinara que dar o devido valor ao trabalho sempre seria um ponto essencial em nossas vidas, pois sem ele não haveria objetivos.

No entanto, as exportações de vinho para outros países fora o negócio dos Vasseur durante décadas, e nunca houvera falhas até então.

— Droga — sussurrei mais para mim do que para Ian, que se portava sentado em sua poltrona atrás da mesa.

O único som presente no cômodo silencioso era o crepitar do fogo da lareira.

Jean estava nos roubando.

E as provas estavam em minhas mãos.

Uma fúria incontrolável se apossou de meus pensamentos, deixando-os enevoados pela

traição de Jean, cujo homem papai confiara os seus negócios. Maldito.

[...]

Estava exausta da viagem que durara três noites inteiras. Meus ossos reclamavam, assim como o meu estômago. A raiva não me deixara comer nem dormir, era mais forte que eu.

Teria de tomar providências o mais rápido possível, porém, tudo deveria ser feito com cautela. Talvez Jean contasse com a ajuda de cúmplices.

Subitamente, a cena de Annelise conversando com ele no baile de noivado de Nathanael se materializou em minha mente.

Fechei os olhos com força, repreendendo-me por ponderar tal insensatez.

Ela não seria capaz de tamanha traição.

Não.

Mas Jean só poderia ter cúmplices dentro de meu próprio teto. Não havia como ele ter acesso a tudo sem que alguém o ajudasse. Mas não poderia ser ela.

Eu não suportaria aquilo.

— Valentinne? — Nathanael chamou, enquanto meus pensamentos me sufocavam.

Annelise também viajara para Alemanha logo depois de minha partida. Verena havia solicitado a presença da filha devido à sua doença.

Não a encontrar em casa só me deixou mais aflita. Queria descobrir que tipo de relação ela e Jean mantinham.

Precisava haver um equívoco.

Os pensamentos lúgubres que me assombravam permearam meu coração, causando uma dor aguda. Mesmo que tentasse afugentá-la, fora impossível durante todo o dia.

— Está tudo bem, Tinne?! — ele insistiu, olhando-me com preocupação explícita nas íris azuis.

— Não, Nathanael. Nada está bem. Jean vem nos roubando e talvez tenha cúmplices aqui dentro — sussurrei, derrotada, temendo sua reação.

— Não pode ser, Valentinne. Papai confiava...

— Ele errou ao depositar sua confiança em alguém tão arrogante — murmurei com amargura.

Nathanael afrouxou o nó da gravata, engolindo em seco. Ele lutava para absorver tudo o que eu havia dito. A descrença tomou o azul-cobalto dos olhos mais cintilantes que eu conhecia, dando lugar para algo parecido com ódio.

— Maldito! Papai confiou nele, Tinne! Eu confiei! — O rosto de meu irmão estava vermelho de fúria.

Deixei a cadeira, buscando acalmá-lo. Temia que as cadeiras voassem para todos os lados.

Alcansei o corpo grande de Nathanael, segurando-o pela lapela do terno cinza. As narinas dilatadas só mostravam quão fora de si ele estava.

— Eu deixei que...

— Por favor, calma! Por favor. Iremos resolver isso da melhor maneira possível. — pedi, implorando, acariciando seu rosto com os polegares. — Resolveremos juntos.

A respiração descompassada de Nathanael voltou a se normalizar, para o meu alívio. Aquela fora a primeira vez que o vira tão fora de si. Não queria ter nenhum outro vislumbre parecido em minha vida.

Éramos pacíficos. O descontrole não fazia parte de nossa educação, jamais fizera. Mas naquele instante Nathanael se transformara, parecia um leão enjaulado prestes a estripar alguém.

Durante o jantar, nenhuma palavra fora dita. Lorena movia os dedos carinhosamente no dorso da mão de Nathanael com o propósito de acalmá-lo. Em meio ao caos, ele a tinha. E a mulher que eu amava poderia estar envolvida num esquema sujo.

Mal tocara na comida, não sentia a mínima vontade de comer. Mesmo que o meu estômago doesse de fome, nada descia por minha garganta. Nem mesmo água.

— Coma, Valentinne. — Nathanael mantinha uma expressão suave, mesmo que estivesse tão mal quanto eu por nos deixar enganar por Jean.

E talvez Annelise.

Ainda não havia tido coragem de revelar sobre minha suspeita a respeito de Kober. Seria um baque sem tamanho, afinal, Nathanael a tinha como uma outra irmã.

Sempre fora gentil, mesmo Annelise se mostrando fria ao menor gesto de simpatia de sua parte.

Pedi licença e deixei a mesa, com a comida em meu prato intocada.

Enquanto caminhava pelo corredor sem prestar a mínima atenção à minha frente, acabei por colidir com Mariana.

— Ah, Mariana. Peço para que me perdoe — pedi, ajudando-a a recolher o que um dia fora um conjunto de xícaras de porcelana.

— Não precisa pedir perdão, senhorita — disse a mulher baixinha de cabelos grisalhos.

Algo ardiloso passara como um raio por meus pensamentos.

— Annelise deixou a chave do quarto dela aos seus cuidados? — indaguei, com a maior cara de paisagem que consegui fazer.

— Sim, srta. Vasseur.

— Me entregue — ordenei, para que ela não chegasse a cogitar negar-me.

Às vezes usava de meu poder em situações semelhantes. Mas não me orgulhava nem um pouco daquilo. No entanto, o momento era crítico, e eu não sossearia até ter a plena certeza de que Annelise não estava envolvida nos planos de Jean.

— Sim, é claro! — Ela prontamente tirou uma chave de prata envelhecida do bolso, entregando-me logo em seguida. — Aqui está, senhorita. Com sua licença.

Acenei com a cabeça e continuei a caminhar pelo corredor que daria no quarto de Annelise. O que estava prestes a fazer não era nem de longe uma atitude honrosa, na verdade, era desleal. Mas eu não consegui me conter. Era preciso.

Parei em frente à porta de madeira, encarando-a sem um pinga de coragem para abri-la.

— Vamos, Valentinne. Seja forte — disse para mim mesma, tentando me encorajar.

Meus dedos trêmulos alcançaram a maçaneta com dificuldade. Nunca invadira o quarto de qualquer um que fosse. Era uma tremenda falta de respeito de minha parte. Girei a maçaneta e fui abraçada por uma frieza incomum. O quarto de Annelise era simples, mas organizado.

Ela fora resignada a dormir em meu quarto quando mais nova, mas se negara dizendo que preferia um canto só seu. Mesmo que fosse o menor cômodo da casa, preferira a ficar perto de mim.

Sorri com amargura ao relembrar da frieza que fora dirigida a mim durante tanto tempo.

Foram anos infelizes.

Meus olhos correram pelo cômodo pequeno, observando que o complexo de perfeccionismo era mesmo uma característica de Annelise.

Ah, Kober.

# CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Valentine

Não acreditava no que estava fazendo. Sentia-me a pior pessoa do mundo, como podia desconfiar da mulher que amara a minha vida inteira? Da mulher que me fazia feliz?

Eu devia sofrer de algum transtorno. Era de um todo a atitude mais irresponsável que já havia tomado.

Estava parada no mesmo lugar desde que abrisse a porta do quarto de Annelise. Meus pés não obedeciam aos meus comandos.

Com muita dificuldade — e a consciência pesando —, dei o primeiro passo, rumando para a estante de livros também organizada em ordem alfabética. Céus!

Como a amava. E mesmo assim, invadira o quarto sem o conhecimento dela.

— Que droga estou fazendo? — Passeando os dedos pelos livros da estante empoeirada, suspirei com desgosto.

Um retrato num espaço vago da estante chamou minha atenção. Annelise tinha no mínimo uns oito anos e estava no colo de um senhor bem parecido com Stuart, só que mais velho. Os cabelos batiam na altura de seu ombro, um sorriso de criança feliz lhe tomava os lábios. Senti inveja do homem que a tinha nos braços. Annelise estava abraçada ao seu pescoço e ele a segurava pelas costas para que não viesse a cair.

Jamais a vira dando um sorriso tão espontâneo antes. E fora impossível não sentir ciúmes por ela lançar ao senhor na casa de seus sessenta anos aquele tipo de sorriso.

Kober nunca sorria.

Nunca.

Sempre havia uma tela sobre seu olhar. Como se algo sugasse sua alegria, como se não existisse nada ali.

Minhas mãos alcançaram o retrato, os olhos já varriam o que estava escrito no verso.

Para: Lizze. "Hoje você completa mais um ano de vida, mais um ano que alegria a minha existência. És a razão de todo o meu bem, *leichtes Kind*. De seu avô, Fritz Brückner."

Brückner?

O sobrenome soava nobre demais para pessoas de uma classe social tão baixa como a dos Kober. Quando vieram da Alemanha não tinham sequer o que comer.

Annelise jamais me contara sobre sua família. E aquilo doeu como o inferno.

Ela conhecia os detalhes mais sórdidos de toda minha existência. Sobre a minha família. Mas eu não tinha o mínimo conhecimento de sua vida antes de vir para a França com Verena e Stuart.

E agora, deparava-me com um sobrenome que não reconhecia. Uma inquietação latejou em minha cabeça, e naquele instante eu soube.

Annelise mentia.

Pus a foto novamente em seu lugar de origem, temendo descobrir algo além do

sobrenome falso.

Por que eles haviam mentido sobre o próprio nome?

Mordi o lábio inferior, segurando a raiva. Não iria sucumbir a ela, não naquele momento.

Olhei de relance para a escrivaninha no fundo do quarto, rumando para lá, temendo que minhas pernas cedessem.

Elas ainda estavam trêmulas devido à descoberta do verdadeiro sobrenome de Annelise.

Annelise Brückner.

Um envelope que estava debaixo de um jarro de rosas vermelhas aticara ainda mais minha curiosidade. Relutantemente, levantei o jarro a fim de descobrir uma carta de Verena.

18 de dezembro de 1914

Quatro dias antes de minha viagem para Espanha.

— *Cher*, tem algo que queira me contar?

— Não.

O dia em que Annelise ficara pálida quando a questionara se algo ruim havia acontecido.

Fechei os olhos com força antes de abrir a carta.

"Annelise, não estou bem de saúde. Espero por seu retorno, filha. E desejo do fundo de meu coração que tenha desistido de sua vingança contra os Vasseur. Eles sempre foram gentis conosco, esqueça esse ódio que domina o seu coração, essa briga nunca foi sua ou de seu pai. Aguardo uma resposta sua."

Não sabia em que momento havia começado a chorar. O som de meu coração martelava em meus ouvidos, mostrando que continuava a bater, e, ainda assim, sentia-me inanimada como um quadro velho.

Uma dor aguda em meu peito fez com que desabasse de joelhos no assoalho de madeira, abafando o choro que saía descontrolado por minha garganta.

Annelise sempre estivera ali para nos causar mal. Para vingar-se de nós por um motivo que ainda não conhecia.

Chorei baixinho até que senti como se todas as lágrimas tivessem secado de meus olhos. Levantei-me um pouco cambaleante, respirando fundo para o que viria a seguir. Havia muitas coisas que precisavam ser esclarecidas.

Tranquei a porta do quarto e passei a vasculhar por algo que ainda não sabia o que era, mas que iria encontrar a todo custo.

Um baú de aparência velha estava debaixo da escrivaninha onde havia encontrado a carta de Verena.

Torci para que não estivesse fechado, e por sorte, não estava. Annelise jamais imaginaria que um dia eu viria a invadir seu quarto, passara vários anos debaixo de nosso teto sabendo que nenhum de nós jamais invadiria sua privacidade.

Diversas cartas estavam dentro do baú. Algumas com uma aparência bastante envelhecida, indicando que estavam ali há anos.

Peguei uma quantia considerável delas, sentando-me no chão — por precaução —, não duvidava sofrer um infarto tendo em vista o conteúdo da carta anterior.

A que tinha em mãos era datada de cinco anos atrás. Antes da morte de Dantê. Annelise, ao que parecia, escrevia para Verena com frequência, e em todos os parágrafos era possível notar o ódio que sentia por nós.

"13 de novembro de 1909

Para: Verena Brückner

"Por que me deixou aqui sozinha? Deveria ter ficado comigo. Não viverei em paz até que vingue Fritz. Eu os odeio, mamãe. A cada ano que se passa, odeio Valentinne Vasseur com todas as minhas forças. Ela é detestável, se acha superior a nós. Queria que papai estivesse aqui, queria que vovô estivesse aqui. Amo-a, Verena. Estou com saudades. De sua amada, Annelise."

As cartas pareciam mais bilhetes de confidência

"02 de janeiro de 1910

Só desejo vingar vovô o mais rápido possível. Eu os farei pagar por deixá-lo na miséria, por fazê-lo morrer de angústia. Juro que eles irão pagar."

A cada palavra de ódio de Annelise, meu estômago se retorcia em repulsa.

Encontrei em meio a tantas correspondências antigas, uma de dois anos atrás. Uma da época do aniversário de dezessete anos dela.

"21 de novembro de 1912

Mais uma vez estou aqui, sentada com essa caneta em mãos, escrevendo cartas que jamais chegarão a você. Hoje é o meu aniversário de dezessete anos e me sinto a mulher mais infeliz da França. Preferia morrer a ter que conviver mais um ano com eles. Não consigo suportar a falsidade dos Vasseur. Parecem alheios a todo mal que fizeram a nossa família."

— Como pude ser tão idiota, Deus?! — murmurei, tonta com a mágoa de Annelise.

Estava decidida a pôr tudo em seu devido lugar, e sair do quarto sem deixar vestígios. No entanto, meus olhos pousaram numa carta em cima do travesseiro dela. Parecia ser recente, e tinha a mesma data da carta de Verena.

"18 de dezembro de 1914

*Mon amour*, não suporto mais tê-la tão distante de mim. Meu corpo tem ânsia do seu, estou com saudades. Venha me ver, *cher*. Completamente sua, Ceci."

Ceci.

Outra vez, mergulhei minhas mãos no baú, temendo ter deixado algo passar despercebido.

"21 de dezembro de 1912

Você é uma graça, *mon amour*. Desejo-a intensamente, Lizze. Completamente sua, Ceci.”

Um mês após o aniversário de Annelise.

O ar estava denso e dificultava minha respiração, enquanto isso, sentia que uma adaga perfurava meu coração tolo.

Annelise não só traíra minha confiança, como de fato me enganara com uma outra mulher.

Ou eu era a amante?

Pus as cartas novamente dentro do baú e o fechei com uma frieza que não me era característica. Coloquei a carta de Verena debaixo do jarro de vidro, e a outra no travesseiro de Annelise, como estivera minutos atrás. Olhei para o quarto, não notando nada que fosse fazer Annelise Brückner desconfiar de minha passada ali.

Sentia como se a minha alma tivesse sido tirada à força de meu corpo.

# CAPÍTULO TRINTA E SETE

*Valentine*

Ter me tornado de fato a senhora Vasseur fora sem dúvida um presente. Afinal, jamais teria me mantido de pé depois de descobrir a maldade que permeava o coração de Annelise. Precisava de algo para ocupar a mente, tinha de manter-me sã.

Encontrei arquivos antigos dentro de pastas esquecidas com o nome em questão, Brückner.

Os documentos tinham mais de doze anos. Mas não havia muitas informações de meu interesse. Annelise iria confessar todo seu plano diabólico, quisesse ela ou não. Me devia isso. Me enganara da pior forma possível, fingira amar-me por meses sem sentir um pinga de remorso.

Era uma dissimulada.

Fora impossível não me sentir uma idiota. E o pior é que a amava mesmo depois de saber a verdade. Mas a esqueceria.

Annelise agira de má fé com minha família. Seu desejo era nos arruinar e nos fazer sofrer, pelo quê, eu ainda não sabia.

Enquanto lia documentos sem muita importância, acabei por encontrar o da tal madame Ceci.

Mais uma vez aquele maldito nome.

E então o quebra-cabeça estava montado.

As saídas de Annelise no meio das noites, sua reação assustada quanto tornei a falar do bordel em questão. Tudo havia se encaixado perfeitamente, fazendo a bile subir.

Ceci.

Mas o real problema não era esse. Annelise a amava há dois anos. O "nós" em que acreditava veementemente não passara de um jogo doentio para ela, enquanto eu havia me jogado de cabeça feito uma desesperada. Devia ter sido motivo de riso por todo aquele tempo.

Tola, Valentine. Você fora tola.

Como pude sequer cogitar que Annelise me amava quando passara toda sua vida desprezando-me? Fora ingênua, caíra feito um patinho em suas promessas.

Minha garganta doía, mas as lágrimas não vinham.

Iria esperar por seu regresso, iria confrontá-la à altura. Ela nunca mais se atreveria a pôr os pés na França, faria tudo que estivesse ao meu alcance para tirá-la do país. Seu envolvimento com Jean não fora comprovado, mas nem precisava. Era óbvio que estaria tramando com ele.

[...]

O sol brilhava forte no horizonte, apreciava-o da biblioteca escura. O canto dos pássaros ao longe soava como uma sátira aos meus ouvidos.

Estava perturbada como o inferno, embora mantivesse a postura diante da balbúrdia

dentro de minha cabeça. Não poderia dar-me o luxo de sofrer mais, era ridículo.

Havia se passado duas semanas desde a partida de Annelise, torcia para que ela tivesse a decência de permanecer na Alemanha.

— Você irá se fundir às sombras, amor.

O canto de minha boca se curvou num meio sorriso. A fragrância de baunilha impregnara o ar, para o meu desprazer. Seu cheiro agora era enjoativo, causava-me cólera.

— Pensei que não voltaria para casa, Kober — sibilei, dando ênfase ao sobrenome falso, ainda de costas.

— Se não vem até mim, eu terei de ir até você.

Os braços de Annelise estavam ao redor de meu corpo, mantendo-me sobre seu domínio. Fora impossível não rir de sua audácia. Ela atuava bem.

Muito bem.

— Pensei que não iria suportar ficar longe de você — sussurrou, aparentando cansaço, virando meu corpo para o seu.

Annelise era bem mais baixa que eu. A face estava levemente ruborizada, como se ela tivesse corrido quilômetros, as pálpebras cerradas de sono.

Com atenção, busquei qualquer resquício de ódio. Mas não encontrei nada ali, nenhuma fagulha sequer.

— Por que está me olhando assim? — Ela levou os dedos aos meus lábios, sua respiração perto demais era como um beijo.

— Tentando eternizá-la. Como se fosse fácil esquecê-la — disse, baixando os lábios para os seus.

A boca de Annelise sempre fora macia e tentadora, mas não naquele momento. Eu não sentia prazer em tomá-la.

— Já pode tirar o manto de senhora Vasseur. Seja apenas, Valentinne. Por favor. — Os olhos de Annelise cintilaram em excitação.

O apetite sexual dela era difícil de saciar. Enquanto eu jurava que fazíamos amor em nossos momentos de intimidade.

Mulher tola.

— Creio que esteja morta, *cher*. Descanse, prometo satisfazê-la uma outra hora. Viagem é algo desgastante, eu melhor que ninguém sei. Suba.

— Mas eu não quero subir. Anseio ficar com você, mesmo que seja só para vê-la trabalhar — ela protestou, capturando a parte sensível de meu pescoço.

— Então deite-se no divã — ofereci, conduzindo-a pela mão. — Durma um pouco.

As sobrancelhas levemente arqueadas dela indicavam decepção.

— Pensei que seria recepcionada com beijos e declarações de saudades — ela provocou, puxando meu corpo para cima do seu.

Fitei as íris mentirosas mergulhando minha língua em sua boca sem lhe dar espaço para pensar. Annelise pareceu surpresa, mas correspondeu à altura. Suas mãos estavam sobre os meus

cabelos, fazendo com que me aproximasse mais dela.

— Durma, Kober. Prometo que irei satisfazê-la assim que estiver recuperada. — Selei minha boca na sua rapidamente, deixando-a deitada no divã.

Annelise não mais me contestou. Apenas ficou olhando para mim do outro lado do cômodo, com um ar de apaixonada.

Eu jamais desconfiaria.

Jamais.

Voltei a me concentrar nas pilhas de documentos ao meu lado na escrivaninha. Não poderia fraquejar.

Não iria.

Estava disposta a oferecer um jantar em homenagem a volta de Annelise. Iria desmascará-la na frente de todos. Ela e Jean seriam presos, e eu voltaria a viver outra vez.

[...]

— Verena passa bem, Annelise? — Nathanael sondou, preocupado, da cabeceira da mesa.

— Ah, sim. Graças aos céus, está tudo bem.

O jantar fora servido um pouco tarde devido à correria do dia.

Estava sendo uma tortura dividir o mesmo cômodo com Annelise. Queria-a longe de minha vida o quanto antes, mas eu suportaria?

Não há o que suportar. Tudo não passou de uma mentira, Valentinne.

— Preciso sair — anunciei, simplesmente deixando a mesa.

Não dei oportunidades para Nathanael se opor. Apenas deixei a sala de jantar, sem maiores explicações.

Passos atrás de mim fizeram-me chiar em desgosto.

— O que está acontecendo? — Virei-me para Annelise e caminhei ao seu encontro.

— Nada, amor. Não está acontecendo nada — assegurei, deixando um beijo demorado em sua testa.

— Ainda está chateada por não a ter acompanhado até a Espanha? Eu não podia negligenciar os meus deveres, compreenda, Valentinne! — Annelise se afastou de meu toque para me encarar com resignação.

— Confesso que ainda estou ressentida — menti, e me senti péssima por isso.

— Não fique, *Engel*. Foi uma tortura ficar tanto tempo longe de você — ela disse, circundando minha cintura. — Amo você.

— Também a amo. Mas preciso sair.

— Sua vida está se resumindo novamente a trabalho. Valentinne, pelo amor de Deus! — Annelise acusou, o tom magoado.

— É importante. Confie em mim. Assim como confio em você. Confiaria minha vida a você, *cher*. — Testei as mentiras em minha língua, vendo-a engolir em seco.

— Sim, eu confio em você.

— Vá para o meu quarto. Quero-a lá.

Um sorriso malicioso tomou os lábios de Annelise enquanto caminhava de volta para a sala de jantar.

# CAPÍTULO TRINTA E OITO

Valentine

— Quando Amèlie disse que estava aqui, quase não acreditei. — Catherina veio em minha direção, cumprimentando-me com um beijo no rosto.

Seus olhos estavam confusos, com toda razão. Eu precisava sair de minha casa, precisava ficar longe de Annelise ou colocaria tudo a perder. Fingir não ter conhecimento de suas mentiras sufocava-me. Seu toque doía em minha alma, saber que tudo não havia passado de um jogo fora cruel demais.

— Lembra-se do convite de madame Adeline há milhares de semanas? — cantarolei vitoriosa, estudando o semblante surpreso dela.

— O que está acontecendo, Valentine? Não minta, eu sei que algo está errado. — Os olhos de Catherina me analisaram com perspicácia.

— Vim para vê-la, *belle*. Apenas. — disse simplesmente, alcançando suas mãos.

Catherina dera um passo para atrás, antes de deixar-me sem respostas.

— Não sabe como eu queria que isso fosse verdade, Tinne. Mas sei que não é — ela replicou, tomando-me em seus braços, a colônia floral impregnando cada pedaço de mim.

Era errado. Mas eu precisava dela. Catherina merecia muito mais do que aquilo. Era uma boa mulher, era boa demais para mim. Tinha ciência de que jamais seria suficiente para ela.

Madame Adeline pedira para que Miryan colocasse mais um prato à mesa, mesmo eu dizendo para não o fazê-lo pois não sentia fome.

— Não precisa ficar envergonhada, você faz parte de nossa casa, querida. — O tilintar de suas joias extravagantes tiraram-me sorrisos.

O prato era de origem italiana, e eu adorava comida italiana. Na verdade, era uma de minhas favoritas. No entanto, não conseguia ingerir nada.

A sala de jantar era decorada com lustres caríssimos e tecidos na cor uva cobriam as janelas. O olhar de Catherina recaía sobre mim vez ou outra do outro lado da mesa.

Queria contar a ela, mas tinha medo de colocá-la numa situação perigosa. Afinal, eu não sabia com o que estava prestes a lidar.

Depois do jantar fracassado e de ganhar partidas de xadrez sem esforço de monsieur René, decidi que já era hora de retornar para casa.

O homem era tão ruim quanto a filha.

— Xequemate, senhor.

— Não acredito! Três vezes seguidas, sua diabrete! — A barba de René oscilava enquanto sorria.

— Ela é terrível, papai. — Catherina acusou rancorosa ao meu lado, a respiração em minha bochecha.

— Vocês só precisam prestar mais atenção. — rebati, não contendo o triunfo em meus olhos.

— Seu pai sempre me passava a perna nesse jogo.

Dantê havia me ensinado todos os truques do xadrez.

— Ele sim era terrível, diferente dele, *monsieur*, jogo limpo — provoquei, deixando que a paz da casa Neville se alastrasse por meus ossos. — Temo que esteja na hora de partir.

— Fique mais um pouco, criança. — pediu madame Adeline ao lado do marido.

— Está tarde, madame. — declinei o pedido educadamente.

— Então marcaremos um outro jantar, o que acha? — falou René, apertando as mãos da esposa.

— Perfeito.

A verdade era que o peso de minhas costas fora tirado no momento em que os Neville me receberam aquela noite. Eles eram calorosos e gentis. Pessoas cuja alegria arrancou-me de meu estado deplorável, mesmo que apenas um pouco.

[...]

A casa estava silenciosa. Nathanael certamente havia se retirado mais cedo, e os empregados terminavam suas tarefas para também se retirarem. Meus pés me matavam, o dia havia sido longo.

— Onde esteve? — Uma voz grave soou pelo silêncio da sala, assustando-me.

Annelise estava ao pé da escada, vestindo apenas uma camisola rendada.

— Eu disse que a queria na cama quando retornasse, *cher* — falei, perto o bastante para beijá-la.

— Com ela! Estava com ela! — Annelise parecia fora de si. — O que está havendo com você?

Os fios alaranjados mostraram-se rebeldes enquanto Annelise se movia.

— Com ela quem? Você enlouqueceu? — Entredentes, passei por ela, roçando meu ombro no seu.

— Catherina! Você é cega? Não vê que estou ferida com a forma que vem me tratando desde que regressei?

Minha raiva tomou proporção ao notar que Annelise usava de métodos baixos para fazer com que me sentisse culpada.

— Não está falando coisa com coisa. — Controlei-me para não a confrontar ali mesmo, na escada.

— Sou uma idiota. Sempre soube que eu não passava de um jogo para você. — Os olhos de Annelise estavam vermelhos ao passo que a boca voluptuosa tremia.

— Você nunca foi um jogo para mim. Nunca.

"Ao contrário de você, Annelise Brückner." Uma voz soou no fundo de minha mente.

— Não é o que parece. Sabe de uma coisa? Irei me retirar. Já me humilhou demais para um dia.

Puxei Annelise para perto, forçando-a me encarar com os olhos verdes irritados.

Estar perto dela, sentir seu cheiro, fazia-me ter ânsia. Os olhos verdes ousavam disparar críticas silenciosas, como se duvidasse do que eu estava prestes a fazer.

— Passa o dia na casa da família perfeita, e a noite procura a dama de companhia? — Annelise tirou-me do transe com suas palavras afiadas.

A essa altura eu já não me importava se alguém nos ouvia no silêncio. Mesmo que o tom fosse ameno, o ar estava pesado com a intensidade das palavras proferidas.

Arrastei Annelise para meu quarto, ouvindo seus murmúrios de protesto.

— Sim, fui ver Catherina! Diga-me, por que isso a incomoda tanto? — exige branda, esperando por uma resposta envolta em mais mentiras.

Analisei-a dos pés à cabeça, notando que a camisola rendada deixava as pernas torneadas à mostra. Engoli o nó que se formara em minha garganta à espera de algo satisfatório.

— Não a suporto. — Ela estalou a língua, parecendo cansada demais para formular mais de uma única frase.

— Isso não é o suficiente.

— O que quer que eu diga? — Annelise atirou, desconcertada, soltando os braços ao lado do corpo.

— Eu não sei, Kober.

Queria ver até onde Annelise era capaz de ir com sua farsa.

— Eu estou morrendo de ciúmes! Amo-a mais do que posso suportar, Valentinne!

Uma ira incontrolável me dominou.

— Perdoe-me, *bien*. Só precisava de um tempo... Você sabe que considero Catherina um membro de minha família.

— Por que foi vê-la? Por que me deixar esperando feito uma tonta? — Annelise queria a verdade, mas não a merecia.

— Porque sou uma idiota. Perdoe-me. — murmurei, capturando seus lábios com raiva.

Não notei que estava chorando até sentir o gosto de minhas lágrimas. Annelise tirou muito mais do que podia imaginar de mim. Annelise havia me destruído, acabado com minha vida.

— Estamos bem?

— Sim, mas, por favor, não torne a vê-la. — Havia súplica em seu olhar.

— Não posso prometer, Annelise. Você sabe que os Neville são amigos próximos de nossa família — disse, suspirando alto, querendo apenas que tudo aquilo terminasse.

— Mas...

— Desejo descansar. Estou exausta.

Annelise assentiu, acompanhando-me. A cama quente constatava que ela havia me esperado assim como eu pedira.

— *Liebe dich so sehr, meine Liebe*<sup>[11]</sup> — ela sussurrou em sua língua, beijando-me a testa.

Adormeci sentido a escuridão me abraçar.

# CAPÍTULO TRINTA E NOVE

*Annelise*

Tentara manter-me firme durante toda a viagem, todavia, só desejava regressar para a casa. Era ridículo que só conseguisse enxergar a situação com sabedoria agora. Não que estivesse triste por voltar para o país que um dia fora o meu lar, mas tudo havia mudado.

Ficar mais de duas semanas longe de Valentinne se mostrara uma tortura real. Sentia saudades de seus sorrisos fáceis e da forma como dizia me amar.

Como "Annelise" soava em seus lábios.

Mamãe estava curada da enfermidade, meu retorno para França não podia ser mais adiado.

— Desistiu daquela sandice? — Verena olhava fixamente para o túmulo de vovô.

As nuvens acinzentadas avisavam que uma forte tempestade cairia logo. Abracei meu corpo, tentando inutilmente proteger-me do frio, enquanto buscava pelas palavras certas a dizer.

Alguns fios brancos já tomavam o laranja avermelhado da massa em tranças embutidas de mamãe.

— Fui uma estúpida durante todos estes anos, mamãe. — A confissão foi baixa, cheia de amargura.

O amor que sentia por Valentinne tornou-se maior que qualquer sede de vingança. Estava reunindo coragem para lhe revelar todos os segredos que me levaram a fazer coisas das quais eu não me orgulhava mais. Meu coração doía só de imaginar a decepção em seu rosto bonito.

Ela precisava me perdoar.

— Eu amo uma Vasseur, Verena.

O silêncio recaiu sobre nós, cortante como uma adaga.

— Sabe, Miranda costumava dizer que Valentinne era um anjo. E eu sempre soube que ela falava a verdade. Tinha esperança de que ela a mudasse, Lizze.

Não ousei interrompê-la, continuando a ouvi-la.

— Difícil seria não a amar, filha. E não sinta vergonha, ninguém tem o direito de dizê-la a quem deve amar. — Mamãe me trouxe para os seus braços magros, afagando meus cabelos como quando eu era criança.

— Ela não irá me perdoar. Não a mereço. — Forcei minha voz a sair o mais clara possível.

Valentinne sempre defendera seus princípios com unhas e dentes. Sempre fora leal ao que acreditava. O modo como honrava suas promessas causava-me certo orgulho, mesmo que jamais lhe tivesse dito isso. Amava todas as suas particularidades.

— Ela é a mulher de minha vida, mamãe. O que eu farei se ela me rejeitar? — Senti minha garganta fechar, torcendo para que Verena tivesse as respostas de que precisava.

[...]

Nathanael mal havia terminado de informar-me sobre o paradeiro de Valentinne, quando decidi por deixar as malas no hall da mansão à mercê do pobre Pierre.

Adentrei o cômodo escuro a sua procura desesperadamente, como se não a visse há décadas. Havia entrado no primeiro navio com destino a França que ancorou no cais há três dias.

Valentinne olhava pela janela distraidamente quando a abracei por trás.

Senti que algo não estava certo assim que seus olhos me encararam. Ela estava diferente. Talvez fosse impressão, mas o aperto em meu peito não me deixara em paz.

Durante o jantar seu olhar era vago. A sensação de perda apossou-se de mim sem que ao menos entendesse o que estava acontecendo.

Valentinne saíra apressadamente de casa alegando ter assuntos pendentes para resolver, deixando-me sozinha como jamais fizera antes. Fiquei esperando-a feito uma tonta a noite inteira, e a discussão logo após sua chegada fora inevitável.

Catherina mais uma vez se metia entre nós, e por mais que tentasse tirá-la de nossas vidas, Valentinne se esforçava em mantê-la nelas.

— Já acordada? — Seu hálito quente acertou minha nuca, seu abraço se intensificando em meu corpo.

— *Oui*. — sussurrei, sonolenta, sentindo suas mãos acariciarem minhas pernas nuas.

O simples toque me fizera entrar em combustão. Valentinne tocava-me como ninguém, fazia-me sentir necessária.

— Perdoe-me por ontem. Não vai mais acontecer, prometo. Deixe-me recompensá-la, *cher*.

Assenti sem muita noção do que dizer quando tinha suas mãos sobre mim.

— O que acha de um jantar para comemorar sua volta? Confesso que estou envergonhada por ter agido de forma tão insensível ontem.

Virei-me para encará-la com desconfiança, beijando o canto de sua boca.

— O que você quiser, *amour*.

Aceitava tudo que Valentinne quisesse me dar passivamente. Era como se alguma força maior não deixasse que eu lhe negasse qualquer coisa que pedisse. O sim era automático, nem sequer notava quando o dizia.

Suas bochechas estavam levemente vermelhas e os olhos ainda fechados.

— Ah, Valentinne. Você ainda irá me arruinar. — Enterrando o rosto em seu pescoço, inspirei seu cheiro profundamente.

Fiquei ali, ouvindo as batidas suaves de seu coração, tentando me convencer que estava a ver coisas.

[...]

Era do feitio de Ceci fazer-me esperar.

Depois de pensar muito a respeito, decidi que já era hora de confrontá-la. Ela merecia uma explicação, e eu lhe devia isso. Era o mínimo que poderia fazer para acertar as coisas.

Estava sentada na cama que um dia amara me deitar, há cerca de vinte minutos. A

luxúria presente em cada parte do cômodo lembrava-me do quão devassa fora durante anos.

— Você demorou. Muito.

Cecì vestia um robe branco que não cobria absolutamente nada de sua pele. Eu amaria vê-la assim há alguns meses, mas não agora.

Amava uma outra mulher.

— Preciso conversar com você. Sente-se, por favor.

Fiz sinal para um espaço ao meu lado, e Ceciliè o ocupou receosa.

— Sinto muito por adiar essa conversa, Ceciliè. Mas fora em vão, porque não posso mais mentir.

— Está me assustando, Lizze. E não me chame assim. — Os olhos de Ceciliè estavam atentos sobre os meus.

— Você conhece minha história, conhece o meu ódio. Mas nem mesmo você foi capaz de me fazer mudar. Eu me apaixonei, Cecì.

Ceciliè mantinha os olhos fixos num ponto fixo do quarto. Parecia nem estar ouvindo-me, mas eu não poderia parar. Ela merecia saber a verdade.

— Me apaixonei por minha superior, pela mulher que desprezei durante anos. E eu a amo, Cecì. Não posso enganá-la. Não posso enganar você. Preciso pôr um fim ao que temos. — Devagar, fui despejando a verdade absoluta sobre Ceciliè.

Seu silêncio era constrangedor, a falta de reação.

— Como pôde fazer isso? — Então a voz trêmula me alcançou. — Ela não a ama como eu, não aceitará o seu passado, o que é.

Fiquei de pé para encará-la, abstendo-a de mais mentiras.

— Acredite, eu nunca tive a intenção de machucá-la.

As íris claras de Cecì encaravam-me com raiva, e fora impossível prever o tapa que ela deixara em meu rosto. Fiquei perplexa, sentindo a pele arder como se brasas constituísse a ponta de seus dedos.

— Vá embora! — Cecì esbravejou, pálida como a morte, sem resquício de aceitação nos olhos.

— Por favor, Ceciliè! Eu não quis...

— Sim, você quis! Você brincou comigo durante todo este tempo, e a troco de quê, Annelise? — ela exigiu, com as mãos na cabeça, puxando os cabelos com força.

A cena fora a pior que já vira. Puxei-a para um abraço, lutando contra sua raiva e os membros violentos de seu corpo.

— Perdoe-me, *cher*. Me perdoe — implorei, exausta, sentindo suas lágrimas molharem o meu ombro.

— Amo-a tanto, Lizze. Por quê?

— Eu não pude lutar contra, Cecì. Eu tentei.

[...]

Sentia-me péssima. Ver Ceci chorando havia me desarmado completamente, mas tinha de ser feito. Voltei para casa encharcada pela tormenta, e a única coisa que desejava era minha cama.

— Pergunto-me o que uma dama faz fora de casa às duas da madrugada. Principalmente quando a mulher em especial é a minha.

Gelei ouvindo o click da porta. Meu coração estava prestes a sair pela boca. Valentinne usava o pincenê para ler uma pilha de documentos postos sobre a pequena mesa de centro. Sua postura era ereta, ameaçadora.

— Eu precisei... — Outra mentira.

— Às duas da madrugada? — Ela sondou, objetiva, finalmente olhando-me por cima dos óculos.

— Eu... — Busquei encontrar alguma desculpa convincente.

— Só pare. — Valentinne ordenou, friamente, levantando-se do assento.

— Posso explicar. — sussurrei, olhando para baixo sem a coragem suficiente para encará-la.

— Deve ter um bom motivo para ficar até as duas da madrugada fora de casa. — A réplica soou mais amarga do que previra. — Terá tempo para se explicar, estou exausta e não quero ouvir nada que tenha a me dizer hoje.

Valentinne deixou a sala, sem sequer olhar para trás para ver se eu a acompanharia.

Não consegui dizer nada. Queria lhe confessar toda a verdade, mas nenhuma palavra vinha à minha boca.

— Vá dormir, Annelise.

Estava trêmula, mas não pelo frio que rondava a propriedade, mas sim pela indiferença dela em relação a mim.

# CAPÍTULO QUARENTA

*Valentinne*

Violet sorria para mim com os olhinhos azuis, felizes e inocentes. Era terrível imaginar que a paz estabelecida estava prestes a ruir, no entanto, desastres eram inevitáveis e o que estava por vir não seria diferente.

Annelise fora ver Ceci novamente na noite anterior. Tinha certeza, e eu não suportaria mais nenhuma humilhação semelhante, era inaceitável que continuasse a agir pelas minhas costas.

Só de vê-la tentar mentir mais uma vez fora a gota d'água.

— Deixe que Annelise segure-a um pouco, Valentinne. — Lorena sorriu cúmplice do outro lado da mesa.

Olhei de relance para Annelise ao meu lado, reprimindo um grunhido de desgosto. Era injusto que ela fosse tão maravilhosa.

E tão mentirosa.

— Ela não é boa com crianças, Lorena — disse, secamente, lançando um olhar vítreo para ela.

Annelise crispou os lábios de brincadeira, alheia a minha farpa. Os olhos que Valentinne tanto idolatrara um dia pareciam apreensivos.

— Obrigada pelo convite, srta. Vasseur — Jean agradeceu, sentado ao lado de Catherina, tirando-me a atenção de Annelise.

Ofereci o jantar em homenagem a sua volta, mas não convidara muitas pessoas. Seria demais para todos, então havia optado por algo mais reservado.

Apenas a família. Nathanael já tinha entrado em contato com a polícia por precaução, tudo estava acertado. Ele só não tinha conhecimento sobre a origem das mentiras da mulher que acolhemos durante toda nossa vida na casa Vasseur.

— Espero que esteja tudo de seu agrado, Butler. — Ergui minha taça para ele com uma das sobranceiras arqueadas em provocação.

— Os Vasseur nunca decepcionam, senhorita — ele retorquiou, com um sorriso torto.

Tomei o restante do champanhe em um único sorvo, dando início a diversão.

— Desejo fazer um brinde a essa mulher maravilhosa que está ao meu lado. — Enchi novamente a taça de champanhe, oferecendo a mão a Annelise.

Em seus olhos verdes era visível a surpresa.

Catherina dispunha de uma expressão desolada, e eu me amaldiçoei por nunca a ter enxergado verdadeiramente. Por deixar-me levar pelas promessas vagas de Annelise.

— O que é isso, Valentinne? — ela sussurrou, alarmada, forçando um sorriso no rosto pálido.

Ignorei-a de propósito, prosseguindo com o meu discurso preparado.

Nathanael olhava-me sem entender absolutamente nada. Era provável que tentasse matar

Jean depois de todo o circo, mas eu não permitiria. Ele teria o que mereceria atrás das grades. Contra ele as evidências eram verídicas, e, felizmente, nada a seu favor.

— Butler, eu também queria brindar a sua incompetência. — Ergui a taça pela segunda vez, vendo Nathanael engolir em seco.

Os olhos de Jean estavam prestes a saltar das órbitas, minha vontade de vê-lo humilhado na frente de todos só aumentara com aquilo.

— Dantê costumava dizer que seu senso de humor era dos melhores, senhorita! — Jean gracejou, arrancando risinhos dos presentes, tentando suavizar minhas palavras.

Sua barba estava aparada, dando-me um melhor vislumbre do sorriso vacilante que mantinha nos lábios. O terno de corte elegante moldava seu corpo robusto perfeitamente. Jean conservava a pose diante de meus poucos convidados.

— Na verdade, não possuo senso de humor, *monsieur*. Meu pai estava enganado quanto a isso — rebati, calculadamente, bebericando um pouco mais do champanhe.

— Discordo, senhorita — ele retaliou, um pouco ofegante, afrouxando o nó bem dado da gravata.

— Discorda também que Dantê enganou-se ao confiar num verme ambicioso como você? — Então senti o sorriso em meu rosto crescer diante da descrença em seus olhos.

Lorena apertava as mãos de Nathanael, enquanto ele mantinha seus olhos azuis fixos em Butler.

— Srta. Vasseur, essa brincadeira está começando a ofender-me. Sempre fui fiel ao seu pai. — Jean passava as mãos pelo cabelo grisalho num tique nervoso, como se pudesse fugir de minhas palavras e do peso delas.

— Roubando-o, *monsieur*? Isso em sua opinião é lealdade? — proferi, solene, sem arriscar perder minha compostura.

Sentia os olhos de Annelise em mim, mas não me dera o trabalho de olhá-la de volta. Sua hora também chegaria, contudo, antes queria torturá-la mais um pouco. De fato, estava adorando sentir o seu medo emanar pela sala.

— Não estou compreendendo, seja mais clara. — Jean ainda tentava esquivar-se de minha óbvia intenção.

Era admirável. Tinha de admitir.

— Qual parte o senhor ainda não compreendeu? — questionei, suavemente, sentindo o olhar de Catherina queimar sobre mim.

— Pode não ter percebido, senhorita. Mas suas alegações são graves.

— Ah, claro, que cabeça a minha. Como posso acusá-lo sem provas, não é?!

Meu estômago estava embrulhado, mas recusava-me a parar agora. Jean e Annelise iriam responder por seus atos ilícitos.

Nathanael aproximou-se de mim com os recibos pagos por Ian.

— Pergunto-me, *monsieur*, para onde foi todo este dinheiro. — Joguei os recibos para Jean, assistindo-o empalidecer.

Suas mãos tremeram, para a minha satisfação.

— *Cher*, o que está havendo? — Annelise sondou, trêmula, com os olhos fixos em meu rosto.

— Calada.

Meus olhos continuavam em Jean.

— Isso não quer dizer nada! Está levantando falsa acusação, criança! — A voz do homem alto à minha frente era falha de medo, comprovando sua culpa.

— Isso quer dizer tudo. Agora, desejo saber quem o ajudou com esta maldita tramoia — disse, sem considerar o ataque de fúria dele.

— Sua...

— Não faria isso se fosse você. Mas irei poupar seu tempo, eu sei quem o ajudou. — Finalmente voltei o olhar para Annelise.

— Tinne, o que está fazendo? — O tom de Nathanael era de reprovação.

— Senhoras e senhores, estão vendo esta mulher aqui? Eu a amei durante toda minha vida. — Murmúrios deixaram a boca dos presentes enquanto os lábios de Annelise tremiam. Olhava-a com decepção estampada por todo o meu rosto. — Mas ela não passa de uma farsa, não é mesmo, Annelise Brückner?

— Exijo que pare com isso agora mesmo, Valentinne! — Bradou Nathanael, puxando Lorena para perto, que mantinha Violet nos braços protetoramente.

— Isso também é de seu interesse, irmão. Deixe que eu prossiga.

— Por favor, não faça isso. — Dos olhos de Annelise já brotavam lágrimas fingidas.

— Mas é claro que o farei — anunciei, friamente. — Acolhemos a família Kober há muitos anos. Stuart foi o braço direito de meu pai durante muito tempo, até que veio a falecer deixando a esposa e filha aos nossos cuidados. Assim que pus os olhos nesta mulher, soube que nada nunca mais seria o mesmo. No entanto, era visível toda a aversão que ela sentia por mim, e isso me destruiu conforme os anos passavam. Todavia, num piscar de olhos, tudo que sempre desejei tornou-se recíproco.

— Eu posso explicar, Valentinne... — Annelise tentou falar em sua defesa, mas eu a impedi com um aceno de mão.

— Há cerca de duas semanas fiz uma viagem a Espanha, no intuito de fechar negócios com um de nossos clientes mais antigos. O chefe da família Mendozza, mostrou-me que continuava a pagar pelos vinhos nos prazos exigidos por nós. Mas os índices não batiam. E então eu descobri que estávamos sendo roubados bem debaixo de nossos narizes.

— E o que os Kober tem a ver com isso, Valentinne? Eles são da família! — Nathanael estava vermelho de raiva, os olhos tão intensos que por um segundo pensei em recuar.

— Não são os Kober, Nathanael. São os Brückner. Confesse de uma vez por todas, Annelise. Confesse!

O silêncio predominou a sala de jantar. Annelise olhou para todos, derrotada como eu queria. Ela levou as mãos às lágrimas, afastando-as. Meu coração batia de forma acelerada, e eu temia não conseguir ouvir sua versão.

— Nós éramos uma das famílias mais poderosas da Alemanha. Meu avô, Fritz Brückner, era um conde. Ele passou de nobre bem-apessoado para um jogador afundado em dívidas e

vergonha. E aos poucos viemos a falir.

Escutava-a atentamente, sentindo um latejar nos ouvidos.

— Numa dessas malditas apostas, meu avô conheceu seu pai, e ele nos tirou tudo! Meu avô se tornou um alcoólatra, a ideia de ser um nobre falido tirava seu sono. Meus pais e eu não morávamos com ele na época, e só viemos a ter conhecimento da situação de nossa família quando vovô adoeceu. Você não sabe o inferno que a sua família nos fez passar, vovô os amaldiçoou até o fim dos dias sobre essa terra. — Os olhos de Annelise estavam vermelhos devido a lágrimas que não paravam de rolar pelas bochechas dela.

O silêncio recaiu sobre nós como um véu negro.

— Encontrei alguns documentos com o nome de sua família, mas não havia muitas informações. O que levou meu pai a arruiná-los, como você relata? — Estava verdadeiramente interessada, e não consegui disfarçar o desconforto em meu rosto.

— Meu avô apostou a nossa fortuna! Tem noção disso? — ela explodiu, contrariada. — Depois de tudo, seu pai voltou para França, nos deixando na miséria, Valentinne.

— Então está me dizendo que devemos pagar por seu avô ser um mesquinho imprudente? Por afundá-los na ruína sem se importar com o futuro de sua família? — Ódio mesclado a uma sensação nova atingiu-me.

— Não! Assim que vovô morreu, papai quis vingar sua morte. Ele nos fez prometer, Valentinne.

— Isso não é relevante! — bradei, fora de mim, esquecendo que as pessoas continuavam à mesa, e que a fofoca renderia por meses.

— Quando Stuart passou a conhecer sua família, mudou de ideia. Mamãe nunca concordou, ela sempre foi contra, mas eu era ingênua demais e nutria mais ódio a cada dia. Eu o amava, e tinha de vingá-lo! Quando o meu pai morreu, mamãe não suportou permanecer aqui, mas eu desejei ficar mesmo com os seus protestos. Por que...

— Queria nos ver sofrer assim como o seu avô — completei por ela. — Percebe a gravidade de suas ações? E ainda decidiu nos roubar!

Nathanael permanecia imóvel.

— Mas tudo mudou, eu juro! Sei que não mereço seu perdão, sei que fui uma estúpida e que vocês não tinham nada a ver com tudo isso, mas...

— Basta. Eu não quero ouvir nem mais uma palavra, Brückner. É o suficiente.

— Podemos passar por isso, *cher*. Eu a amo mais que qualquer coisa. Amo você. — Annelise tentou se aproximar de mim, mas eu a repeli.

— Pare de mentir! Pare! Sei sobre Ceci, Annelise. Não adianta fingir mais nada, sei da repulsa que sente por meu nome, por minha família.

A essa altura as lágrimas já desciam por meu rosto, incessantes.

— Eu ia contar, eu ia...

— Os dois serão presos, quero-a longe de minha família. — Recobrei o controle, dotando a pose mais fria que consegui reproduzir.

— Não desista de nós, iremos superar. Perdoe-me, Valentinne. Se eu pudesse faria tudo

diferente, mas infelizmente não posso. Não posso perdê-la.

— Eu não serei preso por sua fraqueza, Annelise! Ah céus, que Deus as perdoe por essa blasfêmia — Jean gritou, sacando uma pistola de seu paletó e apontando-a para mim.

Por um momento havia me esquecido completamente que Catherina e todo o resto permanecia no cômodo. A expressão de incredulidade de todos era compreensível.

Jean pegara Catherina pelo pescoço, mantendo-a como refém.

Senti vontade de morrer, vendo-a fitar-me tão amedrontada.

— Solte-a, maldito! Solte-a! — gritei, sentindo todo o sangue se esvair de meu corpo.

— Não tão depressa, senhorita. Deixe-me ir embora e ela sairá com vida. — Jean mantinha a pistola na cabeça de Catherina, aquela era sua aposta.

Sua liberdade pela vida de Neville.

— Não faça isso, Tinne! Não! — Catherina se debatia contra Jean, fazendo-o apertar o cano frio da pistola em sua cabeça.

— Quieta, vadia!

Encontrava-me sem escolha.

— Eu o deixo ir. Solte-a — disse, engolindo em seco, as mãos erguidas em rendição.

— Tinne, não! — Catherina expeliu num ímpeto de coragem.

— Quieta! — Jean a esbofeteou, provocando minha fúria, fazendo-me avançar em sua direção sem pensar com clareza, ou ponderar uma abordagem coerente.

Assistir a Jean bater em Catherina cegou-me. Lembranças de Mourrice tentando violentá-la invadiram minha mente.

Soquei-o no nariz, fazendo-o tentar agarrar-se na cadeira.

— Vadiazinha! — Seus olhos eram puro ódio.

Travamos um combate corpo a corpo, Nathanael já cruzava a mesa, seu olhar fixo em Jean. As mãos pesadas do homem asqueroso empurravam-me para trás, fazendo-me ir contra ele com mais raiva. Eu me mantinha em seu encaixe, até que um som estridente ecoou em meus ouvidos e berros desesperados eclodiram na sala de jantar.

— Não!

# CAPÍTULO QUARENTA E UM

Valentinne

Meu abdômen queimava. Um tiro.

Havia levado um tiro.

Maravilha.

O mundo parecia girar, minha pele ardia como o inferno. Saber que decerto morreria era terrível, mas descobrir que Annelise não era o que passara a vida inteira idealizando parecia bem pior, com toda certeza. Talvez esse tivesse sido o meu erro, afinal, idealizar pessoas não era nem de longe algo sensato a se fazer.

Acreditar que ela havia mudado da água para o vinho fora fantasioso e inconsequente. O amor era um sentimento falho, o qual eu não queria voltar a sentir tão cedo, estava farta. As doses em excesso do maldito foram letais, e não iria arriscar-me a ser destruída por ele pela segunda vez.

Catherina chorava copiosamente, enquanto sons de luta eram ouvidos por mim ao longe. Minha visão estava turva, a claridade do lustre deixando-a débil.

— Miserável! — Nathanael continuava a bater em Jean descontroladamente, o sangue do homem nas bordas de seu paletó parecia não ser o suficiente para ele ainda.

— Por favor pare, já chega... — Tentei falar, mas a dor do tiro impediu-me.

Catherina aninhava-me em seus braços como se eu fosse uma criança.

Levei as mãos ao lugar que fora atingida, sentindo o sangue quente do ferimento ensopar o meu vestido.

— Você irá sobreviver, *amour*. Lorena já contatou o médico, por favor, não me deixe — ela implorou, num sussurro doloroso.

— Fui uma idiota. Tenho consciência disso agora. Na verdade, sempre tive, mas você merece mais do que uma mulher estúpida e baleada. — Sorri, fazendo com que o meu abdômen doesse mais.

— Isso não tem graça, Valentinne — Catherina repreendeu-me, soluçando.

Tentei abrir os olhos, e quando o fiz, dei de cara com Annelise. Meu sangue voltou a bombear rapidamente, reacendendo minha raiva.

— Por Deus, ainda está aqui? — Travando o maxilar com força para não gritar de dor, perguntei rispidamente. — Não existe orgulho em você?

O escárnio estava presente em cada palavra proferida. Só de olhá-la sentia vontade de chorar novamente, como se já não tivesse derramado lágrimas o suficiente por suas mentiras doentias.

— Eu nunca quis nada disso! Sei que não acredita em mim, mas eu não quero que morra. Não posso perdê-la — ela gritou, olhando para as próprias mãos, como se meu sangue estivesse ali.

Aparentemente, Annelise estava tão destruída quanto eu. Seus olhos estavam vermelhos, vazios como uma noite sem estrelas. Seu semblante era cansado e denunciava toda a agonia que

eu mesma sentia.

Bravo.

— Você nunca me teve. Só vá embora, volte para sua casa. — A alfinetada de que ela não tinha mais o teto Vasseur à sua disposição fora deliciosa.

A dor aguda em meu abdômen aumentava conforme os minutos passavam.

— Aqui é a minha casa. Você é o meu lar — Annelise sussurrou, baixo, os olhos marejados sobre mim.

— Você acha mesmo que eu vou cair de novo, Brückner? Não me ofenda assim — zombei amargamente, encarando-a com a mesma severidade com que tantas vezes ela havia me encarado.

Os olhos azuis de Catherina fitavam-na com desprezo. E indo contra tudo o que jogara sobre ela, aquilo me doeu.

Meu Deus! Era uma idiota. Sentir desconforto por Annelise?

— Vá embora, Annelise. Fuja antes que a polícia chegue. — Nathanael ficou de cócoras para pegar-me com cuidado nos braços. — Você ficará bem, Tinne. Tem de acompanhar Violet nas primeiras aulas de arco e flecha.

— O ferimento é superficial, Nathanael.

Ele olhou-me incrédulo, sabendo que não, não era um ferimento superficial.

Expulsei o pensamento pavoroso sobre morte e o fitei com atenção, tentando encontrar algum resquício de mentira sobre deixar Annelise fugir.

Um alívio instantâneo tomou meu coração ao constatar que ele falava a verdade.

— Não pense que perdoei o que estava disposta a fazer contra minha família, mas, ainda assim, não suportarei vê-la presa — Nathanael disse, arisco, olhando-a duramente. — Volte para casa.

Eu também não suportaria ver Annelise presa. A ideia deixava-me enjoada.

— *Engel*, me dê só mais uma chance. Eu prometo que farei valer a pena. Deixe-me provar que a amo — ela implorou, tocando-me com mãos frias.

— Esqueça que um dia eu a amei. Serei feliz sem as suas mentiras. — Enterrei o rosto no pescoço de Nathanael para não a ver partir.

Por que diabos doía tanto?

— *Je t'aime, Engel*<sup>[12]</sup>. O nosso amor não foi uma mentira.

Mantive o rosto no vão do pescoço de Nathanael, sentindo aos poucos a inconsciência me atingir.

— Não! Tinne, não feche os olhos! Não os feche!

[...]

— Consegue ouvir-me? Você tem que voltar para mim. Para sua família, *amour*.

Parecia estar prestes a pular de um precipício desconhecido quando a voz suave sussurrou ao longe, puxando-me do abismo escuro e monstruoso que me encontrava, sem rotas

de fuga. A voz distante fazia-me querer chorar. Era doce, reconfortante e segura.

— Tinne?

Abri os olhos lentamente com dificuldade, encarando com adoração a mulher com os olhos cintilantes de uma emoção que me tocou no fundo da alma dilacerada. Catherina mantinha suas mãos entre as minhas, oferecendo-me o seu calor. O cabelo louro estava solto na altura do ombro coberto pelo tecido azul da echarpe.

— Acho que morri e fui para o céu — sussurrei, roucamente, sentindo um desconforto no abdômen. — Por quanto tempo fiquei aqui?

— Três dias. — Seus olhos azuis encheram-se de lágrimas, fazendo-me puxá-la em minha direção. — A culpa foi minha.

— Bobagens, *belle*. Estou bem. — Beije o topo de sua cabeça para acalmá-la, e a mim também.

A fragrância doce invadira os meus sentidos, aquecendo meu coração de imediato. Era sempre assim, Catherina me fazia sentir amada.

Afaguei a massa loura, reconfortando-a.

— Você levou um tiro! Não diga sandices, Valentinne! — A réplica fora "raivosa".

Roei meus dedos de leve na pele branca de seu queixo, fazendo-a arfar baixinho e ansiar pelo toque. Suas mãos foram em direção às minhas, beijando os nós de meus dedos docemente. Uma onda de sensações preencheria o quarto frio, deixando-o morno.

— Obrigada, *belle*. Não sei o que faria sem você — agradei, baixo, olhando-a uma última vez antes de cair num sono profundo.

[...]

*Je t'aime, Engel*. O nosso amor não foi uma mentira.

Mentira.

Ali, na escuridão do quarto, permitir-me chorar. Eu nunca mais a veria. Nunca mais. E tinha de aceitar que aquilo era o melhor.

Virei o corpo lentamente, colidindo com o colo de Catherina. Ela dormia serenamente, fazendo-me ouvir murmúrios desconexos que saíam de sua boca.

— Não, Tinne! Não morra!

Alarmada como nunca estivera em sua presença, somente a fitei impotente. Catherina chorava em sono por mim.

— Shh... Eu estou aqui, *belle* — sussurrei sobre a testa dela, abraçando seu corpo.

Os olhos azuis se abriram, cintilando em meio ao breu. Suas lágrimas desciam fortemente, induzindo-me a limpá-las.

— Eu tive tanto medo de perder você... — O soluço estrangulado deixou sua boca, e ela afundou o rosto em meu pescoço.

— Mas eu estou aqui. Prometo que não lhe darei um outro susto como esse.

Catherina baixou os lábios para os meus numa carícia lenta.

— *Belle...*

— Deixe-me cuidar de você, Tinne. Me dê uma chance — ela sussurrou, rouca de desejo, capturando minha boca de novo.

E eu a respondi.

Nossos beijos nunca eram certos. Mas ali, naquela escuridão, pareceu pela primeira vez.

# CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

*Valentinne*

Despertei com uma dor de cabeça dos infernos.

Minhas mãos procuraram Catherina entre os lençóis de linho, mas ela não estava na cama. Afastei o sentimento de decepção dentro de meu peito, inspirando o ar profundamente, verificando se o ferimento ainda doía.

A resposta fora sim.

— Ah, Deus! — bradei, levantando-me devagar, com medo de que pudesse abri-lo por descuido.

Em cima do aparador havia um bilhete que deduzi ser de Catherina.

"Já deve ter acordado a essa hora. Desejava estar ao seu lado quando enfim abrisse os olhos, mas tive de voltar para casa, madame Adeline por pouco não colou meu retrato por toda cidade em busca de meu paradeiro. Penso em vê-la ainda hoje.

Sempre sua, Catherina."

Sorri ao tentar identificar o que os garranchos significavam. A compreensão fora difícil, as letras de Catherina eram pequenas demais.

O beijo terno da noite anterior se materializara em minha mente, fazendo-me xingar baixo. Não era justo que usasse Catherina como algum tipo de consolo, parecia repugnante demais aproveitar-me de seu amor. De sua bondade.

Quando abri os olhos e me deparei com sua face angelical, senti como se realmente estivesse no céu. Catherina assemelhava-se a uma obra renascentista, pintada com devoção até nos mínimos detalhes. Um porto seguro que me acolhia em tempos difíceis, mesmo quando eu não lhe dava o devido valor.

O azul de seus olhos acalmava-me. Mas não era o suficiente.

Catherina merecia mais. Mais do que alguém como eu.

Parecia pouco provável que esquecesse Annelise do dia para noite. Talvez eu nunca mais pudesse sentir por alguém o mesmo que havia sentido por ela durante toda minha vida. Não era justo.

Annelise me matara para outras pessoas.

— Posso entrar? — Nathanael bateu à porta, arrancando-me das divagações depreciativas.

— Sim. — Foi só quando falei que pude sentir o seco em minha garganta.

O semblante esgotado de meu irmão fora de partir meu coração em pedaços. Além de estar destruída, havia arrastado toda minha família comigo.

— Eu poderia lhe pôr de castigo por ser tão imprudente! — ele praticamente rugiu para mim, fazendo-me sobressaltar no colchão. — Um tiro, VALENTINNE! Um tiro!

Meneando a cabeça de modo condescendente, aceitei sua raiva.

— Tem razão. Expus todos ao perigo por causa de meu orgulho. — As palavras

constrangidas foram difíceis de serem proferidas por mim.

Nathanael sentou-se na cama e obrigou-me a encará-lo nos olhos azuis como o mar de Roma.

— Eu nunca senti tanto medo em minha vida, Valentinne. Tive medo de ficar sozinho neste mundo. — O lamento embargado na voz masculina fora mais do que pude suportar.

Abracei Nathanael com toda força que o ferimento permitira. Eu também havia sentido muito medo. No momento em que a bala perfurou minha pele, soube que não conseguiria perder Nathanael.

— A ideia de perdê-la para morte me destruiu, irmã.

Abracei-o mais forte, tentando apaziguar os tremores do corpo grande dele.

— Perdoe-me, irmão, por favor — supliquei, rouca, como nunca tinha suplicado antes.

— Eu sinto muito por Annelise.

A última coisa que queria ouvir no momento era o nome de Brückner.

— Não sinta. Ela não merece. — Meu tom era carregado de uma fúria incontrolável.

Nathanael levantou o olhar para me encarar, desarmando-me. Dor preenchia o semblante maduro.

— Ela pode não ter feito as melhores escolhas, mas... Ela ama você.

— Não. Ela... — Não conseguiria pronunciar aquilo em voz alta, mesmo que quisesse. — Como se sentiria se fosse apenas um mero peão num jogo imundo? — A raiva transbordou, tornando-se amarga em minha língua. — Você não saberia dizer, não é mesmo? Tem uma noiva maravilhosa e uma filha adorável. — Não estava sendo justa, sabia disso, mas simplesmente atirei as palavras na cara de Nathanael.

— Eu não quis ofendê-la, Tinne. Só... — Ele parecia disposto a defender Annelise, incitando assim ainda mais minha repulsa.

— Não quero mais ouvir o nome dessa mulher dentro desta casa. Não desejo saber nada sobre ela.

Ambos ficamos calados por algum tempo, até que eu mesma quebrei o silêncio embaraçoso.

— Já posso sair daqui? — A pergunta não passou de um sussurro.

— Não!

Bufei como uma criança de dois anos com a negativa de meu irmão.

— Não quero, e nem posso permanecer nessa jaula! — retaliei, colérica.

— Você não tem de querer nada. — Ele estalou a língua de modo irritante, zombando de mim.

— Saia imediatamente de meus aposentos! — expulsei-o, e um sorriso já abrandava o clima tenso entre nós.

— Como desejar, srta. Vasseur.

[...]

O escritório estava em primeiro lugar em minha lista de distrações bem-vindas. O cômodo silencioso era dotado de uma morbidez que passara a apreciar. Manter-me ocupada certamente faria algum bem para minha sanidade mental.

Saíra do quarto na ponta dos pés para que não fosse barrada. Nathanael estava enlouquecendo-me com sua proteção excessiva.

Estava imersa em pensamentos irrelevantes quando ouvi a porta de mogno ranger.

Levantei o olhar, deparando-me com Catherina.

— Como sabia onde me encontrar? — Nada surpresa com a delação de Lorena, perguntei insolente, passeando a língua pelos lábios.

— Digamos que Lorena é uma excelente portadora de fugas — Neville disse, indolente, dando de ombros num gesto casual.

Sua postura, como todas as vezes, estava imponente.

Céus, como conseguia ser sempre tão impecável?

— Eu a admiro, Tinne. Mesmo com todo o caos, encontra motivos para continuar a cumprir os seus deveres. — Ela puxou a cadeira mais próxima, ficando ao alcance de meus olhos.

Ergui uma sobrancelha, fingindo lisonja.

— Tenho de manter-me ocupada. — Foi a única coisa que disse.

— Então, o que gosta de ler? — Catherina mudou de assunto precisamente, sem parecer forçada a fazê-lo, como todos faziam desde a balbúrdia de dias atrás.

Fui em direção às fileiras de livros de Sand.

Entreguei um exemplar a Catherina, atentando-me às expressões faciais que tomavam seu rosto.

— Leia para mim — ela pediu, humildemente, pondo o livro novamente em minhas mãos.

Fitei-a um tanto desconcertada, mas não contendo o sorriso que deixou minha boca. Sentia-me nervosa, nunca havia lido algo para alguém, só de imaginar minhas mãos tremeram de nervoso.

— Definitivamente não, srta. Neville. — Neguei veementemente, e um desafio cintilou nas íris dela.

— Ah, qual é o problema, srta. Vasseur? Está com medo? — ela ronronou, atrevida, cruzando os braços à frente do corpo.

— Não me desafie, *belle*. — Meu olhar preguiçoso passou pelo rosto sereno dela.

— Tinne...

— Tenho vergonha, nunca li para ninguém. — Meus olhos permaneceram nela, não deixaria o retraimento me tomar.

A verdade é que tinha pavor de público. Ser o centro das atenções nunca fora para mim.

— Sei que se sairá bem, Vasseur.

Encarei-a fixamente, dando-me enfim por vencida de uma vez. Não tinha nada a perder.

Apenas a dignidade.

— A infelicidade mostrou-me, pouco a pouco, outra religião bem diferente da religião ensinada pelos homens. — Aquele era um dos trechos que mais adorava de Sand.

— Ah, Tinne. Você precisa se ver fazendo isso. — Ela abandonou o assento, e sua presença dominou o cômodo.

Catherina ficou a um centímetro de mim, enchendo meus pulmões com sua fragrância suave. Meu pulso acelerou com sua aproximação repentina.

— *Belle*, eu não quero magoar você... Já o fiz demais, você não merece. — Meus lábios estavam retesados, e o livro pendia de minhas mãos.

Catherina roçou os dedos suavemente por minhas têmporas, sem nunca deixar de fitar-me com carinho.

— Eu nunca a obrigaria a nada. Amo-a, mas isso não quer dizer que tenha de corresponder-me. Eu já aceitei que você não é para mim. Decidi ontem que deixaria o sentimento morrer.

De alguma forma, as palavras de Catherina me magoaram. Eu deveria estar feliz por ela cogitar tirar-me de uma vez de seus pensamentos, afinal, feri-la era a última coisa que queria.

— Está tudo bem? — perguntei, alisando o dorso de sua mão distraidamente.

— Nunca estive melhor.

Tentei não ser inconveniente, mas a pergunta saltou de meus lábios.

— Há alguém? — Odiei a insegurança em minha fala.

Era uma estúpida.

Catherina pareceu surpresa, e isso fez com que desviasse o olhar de meu alcance.

— Nunca haverá ninguém. Você é a única, Valentinne.

Uma onda de alívio colidiu contra o meu bom senso. Eu era a droga de uma egoísta insensível.

— Leia novamente para mim.

Sorri ao atender o pedido dela. Catherina parecia envolvida pelas palavras de Sand, aquecendo meu peito com a forma que parecia gostar das palavras de minha autora favorita.

Ficar ali, dentro daquela bolha perfeita com ela, fora uma das melhores coisas que fizera durante os últimos desastrosos dias. O peso que carregava em meus ombros passou a ser menos pesado e mais suportável.

Quando Catherina anunciou que retornaria para casa, fora impossível deixá-la ir.

— Vou pedir para que Mariana prepare um quarto para você. Fique — disse, abruptamente, ansiosa por mais algumas horas em sua companhia.

— Acho que essa não é uma boa ideia. Estou tentando respeitar o seu espaço, e só Deus sabe o quão difícil está sendo para mim. Por isso não me tente, Valentinne. — Ela meneou a cabeça para o lado a fim de esconder as bochechas ruborizadas.

— Prometo que não farei nenhuma visita clandestina ao seu quarto, srta. Neville. Não confia em mim? — O questionamento fora feito em meio a uma risada baixa.

— *Oui*, confio em você. Mas não sei se confio em mim.

Aceitei sua recusa, deixando-a ir, afundando o corpo na cadeira mais uma vez.

# CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

*Valentine*

Os fios sedosos de Catherina dançavam com o vento frio da manhã, trazendo o cheiro doce que emanava deles, tirando toda minha concentração de mentora — nada preparada —, para lidar com as desvantagens de nossa aproximação.

— Ah, céus! Isso vai ser mais difícil do que pensei. — O resmungo contrariado induziu Catherina a olhar-me feio por cima do ombro.

— Você concordou, não ponha a culpa em mim! — ela contrapôs, irritada, deixando os braços caírem ao lado do corpo.

Inspirei, pondo meu queixo em seu ombro.

— Perdoe-me, srta. Neville. Não tive a intenção de ofendê-la — sussurrei contra o ouvido dela, fazendo com que nossas respirações se misturassem com a proximidade de nossos rostos.

Vínhamos passando tempo demais juntas, e isso só resultou em fortalecer ainda mais o que eu sentia por ela. Não sabia como nomear o que tínhamos, mas era forte.

O céu estava cinza, e o farfalhar das folhas em contraste com a cor nebulosa parecia estranhamente reconfortante. Tudo enfim estava entrando nos eixos. Minhas mãos seguravam a cintura de Catherina, ajudando-a a acertar o alvo com a precisão de uma gladiadora.

Ela se mantinha firme diante de minhas falhas investidas.

A flecha não acertou o ponto vermelho por pouco.

— Excelente, Neville! — comemorei, sentindo-me triunfante, jogando meus braços para circundá-la num abraço.

Senti seu corpo enrijecer com a demonstração impulsiva.

— Você não foi de grande ajuda — ela desdenhou, maliciosamente, incitando minha arrogância.

Ergui uma das sobrancelhas em sinal de aborrecimento.

— Ah, é? — questionei, fitando-a com uma intensidade inquietante, para então lhe dar as costas no momento seguinte.

— Espere! Estou apenas brincando. — Ela trouxe-me de volta, prendendo-me a ela.

Pisquei atordoada com o sorriso que brincava nos lábios de Catherina quando meus olhos capturaram o seu rosto. Ela parecia feliz, e eu só consegui aproximar-me mais dela.

— Isso não é certo, você sabe? — Sua voz era vacilante.

Neville levou os dedos às minhas bochechas, colando sua testa na minha.

Respirei fundo, sentindo sua loção doce preencher meus pulmões. Tentei controlar-me o máximo que pude, mas parecia pouco provável que conseguisse tal proeza, tendo em vista a mulher que mantinha em meus braços. Abri os olhos, encarando-a com um misto de adoração.

Era notório que eu não conseguia mais conter o excesso de emoções reprimidas que permeavam meu coração.

Levei meus dedos aos lábios entreabertos de Neville, tomando-os para mim. Ela fechou os seus olhos, entregando-se ao momento assim como eu.

Seus lábios continuavam tão macios quanto me lembrava. A textura aveludada de sua boca me fez explorar lentamente toda a extensão, temendo perder qualquer mero detalhe. Um grunhido encorajador veio do fundo de sua garganta, fazendo-me tocar sua língua com a minha.

Catherina afundou seus dedos em meu cabelo, puxando-me mais para si, ao mesmo tempo que seus dentes prendiam meu lábio inferior.

Estava tão perdida na bruma que nos envolvia, que não percebi que Catherina estava chorando.

— Por que está fazendo isso comigo? — ela questionou, baixo, assustando-me com a pujança de sua pergunta.

Lágrimas escorriam pela face desenhada por Deus. Os cílios longos pendiam devido ao acúmulo de água.

— Catherina, ouça-me...

— Ouça-me você. Não me use para curar seu coração, partindo o meu enquanto tenta. Sabe quão apaixonada sou por você e...

A voz de Catherina falhou, doendo-me no peito.

— Eu nunca quis usar você! — Esperava que a veemência com que dizia aquilo a fizesse acreditar em mim.

Catherina fitou-me incrédula, como se estivesse vendo chifres em minha cabeça.

— *Je suis stupide!*<sup>[13]</sup> — chiou ela

— Não! Por favor, pare, Catherina. Catherina... — sussurrei, como se seu nome fosse uma prece, tomando-a em meus braços.

Buscava aplacar sua tristeza, mesmo sabendo que era a causa dela. Não tinha qualquer noção do que dizer para aliviar o peso de seus ombros, para tomar sua dor para mim.

Droga.

— Eu posso ser o que você precisa. Podemos fazer dar certo, *belle* — disse, baixinho, empenhando-me em abraçá-la o mais forte que conseguisse.

— Não. Não podemos. Você sabe disso. — Ela fora firme ao afastar-se de mim.

— O que eu preciso fazer para que acredite em mim? — A súplica muda em meus olhos não pareceu funcionar em objeção à sua descrença.

— Não há nada que possa fazer — sentenciou Catherina, deixando-me sem muitas alternativas.

Cruzei os braços à frente de meu peito, tentando não parecer nervosa.

— Lembra da noite em que disse pela primeira vez que me amava? — perguntei, lançando um olhar fervoroso em sua direção.

Catherina engoliu em seco, balançando a cabeça em concordância.

— Eu quis ir até sua casa para falar com os seus pais. — A confissão fora dita calmamente.

As safiras azuis arregalaram-se à medida que Catherina absorvia tudo que eu havia dito.

— Você não seria capaz... — ela sussurrou para si mesma, desacreditada.

— Sim. Eu seria.

— E o que a fez mudar de ideia? — Catherina questionou, erguendo uma das sobranceiras de maneira desafiadora.

Eu não conseguia dizer-lhe a verdade. Dizer que Annelise havia se declarado para mim aquela mesma noite, tirando-me a racionalidade.

— Seu silêncio foi a resposta de que precisava. — Ela estalou a língua. — Annelise. Você sempre a amará, Tinne.

Catherina estava muito segura de si.

— Isso não é verdade! Eu a odeio, Catherina. Eu quase morri por causa dela e de suas mentiras. Você viu! — Minha voz era pouco mais que um fiapo.

— Isso não muda absolutamente nada.

Ficamos em silêncio, sem saber ao certo o que dizer para que o peso das palavras não doesse tanto.

— Estou indo embora.

Catherina me deixou sozinha, torturando-me com os meus próprios pensamentos.

*[...]*

Sentia-me nervosa enquanto olhava os ponteiros do relógio girarem, fazendo-me repensar sobre minha atitude um tanto prematura. Os olhares dos Neville sobre mim causavam-me arrepios.

— O que deseja, querida? — Sondou madame Adeline, parecendo muito interessada no que eu tinha a dizer.

René olhava-me com uma curiosidade mal disfarçada.

— Por favor, poderiam solicitar a presença de sua filha? — pedi, um pouco relutante, desejando não soar rude.

— Mas é claro, srta. Vasseur. — René assentiu com a cabeça, sorrindo.

Amèlie subiu a escadaria devagar, como se para me torturar.

Meus olhos varreram o cômodo luxuoso, parando num retrato a óleo de Catherina criança.

— Quem o pintou? — Me ouvi perguntar num último instante.

— René. Ele é um pintor excelente — Adeline afirmou, radiante. — Sente-se, querida.

Sorri, forçando-me a sentar no divã de um azul-escuro.

Gaspar esperava-me do lado de fora. Parecia tão nervoso quanto eu mesma com o que estava prestes a fazer.

Enquanto meus pensamentos corriam desenfreados por um caminho bastante perigoso, um farfalhar de saias me fizera levantar os olhos.

Catherina descia as escadas, fitando-me surpresa.

Levantei-me do sofá tremendo.

Adeline ofereceu um lugar ao seu lado para Catherina, que o aceitou de bom grado. Seus olhos me analisavam cautelosamente.

— Então, aqui está ela. O que deseja nos falar, Vasseur? — René questionou, curioso, acendendo um charuto.

O velho senhor ainda possuía uma bela aparência. Os anos o haviam feito bem, muitos não conseguiam tal proeza. Os Neville eram conhecidos pelos olhos azuis estonteantes.

— *Monsieur*, madame, vim até aqui pedir permissão para cortejar a sua filha.

Madame Adeline parecia prestes a correr pela sala, enquanto o marido se engasgava com a fumaça de seu charuto.

Catherina permanecia imóvel.

— O que disse? — questionou ele, depois de recuperar-se.

— Que desejo cortejar sua filha, *monsieur*.

— Está ficando louca? *Par Dieu*, isto é uma blasfêmia! — ele esbravejou, o rosto tornando-se roxo.

Forcei-me a continuar firme.

— Não envolva Deus nisso, senhor. Não o use para esconder o seu ódio — retruquei, sentindo minha garganta seca.

— Saía de minha casa imediatamente!

— Papai! Pare agora mesmo, não deve tratá-la assim! — Catherina o interrompeu, tomando a frente. — Eu a amo! Amo-a! E nada que o senhor venha a dizer mudará isso.

Contra minha vontade, senti as minhas pernas cederem.

— Calada! Amanhã leve essa menina até o reverendo, Adeline! Ele a curará! Quando foi a última vez que pisou na igreja, Catherina?

— Ah, por favor, não seja hipócrita. Quanto tempo faz que o senhor não vai à igreja, papai? E frequentá-la uma vez por ano o fez um homem melhor? Acredita realmente nisso? — Catherina bradou, com a voz embargada.

— Filha, não diga sandices! — Adeline interveio, pálida.

— Quero-a fora desta casa, srta. Valentinne. Seus pais não devem estar muito orgulhosos de você agora.

— Não ouse falar deles, senhor!

Inspirei fundo, tentando controlar-me e agir com cautela. Não desistiria de Catherina sem antes lutar por ela. No entanto, não parecia sensato continuar o bate-boca com *monsieur* René.

— Pois bem, irei embora. Mas antes de qualquer coisa, perguntem a sua filha o que ela realmente deseja. Não mandem um reverendo curá-la, ela não está doente.

Saí da casa dos Neville sentindo-me destruída por ter sido tão acolhida durante anos em sua casa, e após confessar minhas verdadeiras intenções com sua filha, ser tratada com tamanha repulsa.

# CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Valentinne

As palavras carregadas de repulsa que René havia proferido com tanta fúria há dias, ainda ecoavam dentro de minha cabeça como um maldito lembrete do que estava por vir.

Do que eu teria de enfrentar se realmente quisesse estar com Catherina.

Sentia sua falta mais do que qualquer coisa.

O sentimento só havia tomado proporção com a distância. Não parava de pensar em seu rosto sereno, ou nos olhos azuis tão cheios de vida.

Eu não iria desistir.

Mesmo segura de minhas emoções até então, Annelise ainda continuava a perturbar-me em sonho. Parecia que jamais a arrancaria por completo de dentro do meu coração. Ela havia se instalado feito um parasita maldito em meu sistema sem que eu pudesse ao menos levantar as barreiras necessárias para tardar o estrago.

As feridas ainda eram presentes.

E eu a odiava por isso.

Koda pastava perto do lago em que havia beijado Catherina pela primeira vez.

Fora tão terno, precioso.

Como pude negligenciar os seus sentimentos?

Encontrava-me sem rotas de fuga. Como iria convencer seus pais de que iria fazê-la feliz mais do que qualquer burguês riquinho de nosso maldito meio?

Era tão difícil aceitar?

Eram muitos os meus questionamentos sem respostas. As lacunas continuavam vazias.

Não possuía uma ideia decente que viesse a calhar.

— Ei, rapaz. Vamos voltar.

Koda veio trotando ao meu encontro, levando-me de volta para casa.

[...]

A risada doce de Violet ecoava pela sala de estar. Catherina a segurava no colo, fazendo-me parar na porta para admirá-la feito uma tonta.

Lorena estava sentada ao lado do noivo, olhando-as tão maravilhada quanto eu.

— Será uma mãe maravilhosa, *belle* — falei, ainda na porta.

Catherina fitou-me maliciosa, fazendo-me rir em contrapartida.

— Enquanto isso, mimo a sobrinha mais linda do mundo — disse, e então sorriu, entregando Violet para Lorena.

— Vem — chamei-a, oferecendo minha mão.

Nathanael fingiu uma tosse, fazendo-me revirar os olhos.

Catherina permaneceu calada até estarmos dentro de meu quarto.

— Eu só queria pedir desculpas pela forma tão grotesca como meu pai a tratou. — ela pediu, olhando para o fundo do quarto iluminado.

Inspirei fundo, tocando em seu rosto.

— Ele me deve desculpas, não você, *belle* — sussurrei, sentindo o ambiente pesar.

— Eu fiquei confusa quando a vi na sala.

— Tenha certeza de que eu também — confessei, enfim sorrindo.

Catherina levantou o olhar com algo diferente cintilando em suas íris.

Seu perfume atingiu-me em cheio.

— *Tu es un ange déchu et tu veux me rendre fou*<sup>[14]</sup> — proferi, baixo, sentindo-a cada vez mais perto.

Catherina pousou as mãos delicadas em meu rosto, fazendo-me fechar os olhos para apreciar seu toque.

— *Je t'aime, cher*<sup>[15]</sup> — ela disse, baixinho, enquanto tentava ficar da minha altura para encarar-me.

— *Vous êtes juste confus*<sup>[16]</sup> — disse, fitando sua boca com saudade.

— *Tu es ma seule certitude*<sup>[17]</sup> — ela sussurrou, reivindicando meus lábios.

Beijei a boca carnuda ternamente, explorando toda a extensão sem pressa. Suas mãos pequenas perderam-se em meus cabelos, prendendo-me junto a si. Não queria mais sair de seu abraço caloroso, era mais do que eu podia suportar.

Nossas bocas moviam-se num ritmo lento cheio de entrega. Os murmúrios que saíam da minha eram incompreensíveis até mesmo para mim.

Desci as mãos para a cintura fina de Catherina, apertando-a com um pouco mais de força que o necessário, fazendo-a suspirar.

Catherina caminhou para trás, levando-me junto até cair sobre a cama arrumada. Suas mãos me puxaram para perto, obrigando-me a cobri-la com meu corpo. Pus todo o meu peso em meus cotovelos para continuar beijando-a sem nunca quebrar o contato de nossas bocas.

— *Je suis fou de toi*.<sup>[18]</sup> — Suas confissões deixavam-me entorpecida.

Minha mão se fechou em concha em seus seios, apertando-o levemente sem que eu pudesse pensar com muita clareza. Enquanto isso, minha língua percorria sua boca cheia com luxúria, buscando tirar o máximo dela.

A curiosidade me fez levantar o rosto para encará-la, tendo em vista seus olhos que me fitavam com devoção. A face vermelha de Catherina fez meu ventre queimar.

Se continuasse, eu poderia não conseguir parar.

— *Belle* — disse, com dificuldade, beijando o topo de sua cabeça.

No entanto, Catherina não quis me ouvir, e novamente buscou minha boca. Sua mão veio para a minha, incentivando-me a continuar a apalpá-la. Meus dedos roçaram pelos botões de seu decote, fazendo meu coração bater descompassado.

Abri o primeiro botão de forma temerosa.

Procurei novamente os olhos azuis, buscando uma confirmação sólida. O medo de estragar as coisas deixava-me à beira de um colapso.

Catherina sorriu, balançando a cabeça em sinal de concordância.

Os cabelos louros estavam espalhados pela cama, e suas pernas abraçavam-me o corpo, aquecendo o meu peito. Isso incentivou-me a abrir o segundo botão, o terceiro e o penúltimo numa rapidez impressionante.

— Tem certeza? — Sondei, ainda não tão confiante.

— Sim, tenho — ela concordou, escondendo o rosto entre as mãos.

O último botão fora aberto, libertando os seios pequenos de Catherina do maldito decote.

Minha boca salivou em vontade de degustar da pele branca, e sem reservas envolvi o mamilo rosado avidamente, deixando um suspiro de satisfação escapar-me.

— *Dieu, amour!* — Catherina gemeu enquanto passava a língua pela pele sensível.

Coloquei o outro na boca, procurando dar a atenção devida aos dois.

Satisfazê-la era o meu desejo.

— Tinne...

Levantei meu rosto, assistindo ao rubor tomar a face de Catherina.

— Ah, *belle*. Era apenas um beijo, por que deixou-me ir tão longe? — perguntei, alisando o rosto febril dela.

— Simples. Só você tem permissão para tocar-me assim. Não desejo outra boca, outras mãos que não sejam as suas sobre mim — ela disse, por fim, com uma convicção que me desnortou.

Por hora, só queria ficar deitada junto ao seu corpo seminu. Eu não estava arrependida por fazer tal coisa, mas a ideia sobre o que fazer a partir dali talvez não agradasse aos Neville.

# CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Valentinne

A claridade atravessava o tecido branco do dossel, batendo em minhas pálpebras pesadas pelo sono. Tinha a sensação de estar sendo observada, e a felicidade transbordou-me quando enfim abri os olhos e me deparei com ela.

Catherina fitava-me com doçura, um sorriso aberto de orelha a orelha delineava suas feições.

Os fios claros caíam por suas safiras, ainda mais lúcidas pela luz da manhã.

Desci o olhar preguiçosamente do seu rosto delicado para o pescoço longo cheio de sinais. Meus olhos arregalaram-se contra minha vontade quando percebi que seu decote continuava aberto.

— Ontem os colocou na boca. Não precisa ficar envergonhada, Tinne — ela ronronou, alinhando-se na curva de meu ombro e pescoço.

— Já ouviu falar em coragem de momento? — brinquei, levando um tapa de leve no braço.

— Eu quem devia sentir-me envergonhada, Vasseur — Neville sussurrou, beijando a pele de meu rosto.

Novamente uma onda de urgência atingiu-me no âmagos.

— Creio que seja melhor arrumar-me, *belle*. Não posso continuar errando — disse, ajudando-a a abotoar o decote.

As mãos de Catherina voaram para minha boca.

— Shh... Por favor, não estrague esse momento — ela pediu, fechando os olhos azuis.

Beijei a ponta de seus dedos, forçando-me a sair de sua teia.

— Poderíamos ficar aqui para sempre. — Catherina olhou-me cheia de segundas intenções, puxando-me para a bruma maliciosa novamente.

Selei seus lábios vermelhos com os meus, forçando um contato maior entre suas pernas. Catherina abraçou meus quadris, puxando-me para um caminho bastante pecaminoso, cheio de luxúria disfarçada. Seus murmúrios baixos faziam-me arfar em seu ouvido, descontrolada pelas reações que seu toque despertava em determinados lugares de meu corpo.

— Eu amo você, Vasseur — sussurrando em meu ouvido, com a voz rouca de desejo, ela confessou.

— Ah, *belle*... Eu poderia chegar ao ápice apenas com o som de sua voz — cantarolei, entre um sorriso e outro.

— Como? — Catherina indagou, parecendo perdida.

Então toda excitação fora embora.

— Ainda não teve essa conversa com sua mãe? — questionei, cética, saindo de seu abraço.

Não poderia saciar minhas vontades pecaminosas a custo da inocência de Catherina.

— Aonde quer chegar? — ela perguntou, de cenho franzido.

Antes de Annelise, eu também dispunha da inocência de Neville. Nossas transas aconteceram naturalmente, seria difícil explicar para Catherina exatamente o que era um orgasmo.

— *Belle*, você sabe o que um casal faz dentro de um quarto?! — indaguei, temendo sua resposta.

— Sim, eu tenho uma vaga ideia, não sou boba, srta. Vasseur. — O olhar de Catherina vacilou.

— Então... Alguma vez atingiu o orgasmo?

As bochechas de Catherina ficaram vermelhas no instante em que proferi as palavras não inclusas no decoro.

— Eu sei o que é isso, Valentinne! *Par Dieu, amour!* — ela guinchou, escondendo o rosto entre as mãos pálidas.

— Mas você pareceu não entender... — Tentei argumentar, soando ainda mais tola.

— Isso foi bastante constrangedor. — Um dos cantos da boca de Catherina se ergueu, induzindo-me a correspondê-la com um beijo.

— Foi sim, *cher*.

[...]

Decidi eu mesma levar Catherina de volta para casa. Não poderia deixar que as palavras maldosas de René me tirassem o foco. Era pouco provável que eu viesse a desistir em algum momento. Jamais havia estado tão firme numa decisão antes. Iria conquistar a afeição dos Neville, por Catherina. Apenas por ela.

Madame Adeline se postava na porta de mogno com uma expressão indecifrável. O vestido azul-escuro deixava a pele branca em evidência, e também os mesmos sinais que Catherina possuía, expostos em seu pescoço longo.

— Eu imaginei que estivesse com ela. — A voz áspera fora direcionada para mim.

— Peço desculpas, madame. — Coloquei a mão de Catherina sobre a dela.

Madame Adeline fitou-me com os olhos claros e sorriu para mim ternamente.

— Quando fomos até o teatro, senti que algo era diferente entre vocês, mas fingi não perceber — ela sussurrou, abrindo o leque preto. — René deseja conversar com você, srta. Vasseur.

Olhei de relance para Catherina, que parecia bastante tranquila com o rumo da conversa.

Assenti devagar, acompanhando-as para dentro da mansão.

— Vai ficar tudo bem, *amour*. — Catherina soou mortalmente calma, tirando-me de meus devaneios.

— Espero que sim — murmurei em resposta.

Adentramos o escritório masculino, de decoração rústica e sombria, inalando a fumaça do charuto que o velho mantinha na boca. René vestia um sobretudo preto e as madeixas

grisalhas estavam penteadas para trás, a aparência imponente como sempre.

— Desejava me ver, *monsieur*? — questionei ainda de pé, absorvendo toda a informação.

René pôs o charuto no cinzeiro, levantando o olhar para analisar minhas emoções mais de perto. Receio emanava de meu corpo. Sentia o cômodo ficar pesado à medida que o tic-tac do relógio na parede soava irritantemente.

— Nosso último encontro foi um completo desastre, srta. Vasseur. Sei que nada do que eu venha a dizer agora irá mudar as barbaridades que verbalizei. No entanto, Catherina não me deixou em paz um só segundo desde a sua partida. — A risada do velho era rouca devido aos pulmões cansados.

Eu não sabia aonde ele queria chegar, mas tentei ao máximo ficar atenta aos mínimos detalhes.

— Adeline e eu sentimos um carinho enorme pela sua família, e devo admitir que sempre foi a Vasseur mais querida por mim. Por isso, peço que me perdoe por todo o mal que causei. — A sombra que serpenteava seu olhar não espreitava mais o mesmo.

Lágrimas brotaram de meus olhos sem que eu pudesse controlá-las.

Depois de tudo, não conseguia formular uma única palavra. Sentia minha boca seca.

— Ninguém a fará feliz como você a faz. Tem a nossa bênção, Valentinne. E mais uma vez, perdoe-me por todas as palavras horrendas que lhe disse.

Catherina já estava abaixada perto de minha cadeira. Seus olhos brilhavam de felicidade.

— O senhor está certo disso? — indaguei, ainda não acreditando, buscando uma decisão acertada.

— Sim. Devo lhe confessar que foi difícil logo assim que ouvi pela primeira vez sobre o assunto, mas Catherina a ama, e eu deveria ter dado o apoio necessário desde o início — ele disse, segurando as mãos da esposa.

— Mas sabem que todos irão comentar, certo?! Estão preparadas para isso? — questionou madame Adeline, expondo um dos pontos que Valentinne nunca levou em consideração.

— Enfrentarei qualquer dificuldade por sua filha, madame. — Tranquilei-a, secando o meu rosto.

— Que tal uma partida de xadrez? — propôs René.

— Será um prazer, sogro. — Levantando-me da cadeira, apertei uma de suas mãos.

[...]

— Isso é mesmo real? — Catherina perguntou para ninguém em especial, com as mãos apoiadas em meu peito.

— Sim, *belle*. É real.

Gaspar esperava-me dentro do automóvel.

— Temos o apoio dos meus pais! Tem noção de como isso é maravilhoso? — ela emitia, eufórica.

Após a quinta partida de xadrez, René entregou o jogo dando a deixa para fugirmos.

— É incrível, *belle*. Você me faz feliz — disse, com ardor, beijando-a pela vigésima vez na noite.

— Agora vá para casa. Amanhã a quero aqui cedinho.

— Tenha uma boa noite, srta. Neville — sussurrei, deixando-a, sumindo no interior escuro do carro.

Pela primeira vez em meses, sentia-me feliz de verdade.

# CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

*Annelise*

Achei que já houvesse estado no fundo do poço antes. Meus cálculos falharam consideravelmente, sempre fora um tremendo equívoco cogitar tal absurdo. Eu não havia nem chegado perto de saber o real significado do tão falado fundo do poço. Mas agora, o gosto amargo em minha boca provava-me o contrário.

Deixava-me ciente do estrago feito em meu coração.

— Lizze, coma, por favor — Verena insistiu pela quinta vez aquela manhã.

Mamãe parecia ainda mais preocupada comigo. Era como se pudesse enxergar além de meus muros de proteção.

— Mãe, só me deixe sozinha — supliquei, olhando para além da janela de madeira.

Havia vivido em função de vingar Fritz, não possuía sonhos próprios, até ela. Valentinne havia se tornado essencial em minha miserável existência, tanto quanto oxigênio para sobreviver. A saudade era tanta que me deixava à beira da loucura.

Pensava que a qualquer momento poderia morrer de angústia, e decerto, não me parecia impossível que isso acontecesse.

Valentinne era agora um sonho distante ao qual eu jamais alcançaria. Nunca a teria de novo.

Nunca.

Ela havia me expulsado de seu coração, deixando-me a própria sorte sem saber para onde ir. Só restava martirizar-me por ter sido tão mesquinha e inconsequente.

A culpa era somente minha.

Jamais fora digna de seu amor, mas era egoísta o suficiente para querê-lo só para mim.

Chorar todos os dias não aliviava a dor contínua em meu peito cansado, como todos diziam que aconteceria algum dia. Na verdade, piorava com o passar dos meses. Tinha plena certeza de que continuaria a sofrer pelo resto de meus malditos dias na Terra. Nada tinha sentido. Nada era satisfatório.

— Sabíamos que isso talvez pudesse acontecer, Annelise — sussurrou mamãe, com a voz suave.

— Mas ainda dói. Eu sempre soube que ela não me aceitaria, mamãe, mas ainda assim, me agarrei a possibilidade de ela me perdoar. Não a culpo, mereço o seu desprezo — reconheci, com amargura, sentindo um gosto ruim na boca.

— Você irá superar.

Eu queria acreditar. Eu realmente queria.

Tentava agarrar-me a um futuro menos deprimente.

— Só preciso de um pouco de tempo — disse, baixo, limpando as lágrimas que ameaçavam voltar a cair.

Mamãe deixou-me sozinha no quarto com os meus próprios pensamentos.

Valentinne estava matando-me aos poucos.

Eu só queria tê-la de volta, mas sabia que já não era possível.

A lembrança de seu ódio deixava-me ainda mais doente, suas últimas palavras continuavam a ecoar em minha cabeça desde a última vez em que nos vimos.

Eu não possuía muitas rotas de fuga no momento, por isso, afundava-me cada dia na mais profunda solidão.

— Annelise Brückner, saia imediatamente deste maldito quarto! Lizandra está aqui! — A voz de mamãe soou por toda casa, fazendo-me sobressaltar.

— Já estou indo! — bradei de volta, um sorriso se formando em meu rosto.

[...]

Lizandra estendera a toalha xadrez na grama verde, dando palmadinhas no chão para juntar-me a ela. Desde criança sempre fora persistente em fazer-me ceder, e na maioria das vezes eu voltava atrás por sua maldita insistência.

Os olhos claros fitavam-me duramente, fazendo-me revirar os meus contrariada.

— O que é? — Bufe, irritada, sentando-me ao seu lado na toalha.

— Verena contou-me tudo — ela disse, levantando as alças vermelhas do vestido.

— Pelo amor de Deus. Esqueça isso de uma vez por todas — pedi, exasperada.

A bruma matinal ia se dissipando à medida que o sol surgia por entre as nuvens claras. O ar limpo entrava em meus sentidos, acalmando-me devagar.

— Não precisa mentir para mim, Lizze. Eu a entendo — Lizandra murmurou o consolo, tocando em minha mão.

As mechas loiras cascadeavam pelos ombros descobertos, mostrando as sardas amarronzadas na pele branca sedosa.

— Está tudo muito confuso em minha cabeça, Lizandra. Ela levou um tiro! Um tiro! E eu não pude nem me despedir. — A queixa fez com que sentisse meus olhos arderem.

— E então você voltou? — ela indagou, com o cenho franzido. — Ao menos lutou por ela?

O questionamento cru de Lizandra me fizera perceber que talvez não tivesse sido persistente o suficiente.

— Respeitei o seu desejo. Ela me queria longe, e cá estou eu.

— Lizze, você é uma completa idiota.

Abri a boca para rebater a ofensa de Lizandra, mas só consegui concordar com ela.

— Sim, eu sou — concordei, com veemência.

Reconhecer que realmente era uma tremenda idiota talvez me fizesse sentir melhor.

— Vá atrás dela — Lizandra disse como se fosse fácil, fitando-me com intensidade.

— Eu não posso — sussurrei, fugindo de seu olhar que me julgava inconscientemente.

— Ah, é? Por que não? — ela questionou, num tom sórdido.

— Ela me expulsou do país. Deus! É óbvio que ela não quer que eu volte, droga!

— Algo como o que vocês compartilham não acaba assim, Annelise. Você desistiu fácil demais. Talvez não a ame como pensa.

— Você não sabe de nada sobre nós! — retorqui, colérica.

— Sei o suficiente! E você é uma covarde!

Sim, eu era mesmo covarde. Havia experimentado a rejeição da mulher de minha vida, era cedo demais para estar recuperada de um baque tão grande. Não possuía forças para mais um não. Era improvável que conseguisse encará-la depois de tudo.

— Pegue o primeiro navio que zarpar para a França. Lute pelo seu amor, Lizze. Ou poderá se arrepender.

*[...]*

Durante toda a noite minha mente não parara um só segundo de cogitar que talvez ela não me amasse mais, que realmente estivesse melhor sem mim.

As chances eram altas.

Eu não fazia a mínima ideia do que faria para que ela me aceitasse de volta. Mas iria tentar ao máximo recuperar sua confiança.

Valentinne havia perdido a fé em mim e tinha toda razão em estar magoada comigo.

A porta de madeira rangeu, fazendo meus olhos voarem para a figura esbelta na escuridão.

— Está certa do que irá fazer? — mamãe perguntou, sentando-se na cama.

— Eu nunca tive tanta certeza em minha vida.

— Só posso pedir que Deus a guie em segurança. — Verena beijou o topo de minha cabeça e saiu do quarto tão repentinamente quanto havia entrado.

Perdi a consciência à medida que a luz escassa da vela se apagava.

# CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Valentine

Madame Desirrè tirava as medidas de Catherina com um sorriso de dentes brancos estampado no rosto redondo. Ela tinha em mãos uma das noivas mais lindas de toda a França, e por mais incrível que pudesse parecer, se tornaria minha esposa no final do mês.

Tinha plena certeza de que não conseguiria me conter mais, e mesmo assim, continuei a fazer visitas clandestinas ao quarto de minha noiva no meio da noite, enquanto a mansão dos Neville dormia.

Decidi acelerar o casório quando a levei para cama inconsequentemente. Catherina merecia um lar, e eu a amava demais para não lhe conceder o seu desejo.

— O que acha, srta. Vasseur? Cetim ou renda? — questionou a velha, estendendo os tecidos em cima da mesa de bistrô.

Para mim, tudo parecia igual.

— Eu... Bem...

— Irá embora agora mesmo! Não deveria estar aqui, Tinne. Dizem que dá azar ver o vestido antes do casamento! — chiou minha noiva, empurrando-me para fora do provador.

— *Belle*, não acredita mesmo nisso, não é?! E é só tecido... — Tentei retaliar inutilmente.

— Sim, acredito! E o tecido é importante. Agora saia! — Catherina expulsou-me, batendo a porta em minha cara.

Sorri, virando-me na direção oposta.

Não havia convencido nenhum padre a nos casar, na verdade, nem ao menos me importava. O casamento seria na capela de minha família, Lumière traria os documentos necessários e, enfim, mudaríamos para minha casa.

Catherina Vasseur.

Soava perfeitamente bem.

[...]

O burburinho na cidade não me incomodava. Tinha o apoio de Timotheè, que mesmo em Londres, havia feito questão de mandar cartas nos parabenizando pela união. Adeline, René e Nathanael estavam tão ansiosos quanto eu.

— Seu casamento se aproxima e aqui está você. Deveria estar dando a devida atenção à sua noiva, não a papéis velhos.

Nathanael mantinha os braços cruzados em frente ao corpo, com uma expressão de descrença no rosto másculo.

Depois de ter sido expulsa por Catherina, Gaspar levou-me direto para casa. E a primeira coisa que fiz fora pôr em dia o trabalho acumulado.

— Ela não deseja minha companhia no momento, irmão. Não há muito o que fazer

quando sua noiva está obcecada com laços, rosas... E bem, o vestido — rebati, resignada, empilhando os papéis.

Nathanael adotou uma expressão séria do outro lado da mesa, deixando-me estranhamente desconfortável. Linhas de expressões em seus olhos estavam marcadas, e ele mordia o lábio inferior com força.

— Você tem certeza sobre casar-se com ela? — Ele sondou, sem nunca tirar o olhar do meu.

Encarei-o de volta, entediada.

— Do que está falando? Mas é claro que sim! — repliquei, exausta.

— Então por que está tão vermelha? — Ele tentou outra vez, dirigindo-me um sorriso sarcástico.

— Isso é pergunta que se faça? Pensei que estivesse tão feliz quanto eu — contestei, ofendida.

— É claro que estou, Tinne! Mas temos que concordar que tudo aconteceu rápido demais.

— Não, não aconteceu. Eu que fingi ser cega por tempo demais.

Nathanael ficou em silêncio, parecendo estudar o que diria a seguir, fazendo meu estômago embrulhar.

— Tenho algo para lhe contar. Talvez você devesse repensar sobre o que irá fazer daqui em diante.

— Diga logo e deixe-me trabalhar — declarei, voltando-me para os papéis como se eles fossem a coisa mais interessante do mundo.

— Ouvi por alto que ela voltou, Valentinne.

Por um mero segundo havia esquecido como preencher os pulmões de ar. Meu coração acelerou à medida que absorvia as palavras vagas de Nathanael.

— Ela quem? — indaguei, com a voz falha, a saliva secando em minha boca.

Eu sabia de quem ele falava, só desejava com todo o coração que não fosse verdade.

— Você prefere do jeito difícil?

Tinha me esquecido completamente da existência dela. Não havia me deixado levar pelo sofrimento. Seus olhos não me perturbavam havia meses, e, ainda assim, fora só ouvir algo relacionado a ela, que todo o controle que adquiri durante sua ausência desmanchou-se diante de meus olhos.

— Isso não muda porcaria nenhuma. Preciso terminar de trabalhar, se não se importa. — Forcei minha voz a ficar o mais firme possível.

— Adoro a Catherina e por isso mesmo peço para que, se a ama de verdade, faça o que é certo.

— Eu a amo e me casarei com ela. Não importa se Brückner, Kober, ou seja lá qual for seu sobrenome, retornou. Não é de minha conta.

— Está cometendo um erro.

— Até logo, Nathanael. — Dei a conversa por encerrada, fitando-o com descaso.

Annelise era apenas uma entre milhares. Não seria a primeira nem a última a me decepcionar, no entanto, as mentiras tornaram-se terríveis à medida que os anos se passaram e o seu ódio por minha família aumentou. Ela havia me machucado demais, não conseguia perdoá-la.

E eu amava Catherina.

O sentimento era mais sereno, tinha de reconhecer. Não se assemelhava a inquietação que rondava Annelise. Precisava lembrar-me de todo o inferno que passara ao descobrir a verdade.

Machucar minha noiva não estava em meus planos, não queria ser o motivo de seu choro.

— Você irá se casar, Valentinne. Ela é a mulher de sua vida — murmurei, inquieta, para mim mesma.

Nathanael havia jogado a bomba sobre meus ombros, e agora só me restava manter-me firme em minha decisão. Mesmo com todo o ódio que permeava meu coração desde a sua partida, Annelise fora tudo para mim durante anos.

Meses não havia moldado o sentimento.

Queimava feito brasa, deixava-me inerte.

Maldita fosse ela.

[...]

— Tinne?

Meus pensamentos pareciam um maldito quebra-cabeça. Não consegui formular uma só palavra durante o jantar. René e Adeline pareceram notar, mas fingi não prestar atenção em seus olhares desconfiados.

— *Amour?*

Virei o rosto lentamente, deparando-me com o olhar questionador de Catherina.

— Sim, *belle?* — Busquei não soar tão perdida.

— Essa já é a quarta vez que chamo por você. Mal tocou na comida.

Eu não sentia a mínima fome.

Madame Adeline havia pedido para que sua cozinheira preparasse comida italiana, e, mesmo assim, não consegui pôr nada na boca durante toda a noite.

Minhas mãos suavam descontroladamente, e eu não sabia o que pensar ou falar.

Como Catherina reagiria ao saber sobre a volta de Annelise?

Tinha medo de perdê-la.

— O trabalho está acabando comigo. Depois que nos casarmos, iremos para Grécia. O que acha? — Forcei um sorriso, tentando afastar o temor.

— Eu odeio quando se mete ali dentro. Tinne, não precisa viver para o trabalho — ela disse, pondo as mãos sobre as minhas.

Catherina estava banhada pela difusa luz do lustre que iluminava a sala de jantar. Parecia ainda mais linda do que pela manhã.

— Você é a personificação da beleza, *belle* — sussurrei ao seu ouvido, assistindo-a corar.

— Não tente mudar de assunto.

A expressão inteligente mostrava-me o quão bem Neville me conhecia.

— Só estou sem fome, Catherina.

— Tudo bem, se não deseja falar, não insistirei.

— Perdoe-me. Amo você, querida. — Minha voz flutuou até ela, e eu a beijei no rosto.

— Eu a amo mais.

Teria de lhe dizer a verdade o quanto antes. Não iria tolerar minha própria covardia.

# CAPÍTULO QUARENTA E OITO

*Annelise*

Meus lábios tremeram nervosamente.

Valentinne iria se casar.

O inferno que havia passado durante meses fora em vão.

A mulher que havia sido o motivo de toda minha maldita insônia desde a minha partida iria se casar.

E não comigo.

Os músculos de meu corpo estavam retraídos, e as batidas de meu coração aceleravam à medida que Mariana relatava todos os acontecimentos dos últimos meses. O medo de que ele parasse a qualquer momento era de fato assustador.

— Como? — indaguei novamente, precisando de uma confirmação mais clara.

— Ela e a srta. Neville se casarão no final desse mês — Mariana repetiu cautelosamente, atenta.

Sentia-me flutuar sobre o piso de madeira.

O primeiro lugar que visitara antes de cogitar enfrentar Valentinne fora a casa de Mariana. A velha era como uma mãe para mim.

— Não pode ser real. Ela não pode fazer isso comigo.

Afastei-me um pouco para encarar os olhos verdes da senhora baixinha em busca de conforto. Seus olhos estavam marejados, assim como os meus.

Eu era uma fraude. Valentinne sempre estivera equivocada a meu respeito. Sua confiança cega em mim havia despertado a vergonha que reprimia desde que ela confessara o que sentia.

Sentada ali, na sala mal iluminada da pequena casa de Mariana, lembrava-me quão suja era.

Mas a amava.

— Não posso perdê-la, Mariana. Não posso, não posso, não posso... — murmurei sem parar, feito uma louca.

— Pobre Annelise, por que não revelou a verdade antes, criança? — ela sussurrou, com um olhar penoso.

— Porque eu tinha medo. Olhe tudo o que eu causei, ela quase morreu por minha culpa. Agi de má fé com os Vasseur, sei que não mereço perdão. — Respirei fundo, sentindo as palavras me fugirem, e então prossegui. — Mas não posso perdê-la.

— Então precisa provar que está arrependida. Prove-a que a ama, Annelise — disse Mariana, firmemente.

— Eu... eu... — Tentei encontrar palavras para camuflar o medo que me engolia.

— Posso levá-la até a mansão ainda hoje. O resto é por sua conta, querida. — Mariana jogou os braços em torno de mim, acalentando-me.

[...]

Gotas de suor surgiam em minha testa. A propriedade estava escura, todos dormiam, menos ela. Sabia que estaria trabalhando até tarde. A claridade transpassava a porta entreaberta do escritório, iluminando o corredor.

Forçando-me a continuar andando até onde ela estava, ouvia o meu próprio desespero a cada passo.

Tudo dependia de mim, apenas de mim.

Parei em frente à porta, buscando manter-me firme. Sua silhueta imponente causou-me um formigamento bastante conhecido por entre as pernas.

Foco, Annelise. Foco.

Empurrei a porta de mogno para o lado, fazendo-a levantar o rosto abruptamente.

As íris castanhas iluminadas pela escassa luz da vela fitaram-me surpresas.

Senti vontade de correr ao seu encontro, mas me contive. Ainda não era o momento.

Sua boca abriu-se diversas vezes, mas nenhuma palavra fora proferida, causando-me ainda mais receio de iniciar a conversa que tanto havia desejado ter com ela. Uma mecha teimosa caía sobre suas sobrancelhas desenhadas, fazendo-me ter vontade de tocá-la.

— Não acredito que você tenha sido capaz de invadir a minha casa — ela disse, num tom letal, fitando-me friamente.

A luz escassa deixara tudo pior. O ar parecia pesado, e meus pulmões ardiam a cada tentativa de inspirar um pouco mais fundo.

— Perdoe-me, não desejava aparecer assim tão de repente, mas não tive muita escolha — rebati, mecanicamente, como se não retivesse um único pensamento coeso.

— Pensei ter sido clara quando disse que a queria fora do país. — Valentinne bufou, com escárnio presente na voz.

— Tentei atender o seu desejo, tentei pela primeira vez acertar. Mas eu não consigo mais ficar longe de você — sussurrei, vacilante, sentindo as lágrimas chegarem.

Valentinne levantou-se da cadeira, apoiando as mãos na mesa fortemente, como se tentasse não cometer uma bobagem naquele exato momento.

— Quero que saia imediatamente desta casa — exigiu, duramente, com as narinas dilatadas.

— Eu não vou sair. Você tem que acreditar quando digo que a amo mais que qualquer coisa. Não posso viver sem você, *cher*. — Sentia que a qualquer momento desabaria em sua frente.

— Annelise, pelo amor de Deus, seja honesta ao menos uma vez! O que mais quer tirar de mim? — ela questionou, extremamente calma agora.

— Eu não quero tirar nada de você. Só preciso que me aceite de volta. — A súplica em minha voz me fez inspirar fundo.

— Eu amo outra pessoa. Irei casar-me com ela no fim desse mês, Kober. Não há nada a ser feito, volte para casa.

— Não se case com ela. Por favor, eu te amo. Não me deixe voltar — implorei, sentindo-me quebrada.

Valentinne olhou-me como se o que eu tivesse dito fosse algo extremamente incoerente.

— Por favor... — implorei mais uma vez, aproximando-me dela na mesa.

— A única coisa que exige de você foi sinceridade, mas nem isso você conseguiu me dar. Não há nada que possa fazer, Annelise. Eu não posso — sentenciou, afastando-me mais.

— Eu sei que podemos passar por isso. Eu juro que me esforçarei para reparar o meu erro, só me deixe... — Apertando minha capa devido ao frio, supliquei, perdendo o fio de dignidade que detinha tão pateticamente.

— Não! — ela bradou. — Eu não consigo mais.

— Eu a amo, droga! — gritei, desolada, obrigando-me a me acalmar.

— A partir de hoje, mantenha-se longe. É melhor assim, por favor. Não torne as coisas mais difíceis do que elas já são — Valentinne pediu, ainda com as mãos na mesa, controlando a própria respiração ruidosa.

Lágrimas rolavam pelo meu rosto, fazendo-me recuar.

— Eu não conseguirei ficar longe de você. Não me peça isso novamente.

— Você não me ama, só não aceita o fato de que agora amo uma outra mulher. O seu maldito ego está apenas ferido, por isso volte para o lugar de onde nunca deveria ter saído. Eu ficarei ainda mais longe de você se continuar insistindo.

Valentinne me dera as costas. Fiquei plantada no mesmo lugar, sem saber como tudo havia chegado àquele ponto.

— Quero que me olhe nos olhos, Valentinne! Diga que realmente não me ama mais! — exigi, atravessando o cômodo, colando-me às suas costas.

— Deixe-me em paz, inferno! Por que não aceita que não sou mais a estúpida que se apaixonou por você? — ela esbravejou, colidindo seu torso com o meu.

Sua respiração acertou-me no rosto, e instintivamente levei as mãos ao seu, acariciando a pele macia.

— Pode negar o quanto quiser, mas ainda me ama. E sabe disso — sussurrei, aproximando-me de sua boca.

— Por que está fazendo isso comigo? — ela questionou, tirando minhas mãos de seu rosto bruscamente.

— Estou tentando fazê-la entender que não é justo o que está cogitando fazer a si mesma. Pense em como será infeliz, e em como fará Catherina ainda mais por sua falta de sensatez.

— Não pode simplesmente voltar e me dizer o que devo ou não fazer, Brückner. — Cuspiu com amargura. — Garanto que não serei infeliz, e Catherina me ama assim como eu a amo. Eu a farei feliz.

— Eu sei que não, *cher*. Irei embora agora. Só pense no que eu disse, mesmo que não me queira mais, Catherina não merece sofrer.

Meu peito pesava uma tonelada, no entanto, obriguei-me a continuar firme em minhas palavras. Catherina não merecia pagar por nossos erros. Era uma boa mulher, mesmo que não

gostasse dela. Ela merecia ser amada de verdade.

— Não a magoe, Valentinne. Sei que não quer fazer isso de verdade — eu disse, virando-me para ir embora.

— Mande lembranças para Verena.

# CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

*Annelise*

Decerto era a mulher mais teimosa de todo o universo. Valentinne havia deixado claro o quanto me queria fora do país outra vez, não desejou ouvir a razão, expulsou-me de sua vida. Ainda assim, mesmo sendo jogada sem um pinga de dignidade para fora, permaneci hospedada na casa de Mariana feito uma maldita parasita.

Não aceitava a ideia de que talvez Valentinne já não me amasse.

Era difícil convencer-me de tal coisa quando ainda enxergava a mesma faísca de antes em seu olhar. Como um amor de anos poderia simplesmente deixar de existir? Mesmo se fosse possível, como ela passara a amar uma outra pessoa tão rápido?

Catherina a amava. Sabia desde o princípio.

Mas Valentinne não a amava da mesma forma, e aquilo era cruel demais até mesmo para ela.

— Mariana, o que posso fazer para ajudá-la? Não suporto mais ficar sentada nesse sofá — resmunguei, fitando o teto de terracota.

— Não há com o que se preocupar, Annelise! — ela bradou da cozinha.

— Eu preciso fazer alguma coisa! — gritei de volta, entediada.

— Pois bem, há um pagamento que preciso fazer — a velha senhora disse, entregando-me um envelope.

Madame Desirrè.

— Sério, Mariana?

— Acha mesmo que ela faria o vestido do próprio casamento em outro lugar? — Mariana soou levemente sarcástica.

Concordei, com os lábios crispados em desgosto.

— Tudo bem, Mariana. Irei ver aquela matrona chata. — Levantando-me do sofá, alisei a saia amassada do vestido.

[...]

O ateliê de madame Desirrè era de um requinte inconfundível. O lustre iluminava o cômodo cheio de tecidos caros, deixando as cores ainda mais vibrantes.

— Então está de volta, srta. Kober? — Sondou Desirrè, beirando à curiosidade, olhando para mim e para o tecido que estava marcando com alfinetes ao mesmo tempo.

Fingi não ouvir e ela refez a pergunta, não se dando por vencida.

— Sim, madame. Há cinco dias — respondi para dar fim a sua inconveniência, sem vontade alguma.

Madame Desirrè era uma das pessoas mais desagradáveis de toda Paris. Odiava quando tinha de pisar em seu ateliê. Na maioria das vezes, eu quem encomendava os trajes dos Vasseur, portanto, a missão de suportá-la sempre fora minha.

Perdi-me em devaneios inúteis, não notando o sino da porta soar, puxando-me de volta da penumbra.

Estava me sentindo bastante mal-humorada para cumprimentar quem quer que tivesse entrado na loja.

— Oh, srta. Neville! Que surpresa agradável! — Madame Desirrè deu ênfase ao sobrenome, propositalmente.

Fechei os olhos com força, obrigando-me a manter-me no mesmo lugar.

— Só vim resolver os últimos ajustes. Acha que as fitas de cetim azul irão mesmo combinar com as rosas amarelas? — Catherina indagou, sem sequer notar minha presença.

— Ah, com certeza! Não acha, srta. Kober? — Madame Desirrè direcionou a pergunta para mim, venenosa, forçando-me a entrar na conversa.

Virei-me devagar, tendo o olhar azulado atento em minhas palavras.

Catherina parecia não acreditar que eu estava mesmo ali. Seu cabelo loiro parecia um pouco menor, mas os olhos eram os mesmos.

Intensos como sempre.

Madame Adeline também me fitava com incredulidade.

— O que faz aqui? — Neville fora ríspida, mas a voz soou sussurrante.

— Eu... Bem, vim pagar uma dívida — expliquei-me, mostrando o envelope.

— Não se faça de desentendida. Você sabe muito bem o que eu quis dizer — ela retaliou, não dando importância para a minha desculpa esfarrapada.

— Não se faça de sonsa, Catherina. Sabe muito bem o que vim fazer aqui — respondi, no mesmo tom, sentindo-me desconfortável com todos os olhares voltados para mim.

As bochechas de Catherina ficaram levemente ruborizadas com a constatação de minha clara intenção.

Eu estava ali para impedir o seu casamento.

— Quem você pensa que é?! — ela questionou, ainda mais vermelha, com as mãos em punhos.

— A quem está querendo enganar, Catherina? Sabe tão bem quanto eu que isso não tem como dar certo — proferi mais confiante do que realmente me sentia.

— Aceite de uma vez por todas, Annelise. Não percebe que só causou desgraça? — ela retaliou, esfregando em minha cara o que eu já sabia.

— Não percebe que ela ainda me ama? — indaguei, com um meio-sorriso, antes de sentir sua mão em meu rosto.

— Catherina! — guinchou madame Adeline, puxando a filha pela manga do vestido azul.

Meu rosto ardia consideravelmente. Eu não deveria ter ido tão longe.

— Ah, meu Deus! Olhe o que me fez fazer, Annelise! Por que sente a necessidade de estragar algo tão maravilhoso? A Tinne está feliz!

A pergunta de Catherina deixou-me sem argumentos válidos.

Por que estava sendo difícil aceitar o que era nítido? Por que eu era tão egoísta?

— Só desejo o melhor para ela, e talvez seja você mesmo, mas sabemos que a Valentinne não a ama de verdade. — Reuni todas as forças que ainda me restavam, deixando o ateliê.

[...]

— Não deveria tê-la feito ir até lá! Ah, céus! — Mariana lamentou-se, com um pano molhado em meu rosto.

— Não foi nada de mais, Mariana. Acredite, eu pedi por isso. — Dei de ombros, conformada.

As palavras de Catherina não pararam de assombrar-me durante todo o percurso até a casa de Mariana. Valentinne estava certa. Eu não tinha o direito de lhe dizer o que fazer, ela havia tomado sua decisão, e o favor que eu faria a ela seria deixá-la ser feliz com alguém que valesse a pena.

Lágrimas começaram a amontoar-se no canto de meus olhos, e o ar faltava-me a cada soluço. Tinha-a perdido para sempre.

— Eu perdi, Mariana — sussurrei, sentindo um nó se formar em minha garganta. — Perdi-a para sempre.

— Se rende fácil demais, menina!

— Mesmo saindo da Alemanha sem certeza nenhuma de que ela me aceitaria de volta, mesmo implorando para que não se casasse com Catherina, ela não me quis, Mariana. Deixou bem claro o quanto me detesta e me quer longe. — Exasperação fluía de mim.

A velha senhora ficou em silêncio, deixando-me chorar copiosamente. As lágrimas desciam fortemente, molhando o tecido de meu vestido.

— Amanhã retornarei para casa. Deixá-la-ei em paz.

Tomei minha decisão com pesar no peito. Jamais voltaria a vê-la de novo, seu amor seria de uma outra pessoa até o fim de seus dias.

Valentinne iria formar uma família e envelhecer ao lado de Catherina. Enquanto eu, viveria para sempre lamentando-me por ter perdido a única coisa boa que havia acontecido em minha vida.

— Torcia por você, querida — sussurrou Mariana, apertando meu ombro como se para me confortar.

— É, eu também.

O céu chorava, assim como eu. As nuvens estavam pesadas, mostrando que a água não pararia de cair tão cedo.

Não era nem de longe o final feliz que havia imaginado.

Continuei sentada no sofá, com Mariana ao meu lado. Não tinha noção de quanto tempo havia se passado desde a minha honrada decisão, até que uma batida forte na porta me despertou.

— Quem será a uma hora dessas? — Mariana perguntou para ninguém em especial.

— Eu não faço a mínima ideia.

Mariana levantou-se do estofado surrado, caminhando em direção à porta para atender o visitante indesejado.

As pessoas tendiam a ser bastante inconvenientes quando desejavam.

— Quem é, Mariana? — bradei do sofá, mas não obtive resposta. — Mariana? — Chamei outra vez, e ela não me respondeu.

Saí do sofá à sua procura, temendo alguma desgraça. O que diabos levava uma pessoa em sã consciência bater às onze horas da noite em portas alheias?

Quando me deparei com a figura baixinha extremamente horrorizada segurando um embrulho preto, corri em sua direção, alarmada.

— Em santo nome de Deus, o que é isto?

Mariana parecia muda.

— Um bebê, Annelise. Abandonaram um bebê — ela sussurrou, com os olhos marejados.

Peguei a criança das mãos de Mariana, tremendo tanto quanto ela. Meu coração martelava nos ouvidos, deixando-me ainda mais nervosa.

Afastei o pano preto do rosto do bebê, tendo os olhos azuis mais lindos que já tinha visto em toda minha vida sobre mim. Seu cabelo era castanho, e a boca pequena tinha formato de coração e fazia barulhinhos estranhos.

— É uma menina.

Perdi o fio de consciência que ainda me restava quando a pequena bolinha sorriu-me com inocência.

— O que faremos, Annelise?! — perguntou Mariana, perdida.

— Eu a levarei comigo.

# CAPÍTULO CINQUENTA

Valentinne

Ela tinha que voltar e estragar as coisas, como sempre.

Desde a visita nada convencional de Annelise, sentia-me incerta sobre minhas convicções. Evitava Catherina há dias por medo de lhe contar toda a verdade.

Questionava-me se estava mesmo certa de minha decisão.

A razão gritava a todo momento o quão ingênua eu era de acreditar fervorosamente na ideia de que faria Catherina feliz, como me gabava aos quatro ventos.

Era tola demais para admitir que não seria capaz de cumprir com minha promessa por culpa de Annelise.

Sua volta havia mexido comigo mais do que gostaria de admitir. Vê-la depois de tanto tempo me fizera desejar ter lágrimas para derramar.

O tom de sua voz, a colônia doce que exalava de sua pele...

Tudo como eu me lembrava.

Inferno.

— Manter-me no escuro poderia até ter funcionado, mas aqui estou. Acho que não obtive êxito em sua falha tentativa, Valentinne.

A mulher que evitava há dias estava parada em minha porta, fitando-me com uma tristeza crua. Olheiras profundas tomavam o belo par de olhos azuis, fazendo-me xingar internamente. Seu traje, sempre perfeitamente alinhando, encontrava-se amarrotado.

— O que aconteceu, *belle*? — perguntei, indo ao seu encontro.

Catherina ergueu a mão no intuito de calar-me.

— Não me venha com *belle*. Quando iria me contar sobre a volta de Annelise? — ela questionou, com a voz assustadoramente grave.

— Eu ia contar, *belle* — menti, sentindo-me a pior das mulheres.

— Quando, droga? Eu não tinha o direito de saber? — ela proferiu, rouca, ainda mais nervosa.

Não desejava magoá-la, mas não importava o quanto eu tentasse, sempre terminava magoando-a de alguma forma.

— Eu só precisava de tempo para absorver, Catherina — disse, em minha defesa.

Sua boca abriu-se algumas vezes, mas nada fora dito.

— Perdoe-me. Você tinha o direito de saber — pedi, desviando o olhar, pois não sabia como encará-la.

Catherina desabou no divã vinho da biblioteca, parecendo exausta. Jamais havia desejado que Annelise voltasse, tudo seria mais fácil se ela não houvesse sequer cogitado reaparecer como se nada tivesse acontecido.

— Timotheè se casou. Mamãe deseja ir até Londres — ela emitia, finalmente olhando-me nos olhos.

— Mas nosso casamento é daqui a duas semanas!

— Ainda haverá casamento, Valentinne? — Catherina inquiriu sarcasticamente, como se não acreditasse numa palavra sequer.

— Que bobagens está dizendo! Mas é claro que haverá! — esbravejei, não contendo a raiva.

Todos pareciam querer decidir por mim. Nathanael, Annelise e até mesmo Catherina. Odiava ser manipulada, principalmente por pessoas de quem gostava. Era demais pedir para que respeitassem minhas vontades?

— Só quero o melhor para você, *amour* — ela sussurrou para si mesma.

— Estou ouvindo, Catherina. Iremos nos casar, fim. — Pontuei, sem mais. — Será a nova senhora Vasseur.

Catherina balançou a cabeça levemente, concordando.

[...]

Obrigui Pierre a revelar-me o paradeiro de Annelise. Ele se negou vergonhosamente a dizer, fazendo-me perturbá-lo sem trégua até que enfim confessasse.

Estava parada há mais de uma hora na porta de Mariana, em busca de coragem para bater. Era inacreditável que já não me restasse um mínimo de dignidade. O que diabos estava pensando ao sair de minha casa para ter uma última conversa com Annelise?

Decerto era uma estúpida.

Pro inferno com aquilo tudo.

— Kober... Brückner, abra a porcaria dessa porta!

Bati na porta impacientemente, querendo acabar com a maldita confusão de uma vez por todas.

— Annelise! — Bati mais uma vez, não obtendo resposta. — Que inferno!

— Miranda não lhe ensinou que é falta de decoro uma dama praguejar? — Annelise abriu a porta abruptamente, fazendo-me cair para dentro da casa.

Recobrei a postura, encarando-a o mais severamente que a vergonha anterior permitira.

— O que ainda está fazendo aqui? — indaguei, obrigando-me a olhá-la.

— Você comprou o país? — Ela devolveu no mesmo tom.

— Deveria ter voltado para casa! — bradei, exasperada.

Annelise fitou-me por baixo dos cílios longos, silenciando-me.

— Acha que detém algum direito sobre mim? Então devo lhe informar que não, srta. Vasseur — ela rebateu, numa réplica sórdida.

— Eu deveria... Eu deveria...

Tapar sua maldita boca com um beijo.

— Deveria o quê? — ela incitou, impertinente.

Um choro de bebê quebrara a tensão que nos envolvia.

Annelise saiu do transe, levando-me junto.

— O que foi isso? — perguntei, confusa.

Brückner pareceu relutante em contar-me.

— Annelise, a bebê tem fome! — Mariana gritou de algum cômodo da casa.

Um bebê.

A bebê.

— Annelise, o que você fez? — indaguei, num fio de voz, sentindo-me fraca.

— Eu não fiz nada.

Meus olhos voaram para o seu decote.

— Não é possível que...

— NÃO! Ah, Deus, não! — Ela prontamente negou.

— Então como...

— Alguém a abandonou. — O informe soou embargado.

Desejei não sentir a emoção em sua voz, mas senti. E aquilo doera.

— Posso vê-la? — Ouvi-me perguntar.

Droga.

Eu não tinha nada de estar ali.

— Você quer?

— Sabe o quanto gosto de crianças.

[...]

O pequeno serzinho olhava-me com curiosidade. Seus olhos eram grandes e adornados por espessos cílios escuros. Encontrava-me sem palavras, era demais para absorver.

Uma criança.

— Diga-me, essa mulher está cuidando bem de você, pequena? — perguntei, como se de fato fosse receber alguma resposta.

A bebê sorriu-me como se respondendo a minha tola pergunta.

— Ela não é uma graça, senhorita? — Mariana sondou, sentada ao lado de Annelise.

Levantei o olhar para ela, concordando debilmente.

— Sim, ela é — sussurrei, completamente encantada pela criança.

— Levá-la-ei comigo quando partir amanhã.

Meu peito comprimiu-se com a dor aguda que me tomou ao ouvir suas palavras.

Mas não era aquilo o que eu desejava?

— Partirá tão rápido?

— Pensei que ficaria feliz.

— É claro que ficarei. Quanto mais rápido, melhor. Espero que faça uma boa viagem.

— Entendo. — Ela sorriu forçadamente. — Então é isto.

— Está ficando tarde, não é?! — Entreguei a bebê para Mariana como se a sua manta estivesse coberta por brasas.

— Não, senhorita. Na verdade é bem cedo — Mariana disse, olhando para Annelise.

— Preciso ir.

— Acompanhe-a, Annelise. Irei colocá-la na cama.

Annelise permaneceu calada até chegarmos à porta.

— Perdoe-me, *amour*. Sinto tanto pelos meus erros, arrependo-me de tê-la feito sofrer tanto, das sandices que disse... — ela suplicou, tocando o meu braço, impotente. — Não faça isso. Não se case com ela. Reconsidere, por favor. Amo-a, não me deixe ir...

Fechei os olhos com força, tentando conter as lágrimas que ameaçavam rolar.

— Adeus, Annelise.

# CAPÍTULO CINQUENTA E UM

*Valentinne*

O pior de tudo não era estar dividida entre casar-me com uma das mulheres mais encantadoras que havia conhecido em toda minha vida, ou permitir que a única que amava com todo meu coração fosse embora, deixando-me para sempre à deriva.

Admitir que já não havia mais desculpas para não fazer o que de fato desejava há muito, muito tempo, era o maior problema.

Eu não a deixaria partir.

E com isso, quebraria o coração de Catherina.

O cômodo mórbido e sério só me fazia sentir pior. A culpa por toda dor causada a Catherina seria exclusivamente minha. Fingir não amar Annelise, quando meu coração ainda a pertencia, fora a maior mentira já contada por mim.

Só estava enganando-me.

Bastante contraditória, Valentinne.

— Sabe, minha cara, pensei que realmente a faria feliz. Por um milésimo de segundo, eu acreditei em você.

Olhos azuis cheios de fúria perfuraram minha alma à medida que palavras carregadas de decepção me acertaram na boca do estômago.

Sempre enxerguei Catherina como uma versão mais nova de sua mãe, e eu nunca havia estado tão certa. A única diferença entre ambas era que Catherina não possuía aquele olhar que parecia querer engolir-me por inteira.

— Como pude permitir que a humilhasse de tal forma? Como pude ser tão ingênua? — esbravejou Adeline, batendo com força em minha mesa.

As tranças embutidas sequer oscilaram com o seu descontrole.

Madame Adeline partiria para a agressão a qualquer momento. O rosto vermelho e os dentes cerrados deixavam em evidência todo o seu descontentamento com minhas atitudes mesquinhas.

— Eu sinto muito, Adeline. Nunca desejei humilhá-la ou fazê-la sofrer — disse, tentando convencer-me do mesmo.

Talvez, no fundo, eu já soubesse da verdade. Jamais conseguiria levar o casamento adiante, ainda assim, permiti que tudo saísse do controle.

— Sente? Você sente? — ela indagou, não acreditando em minhas palavras.

— Você não sabe o quanto eu tentei. Amo sua filha, mas não como ela merece. — Levantei-me, caminhando em sua direção.

— Ah, eu sei. Você nunca a mereceu, Vasseur. — A dama cuspiu as palavras com asco.

— Tenho de concordar. Eu sou uma pessoa horrível. — Sorri com amargura, sentindo-me sufocada.

Queria que ela me punisse. Desejava que Adeline jogasse todas as falhas que cometi em

minha cara.

— Eu a levarei para Londres. E nunca mais, está me ouvindo? Nunca mais voltará a vê-la.

— Não decida por ela, Adeline — sussurrei, como a covarde que era, sem coragem para encará-la.

— Ainda pode fazer algo para aliviar sua maldita culpa.

Fiquei em silêncio, ouvindo atentamente suas palavras.

— Deixe-a no altar.

— Eu não posso fazer isso com ela! Quer que ela me odeie? — bradei, perdendo o resquício de sanidade que ainda me restava.

— Exatamente. Vejo que ainda é bastante inteligente, querida — ela observou, zombando de mim abertamente.

— Isso é cruel demais, Adeline.

— Cruel é o que ela terá de assistir quando você rastejar atrás de sua daminha feito um cãozinho adestrado. — Continuando a proferir suas ofensas, ela tomou o assento à minha frente. — Não seja egoísta ao menos uma vez em sua vida.

— A senhora é um monstro. — Ouvi-me dizer sem medir as palavras.

— Não. Você é o monstro, Valentinne Vasseur. Você.

[...]

Um temporal aproximava-se, frio alastrava-se por toda rodovia. Adeline havia decidido levar Catherina à força para Londres, sem o seu consentimento. Eu apenas assistia à cena feito uma expectadora inútil, sem fazer absolutamente nada para impedir.

Não podia levá-la ao altar e deixá-la sozinha.

Seria humilhação demais.

Catherina olhou-me desesperada durante todo o percurso. Ela sentia a mesma tensão que eu. O veículo esperava-a, e madame Adeline a empurrava para dentro dele. Neville, numa súplica muda, pedia para que eu interferisse.

— Eu não sou a pessoa certa para você, *belle*. Você merece o mundo, e eu não posso lhe dar o que precisa, pois o meu coração sempre pertenceu a ela. — Minha voz saiu engasgada, e lágrimas rolaram por minha bochecha.

Pingos de chuva deixavam minha visão turva, mas a expressão de dor de Catherina não passou despercebida por mim.

Seu vestido azul estava encharcado. Ela parecia não ouvir mais nada, como se minhas palavras não houvessem surtido efeito.

— *Párdon*. Mas não posso seguir com isso. Se entrarmos naquela capela, seremos as mulheres mais infelizes do mundo. E você merece a felicidade. — As emoções vinham envoltas nas palavras que me custariam muito.

— Por todo este tempo você ao menos considerou escolher-me? — Neville perguntou

baixo, sem obter resposta por minha parte. — Foi o que pensei.

— Eu juro que faria tudo diferente se pudesse, mas não posso. E eu sinto muito por tudo isso, *belle*. — Apressei-me em explicar, as palavras soando confusas.

— Não, não sente. Não mais do que eu — ela rebateu, amargurada. — Adeus, Valentinne. Seja feliz, já que me tirou a única chance de possuir um dia algo semelhante.

Dito isso, Catherina entrou no carro sem ao menos olhar-me uma última vez. Fora impossível controlar o choro que rompeu em minha garganta.

Não era para terminar assim, mas a culpa era minha.

Só minha.

Alguém sairia machucado no fim das contas, e, infelizmente, Neville fora a mais magoada com todo o drama que me cercava.

Maldita hora em que alimentara o amor em seu coração. Um amor instável, nada convencional para ela. Apenas tóxico. Eu havia sido uma experiência tóxica na vida de Catherina, e, jamais, enquanto vivesse, me perdoaria por isso.

O vaivém das pessoas forçou-me a reagir. Eu tinha de impedir que uma outra pessoa que amava partisse para sempre. Talvez ainda restasse redenção para mim.

Eu precisava chegar ao porto, ou seria tarde demais.

[...]

A chuva continuava a cair forte, dificultando o meu raciocínio. Procurava-a feito louca por entre as pessoas que partiriam a qualquer instante no mesmo navio. A esperança de encontrá-la começava a se esvaír, deixando-me entorpecida. Iria perdê-la por causa de meu orgulho idiota.

Seria infeliz por toda uma vida por culpa de meu ego.

A verdade sempre esteve escancarada em minha cara, sempre seria ela. Não importava quanto tempo passasse, ainda assim, seria ela. Mesmo que não deixasse Catherina ir, mesmo que me casasse com ela, sempre seria Kober. E eu não possuía controle sobre isso.

Quando já estava começando a dar-me por vencida, Deus pareceu ouvir minhas preces.

Encontrara-a.

Annelise mantinha a criança em seus braços, enquanto os olhos verdes a todo momento pareciam buscar algo em meio à multidão.

— Annelise! — gritei com todo o ar de meus pulmões, atraindo a atenção de todos.

Corri em sua direção, derrubando algumas pessoas no caminho.

Seus olhos pareciam não acreditar no que viam. A euforia me tomou conta quando um meio sorriso deixou sua boca.

— Ah, Annelise... — Tomei-a nos braços com cuidado para não machucar o bebê, inalando o cheiro dela.

A massa ruiva caía por seus olhos, fazendo-me colocar as mechas teimosas atrás de sua orelha.

— Você voltou mesmo por mim? — ela indagou, descrente, soando trêmula.

— Não poderia perder vocês. Eu sinto tanto pelo tempo perdido, *cher* — murmurei, beijando-a nos lábios.

Annelise me correspondeu, deixando que um suspiro de satisfação rompesse em sua garganta.

— Eu a amo, Kober. E pretendo amá-la até os últimos dias de minha vida.

Lágrimas deixavam meus olhos, misturando-se com as de Annelise. Nosso coração batia em sincronia como se reconhecessem um ao outro.

— Amo-a, Vasseur. Com todas as minhas forças.

— Temo que precisemos voltar para casa — sussurrei ao seu ouvido.

— Sonho com esse dia desde que me expulsou do país pela primeira vez. — Ela sorriu, abraçando-me com o braço livre.

— Nunca mais a deixarei ir novamente — prometi, beijando o topo da cabeça do bebê.

— Seremos boas mães? — ela indagou, com dúvida permeando suas esmeraldas.

— Não há erro, *cher*. Agora temos de ir para nossa casa.

Deixamos o porto na esperança de fazermos tudo valer a pena.

## CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

*Annelise*

Era primavera, o leve aroma de flor espalhava-se por toda parte. Dentro do quarto que dividia há mais de um ano com Valentinne, sentia-me feliz como jamais havia estado em toda minha vida.

Não havia nada de comum naquela manhã de abril. Me tornaria, pela lei dos homens e perante a Deus, a esposa de Valentinne Vasseur.

Após tantos desencontros, eu diria o tão esperado sim. E seria a melhor escolha que eu poderia fazer em anos.

Lorena ajudava-me com o véu enorme, tão eufórica, ou mais do que eu.

— Não sei quem é mais sortuda, você ou a Valentinne! — Ela sorriu ao passo que prendia o véu em minha tiara adornada por esmeraldas.

Valentinne gostava da simplicidade, mas aquele ponto em questão não possuía nada de simples.

Seu argumento para tal capricho fora a cor de meus olhos. Ela afirmou, convicta de que as esmeraldas os lembravam. E eu, encantada, não consegui resistir.

— Há muita gente lá embaixo? — Sondei nervosamente, sentindo minhas palmas suarem.

Meu coração palpitava fortemente, e temia perecer a qualquer momento. O caminho até ali fora árduo e cheio de controvérsias, mas, no fim, sempre havia sido ela. Vovô e muito menos o seu ódio foram capazes de destruir algo tão precioso.

O amor sempre venceria. Não importava quão forte fosse o obstáculo.

— Onde está minha filha? — Ouvi-me perguntar, mortalmente atordoada.

— Apenas fique tranquila. É o seu casamento, Annelise. Usufrua o máximo desse momento, ficará eternizado para sempre em seu coração.

— Mas...

— Nathanael, ela está pronta — Lorena bradou pelo marido, desaparecendo no corredor. Fiquei estática no lugar, encarando meu reflexo pálido no espelho.

— Você consegue. Você consegue — murmurei aquilo como uma prece, até que meu cunhado adentrou o cômodo.

— Está belíssima, querida. A Tinne vai ter que vender todos os convidados. — Ele sorriu calorosamente, dando-me o braço sob um paletó preto de corte elegante.

O calor dos braços fortes de Nathanael não me ajudou a ficar menos nervosa.

— Ela está tão ansiosa quanto você — ele sussurrou, apertando de leve minhas mãos.

— Onde está minha filha? — perguntei novamente, feito um disco arranhado.

— Está com Mariana, Annelise. — As palavras foram ditas para tranquilizar-me.

[...]

A cauda do vestido parecia dificultar minha caminhada até a mulher de minha vida. Ou talvez, eu não conseguisse mais comandar meus próprios passos. Meu estômago se contorcia a cada bendito passo em direção à felicidade. Mariposas batiam umas nas outras descontroladamente, fazendo-me perder o ar.

Os bancos de madeira acomodavam amigos da família, funcionários da mansão, mamãe e a nossa filha.

Meus olhos instintivamente encheram-se de mais lágrimas. Vê-los ali fora mais do que eu poderia ser capaz de absorver.

Pétalas de rosa enfeitavam o caminho, e a sala ampla era iluminada pelo brilho das velas incandescentes.

— Só permaneça viva até lá. O resto é com a Tinne — brincou Nathanael, acalmando-me um pouco.

— É só que... É muito mais do que mereço — sussurrei, num fiapo de voz, ainda com os olhos fixos nela.

Valentinne se postava ao lado de Lumière, com as mãos nas costas. Um sorriso receptivo cheio de luz delineava seu rosto.

Toda minha.

O modelo que usava era simples, as mangas curtas, e o corpete nada revelador. Uma fita azul-marinho moldava suas curvas, deixando a saia cheia de pregas reta.

Os olhares dos convidados queimavam em minhas costas, fazendo-me desejar chegar logo ao lado dela.

Valentinne beijou minhas mãos ao passo que me ajudava a subir no altar. Dos olhos castanhos saíam faíscas de felicidade, era notório que nada no mundo poderia estragar o nosso sonho.

— Estamos todos juntos aqui, para celebrar a união dessas duas mulheres. — Lumière deu início à cerimônia, mas eu não consegui prestar atenção em absolutamente nada.

— Quando ele pula para parte "pode beijar a noiva"? — sussurrei para Valentinne, que escondeu o riso com uma das mãos.

— *Cher*, preste atenção — ela sussurrou de volta, olhando para Lumière atentamente.

— Valentinne Vasseur, aceita Annelise Brückner como sua legítima esposa, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, para amá-la e respeitá-la até que a morte as separe?

— Sim. Eu, Valentinne Vasseur, prometo amar-te e respeitar-te, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, além dessa vida, *cher*. Prometo ser a melhor mãe para nossa filha e a esposa mais dedicada e aberta a lhe conceder todos os bens do matrimônio — ela articulou, com a voz grave e alto e bom som para todos os presentes.

Lumière voltou os olhos calorosos para mim.

— Eu, Annelise Brückner, seguirei amando-a, respeitando-a, jurando-lhe fidelidade na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, além dessa vida se existir uma outra. Juro que serei a melhor mãe do mundo para nossa filha e a esposa disposta a fazê-la feliz até o final de nossos dias. Eu aceito.

Lorena veio ao nosso encontro com Violet nos braços, nos trazendo o par de alianças.

— *Merci*, querida — sussurrei, em meio a lágrimas, beijando o topo da cabeça do bebê.

Minhas mãos tremiam enquanto Valentinne colocava a aliança de ouro branco em meu dedo anelar.

— O que está esperando, Valentinne? Beije sua noiva! — Lumière sorriu, e toda a capela nos ovacionou.

— Eu seria uma tola se não a beijasse, Lumière.

Valentinne tirou o véu que cobria o meu rosto, tomando os meus lábios numa carícia casta. Adequada para a ocasião.

— Annelise Vasseur, eu a amo.

— Acho que combinou bastante, não acha?!

— Muito, amor.

Beijei-a novamente, tendo suas mãos em minha cintura.

Mariana e mamãe caminharam até nós, nos entregando nossa filha.

— Felicidades, menina! Felicidades!

— *Merci*, Mariana. *Merci* — agradeci, beijando o rosto gorducho dela.

— Aproveitem a lua de mel. Deixem-me com a minha neta!

— Mas, mamãe...

— Vão! — Verena nos empurrou do altar, nos obrigando a correr da chuva de arroz.

A felicidade havia chegado para nós. E tínhamos de aproveitar o máximo de nossas vidas juntas.

— Que tal mais um filho? — Valentinne indagou, puxando-me para o carro que já estava a nossa espera.

— Que tal dois? — sugeri, eufórica demais para considerar.

— Quantos você quiser, *cher*. Amarei todos!

A vida me presenteara com um amor puro. Aquilo era muito mais do que eu poderia ter sonhado para mim.

— Eu a farei feliz, Kober. Eu prometo.

— Por que insiste em chamar-me pelo sobrenome falso? — Sondei-a casualmente, já sabendo sua resposta.

— Porque ele me faz lembrar de que sempre a amei. E acredite, esse não é o fim, *cher*. É o início de tudo, esposa.

— *J'taime, Engel. J'taime.*

[\[19\]](#)

# EPÍLOGO

*Annelise*

Ser mãe de uma jovem de comportamento tão impulsivo e extremamente teimosa estava a deixar-me à beira da loucura.

A única que não me dava maiores problemas contava agora com apenas oito anos. No entanto, já possuía um gênio forte demais para alguém de tamanho tão pequeno.

Liz era uma criança dócil até o momento em que Dimitri não dividia o mesmo cômodo que ela. Lorena estava ainda mais perdida com ele.

— Miranda! Desça agora mesmo dessa égua! — bradei, desejando eu mesma tirá-la de cima do animal.

Minha filha mais velha era a cópia fiel de Valentinne. Teimosia constituía cada célula de seu corpo. Parecia uma característica própria dos Vasseur.

Seus olhos azuis fitaram-me com incredulidade como se eu fosse a mulher mais insuportável do mundo. As indomáveis madeixas escuras balançavam ao passo do trote preguiçoso de Solar.

— Por Deus, mamãe. Só precisava de ar — ela guinchou, ainda em cima da égua.

— Isso ou fugir de seus deveres? Sua mãe está perdendo a cabeça, Miranda! Já tem dezenove anos e...

— Tem de se comportar como tal... Esse discurso já me exauriu de todas as formas possíveis. Onde Christopher está? — Ela desviou do assunto, acariciando a testa mesclada de Solar.

— Está com sua mãe.

— Ah, claro. O bom e velho Christopher. Mamãe sempre o preferiu, não precisa de minha ajuda para nada.

Miranda sempre afirmava o mesmo. Para ela, Valentinne sempre preferira Christopher. Meu filho do meio era o oposto de sua irmã mais velha.

Preocupava-se verdadeiramente com os negócios da família, além de ter um relacionamento harmonioso com a minha esposa, compartilhava das mesmas paixões dela. Do arco e flecha a pilhas de documentos e negociações fora do país.

— Ela a está esperando no escritório. Vamos. E madame Eleanor também a aguarda, para sua aula de etiqueta.

Miranda saltou da égua, desprovida de qualquer fagulha de graciosidade.

— Violet retornará da Itália ainda hoje — informei-a, na esperança de que se animasse com algo além de cavalgar pelas extremidades da propriedade Vasseur.

— Enfim alguém que me entende! — ela replicou, cáustica, cruzando os braços.

— Ótimo.

[...]

O escritório continuava ainda mais tedioso que antes, e, de certa forma, compreendia Miranda. Odiava vê-los atarefados todos os dias, mas não era como se eu pudesse interferir de qualquer forma.

Valentinne e Christopher tinham os rostos enfiados em contratos que eu não fazia a mínima ideia do que se tratavam.

— Chá?

Os dois rostos se ergueram, fitando-me com um misto de surpresa.

— Perdemos o café de novo, não é?! — Valentinne sussurrou, com um meio sorriso.

Beijei o topo da cabeça loura de Christopher, recebendo um outro no rosto.

— Nos perdoe, mamãe. Ficamos muito ocupados... — ele pediu, soando nada arrependido.

Logo depois de nos casarmos, Valentinne e eu o adotamos. Ele tinha apenas um mês de vida, e era tão frágil e pequeno. Havia sido amor à primeira vista.

Miranda era só um ano mais velha.

— Claro, querido. Como sempre — disse, num tom contrariado.

— Onde está Miranda? — Valentinne perguntou, procurando pela primogênita.

— Sabe como madame Eleanor tende a ser um pouco... Vejamos, exigente. — Comecei, buscando acobertar a fuga de minha filha.

— Não precisa mentir, *cher*. Eu a vi mais cedo em cima de Solar. Conduzia-a para Deus sabe onde. — Valentinne me deteve, meneando a cabeça como se não acreditasse em minha atitude protetora.

Ela a conhecia como a palma da mão. Era inútil mentir, mas não custava tentar.

— Sim, mamãe. Tem razão. Solar queria caminhar um pouco. Essa casa é tediosa, entende?! Christopher não está dando conta? Para pedir minha ajuda, receio que algo não está certo.

Miranda entrou sorrateiramente no escritório, desafiando Valentinne, como sempre fazia quando queria irritá-la.

— Já está na hora de crescer, Miranda. — Valentinne saltou da cadeira, ainda controlando o tom de voz.

— Pelo amor de Deus. Só sabe falar sobre isso.

— Não atire o bom senso na lama, Miranda — Christopher retaliou, repreendendo-a.

Ele tendia a sair em defesa da mãe quando Miranda ousava elevar a voz para ela.

O físico forte deixava-o imponente, mas nos olhos esverdeados, a cautela e boa vontade eram visíveis.

— Ah, o doce Christopher. O filho prodígio — desdenhou Miranda, gesticulando com as mãos bronzeadas pelo sol de fevereiro.

— Suba imediatamente para o seu quarto, Miranda — Valentinne ordenou, sentando-se na cadeira outra vez.

— Eu tenho dezenove anos! Não sou uma criancinha em busca de sua aprovação!

— Então deveria comportar-se como tal, pois, para mim, não passa exatamente disso. Uma criança. — Valentinne voltou o olhar para os documentos, recusando-se a prosseguir com aquilo, como da última vez.

Os olhos azuis de Miranda encheram-se de indignação, e ela nos dera as costas.

— Tente entendê-la, querida — pedi, desejando contornar a situação.

— Deixe de mimá-la, Annelise. Miranda tem de aprender a ser responsável.

Eu já não sabia o que fazer para que tudo se resolvesse entre as duas.

[...]

Encontrei Miranda no quarto de Liz. Ela sempre acabava ali, entre os diversos brinquedos espalhados pelo assoalho e risadas infantis.

Dimitri.

Com toda certeza, Dimitri.

Meu sobrinho era de fato um Vasseur.

— Tem espaço para mais um nessa cama? — indaguei, sentando-me perto de Liz.

— Miranda está chateada com a mamãe — a pequena disse, com os olhinhos voltados para mim.

— Eu sei — sussurrei, tocando um dos joelhos de Miranda, que estava encolhida no colchão. — Ela só quer o melhor para você, acredite quando digo que ela a ama.

— Não duvido disso, mas a senhora sempre a defende.

Meus lábios retorceram em frustração.

Uma batida à porta interrompeu-me antes que tomasse a palavra.

Valentinne adentrou o quarto na companhia de Christopher.

— Reunião familiar? — ela gracejou, preguiçosa, fazendo com que a covinha surgisse em sua bochecha.

— Mamãe, Chris! — Liz pulou da cama, indo de encontro aos braços da mãe.

— Olá, pequena — Valentinne disse, beijando os cachinhos loiros.

Miranda desceu da cama, saindo pela porta que Valentinne deixara escancarada.

— Garota difícil — minha esposa resmungou, massageando as têmporas.

— Isso me lembra alguém — ironizei, sentindo seu olhar afiado sobre mim.

— Eu não era assim! — ela replicou, não se deixando vencer.

— Por pouco deixou-me ir embora.

— Erro de cálculos — Valentinne defendeu-se, beijando minha testa. — Irei falar com ela.

[...]

*Valentinne*

Tudo era mais difícil quando se tratava de Miranda. Por mais que tentasse aproximar-me dela, minha filha sempre dificultava qualquer progresso que eu poderia obter, caso ela não fosse tão cabeça-dura.

Os cabelos longos batiam na cintura e estavam amarrados num rabo de cavalo desajeitado.

— Desejo desculpar-me por mais cedo. Talvez eu tenha me equivocado. — Deixei que minhas palavras flutuassem até ela, mantendo-me a uma distância mínima de dois passos.

Miranda encarou-me com a mesma intensidade que Annelise dispunha.

— Talvez? — ela provocou, erguendo umas das sobrancelhas escuras.

— Não é justo jogar todas as responsabilidades nos ombros de seu irmão, Miranda. Sei que você deseja conhecer o mundo, assim como eu um dia desejei. Mas temo que preciso lhe preparar, não viverei para sempre.

— Mamãe, a senhora só tem quarenta e dois anos. Está na flor da idade, *Par Dieu!* — ela chiou, incrédula, obrigando-me a reter uma réplica.

— Mas um dia eu não estarei aqui. Por isso, conto com você e o Chris para cuidar de Liz. Um dia terá filhos, Miranda. Só então irá entender.

— Espero que demore bastante. Sei que sou difícil, perdoe-me por isso. — Ela sorriu, abraçando-me pelos ombros.

— Sabe, quando a peguei no colo pela primeira vez, soube que te amaria e protegeria para sempre. Sua mãe, você e seus irmãos, dão sentido para a minha vida, Miranda. Não seria nada sem vocês — sussurrei contra a massa de cabelos escuros.

— *J'taime*, mamãe.

— *J'taime*, minha filha.

— Já que nos acertamos, talvez eu possa fugir de madame Eleonor? — Ela tentou, a esperança nítida em seus olhos.

— Não — sentenciei, empurrando-a de leve para dentro de casa.

— Mamãe!

— Vamos, Miranda! — Sorri, indo em direção ao quarto rosa de minha filha mais nova.

***FIM.***

- 
- [1] Este é o ponto crucial da crueldade, Deus!
- [2] Senhorita, por favor.
- [3] Mas que inferno!
- [4] O que você disse?
- [5] É maravilhoso!
- [6] Você é linda, minha senhora.
- [7] O fogo em sua boceta.
- [8] Desculpe, desculpe. É inevitável, querida.
- [9] Minha pequena
- [10] Te amo mais que tudo.
- [11] Te amo muito, querida.
- [12] Te amo, anjo.
- [13] Eu sou estúpida!
- [14] Você é um anjo caído e quer me deixar louca.
- [15] Te amo, querida.
- [16] Você está apenas confusa.
- [17] Você é minha única certeza.
- [18] Eu sou louca por você.
- [19] Te amo, Anjo. Te amo.